Dino Alfieri



HITLER e MUSSOLINI

frente a frente

INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL S. A.

HITLER E MUSSOLINI
FRENTE A FRENTE

Um livro faltava que nos viesse, de uma forma clara, inteligente e sincera, falar dos acontecimentos dramáticos vividos pela Itália e a Alemanha nesta tremenda guerra que transtornou o mundo. Essa lacuna acaba de ser preenchida com o extraordinário relato de Dino Alfieri, embaixador italiano em Berlim, diretamente traduzido do próprio original inédito ainda e editado por IPÊ — Instituto Progresso Editorial S/A.

O livro, originalmente chamado "Due dittatori di fronte" recebeu em português o sugestivo título de "Hitler e Mussolini frente a frente". De fato, aqui nos aparecem o "Duce" e o "Führer" enfrentando-se numa série de encontros cercados de tôdas as complicações do severo protocolo alemão, encontros que deixavam a população e os círculos político, diplomático e militar italianos ansiosos e cheios de esperança por uma solução, dos seus grandes problemas, mas que nada, absolutamente nada, resolviam. É Hitler, na sua constante indecisão, nas suas crises místicas e na sua idéia fixa: a Rússia. É Goering, vaidoso dentro de brilhantes uniformes, exibindo com infantil alegria tôda a sua riqueza nos magníficos banquetes da suntuosa e nababesca "Karinhall". É Goebbels, o homenzinho que dominava e fanatizava com seus discursos o povo alemão. É Ribbentrop, com a característica lerdeza mental, a inabilidade diplomática, a sua mania de domínio, o claro e frio olhar de sempre...

E do lado italiano, Mussolini, angustiado e atormentado, a ponto de não poder mais dormir, — "êle que se gabava de ter o sono às suas ordens" — sucumbindo ao pêso dos seus erros e responsabilidades. Ciano, sensível, instável, intrometendo-se na vida do sôgro e atraindo lentamente sôbre si o seu ódio. Balbo e a sua ação colonizadora na Líbia. Grandi e a sua sinceridade política, o seu emocionado discurso na sessão do Grande Conselho...

Enfim, todo um desfilar de personagens e fatos, observados de muito perto por um embaixador que, atirado em Berlim sem diretrizes precisas do seu govêrno e mergulhado na atmosfera do terrível drama que pressentia, sabia como "é difícil ser embaixador".

COLEÇÃO MERIDIANO

9

DINO ALFIERI

HITLER E MUSSOLINI

FRENTE A FRENTE



INSTITUTO
PROGRESSO EDITORIAL S. A.
SÃO PAULO

TÍTULO DO ORIGINAL EM ITALIANO
«DUE DITTATORI FACCIA A FACCIA»

TRADUÇÃO DE
MARIA JOSÉ DE CARVALHO

*

Impresso no Brasil - Printed in Brazil

A minha mulher,
companheira forte
e fiel, dedico estas
páginas de vida comum.

D. A.

AO LEITOR

Êste livro narra ùnicamente acontecimentos, vicissitudes, episódios, dos quais tive que ser espectador e, em parte, também ator, o que me obrigou a, na maior das vêzes, falar na primeira pessoa. Êle pretende antes de tudo ser uma fiel exposição da verdade, não querendo, a fim de defendê-la, em nada renegar a minha passada atividade nos cargos publicos por mim exercidos, e que foi sempre inspirada — acima das fórmulas políticas — no ideal de Pátria.

Tudo o que aqui está escrito se baseia em documentos, alguns dos quais são referidos no texto; outros, estão à disposição do leitor que porventura deseje tomar conhecimento dêles.

Impus-me, durante a narração, a mais severa objetividade. Por isso, enganar-se-iam aquêles que julgassem encontrar nestas páginas a exaltação ou a condenação desta ou daquela personagem, e um elemento ou argumentação a favor de uma sua tese particular. Desejarei, a êsse respeito, pedir ao leitor que deixe no limiar dêste livro preconceitos, ódios e rancores, e considere as personagens que aí encontrar (já quase tôdas mortas) tais como aparecem na sua grandeza, nos seus erros e nas suas culpas, apenas homens entre os homens, elevados a um desenfreado poder e precipitados no pó.

Nenhuma pretensão literária, histórica e política existe neste livro que — ninguem mais do que eu está disso convencido — apresenta muitas lacunas e deseja apenas fornecer uma modesta contribuição à tentativa de interpretar, de um ponto de vista humano, um tão intenso e dramático período da vida de duas nações.

No momento de entregar estas páginas — a que outras se poderão seguir — não posso eximir-me de exprimir o meu profundo reconhecimento à Confederação Helvética a quem devo a vida; e ao egrégio Dr. Eugenio Ducrey, que, unindo à sua experiência de médico a sensibilidade do coração e a firmeza de caráter, soube nos momentos mais graves dar-me alívio físico e assistência moral.

DINO ALFIERI

Clinica « La Moubra » MONTANA VERMALA (Suiça)
Julho 1944 — Julho 1947.

« Quando existe uma ordem social estabelecida, por melhor ou pior que seja, todos os postos sociais, que não sejam por universal consciência reconhecidos infames; todos os postos sociais que prometam cooperar nobremente para o bem público, e cujas promessas são acreditadas por grande número de pessoas; todos os postos sociais em que é absurdo negar que aí tenhamos sido homens honestos, podem sempre por homens honestos ser ocupados. »

SILVIO PELLICO
« Minhas Prisões » — Cap. XCVII

Capítulo I

EMBAIXADOR JUNTO AO VATICANO

Manhã de 29 de outubro de 1939. Encontrava-me eu à minha mesa de trabalho no Ministério da Cultura Popular, quando tilintou o telefone da Presidência, o que comunicava diretamente os ministros com o Chefe do Govêrno. Julgava que fôsse o habitual chamado do Palácio Veneza para advertir-me que dali a poucos minutos seria a minha vez na audiência matinal. Mas era Mussolini. A sua voz, habitualmente fechada nas rápidas comunicações de escritório, parecia ter dessa vez um tom divertido.

— Então, senhor embaixador, venha até aqui, para o costumeiro relatório de ministro.

Sem dar-me tempo para dizer uma palavra, abaixou o receptor, truncando a comunicação, como era seu hábito.

Cêrca de duas horas antes, mandara-me entregar pelo seu secretário particular uma carta autógrafa, em que me comunicava que, por razões intuitivas de caráter geral, me havia incluido no movimento ministerial iminente. Compreendi, perfeitamente, que as " razões intuitivas de caráter geral " eram constituídas pelos atritos motores e cada vez mais acentuados verificados entre mim e o secretário do Partido, Starace, que me considerava culpado de usar, na minha atividade de ministro, um senso de equilíbrio e de compreensão contrastante com as suas rígidas diretrizes de intransigência e de extremismo.

Era portanto natural que Mussolini, tendo decidido fazer uma ampla reorganização governamental para " preencher " o afastamento de Starace, substituísse também a mim que era o seu opositor político. A carta de Mussolini, insòlitamente cortês, terminava comunicando-me que, contemporâneamente à exoneração das minhas funções de ministro, me nomeara embaixador com sede européia.

Poucos minutos depois, achava-me no Palácio Veneza, diante de sua mesa de trabalho. Sua fisionomia mostrava-se desanuviada e satisfeita, como sempre acontecia, quando tomava uma decisão de alguma importância.

— Espero que esteja contente com a nomeação de embaixador. Mas disso falaremos no momento oportuno. Pois, como estabeleci que os novos ministros assumam os cargos sòmente daqui a quatro dias, continuaremos durante êsse período a trabalhar como de costume.

Ditou-me o longo comunicado relativo às mudanças ministeriais, deu-me as diretrizes cotidianas para a imprensa, e despediu-me, como habitualmente, com a saudação romana.

No quarto dia, após o relatório, apoiou-se sôbre o espaldar da grande poltrona de couro:

— Agora quero dizer-lhe uma coisa: Ciano disse-me que o senhor gostaria de ser enviado à Santa Sé. Embora não tenha nenhuma dificuldade em consentir no seu desejo, preciso dizer-lhe que não o aprovo. Considero o Vaticano como um lugar de repouso, ao passo que existem outros ativos, onde o senhor poderia fazer muita coisa, como, por exemplo, Moscou.

Repliquei que achava muito interessante o lugar junto ao Vaticano, acrescentando que também por razões de família — principalmente com relação ao meu filho mais jovem, de saúde débil — preferiria ficar em Roma, o que, além de tudo, me daria oportunidade para permanecer, embora indiretamente, em contacto com o seu trabalho. As minhas palavras o comoveram. Levantou-se, veio para perto de mim, pousou-me uma mão no ombro com uma breve palavra de benevolência. Depois, como que arrependido dêsse gesto insólito, e quase aborrecido por haver deixado cair um instante o diafragma que sempre o separava dos seus colaboradores e ter-se deixado surpreender numa atitude humana, fechou a fisionomia, retomou a sua máscara impenetravel e despediu-me ràpidamente.

Com o apôio amigável de Ciano, fui destinado à Embaixada junto à Santa Sé.

A cerimônia da apresentação das credenciais teve um caráter particularmente solene: a grandiosidade cheia de significado do protocolo vaticano dava uma amplidão pesada de sentimento às fórmulas e aos gestos de pragmática.

No dia fixado, dois camareiros de capa e espada, no seu característico traje seiscentista, vieram buscar-me num automóvel pontifício. No pátio de São Damaso, uma divisão de guardas suiços prestou as honras: um breve cortejo, formado pelas personagens da côrte pontifícia e pelos funcionarios do meu séquito, acompanhou-me através da *Scala Regia* e dos vastos salões cobertos de afrescos.

Na antecâmara, fui recebido por S. E. Mons. Arborio Mella di Sant'Elia e outros dignitários. Introduzido junto ao Santo Padre, que se achava sentado no trono, cercado pela sua côrte, li um breve discurso, no qual me referia à repristinada unidade espiritual graças aos Pactos de Latrão:

— Coube ao Vosso Venerado Predecessor a gloria de instaurar na Itália as novas relações entre o Estado e a Igreja, tão longamente auguradas pela consciência religiosa do povo. Não será glória menor para

o Vosso Pontificado, o primeiro surgido no regime concordatário, completar o ciclo de tranqüila e fraterna união de almas que encontrou na recente Encíclica — que tão profundamente comoveu o orbe católico — uma tão paternal celebração.

O Papa ouvia atentamente, acompanhando com lentos e levíssimos acenos de assentimento algumas passagens do discurso:

— A luminosa experiência de um decênio permite exprimir, mais que o voto, a certeza de que as relações entre o Estado e a Igreja continuarão, de acôrdo com a palavra do meu augusto Soberano, a ser marcadas pelo cunho do mais cordial entendimento e colaboração na esfera das atribuições e responsabilidades recíprocas. Tal certeza nos coloca numa situação particularmente propícia, enquanto na atormentada Europa a guerra espalha morte e dor, para entender as aflitas palavras com as quais Vossa Santidade augurou a paz baseada na justiça, que é o princípio fundamental da convivência dos povos.

O Papa pronunciou a resposta com voz clara, expressiva, quase medindo as palavras. Retomou alguns motivos do meu discurso, principalmente o da reconstituição da unidade espiritual na Italia e da defesa contra o estender-se do flagelo da guerra, para desenvolvê-los com argumentações humanas e religiosas, que o tom grave e angustiado tornava mais impressionantes.

Terminada a parte oficial, fui convidado a passar para a sua biblioteca particular e sentar-me numa poltrona diante dêle. Falou-me afàvelmente, quase afetuoso. Conservara a sua elevada dignidade, mas tendia, por meio de uma paternal benevolência, a abolir de tal modo as distâncias, que me senti, de súbito, a êle ligado, além de, por uma profunda reverência, por um espontâneo sentimento de afeto e devoção; percebi, então, porque tôdas as pessoas, que entravam em contacto com êle, aprendiam a estimá-lo, prêsas na atmosfera da sua inteligência elevada e do seu coração paternal.

Ao sair da audiência, tornou-se a formar o cortejo, que me acompanhou na visita ao cardeal secretário de Estado Sua Eminência Maglione e sucessivamente, como é de uso, a São Pedro.

Iniciando a minha missão, propusera-me resolver algumas questões que a proverbial intransigência do partido tinha inùtilmente aguçado; mas apercebera-me, de repente, que Muti, o novo secretário geral do mesmo, para não parecer menos que seu predecessor, acentuara muito mais a atitude anticlerical, antivaticanista do próprio partido.

Ciano, ao qual eu expusera o meu plano de ação inspirado na moderação e na pacificação, encorajava-me a realizá-lo, mas não queria descobrir-se perante Muti, embora desaprovando a sua linha de conduta. Êste último, aliás, era acolhido junto do chefe do governo, o qual, por sua vez, não queria mostrar-se morno diante das atitudes

de quem, " em nome da revolução fascista", assumia tendências cada vez mais extremistas, acompanhadas de um ignorante anticlericalismo.

A atividade da *Ação Católica,* freqüentemente em contraste com as diretrizes do partido, a larga difusão da imprensa católica, principalmente do " *Osservatore Romano* " e dos maiores jornais provincianos; o pulular dos boletins paroquiais; o desenvolvimento dos "oratorios" que se pretendia subtraíssem ingentes fôrças juvenis às organizações do partido; a crescente participação das massas populares nas manifestações religiosas — peregrinações, procissões, semanas sociais, etc. — eram outros tantos lugares-comuns, que, sob a forma de acusações, eram àsperamente censurados ao Vaticano.

Era necessário que um fato novo criasse uma atmosfera de distensão entre as duas partes, atmosfera que correspondesse à quase unanimidade do sentimento do povo italiano, e o tornasse cônscio do prestígio que isso daria à Itália na opinião pública mundial. Pretendo referir-me à troca das visitas entre o soberano e o pontífice.

O meu predecessor, conde Custoza Pignatti di Morano, um diplomata de carreira bastante estimado, que havia exercido com êxito importantes postos, ao transmitir-me o cargo e pôr-me a par das praticas correntes, a isso aludira:

— Fala-se disso — comentara — há mais de dez anos, desde que se estipulou a Concordata. Mas nunca se pôde chegar a uma conclusão.

Empenhei-me, portanto, imediatamente na realização dêsse acontecimento, certo de que isso influenciaria favoràvelmente as relações recíprocas.

Falei no caso ao ministro do Exterior, que falou com o chefe do govêrno, o qual, por sua vez, falou com o rei. Recebi autorização para agir, mas percebi que se tinha pouca confiança no bom êxito. Se, poucas semanas após a minha chegada à Santa Sé, pude resolver fàcilmente o problema, inùtilmente tentado pelos meus predecessores, devo honestamente reconhecer que foi principalmente graças à boa vontade de ambas as partes. O antigo conhecimento que tinha dos ambientes de côrte, onde era conhecida a minha fé monárquica, a benevolência com que o soberano sempre me contemplou, assim como a confiança que consegui obter nos círculos vaticanos, contribuíram para facilitar o trabalho preparatório da troca de visitas. Encontrei muita compreensão no cardeal secretário de Estado, Sua Eminência Maglione, finíssimo diplomata e grão-senhor, de espírito culto e aberto e coração generoso.

Fixado o dia da visita do rei ao pontífice para 21 de dezembro, o Vaticano mantinha reserva sôbre a data da retribuição da mesma, que, segundo as regras protocolares dos soberanos, podia efetuar-se dentro de seis meses. Tendo eu apresentado as complicações que qua-

se certamente sobreviriam, principalmente do exterior, foi-me proposta a data de 11 de fevereiro seguinte, aniversário do Tratado de Latrão. A data fôra bem escolhida, mas o lapso de tempo me parecia ainda longo demais. Num colóquio com o cardeal Maglione, expus amplamente as razões que sugeriam a antecipação da retribuição da visita, e concluí que, tendo as duas personagens manifestado o seu consentimento, competia a nós dois fazer que as coisas se desenrolassem da melhor maneira possível. Propus, portanto, que a retribuição da visita se efetuasse entre o Natal e o Ano Novo. E tendo-se o cardeal manifestado persuadido pelas minhas argumentações — que eram tanto mais apaixonadas, porquanto o objetivo que me propunha atingir não só levaria à desejada distensão, mas correspondia ao meu íntimo sentimento de italiano e de católico — senti-me encorajado e propus-lhe que submetesse, imediatamente, a coisa a Sua Santidade, sem esperar o habitual relatório das nove da manhã no dia seguinte.

Êle concordou: trouxe-me uma caixa de cigarros, ofereceu-me alguns jornais, deixou-me sòzinho na sua grande sala de trabalho de paredes revestidas de púrpura. Passados alguns minutos, voltou, e por um leve sorriso em seus lábios deduzi logo a sua satisfação. Disse-me que o Papa apreciara a firmeza das minhas observações, e estava disposto a aceitar a minha proposta, sugerindo a data de 28 de dezembro.

Tratava-se agora de obter a resposta do rei, e eu queria chegar a uma conclusão definitiva o mais depressa possível.

Com a simplicidade que às vêzes se encontra em situações importantes, pedi ao cardeal que me permitisse telefonar do seu escritório para o palácio real. Anuiu cortêsmente, mas no ato prático deparei-me com a dificuldade de garantir-me contra possíveis indiscrições do telefonista. Decidimos fazer a coisa sòzinhos. Diante dos aparelhos telefônicos do cardeal secretário de Estado havia um grande quadro; após diversas tentativas, encontramos finalmente uma linha que nos punha diretamente em comunicação com o exterior. Nenhum dos dois se lembrava do número da central do Quirinal. O Cardeal dirigiu-se a uma estante onde estavam reunidas várias publicações, e, após uma paciente busca, tirou uma lista telefônica.

— É um pouco velha — disse afàvelmente — mas não corremos certamente o risco de que tenha havido uma mudança de endereço.

E, folheando êle próprio as páginas e percorrendo com o indicador a lista dos nomes, encontrou o número, discou-o e passou-me o fone.

Expliquei então ao ajudante de campo geral de S. M. o rei, general conde Asinari di Bernezzo, que conhecia muito bem, do que se tratava, sublinhando o lugar de que estava telefonando e pedindo-lhe que submetesse imediatamente, por via extraordinária, a proposta da data ao soberano. Como o general confirmasse que o rei se achava no

Quirinal, disse-lhe que dentro de um quarto de hora, se assim fôsse conveniente, telefonaria novamente para saber a resposta. Esta foi afirmativa, alegrando vivamente a mim e ao cardeal, que tiramos da feliz facilidade dêsses encontros os mais alegres auspícios quanto ao modo com que se efetuaria a troca de visitas.

Mas surgiu inesperadamente uma complicação que, por uma manobra de Mussolini, ameaçou mandar tudo por água abaixo. Êle entregava-se de vez em quando, impulsivamente, a decisões imediatas, sobretudo quando se tratava de coisas inerentes à imprensa.

Poucos dias antes da visita do rei ao Vaticano, quando tudo já fôra preorganizado e estabelecido até aos mínimos pormenores — devo dizer que encontrei maiores dificuldades em resolver questões de precedência e protocolo que problemas essenciais — o " *Osservatore Romano* ", sôbre o qual Mussolini mantinha sempre o ôlho vigilante, anunciara o acontecimento em poucas linhas na primeira página. Habituado aos títulos sensacionais, o chefe do govêrno considerava a maneira da publicação excessivamente modesta e pouco respeitosa para com o rei da Itália, e julgava ver nisso a intenção de diminuir a importância do fato. De acôrdo com a ordem recebida de Mussolini, Ciano me encarregou de apresentar os protestos do chefe do govêrno deixando escorregar uma alusão à ameaça — que êle fizera de modo categórico e preciso — de suspender tudo.

O cardeal Maglione respondeu, sem se rebaixar, que o chefe do govêrno era perfeitamente senhor de fazer o que bem entendesse, mas que o Vaticano não pretendia de modo algum alterar as fórmulas protocolares tradicionais; e observou, com o seu fino e cortês sorriso, que a importância da notícia resultava não tanto do espaço tipográfico a ela dedicado, quanto do significado do acontecimento. Ciano, então, preocupado pelas repercussões que o incidente com certeza teria, enviou-me a Mussolini com uma volumosa coleção de alguns anos anteriores do " *Osservatore Romano* ", na qual se demonstrava que as visitas dos soberanos e chefes de Estado foram sempre anunciadas da mesma maneira e com idêntica fórmula. Mussolini não replicou; aceitou a explicação, embora não parecendo perfeitamente convencido com ela, e encerrou-se o incidente.

As visitas, como se sabe, efetuaram-se com grande solenidade de cerimonial, entre o entusiasmo do povo de Roma, e deixaram uma íntima satisfação nas augustas personagens. O acontecimento teve grande repercussão na imprensa e na opinião pública, sendo particularmente frisadas as palavras então pronunciadas pelo Santo Padre.

Entre as caraterísticas que acompanharam o acontecimento, foi particularmente notado o fato de que os príncipes romanos da aristocracia negra, pela primeira vez, após a unidade da Itália sob Roma capital, atravessaram oficialmente o limiar do Quirinal.

O pontífice e o soberano quiseram manifestar-me o seu contentamento; chegaram à Embaixada junto à Santa Sé, muitas congratulações da Itália e do Exterior. Duas, particularmente, me agradaram: as do jesuíta padre Tacchi Venturi, personalidade bastante influente nos círculos romanos, que me escreveu: "Veni, vidi, vici", e as de um operário italiano emigrado para a America e que dizia: "Agora não dirão mais que o Papa é prisioneiro!" Sabe-se, de fato, que desde o dia 20 de setembro de 1870, isto é, desde quando as tropas francesas, que haviam assumido a proteção da monarquia papal, abandonaram Roma em seguida à derrota e à queda de Napoleão III, o Papa se encerrara no Vaticano.

Após a estipulação do Tratado de Latrão, os Pontífices Pio XI e Pio XII se haviam dirigido às maiores basílicas romanas e a Castel Gandolfo. Mas era essa a primeira vez que o Papa, na sua maxima veste soberana, saía oficialmente para fazer uma visita a um soberano.

Seguiu-se um período de efetiva distensão em que, com apôio do Ministério do Exterior, muitas questões puderam ser mais fàcilmente reguladas. Não quero dizer que o secretário do partido e os seus diretos colaboradores tanto no centro como na periferia tivessem mudado seus verdadeiros propósitos; mas, com a nova situação criada, foram obrigados a atenuá-los, aceitando soluções que antes teriam decididamente repelido.

O fato exerceu também uma notável influência e uma função moderadora sôbre correntes que, por várias razões, às vezes contrastantes, desenvolviam atividades favoráveis à guerra.

Ao mesmo tempo, e, principalmente, em virtude do clareamento da atmosfera, os problemas para os quais sempre acenei e que se referiam especialmente a aspectos de particular importância na vida religiosa do país — isto é, o desenvolvimento da imprensa católica assim como o da ação católica, após o impulso dos recentes pontífices, em grande florescimento — puderam por mim ser progressivamente encaminhados a soluções satisfatórias para ambas as partes.

Tomei muitas iniciativas, procurando pôr, quanto mais possível, em contacto, personalidades do Vaticano com expoentes do mundo político, artístico e científico. Os cardeais demonstravam gostar dêsses encontros que eu combinava por ocasião dos jantares semanais e nas recepções de circunstâncias mais importantes. Para o aniversário do Tratado de Latrão veio uma embaixada de dezessete cardeais, com grande embaraço dos meus secretários, porque cada um dêles, chegando de maneira oficial, devia ser recebido e acompanhado por quatro pajens carregando grossos círios acesos.

Importância de acontecimento político assumiu o jantar no qual fiz que se encontrassem o cardeal secretário de Estado Maglione com

o ministro do Exterior, conde Ciano. Dêsse encontro nasceram, entre os dois, pela profunda estima do ministro para o cardeal e a benevolência do cardeal para com o ministro, relações de simpatia e amizade que eu me empenhei em cultivar. Ciano desejava que no Vaticano se soubesse que êle se esforçava por seguir, tanto quanto possível, uma linha política a favor da paz, e algumas vêzes não renunciou a dar a entender claramente que não compartilhava de certas atividades do sogro. Daí derivava uma situação estranha, delicada e contraditória, na qual a política do ministro do Exterior estava freqüentemente em contraste com as atitudes do chefe do govêrno e do secretário do partido.

Apaixonava-me cada vez mais pela minha missão; os freqüentes contactos com a Secretaria de Estado, particularmente com Monsenhor Montini e Monsenhor Tardini, personalidades de grande destaque, excepcional finura diplomática pessoal; as visitas que muitas vêzes tinha ocasião de fazer aos cardeais da Cúria e aos propostos às várias congregações romanas, as relações amigáveis com os colegas do corpo diplomático acreditado junto à Santa Sé, enchiam de maneira interessante e ativa os meus dias de trabalho. Era um mundo em que a influência, a cultura e a finura eram dotes habituais, e a atividade diplomática tinha ainda valor e significado.

Conseguira criar em tôrno do histórico palácio da via Flaminia uma atmosfera de confiança e simpatia, que me tornava mais fácil o trabalho e me permitia acompanhar de perto os acontecimentos internacionais. Grande repercussão na opinião pública mundial teve a visita ao papa pelo ministro do Exterior do Reich. Dêsse fato que assumiu naquele momento uma particular importância, considero oportuno reproduzir integralmente o relatório por mim enviado ao Palácio Chigi.

R. EMBAIXADA DE ITÁLIA JUNTO À SANTA SÉ

12 de Março de 1940 — XVIII

Secreto

A S. E. o ministro do Exterior — Roma
Senhor Ministro,

Tenho a honra de referir o resumo do colóquio que S.S. Pio XII concedeu ao Ministro Ribbentrop.

O colóquio desenrolou-se a sós, numa atmosfera de acentuada cortesia formal de Ribbentrop, o que valeu para mantê-lo num tom absolutamente normal de conversação, embora, por parte do Papa, tenham sido ditas coisas muito concretas e precisas.

No Vaticano perguntava-se se seria conveniente que o Papa recebesse — justamente por ocasião do primeiro aniversário da sua ascensão ao pontificado — o representante dessa Alemanha nazista em que a campanha anti-religiosa e as perseguições se desenrolam de maneira tão severa; mas uma vez que um

pedido formal de urgência havia sido feito na tarde de sexta-feira, por intermédio do embaixador von Bergen, não pareceu ao Papa dever recusar a entrevista, para não dar também assim motivo de aumentar a tensão entre o Vaticano e a Alemanha.

Na primeira parte do colóquio, Ribbentrop apresentou ao Papa — a mandado de Hitler — um quadro geral da situação internacional, demonstrando e sustentando o bom direito da Alemanha às suas efetuadas e sucessivas expansões e emprêsas de guerra, cujo escopo era defender e completar a integridade nacional, e garantir o seu futuro; bom direito sintetizado na fórmula que Hitler explicou a Welles:

« Para a Alemanha o objetivo da guerra é a paz; para a Inglaterra o objetivo da guerra é a destruição da Alemanha ».

Terminada essa exposição — que foi quase uma crônica histórica feita evidentemente do ponto de vista germânico — Ribbentrop declarou que dentro do corrente ano — e talvez ainda antes — a Alemanha dará a paz ao mundo após ter conseguido uma completa vitória sôbre todos os seus inimigos. A certeza da vitória das armas alemãs foi manifestada com ênfase e calor, sem a mais longínqua sombra de dúvida. Vitória certa, plena, absoluta, contra todos e contra tudo. De que modo essa clamorosa vitória será em tão breve tempo conseguida, Ribbentrop não o disse. Razão pela qual o próprio Papa a si mesmo perguntou se tal apregoada certeza dogmática não continha em si um tanto do elemento propagandístico necessário que contribui para criar a atmosfera psicológica da vitória.

Na segunda parte do colóquio, o assunto versou sôbre a situação interna da Alemanha em relação às condições impostas aos católicos com particular referência à Polônia. No meio da conversa, Ribbentrop declarou ao Papa que acredita em Deus, mas fora e acima da religião, e que, exatamente por isso, se encontra nas melhores condições de imparcialidade para julgar os acontecimentos que se desenrolam no âmbito da Igreja.

O Papa, que queria manter o colóquio num terreno prático e, na medida do possível, conclusivo — nisso se havia sobretudo inspirado ao aceitar o pedido de audiência — não se deixou desviar para uma inútil discussão de caráter especulativo, e limitou-se a expor — cortêsmente, mas com firmeza — dados, fatos e circunstâncias muito precisos. Ribbentrop esquivou-se às perguntas dizendo que não estava a par de tais fatos, os quais, aliás, exorbitavam da sua limitada competência, e a um convite preciso para se empenhar no sentido de pôr um têrmo — ou pelo menos aliviar — semelhante estado de coisas, absolutamente não se comprometeu nem se empenhou. Limitou-se a fazer promessas genéricas: verá, referirá, ocupar-se-á do caso. Acrescentou que na atual situação de guerra é muito difícil tratar de tão delicado assunto; lembrou que a Alemanha despende com as igrejas uma forte soma e concluiu dizendo que tudo isso poderá ser oportunamente objeto de conversações em Berlim.

Do que resultou — e o Papa também disso está convencido — que Ribbentrop quis ser recebido no Vaticano ùnicamente com fins de propaganda interna — com referência principalmente à ingente massa de católicos alemães.

Em seguida, o ministro do Exterior alemão fêz uma visita ao cardeal secretário de Estado.

Tive a sensação exata de que o seu colóquio com Ribbentrop — sempre em têrmos corretos — tenha assumido, às vêzes, sob a aparência da caracterís-

tica simplicidade do cardeal Maglione, um tom polêmico e vivo, no sentido de que o cardeal, descendo a maiores particularidades, impossíveis ao Papa, por sua vez apresentou uma série de documentações precisas. Tendo Ribbentrop procurado proteger-se por trás da habitual desculpa de não saber bem do que se tratava, de não ser isso da sua alçada, o cardeal Maglione recordou-lhe que lhe tinha — dois meses antes — pessoalmente enviado um circunstanciado relatório que ficara sem resposta.

Êsse colóquio, no qual se trataram ùnicamente questões internas, relativas à situação dos católicos, ficou também sem resultados concretos.

Assinado: ALFIERI

Enquanto isso, a situação internacional obscurecia-se cada vez mais, tornando-se alarmante. O pontífice estava muito preocupado e desenvolvia um intenso trabalho em pról da paz.

No dia 24 de abril, o Santo Padre — enquanto as notícias que chegavam de diversas partes faziam cada vez mais temer e com base, que também a Itália podia ser arrastada à guerra — endereçou uma carta autografada ao chefe do govêrno, na qual, apelando para as graves responsabilidades de quem guiava o nosso país, o exortava a contribuir para a pacificação da Europa, fazendo o voto ardente de que a ela " *fôssem poupadas maiores ruínas e mais numerosas lutas; e que se poupe, particularmente ao nosso e ao seu dileto país, uma tão grande calamidade* ".

No dia 30 do mesmo mês, o conde Ciano enviou-me a resposta de Mussolini, encarregando-me de fazê-la pessoalmente chegar ao sumo pontífice. O chefe do govêrno, agarrando-se à idéia de que, em tais circunstâncias, uma paz a todo o custo poderia comprometer irreparàvelmente os destinos do povo italiano, assegurava ao papa que: se amanhã a Itália tiver que descer à liça, isso quererá dizer com absoluta evidência para todos que honra, interêsse e futuro imporão absolutamente a fazê-lo.

A 26 de abril, encontrava-me eu na embaixada, à minha mesa de trabalho, quando Mussolini me mandou chamar com urgência.

Ao chegar ao Palácio Veneza, o chefe dos contínuos Navarra disse-me que eu era esperado e me introduziu imediatamente na sala do Mapa-mundi.

Mussolini estava falando com Ciano. Sem fazer o mínimo sinal de acolhimento além da saudação romana, disse-me com um tom de administração extraordinária.

— Ouça Alfieri, o senhor precisa deixar a embaixada no Vaticano para ir ocupar a de Berlim.

A minha evidente expressão de espanto, por sua vez, o surpreendeu.

— Espero que ficará contente, pois Berlim é hoje para um diplomata o pôsto mais importante do mundo.

Procurei ganhar tempo; perguntei, olhando interrogativamente também para Ciano, se cometera alguma *gaffe* no Vaticano.

— No Vaticano — interveio imediatamente Mussolini — o senhor agiu muito bem. Mas agora apresenta-se outra situação e é preciso que vá a Berlim. A Alemanha em pouquíssimo tempo, dentro de três ou no máximo seis meses, vencerá a guerra, e é necessário que à mesa da Paz a Itália esteja ao seu lado para exercer a sua função de equilíbrio, não só no interêsse de ambos os países, mas no da própria Europa. Estando, pois, o embaixador Attolico, há tempo, doente, escolhi-o para desempenhar o importante papel de preparar em Berlim a atmosfera e o ambiente necessários.

E como a minha expressão continuava evidentemente indecisa, Mussolini num tom levemente contrariado disse:

— Então, quando pretende partir? Depressa, o mais possível.

Respondi que estava à sua disposição, mas que tinha em andamento questões importantes e delicadas. Mussolini interrompeu:

— Está bem, mas é preciso apressar-se. E antes de partir, volte aqui, para que eu lhe dê as diretrizes.

No automóvel, enquanto acompanhava Ciano ao Palácio Chigi, adiantei amigavelmente algumas ressalvas:

— Não falo o alemão — disse eu.

— Attolico também não o falava, replicou prontamente Ciano.

— Estava tão bem no Vaticano, e depois de apenas seis meses de permanência, êsse meu afastamento dará lugar a diferentes interpretações.

— Pelo contrário — replicou Ciano — o Duce tem perfeitamente razão quando diz que o mundo todo olha para Berlim. Na delicada situação que se está forjando, é necessário que a Itália tenha em Berlim um representante que seja pessoa séria, não cometa tolices e exerça um trabalho de moderação e equilíbrio.

Um breve silêncio, durante o qual fiz um rápido balanço mental. Ciano adivinhou o meu estado de espírito e a minha perplexidade, e, enquanto o automóvel atravessava o portão do Palácio Chigi, disse-me:

— Compreendo, você está lisonjeado, mas não contente.

Encontrara a fórmula justa.

Fizera-se tarde, e eu estava convidado para almoçar com S. Exa. Enrique de Guinazu, embaixador da Argentina junto à Santa Sé, não podendo à última hora desculpar-me. E enquanto, ao lado da elegante e gentil dona da casa, fazia os melhores esforços para manter a conversação, não podia deixar de pensar no recente colóquio com Musso-

lini. Uma sua frase: "A Itália precisa estar ao lado da Alemanha" fixara-se-me na memória, e eu desejava ficar finalmente só, para refletir e pôr em ordem os meus pensamentos e as minhas impressões. Assim que cheguei a casa, telefonei a minha mulher que se achava com as crianças em Milão, onde sempre conservamos o nosso pequeno apartamento na casa paterna; informei-a, com palavras veladas, de que precisava arrumar as malas para um novo destino. Pelo silêncio que acolheu as minhas palavras, percebi que ela experimentara a mesma surprêsa que eu, surprêsa para ela, sobretudo, certamente muito pouco agradável. Mas, logo depois, chegou-me a sua voz:

— Pronta, como sempre, a segui-lo.

Os dias que se seguiram foram fatigantes e desordenados pelas últimas coisas de que tinha que me desobrigar, e que se misturavam às visitas de despedida, aos preparativos de partida, aos cumprimentos aos amigos.

Pedi audiência ao soberano. Encontrei o rei, como sempre, cortês e reservado. Animado pela sua benevolência, manifestei-lhe o meu aborrecimento por deixar a Itália, a minha incerteza e algumas reservas com relação à nova tarefa que me esperava. Embora não escondendo a sua aversão pela Alemanha nazista, teve palavras serenas e viris de encorajamento e augúrio.

No dia 12 de maio, em seguida ao meu pedido, foi-me entregue o habitual cartãozinho que me informava que Sua Santidade me receberia na manhã seguinte para a audiência de despedida.

Sentado à escrivaninha situada num lado da ampla e simples biblioteca particular, o Santo Padre falava-me em tom calmo e benevolente. Considerei ainda uma vez, com reverência, a figura erecta, o rosto pálido e ascético, suave e severo ao mesmo tempo, no qual resplandecia um olhar vivo e penetrante, enquanto ouvia as expressões cordiais e lisonjeiras que êle me dirigia.

— Muito me desagrada, senhor embaixador, que a sua missão tenha sido de tão breve duração.

Recordara os fatos de maior relêvo e os acontecimentos mais importantes e significativos dêsse período. Dirigindo-se a minha mulher, presente à audiência, tivera palavras de simpatia pela obra por ela realizada nas organizações católicas, e assinalara o fervor que ambos havíamos pôsto na nossa tarefa, conquistando confiança e simpatia.

Retirando-se minha mulher, a conversa enveredou por um caminho mais amplo, tratando de assuntos atuais, da situação internacional. Aproveitando a oportunidade da minha nova missão, falou-me da Alemanha, onde fôra longos anos Nuncio Apostólico, antes do nazismo, e cuja língua, assim como a cultura e a história, muito conhecia; disse amar êsse povo que lhe deixara uma grata recordação. Manifestou o seu

profundo pesar pela difícil situação criada para a Igreja na Alemanha e na Polônia; mencionou as graves perseguições que neste último país se efetuavam em vasta escala, com desprêzo pelas leis da religião e de humanidade; salientou, com firmes palavras, que o Vaticano não conseguira obter nenhuma notícia acêrca da sorte de vários altos prelados, não obstante os prementes pedidos por êle pessoalmente dirigidos ao ministro Ribbentrop, por ocasião da sua recente visita a Roma. Não escondeu as suas graves preocupações pela atitude do govêrno nacional-socialista que levaria fatalmente a uma extensão da guerra, para aí arrastando outras nações, principalmente a Itália.

Semelhantes argumentos já tivera ocasião de apreciar no decorrer de recentes conversas com o cardeal secretário de Estado, e muito mais fortemente os sentia persuasivos na augusta palavra do Santo Padre, que encontrava o meu espírito convicto. Mas nesse momento, o dever da minha profissão obrigou-me a expor, de acôrdo com as instruções recebidas de Ciano, o aborrecimento do chefe do govêrno pelo relêvo que os jornais católicos, e sobretudo o *Osservatore Romano*, haviam dado aos três telegramas enviados pelo Santo Padre ao rei da Bélgica, à rainha da Holanda e à duquesa de Luxemburgo, após *" a injusta invasão dos seus territórios efetuada pelas tropas nazistas "*.

O Santo Padre respondeu que não compreendia a irritação do chefe do govêrno, uma vez que essa injusta agressão não fôra obra de Mussolini mas de Hitler; e que, de qualquer maneira, fizera o seu dever, e que, embora não desejando ofender ninguém, não podia calar-se quando a sua consciência e o seu ofício apostólico assim o exigiam.

— Aconteça o que acontecer — concluía o Santo Padre, com serena firmeza — venham embora prender-me para levar-me para um campo de concentração, nada tenho a censurar-me, absolutamente nada. Cada um deverá responder a Deus por seus proprios atos.

Houve um momento de silêncio, no qual experimentei na alma a sensação da imensa dor que já pesava sôbre o seu paterno coração. Assegurei, com calor, que me propunha acompanhar e apoiar, na medida do possível, na minha nova função, a obra do Núncio Apostólico em Berlim, Monsenhor Orsenigo, com o qual, aliás, mantinha, havia tempo, relações de cordial amizade.

— Quando parte, senhor embaixador ?

— Amanhã à noite.

A solenidade do lugar e do momento, a ameaça iminente da guerra evocada com acento amargurado pelo Papa, fizeram-me sentir, ao pronunciar essas palavras, uma profunda nostalgia, como se todo o passado da minha vida fizesse inesperadamente pressão sôbre o meu espírito, assinalando um ponto definitivo e irrevogável.

O Papa levantou-se da escrivaninha e quis acompanhar-me até à porta. Enquanto me dispunha a ajoelhar-me e beijar-lhe o anel, êle deteve-me com um gesto paternal de benção e saudação. Profundamente comovido, levei comigo uma recordação de doçura e de bondade, que a partir daí me acompanhou por tôda a vida, como estímulo e conforto.

Na iminência da partida, preocupava-me o fato de não ter recebido do chefe do govêrno diretrizes precisas, uma orientação definitiva. Quando consegui vê-lo, encontrei-o sombrio e de mau humor. Percebi que havia chegado em péssima ocasião; tinha além de tudo pressa, o que nêle era coisa verdadeiramente extraordinária. — De fato, a sala de espera estava cheia de personalidades que esperavam a sua vez. Disse-me:

— Aprovo que se dirija à sua nova sede.

E continuou, distraído e preocupado:

— Então estamos entendidos. Reforçar o máximo possível as relações entre os dois países. Acompanhar de perto os acontecimentos e tomar as necessárias providências.

Quando lhe pedi as diretrizes, respondeu:

— Já as dei a Ciano.

E despediu-me.

Mas do ministro do Exterior não consegui obter uma indicação mais precisa senão a de comportar-me segundo *o grau de temperatura.*

Com essas lacônicas e equívocas diretrizes, por trás das quais o chefe do govêrno e o ministro do Exterior ocultavam os seus secretos pensamentos, preparei-me para partir dali a poucas horas para Berlim. (1).

---

(1) Em clima fascista e tanto mais em períodos de evidente emergência, todos se consideravam soldados ao serviço da Pátria, sempre prontos a obedecer sob pena de qualquer sacrifício.

Capítulo II

PASSEIO À "UNTER DEN LINDEN"

Na mesma noite da minha chegada a Berlim — 17 de maio de 1940 — tive o desejo de fazer, junto com minha mulher, um passeio a pé pela cidade. Saindo da Embaixada, situada à Standartenstrasse, encontramo-nos, de repente, na ampla rua que flanqueia em harmoniosa curva o Tiergarten. Era a hora característica do longo crepúsculo nórdico, em que a luz, uma luz diáfana, incolor, ainda não havia cedido lugar às trevas. Em volta, um ar triste e pesado, que o precoce calor estival tornava ainda mais deprimente. As grandes casas escuras davam a impressão de estar completamente desabitadas; não saía pelas janelas nenhum sinal de vida, como se, a uma ordem, todos os inquilinos tivessem abandonado os apartamentos luxuosos e distintos daquele bairro, considerado um dos mais elegantes da imensa cidade.

Do outro lado da rua, a ordenada fila das árvores deixava entrever, em manchas de vivas côres, canteiros floridos, pedaços de sugestivas alamedas, espelhos d'água contidos em pequenas enseadas, onde nadavam grupos de patos selvagens de várias côres, pequenas torrentes separadas e atravessadas por pontezinhas rústicas. Mas nenhum transeunte animava as alamedas do silencioso parque; uma tristeza difusa, uma solidão que nem mesmo o canto das aves conseguia afugentar.

Passo a passo chegamos à porta de Brandeburgo, quando já as monumentais colunas desapareciam nas trevas lentamente caídas.

A "Unter den Linden", a célebre avenida ladeada pela dupla fila de enormes tílias, tão caras aos berlinenses, que gostavam de ficar longas horas (10 pfennig por hora de aluguel de cada lugar) a contemplar o lento desfilar das carruagens e dos pedestres, estava completamente mudada. As frondosas tílias, que a haviam tornado famosa em todo o mundo, tinham sido substituidas, após a construção do "U-Bahn" por frágeis e jovens àrvorezinhas. Aqui também uma atmosfera de solidão e de abandono, que as severas disposições para o escurecimento tornavam ainda mais sombria. Raros e apressados transeuntes, que mantinham cuidadosamente a direita, para não chocar-se no escuro. De vez em quando, projetava-se no passeio o círculo luminoso de uma lanterna de bôlso ou a faixa de luz que saía das pesadas portas de cortinas dos cafés, quando se abriam para a entrada ou a saída das pessoas.

Sob o céu sereno, mas cinzento, um pesado silêncio se difundia, interrompido pela gargalhada de algum militar acompanhado da sua pequena. Tôdas iguais, as casas escuras pareciam as margens de um canal vazio, no qual corria apenas aquela atmosfera pálida, cada vez mais escura, apenas pontilhada de longínquas estrêlas.

Chegados ao fim da " Unter den Linden ", diante da Universidade, onde a solidão era ainda mais impressionante, paramos ao pé da base do monumento a Frederico o Grande, e medimos, agora que era preciso voltar, o comprimento do caminho percorrido. Um táxi passou rápido e indiferente; depois de um longo período passou outro, mais outro ainda. Mas os nossos chamados não produziam nenhum efeito. Finalmente, um parou; explicou que estava de serviço na estação e era proibido pegar passageiros no caminho. Insistimos. Continuando a fumar um tôco de cigarro e tirando para trás o pesado boné de chofer, perguntou se tínhamos licença da polícia. Respondi que não, que era estrangeiro, e ia para a embaixada de Itália. Então, sem replicar, endireitou-se no lugar, estendeu um braço para agarrar o trinco, e abriu a portinhola, fazendo-nos sinal para subir.

Na manhã seguinte, apresentação dos colaboradores da embaixada, que eram, ao todo, quinze, compreendidos os três adidos militares e os chefes dos serviços que se desenvolviam no âmbito da própria embaixada.

Tive dêles uma boa impressão. Geralmente, graças à experiência adquirida durante os vários encargos que me foram confiados, não me enganava no julgamento instintivo ao primeiro contacto com os homens. Respondendo à saudação que me foi dirigida pelo conselheiro, disse que, contràriamente aos hábitos diplomáticos, pelos quais cada chefe de missão chega com a sua *equipe*, eu não trouxera comigo nenhum colaborador, pretendendo com isso confirmar a confiança nêles depositada pelo meu antecessor Attolico, ao qual me achava ligado por vínculos de amizade. Expliquei o meu método de trabalho, que consistia principalmente em criar um ambiente de cordialidade, e em procurar uma sincera colaboração por parte de todos. A política exterior era feita por Roma, que tinha o quadro geral da situação, devendo nós, portanto, considerar-nos apenas executores de ordens; mas isso não excluía absolutamente que cada um tivesse o direito, ou a obrigação de trazer a contribuição de suas próprias observações, informações e experiência, sem contudo embaraçar as decisões do Ministério, e sempre tendo por constante e superior preocupação o bem da Pátria.

Concluí recordando que recebera instruções para fortalecer o máximo possível as relações entre a Itália e a Alemanha, de acôrdo com o pacto de amizade estipulado um ano antes.

No dia seguinte, viagem a Bonn, para a primeira visita oficial ao ministro alemão von Ribbentrop. Protocolo reduzido de guerra, mas não isento de formalidades. Na grande sala do hotel, onde instalara o seu " quartel de campanha ", atendeu-me, cercado pela fila dos seus colaboradores, secretários, ajudantes. A pessoa esbelta e elegante, apertada no uniforme diplomático de guerra, os traços regulares do rosto cuidadosamente barbeado, davam-lhe um aspecto distinto e aristocrático.

Dirigiu-se pressurosamente para mim, e, fixando-me nos olhos com o seu olhar frio e metálico, apertou-me a mão, que manteve longo tempo na sua, enquanto pronunciava, com grave e lenta solenidade, as frases convencionais de uso.

Após a apresentação dos nossos dois séquitos, efetuou-se o colóquio, que se desenrolou em francês. Começou pelo princípio da guerra, explicando-me as razões do ponto de vista alemão: o choque inevitável entre povos velhos e jovens; a necessidade improrrogável de romper o cêrco em que as potências judaico-demo-plutocráticas queriam sufocar a Alemanha e também a Itália; a necessidade de criar uma nova civilização européia.

Não dizia coisas novas, raras ou muito interessantes. Eram, na maior parte, lugares-comuns, que se ressentiam da leitura do " Mein Kampf " de Hitler e do " Mithos " de Rosemberg, e que contrastavam com o tom lento e solene em que falava, como se cada frase tivesse o valor de uma sentença política por êle confiada à história.

Após o argumento político, veio o militar: demorou-se a explicar os grandiosos e " fulgurantes " êxitos dos exércitos alemães, exaltando o gênio militar do Führer, que se ocupara pessoalmente da preparação dos planos de operação, do emprêgo combinado das várias armas, das modificações dos novos carros de assalto. Concluiu, com a expressão da mais absoluta certeza, que o inimigo seria completamente batido dentro de poucas semanas, poucos dias, talvez.

A mim, naturalmente, não restava senão tomar conhecimento das palavras calorosas com que o registrava os crescentes êxitos e da segurança matemática das suas previsões, embora me parecessem excessivamente otimistas.

Perguntou-me se lhe permitia mandar entrar o oficial que, diàriamente, àquela hora, lhe vinha fazer uma exposição precisa da situação militar. Entrou um jovem coronel de estado-maior — rosto enxuto, monóculo no ôlho, bater de tacões, saudação nazista — que estendeu sôbre a mesa um grande mapa geográfico, onde se achavam assinalados, em diferentes côres, o andamento da linha das duas frentes, o avanço galopante das tropas alemãs, as zonas de resistência, as manobras em curso. O coronel anunciou a penetração da linha fran-

cesa no Mosa, em Sédan, a capitulação da Holanda; tomada Bruxelas, as tropas alemãs dirigiam-se decididamente para a Mancha. Salientou o número insignificante das perdas germânicas e a massa de prisioneiros e das armas tomadas ao inimigo. Embora, a exposição tivesse, como eu pensava, uma boa dose inevitavel de propaganda, os êxitos eram inegáveis e grandiosos.

Ribbentrop insistia sôbre o grande mérito do Führer, que " se revelara o maior gênio militar depois de Napoleão ". Depois explicou-me como Hitler, estando naqueles dias inteiramente dominado pelo ritmo febril das operações de guerra, propusera suprimir a velha e ultrapassada formalidade da apresentação dos credenciais, "reservando-se o prazer" de receber-me o mais depressa possível. Caso eu estivesse de acôrdo, o Führer me autorizava a iniciar imediata e oficialmente o meu trabalho, em relação ao qual, ele, Ribbentrop aconselhava que eu oferecesse sem demora a grande recepção usual de apresentação ao mundo político e diplomático de Berlim.

Falara mais de uma hora, sem mudar o tom de voz, com uma das mãos na palma da outra, e olhando de vez em quando as unhas.

Por minha parte, não tinha muito que dizer, considerando a visita apenas uma tomada de contacto. Limitei-me a retribuir-lhe as habituais frases de rito, e transmitir-lhe os cumprimentos de Mussolini e de Ciano. Acrescentei que, no desempenho do meu alto encargo, muito contava com a sua colaboração, enquanto, por meu lado, me propunha a imprimir às nossas relações um espírito de franqueza, o que aliás se deduzia dos liames de aliança e amizade entre os dois países.

Fêz-me ficar para o almoço; ótima comida e excelentes vinhos; conversação de tema obrigatório. Após o café, convidou-me para um passeio no jardim. Como se tivesse no cérebro um disco, repetiu sob outra forma os mesmos discursos. Compreendi perfeitamente que queria sobretudo criar em mim uma absoluta convicção de que a Alemanha desbarataria muito breve os inimigos. Citou, a êsse respeito, o número aproximado dos milhões de homens já anexados, e que logo entrariam na órbita do Eixo.

Interrogou-me acêrca do estado de ânimo da Itália e disse estar a par dos preparativos militares, mas eu mantive-me reservado.

Quando me despedi, teve outro interminável apêrto de mão — os olhos azuis e frios nos meus — enquanto me repetia mais ou menos as mesmas palavras que me dirigira à minha chegada. Foi muito cortês e bem educado, ficando à porta até que o automóvel se pusesse em movimento; mas senti que com aquêle homem compassado, grave e solene, excessivamente cheio de si e orgulhoso de representar no mundo a política exterior do III Reich, não teria nenhum contacto humano.

Dias cheios, excitantes, fatigantes, fatalmente desordenados, em que tôdas as coisas se acumulavam e tudo se tornava importante e urgente.

Voltando da visita a Ribbentrop, encontrei na embaixada um correio especial trazendo de Roma uma carta de Ciano que me encarregava de remeter a Goering o colar da ordem da S. S. Anunciada que o rei lhe conferia. Acompanhava a carta um elegante estojo contendo o colar.

Essa antiga condecoração, de 600 anos, era muito ambicionada, mesmo porque existiam sòmente 20 exemplares; tinha um número de matrícula e devia ser restituída com a morte do titular. Era constituída por uma série de malhas, retangulares e chatas, de ouro, com os três nós sabaudos chamados "laços de amor", a inscrição "Fert" e a reprodução da imagem da Anunciada. O condecorado tornava-se primo do rei.

Ciano recomendava-me que entregasse imediata e pessoalmente as insignias a Goering, " pelas conhecidas razões ".

Eis as razões. Exatamente um ano antes, por ocasião da assinatura do Pacto de aço, efetuada em Berlim nos mesmos dias, (22 de maio de 1939) fôra conferido a Ribbentrop o colar da Anunciada. Grande banquete na Embaixada da Itália, oferecido por Attolico, com a presença das mais altas personalidades do Reich e do Partido Nazista. Estava Goering ainda não designado por Hitler para a sucessão, mas pràticamente reconhecido o número dois da Alemanha. Era suscetibilissímo quanto ao respeito devido à sua posição; essa suscetibilidade era tal, que, de vez em quando, o fazia assumir atitudes ridículas ou infantis. Na circunstância de que se fala, fêz questão de que lhe fôsse reservado o primeiro lugar. Aproveitando um momento em que Ciano se afastara para um canto da sala para entregar a Ribbentrop o colar, Goering entrou com naturalidade na grande sala do banquete, aproximou-se da mesa central, e, verificando que o seu lugar era à esquerda de Ciano, dono da casa, enquanto o de Ribbentrop ficava à direita, com rápida manobra, trocou sem hesitação os cartõezinhos.

Quando voltou à sala e viu que Ribbentrop, com o estojo aberto, admirava o colar e recebia as congratulações, foi uma pequena grande tragédia. Seus colaboradores não tiveram pouco trabalho para persuadí-lo a não deixar a embaixada, como pretendia.

Ciano havia, desde então, iniciado uma lenta ação diplomática junto ao rei, que não queria absolutamente saber disso. Foi só um ano mais tarde, e sob o impulso dos acontecimentos, que êle se decidiu a conferir a Goering o colar, recusando-se entretanto a enviar-lhe o telegrama de rito, assinado: " afetuoso Vitor Manuel ".

Tocava pois agora a mim representá-lo. Acompanhado pelos adidos militares, dirigi-me ao Quartel General de Goering, constituido por um longo trem de carros especiais, mascarados com rêdes mimetizadas semelhantes às das baterias. Em tôda a volta, instalações de canhões antiaéreos; nas proximidades, um túnel, onde o trem, em caso de alarma, poderia ràpidamente abrigar-se.

Fui convidado a subir num carro-salão, onde, daí a poucos minutos, Goering apareceu, com botas amarelas, calções azuis da aeronáutica, e túnica branca, seguido pelo seu estado-maior.

Breve discurso meu, traduzido para o alemão pelo adido aeronáutico, e resposta do marechal, vibrante e agradecida.

Tornei a ver o seu belo carão rosado e rechonchudo, de aspecto infantil nos olhos azuis claros, tal como o vira alguns anos antes — 1932 — em Roma, onde êle fôra para pedir conselhos a Mussolini.

Falava depressa, expressivo e comunicativo.

Explicou a situação militar, comunicando-me a notícia dos recentes êxitos de Albertville e de Amiens; o general Giraud feito prisioneiro; alcançada a costa da Mancha. Salientou a contribuição decisiva da frota aérea alemã; mostrou-me uma primeira série de belíssimas fotografias do ataque de surprêsa e da queda das famosas fortalezas consideradas inconquistáveis do canal Albert, por meio de tropas paraquedistas. Declarou que nada agora podia resistir ao método da "Blitzkrieg". Estava satisfeito, cordial, expansivo.

A conversa girou sôbre assuntos políticos. Pediu-me notícias da Itália e, sem reticências, como se a coisa estivesse por êle já decidida, falou-me da nossa entrada na guerra. Não tendo instruções a respeito, limitei-me a generalidades.

— No ponto em que se acham as coisas, disse êle, seria melhor para a Itália atacar quando os exércitos alemães, tendo liquidado completamente a questão franco-anglo-belga, apontarem diretamente sôbre París.

Depois fêz-me uma pergunta acêrca da reação do Vaticano diante de uma intervenção da Itália. Não me foi difícil responder que seria negativa. Ao que êle replicou, não sem surprêsa minha, que era preciso levar em consideração a repercussão que a atitude do Vaticano teria nos Estados Unidos.

— Mas — concluiu — a guerra logo terminará. Vêem-se já os resultados da aviação alemã.

Fiz menção de despedir-me. Levantou-se e pediu-me que esperasse um momento. Desapareceu, passando com dificuldade pela porta estreita demais para a sua corpulência, e que o obrigava a entrar de lado.

Reapareceu, passados alguns instantes, com ar contente e satisfeito: quisera estrear na minha presença o colar, que colocara cuidadosamente em volta do pescoço, remirando-se num espelho da parede.

Chamou um de seus fotógrafos e fêz-se fotografar, tendo o cuidado de pôr bem à mostra a condecoração.

Depressa para o aeródromo próximo, especialmente preparado por Goering, a fim de voltar a tempo à embaixada, onde, à tarde, teria lugar a grande recepção de apresentação.

Era o meu primeiro contacto com os círculos políticos, diplomáticos e mundanos de Berlim. Havia-me interessado e controlara pessoalmente as coisas, para que tudo, desde a libré dos criados à preparação das várias mesas do *buffet*, se apresentasse condignamente. Sabia que recepções dêsse gênero eram, então, consideradas como verdadeiros acontecimentos na capital alemã. Uma espécie de cartão de visita do novo embaixador.

Os convidados eram mais de quinhentos. Ministros, generais, personagens do partido nazista, membros da velha aristocracia que se haviam aproximado do regime, expoentes do mundo industrial, bancário, universitário, jornalístico, membros do colônia italiana.

De acôrdo com a etiqueta do cerimonial, minha mulher e eu estávamos num dos primeiros salões para receber os hóspedes. Ao nosso lado, o barão Dornberg, chefe do protocolo alemão, que fazia as apresentações.

Cada chefe de missão chegava à testa dos membros de sua missão, compreendidas as senhoras.

Dornberg apresentava os chefes das missões, os quais por sua vez apresentavam seus colaboradores. O desfile dos convidados durou cêrca de uma hora; depois, confundi-me na multidão, aí encontrando velhos conhecidos que já havia encontrado na Itália ou no exterior.

Era-me difícil trocar quatro palavras em seguida, porque a tôda hora os secretários se aproximavam de mim com discreta insistência para apresentar-me êste ou aquele hóspede.

Figuras características misturavam-se perto dos generais empertigados e marciais, tipos de professores modestos no seu *tight* visìvelmente usado e desbotado; corpulentas espôsas de personagens das novas esferas políticas vestidas caracterìsticamente à alemã, e senhoras elegantes e perfumadas; oficiais das S. S. que conversavam com belas jovens; Hess, de olhar meio inquieto, discutia com alguns diplomatas; o general von Brautschich falava às senhoras; o Núncio Apostólico mantinha o seu círculo com a sua digna afabilidade fidalga. Destacava-se num outro grupo a figura de gentil-homem e a bela cabeça encanecida do barão von Weizsacker, cuja espôsa ajudava com muita

graça e delicadeza minha mulher na difícil tarefa de dizer a todos uma palavra cortês; alta, no seu vestido de luto, velava com um sorriso a sua tristeza (perdera um jovem filho na Polônia); a senhora Goebbels, linda, elegante, muito requestada; o príncipe Augusto Guilherme da Prússia, no uniforme do partido; a senhora von Dirksen; a figura ao mesmo tempo ágil e atlética do príncipe Max Schaumburg-Lippe; Kirk, encarregado dos negócios da embaixada dos Estados Unidos; o embaixador soviético com seus mais importantes colaboradores, etc.

As mesas do *buffet* estavam sempre muito concorridas: os doces, as frutas e os vinhos eram particularmente apreciados pelos convidados, pois já se fazia sentir em tôda a Alemanha o pêso e a dureza da privação de tudo o que era considerado supérfluo, e se achava severamente racionado.

Passada mais uma hora, o barão von Dornberg me disse, brincalhonamente, que o recreio acabara e a *corvée* recomeçava. Retomei com minha mulher o mesmo lugar de antes na sala vizinha à sala de entrada, para receber os cumprimentos e agradecimentos dos convidados, que se despediam. Recomeçou o desfile. Era característico e tocante ver como as senhoras, principalmente, se desfaziam em agradecimentos pelas coisas deliciosas que haviam saboreado. Não poucas, levavam, com gentil simplicidade, nas mãos um doce ou uma fruta para "o garôto" que ficara em casa...

As impressões da minha primeira semana em Berlim, embora vagas e cinzentas no seu conjunto, eram, por outra forma, precisas em determinados setores. Muita correção e cordialidade, não raro bem estudadas. Perturbava-me um certo olhar de alto a baixo, que nem sempre conseguiam disfarçar, uma exagerada e incontida expressão de orgulho pelos seus êxitos militares que, embora inegáveis e grandiosos, era, segundo o meu modo de pensar, de mau gôsto, fazê-los pesar sôbre os outros com ar de dizer: "acabou finalmente para nós o tempo da obscuridade e da pobreza; logo seremos, e já o somos um pouco, os senhores da Europa, e todos, inclusive vós, italianos, devereis ajustar as contas conosco". Era uma maneira insuportável de ostensividade semelhante à do novo rico que sente a necessidade de mostrar os seus automóveis e o apartamento luxuosos, que elogia as jóias caras dadas à mulher e ostenta as grandes riquezas à sua disposição para as suas felizes operações financeiras.

Essas observações, que fizera durante os primeiros contactos oficiais e privados, me foram confirmadas pelos meus colaboradores. Fixei a mim mesmo uma precisa linha de conduta inspirada na fórmula: *A Itália tem tanta necessidade da Alemanha quanto esta tem da Itália.* Fórmula que expliquei no meu relatório enviado no dia seguinte — 23 de maio de 1940 — ao Ministério do Exterior.

De resto, percebi logo, como já havia, aliás, várias vêzes ouvido repetir, que, com os alemães, se não se queria arriscar a ser considerado em situação de inferioridade e sujeição, era preciso tomar uma atitude firme e decidida. É verdade que os dois países tinham possibilidades, fôrça, poder, riqueza muito diferentes; mas isso não era razão para que as relações entre ambos devessem desenvolver-se num plano diverso e sobretudo para que os alemães fizessem sentir a sua superioridade material.

Contra semelhante atitude, que vi delinear-se claramente, a minha reação foi nítida. Em outro relatório meu — 31 de maio de 1940 N. 53.202 — referindo-me a tudo quanto anteriormente escrevera: "... trata-se de uma orientação precisa que julgo oportuno, ou melhor, necessário, impôr imediatamente, a fim de criar nos expoentes do nazismo o estado de espírito e a mentalidade apropriados a considerar-nos amigos e aliados que, *no mesmo plano de igualdade,* discutirão e resolverão os problemas da nova situação européia".

Estava-se nos dias em que em Berlim, Roma, e muitas outras capitais européias reinava absoluta convicção de que a Alemanha, com as " fulgurantes vitórias ", muito breve derrotaria o inimigo, pondo têrmo à guerra. Parecia-me, portanto, necessário que o representante da Itália tomasse uma orientação precisa diante da atitude alemã.

Já poucos dias antes, tivera eu um gesto significativo e eloqüente. Na manhã de 24 de maio, ao entrar na chancelaria, notei que não fôra içada a bandeira. Perguntei o motivo ao porteiro, Sr. Saracco, que pareceu cair das nuvens. Falei com o primeiro funcionário que encontrei na chancelaria. Com evidente embaraço, disse-me que isso não se fizera também nos anos anteriores, e, pedindo-me permissão para exprimir respeitosamente a sua opinião, disse que tal gesto poderia prestar-se a várias interpretações, não sendo, de qualquer maneira, agradável aos alemães, sob o regime do "pacto de aço"...

Tratava-se de uma deformação profissional. Dei ordem para içar a bandeira. Foi assim que no dia 24 de maio de 1940, aniversário da entrada da Itália na guerra ao lado dos aliados, o pendão tricolor foi içado em todos os edificios das representações italianas na Alemanha.

A coisa repercutiu intensamente nos círculos diplomáticos, que registravam com satisfação o gesto independente do novo embaixador, e causou estupor na "Wilhelmstrasse", onde eu próprio tomei a iniciativa de definir o meu ponto de vista, isto é, que a amizade e a aliança entre os dois países não deviam influenciar negativamente na celebração de uma data histórica nacional, particularmente significativa aos italianos.

Mas Roma não ficou satisfeita com o meu gesto.

Capítulo III

PORQUE MUSSOLINI DECIDIU A INTERVENÇÃO

É opinião muito difundida na Itália e no exterior que, se Mussolini se tivesse mantido alheio à guerra, o país ter-se-ia então e em seguida beneficiado com uma situação extraordinàriamente favorável. A Itália, de acôrdo com êsse ponto de vista, além de evitar os horrores e as destruições da guerra, tornar-se-ia, com o pêso de suas fôrças militares intactas e do seu prestígio, árbitro entre as partes em conflito, assegurando para si um longo período de raro bem-estar e riqueza interna.

Por que, então, Mussolini jogou tão temeràriamente a sua posição pessoal e a sorte da Itália ?

A pergunta, que recebeu várias respostas, algumas das quais excessivamente simplistas, é tanto mais apaixonante, porquanto Mussolini conhecendo perfeitamente as limitadíssimas possibilidades do exército, sentia tôda a gravidade e o perigo de semelhante aventura, e debateu-se longamente num estado de incerteza e contradição.

Uma resposta mais exata, do ponto de vista histórico e psicológico, pode ser dada pela reconstituição dos acontecimentos à luz de informações que só mais tarde chegaram ao meu conhecimento.

Após a estipulação do Pacto de aço — exigido por Mussolini por intermédio de um telegrama noturno a Ciano, enquanto êste se encontrava em Milão com Ribbentrop para um encontro de esclarecimento no fim da semana de maio de 1939 — houvera um período de notável frieza entre os dois ditadores. As atitudes independentes de Hitler, as iniciativas por êle tomadas limitando-se a comunicá-las ao aliado — quando a êste nada mais restava senão tomar conhecimento dos fatos — e que prescindiam completamente do espiríto e dos dizeres do Pacto de aço assinado em Berlim em 22 de maio de 1939 por Ciano, haviam profundamente despeitado Mussolini, que começava a sentir-se rebocado por Hitler e por êle tratado sem a devida consideração.

Mussolini, aliás, percebia perfeitamente que toda a ocupação da Polônia, — que sabia reentrar nos planos de Hitler — traria conseqüências imponderáveis e constituiria para a Itália um sério perigo de ver-se arrastada à guerra; e isso contràriamente às cláusulas do Pacto de aço, as quais previam que ambos os países se consultariam recìprocamente sôbre a maneira de preservar a paz na Europa e não ser envolvidos pela guerra pelo menos durante um espaço de três anos. Tal condição fôra exigida e obtida por Mussolini por causa da impreparação militar da Itália.

A tensão entre os dois ditadores intensificara-se fortemente, embora sempre sob a aparência de formal correção e cortesia, no fim do ano de 1939, principalmente por causa do discurso que Ciano pronunciou na Câmara no dia 16 de dezembro de 1939. Êsse discurso, inspirado, controlado e aprovado por Mussolini, demonstrava claramente que a Alemanha não cumprira os pactos. A reação ao discurso de Ciano foi muito favorável na Itália e no estrangeiro e foi interpretada no sentido de que a Itália permaneceria fora do conflito. Contribuiu para reforçar essa convicção a troca de visitas entre o pontífice e o soberano, efetuada no última década de dezembro, assim como as palavras que o Papa então pronunciara, com uma precisa e animadora referência à paz interna e externa.

Durante as festas do Natal — estamos ainda em 1939 — Mussolini sente a necessidade de libertar-se da angústia que lhe atormenta o espírito acêrca da atitude definitiva para com a Alemanha; decide-se a escrever a Hitler uma carta, que será entregue no dia 9 de janeiro de 1940, e na qual, procurando dissuadi-lo de levar a guerra às suas extremas conseqüências, define para o futuro a posição da Itália e a sua vontade de permanecer fora do conflito (1).

"Estou convencido — escreve Mussolini na carta — de que a criação de uma Polônia modesta e desarmada, exclusivamente polonesa, não pode constituir jamais um perigo para o grande Reich. Mas êsse fato seria um elemento de grande importância, que tiraria tôda justificação às grandes democracias para continuar a guerra, e liquidaria a ridícula república criada pelos franco-inglêses em Angers... A Grã-Bretanha e a França não conseguirão nunca fazer capitular a sua Alemanha auxiliada pela Itália, mas não é certo que se consiga dobrar os franco-inglêses, nem mesmo dividi-los. Acreditá-lo significaria iludir-se".

E mais adiante, após ter desenvolvido outra argumentação, exprime uma reserva demonstrada profética:

"Valerá a pena, agora, que realizou a segurança das suas fronteiras orientais e criou o grande Reich, de noventa milhões de habitantes, arriscar tudo, inclusive o regime, e sacrificar a flor das gerações alemãs, para antecipar a queda de um fruto que deverá fatalmente cair e que deverá ser fatalmente colhido por nós que representamos as fôrças novas da Europa?"

---

(1) Segundo quanto me declarara Ciano, Mussolini queria que a guerra, não só não se estendesse, mas terminasse o mais depressa possível, embora com sacrifício de uma parte do resultado das vitórias. Isso, de resto, correspondia ao bem conhecido desejo de Vítor Manuel III.

Após haver demonstrado que os soldados italianos enfrentaram notáveis contingentes de fôrças adversárias nos varios setores, conclui:

" A Itália fascista pretende ser neste período a sua reserva:

"*Do ponto de vista político-diplomático,* no caso que quisesse chegar a uma solução político-diplomática;

" *Do ponto de vista econômico,* ajudando-o na medida do possível em tudo quanto mais alimentar a sua resistência ao bloqueio;

" *Do ponto de vista militar,* quando o auxílio não seja de pêso mas de alívio. E êsse problema deverá ser examinado pelos militares ".

Quais, portanto, as circunstâncias, os fatos, as razões, que mais uma vez o induzirão a mudar radicalmente de atitude ?

Respondeu-se: a ambição de Mussolini, que visava a glória militar. Isso é verdade, mas só em parte. O êxito triunfal da guerra abissínia criara em tôrno de Mussolini a glória, não sòlidamente alicerçada nem técnicamente justificada, mas de qualquer maneira existente e reconhecida, de "condottiero".

As razões pelas quais êle, progressivamente, se afastará de tal atitude de não intervenção, que parece absolutamente firme, são de outra natureza.

Limitar-se a uma resposta genérica e a um juízo sumário baseados na trágica e desastrosa situação em que se encontrou a Itália após ter perdido a guerra, não é sério nem honesto.

Para julgar, ou melhor, para tentar julgar, o menos imparcialmente possível, a decisão de Mussolini, é preciso, antes de mais nada, recolocar-se na situação de então (primavera de 1940). Segundo as declarações por êle feitas aos seus colaboradores mais próximos — declarações de que eu próprio posso dar testemunho — Mussolini afirmava ter perdido tôda a ilusão e tôda a esperança de poder entender-se com a Inglaterra e com a França, que numa série de circunstâncias haviam manifestado de maneira indúbia uma atitude extremamente débil e indecisa para com Hitler, dando prova de preferir qualquer solução de transação, embora um pouco humilhante, a uma atitude firme e corajosa, tal como aconteceu por ocasião da ocupação da Renânia por parte dos alemães. Censurava às grandes democracias havê-lo polìticamente obrigado a bater-se do lado da Alemanha. E expunha os motivos e as razões. A tentativa da "frente de Stresa", por êle feita em abril de 1935, não tivera nenhuma conclusão prática. Quando, após o assassínio de Dolfuss e a anexação da Áustria — agôsto de 1934 — Mussolini tivera uma reação enérgica de fatos e não palavras, mobilizando as divisões no Brenner, a Inglaterra e a França o abandonaram, demonstrando pela Itália uma absoluta e funda-

mental indiferença. As visitas que nos anos sucessivos os chefes do govêrno inglês e francês fizeram a Roma, os pactos e os entendimentos, a que tais visitas deram lugar, não tiveram nenhuma influência determinante e operante. O pacto Laval (1935) fôra abandonado pelo govêrno francês, quando, na iminência do *ultimatum* alemão de 1.º de outubro de 1938 na Tchecoslováquia, Mussolini interviera decididamente em Munich, conseguindo deter, no último momento, a decisão de Hitler. Chamberlain e Daladier pronunciaram logo depois, nos respectivos parlamentos, palavras muito lisonjeiras, exaltando a obra de Mussolini. Mas depois as coisas ficaram como antes. Nem decididamente contra a Alemanha, nem abertamente a favor da Itália.

Política de contemporização, talvez justificada por razões internas e pela impreparação militar da França e da Inglaterra. De fato, quando, em março de 1939, Hitler invadiu a Boêmia e ocupou Praga, as democracias não reagiram, limitando-se a manifestar sérios propósitos para o futuro. E quando a 1.º de setembro de 1939, Hitler atacou a Polônia, as democracias declararam guerra à Alemanha; mas muito tempo se passou antes que se iniciassem definitivamente as hostilidades. E não se apagara no coração de Mussolini a recordação escaldante das sanções aplicadas contra a Itália durante a guerra abissínia, guerra que a Inglaterra poderia ter fàcilmente evitado.

Além disso, quando, em conversa com alguns de seus colaboradores, admitia a hipótese de uma neutralidade, declarava imediatamente que a neutralidade da Itália, potência mediterrânea, deveria ser necessàriamente benévola para com a Inglaterra, que sempre exerceu o contrôle do Mediterrâneo; isso, a seu ver, acarretaria como conseqüencia inevitável o envio de algumas *Panzer Divisionen* através do Passo de Brenner. E a Itália seria ràpidamente invadida e ocupada, como acontecera aos outros países.

Outra razão fundamental consiste num profundo, interior, e às vêzes mal velado despeito contra Hitler. Mussolini não sabe acostumar-se a ver o seu antigo discípulo tomar ares e atitudes de mestre e agir de maneira absolutamente independente. Ìntimamente admirado e quase ofuscado pelo poder e pela preparação do exército germânico, profundamente convencido de que nada no mundo poderá resistir-lhe, Mussolini faz — como se viu — o máximo para impedir Hitler de lançar-se numa guerra ilimitada que lhe trará novos e grandes êxitos militares fazendo-o merecedor da fama mundial de “ condottiero ”.

Deve-se, além disso, considerar que o acôrdo germano-russo de 1939 teve uma influência decisiva, não só em determinar a agressividade da Alemanha, mas também em levar Mussolini a intervir, para não deixar que essas duas nações se tornassem o árbitro da Europa.

Mussolini é, nessas suas tentativas, guiado principalmente pelo desejo de salvar a paz, mas também pela preocupação de não se ver relegado a um papel de importância secundária, obscurecido pela glória militar de seu aliado.

A luta íntima de Mussolini está tôda aí. Tentado a seguir e apoiar a Alemanha para ter a sua parte de glória e de louros, e para evitar que a vitória por ela exclusivamente obtida, de acôrdo com a Rússia, desse à Alemanha e à Rússia a hegemonia da Europa, percebe que os gabados oito milhões de baionetas correspondem, na realidade, a um número muito inferior, e que faltam armas e munições...

Hitler adverte a incerteza de Mussolini, e resolve desencadear uma vasta campanha de propaganda destinada a criar na opinião pública mundial, e sobretudo na Itália, a convicção absoluta de que a Alemanha vencerá infalível e ràpidamente a guerra.

No pensamento de Hitler, o alvo indireto e a primeira vitória de tal campanha deve ser Mussolini.

A campanha tem início com a clamorosa viagem de Ribbentrop a Roma — 10 de março de 1940 — onde o ministro alemão chega acompanhado de um numerosíssimo séquito, de que faziam parte altos funcionários da Wilhelmstrasse.

É aliás sabido que a visita ao pontífice não passava de um numero sensacional do programa propagandístico. Com Mussolini, por quem foi duas vêzes recebido, representou o seu papel sem fazer nenhuma referência direta e específica à intervenção da Itália. Mas com Ciano, munido de um ar de quem fala confidencialmente, não de ministro a ministro, mas de camarada para camarada, fêz um discurso mais ou menos nos seguintes têrmos, como me referiu o próprio Ciano:

"O Führer tomou a sua irrevogável decisão, da qual ninguém o fará voltar atrás. Questão de semanas. Êle está certo, matemàticamente certo, de que pela extraordinária fôrça dos exércitos alemães, e pela impreparação dos adversários, a guerra será triunfalmente vencida em brevíssimo tempo. Vejam os senhores italianos, o que lhes convém fazer. É uma hipótese que me permite avançar no seu próprio interesse. Agora ou nunca; a vitória da Alemanha será naturalmente a vitória da Itália. Quanto a isso, não há dúvida alguma, mas é claro que as vantagens e os frutos serão proporcionais aos esforços realizados. Permanecer ausente significará renunciar a guiar a Europa. Para os senhores fascistas, como para nós nacional-socialistas, as verdadeiras e duradouras vitórias são aquelas que se conquistam com sangue e sacrifício ".

Enquanto Ciano referia a Mussolini êsse colóquio, os colaboradores de Ribbentrop desenvolviam trabalho análogo junto aos ministros, ao corpo diplomático, nos círculos jornalísticos e nos salões da capital.

A repercussão disso tudo chega naturalmente a Mussolini, que fica prêso por essa envolvente manobra. O ritmo dos acontecimentos provoca nêle novas oscilações. Surpreende-o e deixa-o também um pouco despeitado o fato de que Hitler não lhe manifeste, embora velada, mas diretamente, o seu desejo de tê-lo a seu lado. Será que já o considera uma quantidade transcurável ?

Seguem-se dias e semanas de indecisão.

Começam no entanto a chegar as notícias do poderoso avanço alemão. As exíguas correntes extremistas, de que o secretário do partido se faz arauto, aproveitam a oportunidade para fazer pressão em favor da intervenção. Mussolini está já certo da rápida conclusão da guerra. No seu tormento íntimo, procura justificar-se perante si mesmo: considera que o momento e a ocasião são decisivos para a Itália satisfazer as suas reivindicações, fato que na história dos povos se apresenta uma vez em mil anos; pensa que a prepotência germânica constituiria para tôdas as nações européias, inclusive a própria França e a Inglaterra, mais uma subordinação do que um perigo permanente; recorda o compromisso por êle assumido com a famosa frase: " Quando tens um amigo, vai com êle até ao fundo ". E de uma questão pessoal é levado a fazer uma questão nacional. " Mesmo que todos os italianos estivessem dispostos a separar-se da Alemanha — terá oportunidade de dizer nos momentos mais difíceis — haverá pelo menos um que permanecerá até à morte fiel aos pactos: êsse italiano sou eu ".

A noite de 29 para 30 de maio foi também para êle, que cultivava o hábito de dormir nos momentos mais difíceis, tendo — como dizia — o sono às suas ordens, uma noite de angústia.

Tendo-se dirigido bem cedo ao Palácio Veneza, escreveu de próprio punho a mensagem a Hitler, comunicando-lhe a sua decisão de intervir.

Sem informar o Conselho de Ministros nem o Grande Conselho, tendo obtido contra a vontade, e não sem uma corajosa resistência, a adesão do soberano, Mussolini assumira a tremenda responsabilidade, jogando assim, junto com o seu, o destino da Itália.

A mensagem, cifrada em secretíssimo código e com a fórmula " *decifre por si* " chegou-me à embaixada na tarde de quinta-feira, 30 de maio de 1940, precedida de uma comunicação telefônica de Ciano, que me encarregava de entregá-la imediatamente ao Führer. Mas êste, desde o princípio da guerra — 1.º de setembro de 1939 — deixara Berlim para instalar-se nos seus grandes quartéis-generais de acôrdo com o avanço das tropas e a importância das zonas de operação. Durante tôda a guerra, Hitler não fará senão raras e fugidias aparições em Berlim.

A mensagem, breve e concisa, ressente-se do estado especial de espiríto em que Mussolini a escreveu. Após congratular-se, mas sem especial calor, pelos êxitos dos exércitos alemães, comunica a Hitler a sua decisão de entrar na guerra no dia 5 de junho, manifestando-se disposto a protelar eventualmente a data a fim de sincronizar os planos italianos com os alemães. Declara ter à sua disposição e em condições de eficiência 70 divisões, e achar-se na possibilidade de formar outras 70, caso pudesse dispor de meios, pois homens não faltam. Manifesta, além disso, o seu propósito de não estender o conflito à bacia danubiana, da qual a Itália deve receber os fornecimentos que não poderão mais chegar da Inglaterra.

A mensagem que — coisa insólita — não contém nenhuma frase de solidariedade e nenhuma expressão acêrca de certeza da comum vitória — frases de que os ditadores sempre fizeram e continuarão fazendo largo uso — encerra-se com uma simples declaração de amizade e camaradagem.

Enquanto leio e releio atentamente a importante mensagem, relembro, com nitidez, que durante os primeiros dias da minha chegada a Berlim, e por ocasião dos meus freqüentes contactos com o mundo político oficial, nenhuma personagem — salvo Goering — aludira precisamente a uma intervenção italiana. Mas, segundo me referiam unânimemente os funcionários da embaixada, isso era, aliás, esperado pela grande massa da opinião pública, a qual achava natural e conseqüente que, após uma tão intensa propaganda exaltadora da solidariedade do Eixo, os resultados se manifestassem por ocasião da guerra. Mais que por razões e vantagens militares, o povo alemão desejava por razões morais ter a seu lado a Itália. Isso lhe faria sentir menos o seu isolamento. Além disso, a pátria de Leonardo, de São Francisco, Dante, Giotto e Maquiavel gozava, aos olhos dos alemães, do prestígio da sua clássica e milenar civilização; e as atitudes romanizantes do fascismo, embora em nada alterassem a eficiência das nossas tropas, contribuíam para reforçar, nos preparadíssimos descendentes de Armínio, a agradável ilusão de marchar com os herdeiros de César, Sétimo Severo e Constantino. Mas, repito, nenhum pedido oficial ou passo oficioso fôra feito junto à embaixada.

Na manhã seguinte, às seis horas, o chefe do protocolo alemão, o imenso barão von Dornberg, veio buscar-me na embaixada para acompanhar-me até ao Führer, que me receberia às dez horas, em local que ficarei conhecendo ao chegar. Experimento pela primeira vez a infantil e rígida disciplina com que, prescindindo de qualquer circunstância, se respeita severamente o segredo, mesmo quanto às coisas sem importância e que, na realidade, são do conhecimento de todos.

Após cêrca de três horas de vôo, aterrissamos em Bonn, de onde prosseguimos de automóvel para Godesberg, sôbre o Reno, dirigindo-

nos ao Grande Hotel em que, no outono de 1938, Hitler recebeu Chamberlain especialmente vindo de Londres em avião, com a ilusão de resolver a crise dos sudetos. Pelas janelas do apartamento que me foi reservado, olho o vasto panorama das colinas cada vez menores e do lento caminhar do Reno, sôbre o qual o dia chuvoso estende uma atmosfera triste e cinzenta.

Cinco minutos antes das dez, um longo cortejo de enormes automóveis pára diante dos portões do jardim do hotel. Dêles descem numerosas personagens, entre as quais, Hitler que, tendo ao lado Ribbentrop e Himmler, atravessa a pé o longo pedaço do jardim, o que me dá oportunidade de observá-lo.

O boné enterrado até às orelhas, um comprido impermeável de couro negro, que o cobre da cabeça aos pés, os ombros fortemente curvados, o passo lento e pesado, dão ao conjunto da sua pessoa um aspecto grave e cansado.

Enquanto espero, observo o apartamento que me foi reservado. Móveis e tapeçarias do velho estilo; nas paredes, alguns quadros de motivo histórico e um retrato de Hitler; três grandes vasos cheios de flores rígidas; sôbre uma mesa, uma garrafa de água mineral, vermute, charutos e cigarros.

Dez e um quarto; dez e vinte. Não se vê e não se ouve ninguém. Às dez e meia, chamo um dos meus secretários de embaixada, que se encontram numa das salas vizinhas, e o encarrego de procurar alguém da comitiva de Hitler a fim de lembrar-lhe que eu estou à sua espera há meia hora.

Passados cinco minutos, volta, contrariado e confuso, dizendo que não encontrou ninguém. Saio então para o corredor, e em voz alta e agitada, de modo que me ouçam bem, digo que me vou embora. Acorrem o chefe do protocolo e outros funcionários alemães, que se desfazem em desculpas: o Führer estava examinando alguns telegramas muito importantes e urgentes. Replico que achava isso perfeitamente explicável, dada a situação, mas que não podia compreender porque ninguém me viera avisar.

Daí a dois minutos, fui introduzido junto a Hitler. No momento em que atravessei o limiar da porta da sala em que êle, de pé, me esperava, tendo ao lado Ribbentrop, fui surpreendido pelas lâmpadas de magnésio de dois fotógrafos, que, colocados em dois pontos diferente, manejaram várias vêzes as objetivas.

Não via o Hitler das Olimpíadas de 1936. Pareceu-me envelhecido e um pouco mais gordo. Vestia um uniforme simples de gabardine marrom e botas pretas. No rosto, cuidadosamente barbeado, marcado pelo característico bigodinho, os olhos surgiam. inchados e cansados, e não tive a impressão de que do seu olhar e do seu rosto se despren-

desse aquela centelha de luz e de fôrça caraterística nos dominadores de massas.

Entreguei-lhe a mensagem num envelope fechado e selado. Êle o abriu e leu ràpidamente a tradução alemã, que eu aí havia incluído.

— Peço-lhe transmitir ao Duce a minha viva satisfação, que é tanto mais sincera e profunda, porquanto eu quís deixá-lo completamente livre de tomar as decisões por êle consideradas mais convenientes aos interêsses da Itália.

Interpretados ao pé da letra, as suas palavras correspondiam — pelo que me constava — à verdade. Quanto ao seu espírito e essência...

Dirigiu-me palavras corteses; pediu-me com sincero interêsse notícias de Mussolini. Tentei dizer algumas palavras, mas êle quase não me deu tempo, porque começou logo uma longa exposição de caráter político-militar, salientando sobretudo os êxitos alemães.

À medida que fala, inflama-se, excita-se, cheio de ardor, enquanto a expressão do rosto e a mímica dos gestos lhe acompanham as palavras, que Schmidt, o intérprete, baseado em rápidos apontamentos tomados num caderninho, traduz para um perfeito francês. Aproveitando uma breve pausa, pergunto se a data de 5 de junho convém também a êle. Responde que mo comunicará, assim que tiver falado com os seus generais.

Esta é a minha primeira experiência da impossibilidade de ter dos alemães, do seu próprio chefe supremo, uma resposta pronta mesmo sôbre os problemas mais importantes e urgentes. " Vou refletir " será a fórmula obrigatória, por trás da qual, tôdas as personagens, inclusive a mais alta, escondem um pouco de desconfiança e a sua característica lerdeza mental.

Após ter-me despedido do Führer, o qual se desculpa por não poder convidar-me para almoçar, pois se acha em fase de deslocamento, Ribbentrop, descendo a escada, diz, em tom alegre e satisfeito:

— Eu tinha certeza de que o Duce tomaria a sua decisão.

Não consegui apreender a essência de suas palavras; mas pensei no discurso "confidencial" por êle feito dois meses antes a Ciano, durante a sua viagem de propaganda a Roma, e de que agora colhia os frutos.

À noite, Ribbentrop me comunica por telefone, que a resposta do Führer chegará no dia seguinte — 1.º de junho — diretamente a Roma. De fato, na tarde do outro dia, Ciano me telefona dizendo que o embaixador da Alemanha, von Mackensen, entregou a Mussolini a resposta de Hitler, o qual, renovando a expressão do seu grande contentamento, pede o adiamento de alguns dias, a fim de evitar que o ataque italiano determine um deslocamento das forças aéreas francesas que êle, Hitler, se propôs a exterminar por meio de pesados bombardeios.

A maneira de comunicação entre Berlim e Roma é correta e normal do ponto de vista do sistema diplomático, mas apresenta graves inconvenientes; se, de fato, Ciano não tivesse tido a cortesia de manter-me ao corrente dos acontecimentos, a embaixada italiana não teria sabido de nada.

No dia seguinte — domingo, 2 de junho — chega outra mensagem cifrada, secretíssima, do Duce para o Führer. Desta vez, o tom é muito mais caloroso. Após ter-se vivamente congratulado " pela vitoriosa conclusão da gigantesca batalha da Flandres, que ergueu, junto com o meu, o entusiasmo de todo o povo italiano ", anuncia-lhe o seu programa: "segunda-feira, 10 de junho, declaração de guerra, e na manhã do dia onze, início das hostilidades ". E mais adiante: " Agora, exprimo-lhe o meu desejo de ver pelo menos uma representação do exército italiano junto com os seus soldados, para selar no campo a fraternidade de armas e a camaradagem das nossas revoluções. Se aceita essa minha proposta, enviar-lhe-ei alguns regimentos de "bersaglieri " que são soldados valorosos e resistentes ".

Durante a viagem aérea que faço no dia seguinte, a fim de chegar a tempo ao "Quartel de Campanha" de Ribbentrop, o qual é para mim o trâmite necessário e inevitável de tôda comunicação com Hitler, medito sôbre a mensagem de que sou portador, e sobretudo na oferta explícita e precisa de Mussolini quanto ao envio de tropas italianas. Ela demonstra claramente como, uma vez tomada a decisão de intervir, êle está dominado, quase obcecado pela idéia de mostrar não só a Hitler, mas ao mundo inteiro, que participa de modo tangível das batalhas e dos êxitos alemães, para poder, no momento da vitória final — sôbre a qual não tem a mínima dúvida — atribuir à Itália não só uma justa recompensa, mas também o direito de participar dos tratados de paz, para que a Alemanha não saia supervencedora e árbitro absoluto dos destinos dos povos.

Êsse pensava eu ser o conceito informador das breves diretrizes que me deu quando me mandou chamar ao Palácio Veneza para comunicar-me que devia deixar a Santa Sé para dirigir-me a Berlim.

Mussolini, sem dúvida, se preocupava também com o futuro político e territorial das nações vencidas como a França e a Polônia e das nações neutras balcânicas, sôbre as quais, a Rússia, então — não o esqueçamos — aliada combatente da Alemanha, teria certamente adiantado pretensões de influência política e econômica.

Êsse é o motivo psicológico fundamental que, contra todo o raciocínio e contra qualquer opinião contrária, impelirá Mussolini a lançar-se quanto mais possível dentro do trágico, colossal e desproporcionado acontecimento. Tem convicção absoluta de que " os ausentes, tanto em política como em guerra, estão sempre errados ".

Do pequeno aeroporto de emergência onde aterrissamos — não consigo saber com precisão onde estamos — um automóvel me leva a uma vizinha localidade de campanha, onde, nas proximidades de uma estrada de ferro, se encontra o trem especial de Ribbentrop, sôbre trilhos mortos.

Nas duas extremidades do trem há baterias antiaéreas, colocadas em vagões especiais. Nas adjacências, um túnel ferroviário.

Ribbentrop acolhe-me com a sua compassada cortesia e com o seu característico interminável apêrto de mão, no seu elegante carro-salão, onde nada falta, nem mesmo flores. Diz-me que, com pesar seu, não poderia entregar pessoalmente a mensagem ao Führer, que se achava em viagem de inspeção. Hevel, alto funcionário da Wilhelmstrasse, que estabelece a comunicação entre Ribbentrop e Hitler, se encarregará de ir levá-la imediatamente, de avião.

Ribbentrop, que se acha num estado de evidente excitação eufórica, far-me-á uma longa exposição político-militar. Não obstante falar êle bem correntemente o francês, Schmidt, o intérprete, está presente para registrar a conversa e traduzir algumas das frases, que no ardor do discurso, o seu ministro pronuncia em alemão. Motivos recorrentes: os avanços fulminantes, o enorme número de prisioneiros e de armas, o génio militar do Führer, a vitória dentro de breve prazo. Uma vaga alusão à futura sistematização européia, que não consegui fazê-lo precisar senão na afirmação de uma incontestável supremacia da raça germânica e do triunfo do nacional-socialismo.

Tento fazer algumas ressalvas, mas conheço demais o meu interlocutor para aventurar-me numa discussão política que — além do mais — exorbitaria completamente do meu encargo de enviar a mensagem.

No fim da conversa, convidou-me para um pequeno passeio até à hora do almoço, fazendo-me acompanhar pelo chefe dos seus secretários, pois êle precisava dar uma olhadela aos últimos telegramas. Nesse ínterim, Hevel estaria de volta.

Durante o passeio, tenho ocasião de observar o trem: é composto de quinze carros. Dois são reservados para o ministro, que aí tem um apartamento particular, o seu escritório e quarto de dormir com banheiro anexo. Depois vários escritórios: a instalação dos telefones, dos serviços de rádio, a secção de cópias, onde se vêem, através das janelinhas, várias jovens diante das maquinas de escrever; as cômodas cabines-leito para todos os que se acham no trem; um elegante carro restaurante com cozinha anexa. Tudo calculado e previsto para que a ninguém falte comodidade e confôrto.

— Há absoluta necessidade disso — comenta o secretário de Ribbentrop — porque não se pode imaginar como o ministro é exigente, severo e meticuloso no desempenho das obrigações.

Durante o almôço, Ribbentrop me anuncia a iminência da queda de Dunkerque, e aproveita a oportunidade para continuar a falar de assuntos militares. Ouve-se, de repente, um longínquo ronco de avião. Ribbentrop lança um olhar preocupado e interrogador para um de seus ajudantes, o qual se levanta respeitosamente e anuncia ser o *Storchen* de Hevel. Trata-se de um aparêlho de recentíssima construção, com dois lugares, que pode decolar e aterrissar em pequeníssimo espaço e também em terreno não perfeitamente plano. Desenvolve uma velocidade reduzida, um máximo de 150 kms. por hora, mas serve òtimamente para a comunicação entre os generais comandantes de divisão para os deslocamentos rápidos junto às divisões dependentes. O aparêlho realiza uma ampla volta a pequena altura sôbre o trem; depois, com um lento mergulho levemente oblíquo e inclinado, aterrissa fàcilmente num pequeno prado vizinho ao trem. É um espetáculo verdadeiramente impressionante.

Hevel, galharda figura, de aspecto distinto e simpático, comunica haver entregado pessoalmente a mensagem ao Führer, que dará uma resposta dentro de algumas horas.

É no fim da tarde, estando eu já há tempo de volta à embaixada, que Ribbentrop me comunica, por telefone, a aprovação de Hitler, que transmito imediatamente a Roma.

No tarde do dia 10, von Ribbentrop aparece na embaixada para ouvir o discurso do Duce transmitido pelo rádio. A visita efetua-se de maneira pomposa e solene. Foram, com antecedência, instalados nas proximidades da embaixada alguns alto-falantes, colocados também nas principais ruas e praças da cidade. Após ouvir o discurso, que lhe ia sendo traduzido, manifestou o desejo de falar à multidão de italianos e alemães que se apinhara sob as sacadas.

Após as minhas breves palavras, pronuncia o seu discurso exaltando as vitórias do Eixo, findo o qual, retirou-se, contente. Havia soldado sòlidamente o primeiro elo da cadeia que devia ligar em tôrno, e para refôrço da Alemanha, todos os países satélites.

Capítulo IV

A MORTE DE ITALO BALBO

Lá pelo meio-dia de 29 de junho de 1940, Ciano me chamou ao telefone.

— Devo dar-lhe uma triste notícia. Italo Balbo morreu. Hoje de manhã, ao voltar de um vôo de reconhecimento, seu aparêlho foi, por um trágico equívoco, atingido pelas nossas baterias antiaéreas, que o tomaram por um incursor adversário, e precipitou-se nas proximidades de Tripoli.

Sua voz pareceu-me amargurada, e o seu pesar sincero. Agora que um dos seus rivais políticos, talvez o mais temido, desaparecera, Ciano, na instável contradição psicológica dos seus sentimentos, manifestava um profundo pesar, naquele momento, tanto mais sincero, porquanto êle julgava, perante si próprio, assim reparar de qualquer maneira as atitudes às vezes injustas que teve para com o marechal, provocadas por um ciúme que a paixão política tornava cada vez mais acerbo.

Balbo gozava de uma grande popularidade. Robusto, forte e quadrado, o rosto regular e enérgico, a que o pequeno bigode e a barbicha à mosqueteira davam um ar simpàticamente garboso, os olhos vivos, abertos, de expressão voluntariosa; caráter autoritário e cortês, severo e generoso, pronto e sensível, difundia em tôrno de si uma atmosfera de simpatia, e punha no seu trabalho uma nota pessoal de tenacidade e entusiasmo, que facilitava enormemente a realização dos seus planos e a si ligava por laços de fidelidade os homens que se achavam em contacto com êle e no círculo dos seus empreendimentos.

As suas excepcionais qualidades de animador e organizador revelaram-se em todos os setores. O primeiro cruzeiro atlântico, que encheu de admiração o mundo inteiro, e a sua obra de colonização, que fêz da Líbia uma colônia verdadeiramente modelar, permanecerão realizações que superam as vicissitudes da época, para serem consagradas à história. Tanto na Itália como no exterior, gozava de ampla notoriedade e de um prestígio um pouco legendário. Seu aspecto romântico e cavalheiresco suscitava o entusiasmo do elemento feminino.

Tudo isso excitava o natural ciúme de Ciano, que, pela própria posição e principalmente pelo seu parentesco com o Duce, se considerava, depois de Mussolini, a personagem mais importante e autorizada do regime.

Hàbilmente manobrado e instigado pelo secretário do partido, Starace, que sabia explorar-lhe os sentimentos menos nobres, a fim

de fazer dêle um aliado contra as personalidades que mais lhe pudessem causar sombra, Ciano torna-se com facilidade um adversário de Balbo. Formalmente, suas relações eram amigáveis; mas Ciano não deixava passar nenhuma oportunidade, para, nos círculos políticos e diplomáticos, junto ao sogro e nos salões romanos, diminuir a obra de Balbo; e fazia-o, geralmente, sem malícia nem astúcia.

Mussolini era, pelo contrário, muito hábil. Dotado de ilimitado ceticismo para com todos, o que, durante a crise matteottiana de 1924, lhe fizera dizer: " Se a santa mulher que foi minha mãe ressuscitasse, não acreditaria mais nem mesmo nela "; sabia mascarar os seus sentimentos com atitudes de indiferença. Por sua vez, Starace, de escassa cultura, grosseiro, na sua mentalidade que levava a seguir ùnicamente a via mais eficaz para ampliar cada vez mais a sua esfera de ação e de comando, descobrira o lado fraco de Mussolini — também êle desconfiado e ciumento — e disso se servira para tornar mal vistos aos olhos do Duce todos aquêles que gozavam de autoridade e prestígio, e perante os quais, Starace, que continuara sempre como um sub-oficial de tropa, se sentia em situação de inferioridade.

Conseqüentemente, os quadrúnviros, De Vecchi, De Bono, Balbo, eram, na opinião de Starace, meros balões inflados, ao passo que, Michele Bianchi, por estar morto e não representar mais nenhum perigo, tornava-se um grande homem, fidelíssimo ao Duce e ao fascismo, digno de eterno reconhecimento e contínuas honrarias.

Homens eminentes como Federzoni, Grandi, Bottai eram considerados simples arrivistas que era preciso manter sob suspeita e contrôle; figuras universais como D'Annunzio, Marconi, Pirandello, eram apenas tratadas com um mínimo de consideração; valorosos generais como Caviglia, Albricci, Grazioli, Badoglio, eram julgados elementos suspeitos por ser notòriamente fiéis à monarquia. Na opinião de Starace, todos êles eram gente que tivera a sua época e era preciso aposentar.

Nessa obra nem sempre oculta, destinada a diminuir e destruir a personalidade dos outros, Starace contava com a passiva cumplicidade de Ciano. Êste era inteligente, pronto e suficientemente culto; mas estragado pela excessiva rapidez de sua formatura e ascensão política, impregnava geralmente as suas atitudes de uma extrema leviandade e instabilidade. Assim como gostava de proteger os que considerava seus amigos, sabia ser muito duro para com aquêles que pudessem fazer sombra à sua ambição. Starace, que compreendera também o seu lado fraco, explorava-o em favor de seus fins, mas sempre procurando dar a impressão de que tal obra tinha o objetivo de estabelecer as devidas distâncias com relação ao Duce.

Mussolini, olhando do alto do seu isolamento, talvez percebesse os verdadeiros motivos dessa luta sorrateira e sem tréguas, mas deixa-

va correr as coisas, pois isso lisonjeava o seu amor próprio, e podia ser útil ao seu jôgo político. Na verdade, não se deixara influenciar além do necessário, e intervinha sòmente no momento oportuno, quando uma flechada bem lançada por Starace o fazia pensar que a autoridade ou a popularidade de qualquer personagem estava crescendo demais. Era um jôgo completo e sutil no qual Mussolini se julgava mestre.

Êle encorajou por todos os modos o cruzeiro atlântico, genial e magistralmente planejado e organizado por Balbo, porque nisso via um eficacíssimo elemento de propaganda universal a favor da Itália, do fascismo e de si próprio. Exigiu que se organizassem grandiosas manifestações de acolhimento pela volta de Balbo e seus companheiros de vôo que êle próprio foi receber, e quis que êles passassem sob o arco de Constantino. Mas assim que julgar perceber na atitude de Balbo algo de demasiado autoritário e independente, quando lhe chegaram aos ouvidos, hàbilmente deturpadas, certas frases que poderão soar como crítica a determinados métodos do fascismo e ao seu próprio chefe, Mussolini não hesitará em afastá-lo da Itália, de Roma sobretudo, para relegá-lo às colônias; e nomeá-lo-á governador da Líbia.

Balbo recebe em cheio o golpe duro e inesperado. O seu primeiro impulso é de reação, e declara aos amigos que não aceitará; retirar-se-á para a vida privada, à espera de sua hora. Mas alguns dentre os verdadeiramente fiéis e inteligentes exercem sôbre êle um trabalho de persuasão. Recusando, acabará por colocar a si próprio, à sua família e aos inúmeros amigos numa situação difícil e perigosa, ao passo que, se aceitar, haverá uma pausa de relativo sossêgo após um longo período tão movimentado e intenso através dos céus, o qual manteve em suspenso o coração de sua mulher e suas filhinhas. A colônia não representa a morte civil; Badoglio, Volpi, De Bono, De Vecchi também por lá passaram, e, além do mais, é boa norma para um homem político da sua envergadura afastar-se de vez em quando da vida política ativa e manter-se em reserva...

Balbo persuade-se, e, contra a vontade, se apresenta à visita de despedida ao Duce com atitude correta e gélida; mas Mussolini, como soía acontecer sempre que se propunha a conquistar alguém, italiano ou estrangeiro, trata-o com particular cordialidade e camaradagem, e Balbo, que era um homem sensível, e tinha por Mussolini sincera devoção e afeto, parte satisfeito.

A sua obra de governador de larga visão e extenso fôlego, ao mesmo tempo autoritária e humana, foi muito eficaz. Continuando as tradições de seus predecessores, particularmente de Volpi, que aí dei-

xara um traço duradouro, Balbo planejou e levou a cabo obras grandiosas. e, confirmando a tradição e a capacidade colonial da Itália, fêz da Líbia uma colônia verdadeiramente modelar, organizada e produtiva, um treqüentado centro turístico internacional.

Fui seu hóspede, quando, na Primavera de 1939, convidou o príncipe e a princesa do Piemonte. Dessa visita ficou-me uma recordação inapagável, pela completa fidalguia com que soube organizar todas as particularidades, fazendo que os ilustres hóspedes pudessem admirar as belezas desconhecidas da região e comprovar as suas poderosas realizações. Centenas e centenas de quilômetros foram percorridos em pleno deserto num cômodo autopullmann, sôbre estradas anteriormente inexistentes, ao longo das quais pequenos e graciosos hotéis, situados ao pé dos mais sugestivos oásis, permitiam instalar-nos confortàvelmente, e gozar a inenarrável fascinação das noites desérticas.

Entre as muitas recordações que me ficaram da visita, duas permaneceram gravadas na minha memória: uma noite passada no oásis de Gadamés, onde, numa atmosfera irreal, que o vivo perfume das flores e o intenso brilhar das estrêlas tornavam ainda mais sugestiva, assistimos a uma " fantasia " excepcional em honra da princesa; e uma festa noturna no grande jardim do palácio governamental. Êste último foi um espetáculo de incomparável beleza, em que a multicor e fantástica iluminação se refletia nos repuxos das fontes, os canteiros floridos e perfumados, os uniformes coloridos dos *zaptiè*, e os alvos mantos das sentinelas escalonadas ao longo das escadarias, as notas das pequenas orquestras ocultas entre as árvores, se fundiam numa harmoniosa cena digna das Mil e Uma Noites, e sôbre a qual triunfava a esbelta e elegante figura da princesa do Piemonte, envôlta num albornoz azul.

Voltei uma segunda vez à Líbia, em 1937, no séquito do Duce, que aceitara um insistente convite de Balbo, o qual desejava mostrar ao chefe do govêrno o trabalho por êle realizado. Mussolini ficou profundamente impressionado não só com o calor das grandiosas manifestações que o acolheram e acompanharam durante tôda a sua permanência, mas também pelas observações que pessoalmente pôde fazer. Pequenas aldeias haviam surgido, ligadas entre si por uma rêde de comunicações secundárias; imensas estradas abertas ao tráfego; escolas, hospitais, edifícios públicos, construídos segundo as modernas exigências; vastíssimas zonas áridas haviam sido beneficiadas, oferecendo magníficos e abundantes produtos. Os preparativos militares correspondiam a um plano orgânico atentamente estudado e convenientemente elaborado para a defesa e a ofensiva; as correntes migratórias, em pleno e crescente desenvolvimento, constituíam um canal de vasos comunicantes através do qual a vida da mãe-pátria afluía para

a colônia, irrigando-lhe os centros vitais, para depois voltar mais forte e vigorosa à metrópole.

Balbo dera aí nova demonstração das suas excepcionais capacidades construtivas, graças à sua obra assídua e inteligente, a autoridade do govêrno fazia-se profundamente sentir, e o prestígio da Itália era fortemente aumentado junto às populações que não deixaram de lhe manifestar a sua fidelidade e o seu reconhecimento.

Mussolini, no decorrer da visita, e quando voltou a Roma, não lhe poupou elogios públicos. Mas isso, em lugar de intimidar os adversários de Balbo, só contribuiu para excitar o seu velado despeito, fazendo que as facções palacianas se tornassem ainda mais agudas.

As relações entre Mussolini e Balbo tiveram, portanto, altos e baixos, sobretudo pelo fato de que os adversários dêste último, sempre sob a instigação do secretário do partido, Starace, aproveitando-se do afastamento do marechal do Ar, punham em circulação boatos tendenciosos, destinados a fazer crer que Trípoli se tinha transformado em centro de críticas e oposições, às quais não escapava nem sequer a pessoa do Duce. Balbo tinha, efetivamente, um espírito crítico: os contactos com personagens estrangeiras efetuados por ocasião de suas freqüentes viagens ao exterior, e que Mussolini não via com bons olhos; o afastamento, que lhe permitia ver nas suas justas proporções os homens e as coisas, os erros e os exageros do fascismo, davam ao seu caráter vivaz e expansivo, um pouco palrador, outros tantos argumentos e ocasiões para fazer discursos não de todo ortodoxos, e isso não só no restrito grupo de seus amigos e colaboradores, mas também com as pessoas que chegavam da capital.

Diante de certas providências concernentes à política interna e externa, à ordem econômica; diante de certas disposições draconianas do partido, a abolição do "Lei", do apêrto de mão, a imposição da saudação fascista e dos uniformes, Balbo reagia vivamente.

— Quando fôr a Roma, falarei claro ao Duce e obrigá-lo-ei a ouvir-me. Aquêles que julgam servi-lo com os seus formalismos estúpidos, não fazem senão traí-lo. Enfraquecem, com a sua intransigência inútil, a concatenação do fascismo, e afastam as massas populares, atraindo além disso o descrédito sôbre a Itália no exterior. É preciso que o Duce se convença disso e se decida a fazer uma limpeza geral.

Animado de tão orgulhosos e generosos propósitos, dirigia-se a Roma, entrava na grande sala de trabalho de Mussolini, de onde saía calmo, pacificado, satisfeito. A arte e o domínio de Mussolini haviam produzido o seu mágico efeito; voltava a Trípoli para lançar-se de novo, com entusiasmo, ao trabalho. Transcorriam três ou quatro meses relativamente tranqüilos; depois, as relações de novo se pertur-

bavam, até que uma viagem a Roma e uma visita ao Palácio Veneza recolocavam as coisas na devida ordem.

Às vêzes, a tensão atingia um grau muito elevado. Balbo organizara um vasto plano, aprovado pelo chefe do govêrno, e que visava transferir para a colônia numerosas famílias, que aí encontrariam uma instalação adequada em pequenas casas coloniais situadas no centro de vastas zonas beneficiadas.

Era uma maneira bastante eficaz de aliviar a desocupação na Itália e de contribuir para fertilizar aquêles territórios necessitados de braços. Tratava-se de uma ampla idéia de caráter social, concebida com inteligência e realidade com o característico espírito organizador, com o qual Balbo costumava levar a cabo os seus desígnios. Uma encenação preferìvelmente espetacular devia acompanhar a partida das famílias de suas aldeias de origem, a viagem em trens especiais, o embarque em grandes transatlânticos postos especialmente à disposição, a travessia marítima, a chegada a Tripoli.

Balbo convidara jornalistas italianos e estrangeiros; organizaram-se irradiações e recrutaram-se numerosos operadores cinematográficos para registrar o fato. O acontecimento teve grande repercussão, fazendo que mais de uma vez o nome de Balbo aparecesse vistosamente nos jornais italianos e estrangeiros. Os habituais zeladores do regime disso se aproveitaram para fazer notar a Mussolini que tão alto ressoar de fanfarras e tambores era absolutamente desproporcional, e que, afinal de contas, se Balbo conseguira realizar o seu programa, o mérito cabia em primeiro lugar a êle, Mussolini, cujo nome não fôra jamais mencionado...

A reação foi rápida e decisiva: Mussolini deu ordens à imprensa e à rádio para que não se ocupassem mais das vinte mil famílias que se transferiam para a colônia. E, de um dia para outro, não se falou mais nisso, como se areias movediças as tivessem engulido.

Balbo soube-o, e ficou gravemente ofendido, sendo as suas relações com Mussolini, durante muito tempo, formalmente interrompidas.

Balbo não gostava dos alemães; mas isso não o impedia de admirar as suas grandes qualidades de organização e método, e de manter freqüentes contactos com Goering. Ambos estavam ligados não só por um sentimento de camaradagem e solidariedade aviatória, mas também por uma sincera amizade. Assim que soube da notícia da morte de Balbo, que na própria Alemanha gozava de grande popularidade, Goering encarregou um de seus mais altos colaboradores de dirigir-se imediatamente à embaixada italiana, a fim de apresentar as suas mais sentidas condolências.

Para os solenes ofícios fúnebres, por mim mandados celebrar na catedral católica de Santa Edviges, Goering pôs à disposição os serviços do Ministério da Aeronáutica, a fim de que tudo transcorresse de maneira digna do grande desaparecido.

Na grande igreja paramentada de luto e ornamentada de flores, haviam comparecido o ministro Meissner, representando o Führer, inúmeros membros do govêrno, personalidades do partido, generais das várias armas, representações do exército, da marinha e da aviação; todo o corpo diplomático e grande multidão de italianos e alemães agrupados por trás dos estandartes das respectivas associações.

Poucos minutos antes do início da cerimônia fúnebre, Goering chegou seguido de um brilhante estado-maior. Estava sinceramente comovido, o que contrastava com a sua bela face rubicunda. Dirigiu-se sòzinho para diante do catafalco e tomou a posição de sentido, erguendo o bastão de marechal, ornado de pedrarias, (era um precioso presente de Balbo, maravilhoso trabalho mourisco de turquesas e filigrana de prata) à altura da viseira do boné. Após ter permanecido alguns instantes em comovido recolhimento, descobriu-se e veio para junto de mim.

A cerimônia, celebrada por S. E. Monsenhor César Orsenigo, Núncio Apostólico, desenvolveu-se numa atmosfera de recolhimento e austeridade. Imóveis e compungidos, os alemães, em maioria protestantes, assistiam ao desenrolar do grandioso cerimonial da igreja; ouviam, sem entender, as solenes implorações que ela pronuncia diante do féretro quer dos grandes quer dos pequenos fiéis seus, chamados ao tribunal de Deus.

À Elevação, a banda da Luftwaffe, oculta numa nave, atacou, primeiro pianíssimo, depois, em progressivo crescendo, a marcha fúnebre de Beethoven, para romper, finalmente, em fortíssimas sonoridades de poderosas trombetas, que ecoaram longamente pelas ogivas. Depois, as trombetas calaram-se, de repente, e ouviu-se apenas o lento salmodiar dos sacerdotes. A multidão continuava imóvel e silenciosa, quando o Núncio já sem paramentos se retirava, acompanhado pelo clero e os coroinhas.

Ao acompanhar Goering, à saída, êste, que seguira com particular atenção todo o desenrolar do cerimonial litúrgico, disse-me:

— Não consigo compreender como "aquêle padre", que levou um tempo enorme a vestir e a despir os seus trajes de cerimônia, não tenha encontrado uma maneira de pronunciar pelo menos uma vez o nome de Balbo.

Circularam imediatamente, também na Alemanha, vindos de Itália, rumores sutis mas insistentes acêrca da causa da tra-

gédia que — como era natural — pareceu misteriosa e incompreensível. (1).

Ao amanhecer, Balbo, que tinha o hábito de observar pessoalmente as situações que o premiam, partira para a fronteira em vôo de reconhecimento. A viagem fôra regular. Mas durante a volta, a bateria antiaérea do *San Marco,* ancorado no pôrto de Tobruk, avistando ao longe um avião — o de Balbo — e tendo-o tomado por um aparelho inimigo, abrira fogo contra o mesmo, atingindo-o e fazendo-o precipitar-se envôlto em chamas. Desejo criminoso ou fatal esquecimento ? Certamente, contra as mais elementares e obrigatórias normas, as estações de rádio da colônia, à falta de uma ordem precisa ou por uma inexplicável negligência, não assinalaram — valendo-se do código convencional — que o aparêlho do governador se achava em vôo, e não lhe haviam seguido rigorosamente a rota. Mas a hipótese de uma misteriosa ordem chegada de Roma, e sôbre a qual muito insistiram os chamados bem informados, não encontrou séria aceitação. Basta, de fato, deter-se e examinar friamente semelhante hipótese, para convencer-se de que não tem nenhuma base. Dadas as circunstâncias especiais, muitos elementos deveriam coincidir para que fôsse possível realizar tão criminosa tragédia.

A notícia da morte de Balbo, que se difundiu pelo mundo inteiro, chegou à tarde a Cervia, uma pequena e sorridente praia adriática próxima de Ravena, onde a mãe de Balbo — uma simpática figura de mamãe ainda forte, sob os cabelos encanecidos — costumava ir passar anualmente o Verão, cercada por uma porção de netinhos. Ao saber da desgraça, a população ficou consternada, porque conhecia o profundo e zeloso afeto que ligava mãe e filho. Tôda vez que Balbo chegava em rápido vôo da colônia, seu primeiro pensamento era correr a abraçar sua adorada mãe.

Um limitado grupo de amigos íntimos da casa de Balbo partira de Roma e de Ferrara, sua cidade natal, para levar devidamente a notícia à mãe do marechal. Gente do povo criara espontâneamente, em tôrno da casa, um cordão de cuidadosa vigilância, para evitar indiscrições prematuras; e as autoridades locais, sabendo que a senhora Balbo, sempre temerosa pela sorte do filho e ansiosa por notícias da guerra, costumava ouvir pelo rádio os boletins e as irradiações noturnas, mandaram cortar a corrente elétrica, como por fenômeno geral for-

---

(1) Quando escrevi estas linhas, não haviam ainda aparecido as importantes memórias que esclareceram êsse lutuoso episódio — tudo o que aqui se refere é pois apenas uma crônica. — Veja-se, por outro lado, como as minhas conclusões correspondiam à verdade.

túito, a fim de evitar que ela recebesse brutalmente e, com perigo da própria vida, a triste notícia.

A cidadezinha à beira-mar ficou assim algumas horas completamente às escuras, como se se cobrisse, de repente, de negro, para esconder a sua grande dor, num gesto espontâneo e tocante de piedade humana.

Capítulo V

EM COLÓQUIO COM HITLER DURANTE OS GRANDES ÊXITOS MILITARES

As localidades do "Grande Quartel-General" do Führer eram mantidas em rigoroso sigilo e cercadas de um halo de mistério, que fazia que as próprias palavras: Grande Quartel-General do Führer fôssem pronunciadas baixinho, em tom de respeito e consideração. Nunca ouvi sair da bôca do chefe do protocolo ou dos outros funcionários, que me acompanhavam até onde estava Hitler, o nome de lugar para o qual me dirigia. Podia talvez imaginá-lo, adivinhá-lo, sabê-lo por outras vias; mas todos aqueles que por motivos profissionais, militares ou civis, o conheciam, conservavam escrupulosamente o seu segrêdo. Raros eram os visitantes que ali compareciam, porque Hitler, quando precisava encontrar-se com algum chefe de estado ou de govêrno, preferia geralmente recebê-los em Berchtesgaden; e, mescansado e absorto, cujo rosto revelava uma expressão confusa de viagem, normalmente, compreendia trem, avião e automóvel.

Hitler envergara, desde o primeiro dia de guerra, o simples uniforme de campanha do partido nazista, declarando que não mais o despiria até à vitória final da guerra, abandonando ao mesmo tempo Berlim, para instalar-se no Grande Quartel-General.

Sob essa atitude exterior escondia-se, além de uma ostentação de camaradagem e solidariedade para com os combatentes, um motivo de segurança pessoal, e sobretudo o seu desejo de subtrair-se à série inevitável de compromissos, formalidades, visitas, audiências, manifestações, etc., a que, se permanecesse em Berlim, não podia deixar de submeter-se.

Durante o primeiro período da guerra, os Grandes Quartéis-Generais eram muito simples e, do ponto de vista dos alojamentos, rudimentares: quase sempre ao ar livre, atrás de uma colina, longe dos campos de aviação, dos grandes nós rodoviários e ferroviários, enfim, de tudo o que pudesse, embora de longe, guiar os aviões inimigos. Para maior garantia de defesa e segurança, os quartéis instalavam-se perto de um túnel, em cujas adjacências imediatas se encontravam dois carros-salões, com a locomotiva constantemente sob pressão, e para os quais, em caso de alarma aéreo, o chefe do terceiro Reich subiria imediatamente, procurando um seguro abrigo no túnel. Mas essa necessidade, pelo que me consta, jamais se verificou; os aviões inimigos nunca conseguiram identificar com precisão o local, embora o *Intelligence Service,* que na Alemanha trabalhava amplamente, tenha ob-

tido algumas informações genéricas. É preciso, aliás, não esquecer que a localidade era hàbilmente disfarçada, e que Himmler exigia que, após um certo período de tempo, o Führer se mudasse.

Foi por mera coincidência de vários elementos e circunstâncias que consegui perceber que o meu segundo encontro com Hitler — no início de julho de 1940 — ocorreu no meio da Floresta Negra, nas proximidades de Freudenstadt. De todo o Grande Quartel-General via-se apenas uma barraca de madeira; mas em tôda a volta, em escavações subterrâneas, havia uma enorme instalação de dependências e lugares onde Hitler vivia com seu séquito, cercado por três invisíveis cinturas ou cordões de segurança.

Saindo da barraquinha e percorrendo o caminho calçado de pedra para evitar que os pés afundassem na lama, Hitler veio ao meu encontro, acompanhado de Ribbentrop.

Trajava um simples uniforme marrom-claro do partido; túnica cruzada, atravessada pelo cinturão, era êle o único que não tinha no braço esquerdo a grande faixa vermelha com a cruz gamada; trazia perneiras, o boné enterrado até às orelhas e as luvas na mão. Acolheu-me cortêsmente, perguntou-me logo por Mussolini; depois renovou os seus pêsames pela morte de Balbo alguns dias antes. O contacto com Hitler deixou-me surpreendido. Julgava encontrar um Führer vivaz, satisfeito, eufórico, orgulhoso dos grandes êxitos obtidos pelos seus exércitos; mas encontrei, em lugar disso, um homem de aspecto cansado e absorto, cujo rosto, embora cuidadosamente barbeado e penteado, revelava uma expressão confusa de opressão, inquietude e preocupação, a nota de um sentimento impenetrável.

Com marcada cortesia de maneiras, introduziu-me, fazendo-me entrar em primeiro lugar na barraca, que a julgar pela excessiva simplicidade do mobiliário, não era por êle habitada, servindo ùnicamente para Hitler receber os seus generais. De fato, sôbre uma ampla mêsa, achavam-se desdobrados grandes mapas assinalando, com marcas de várias côres, o deslocamento das tropas e o andamento da frente; em volta, alguns bancos em que nos sentámos.

Como fórmula de introdução à entrevista por mim solicitada, exprimi-lhe, em nome do Duce, as renovadas felicitações de uso pelo vitorioso desenrolar das operações militares. Mas Hitler começou imediatamente a falar, como se tivesse necessidade de dar largas em voz alta a uma idéia e a um raciocínio que o dominavam.

— Apresentam-se agora diante de nós, — disse êle — um problema psicológico e outro militar. Foi sempre da minha tática lançar as responsabilidades sôbre os adversários. O discurso por mim feito, no dia 6 de outubro de 1939, muito serviu ao êxito vitorioso contra a França. As minhas afirmações de que o pacto germano-russo duraria muito tempo, as minhas propostas, embora vagas e imprecisas,

de reunir uma conferência européia para tentar chegar a um estatuto definitivo das nações do continente, as polêmicas de imprensa, que se seguiram entre Londres-Paris e Berlim, deram-me ótima oportunidade de fazer saber, duas semanas mais tarde, ao povo alemão e à opinião pública mundial, que, tendo os govêrnos das grandes democracias repelido as minhas propostas, a Alemanha não tinha mais nenhuma razão para contemporizar, apresentar novas propostas, falar, de qualquer maneira, de paz.

Contràriamente ao seu hábito de esgotar o tratamento de um assunto para depois fazer sinal ao intérprete Schmidt para traduzi-lo, interrompeu-se desta vez, em longas pausas, como para melhor procurar os argumentos capazes de defender a sua tese.

— A guerra aérea total é muito sanguinolenta, e por isso é preciso fazer que a população civil tenha a impressão de que se fêz tudo para evitá-la. Tal apresentação dos fatos reforça a opinião pública do país que age e enfraquece a do país atacado. Dado que nos encontremos num ponto morto da ação militar, é preciso empregar êsse período de tempo na preparação de um estado psicológico favorável. A guerra em França nos causou prejuízos e desfalques, principalmente no que diz respeito às divisões motorizadas e à aviação. Não é possível prover às necessárias reparações em França e, por isso, temos que fazer voltar essas divisões à Alemanha. Quanto à aviação, dentro de dez ou quinze dias, encontrar-se-á no mesmo estado de eficiência em que se achava a 15 de maio. É necessário, além disso, pôr em eficiência os postos franceses que devem servir de base de ataque contra a Inglaterra. Para tal, devemos transportar para a França uma enorme quantidade de armamentos, munições e outros materiais. Todo êsse imenso trabalho começou com a máxima rapidez, logo depois do armistício, e durará — como disse — dez ou quinze dias. O armistício com a França mudou muito a situação estratégica, porquanto marcou a separação desta última da Inglaterra. A Itália também tirou daí grande vantagem, sobretudo com relação à parte industrial do setentrião, que não ficará mais exposta aos ataques aéreos. O fim das hostilidades em França permite, por outro lado, à Itália, concentrar tôdas as suas fôrças contra a Inglaterra.

Encontro-me na melhor situação para perceber se as condições de armistício entre a Itália e a França foram sugeridas por Hitler ou livremente ditadas por Mussolini. Eu tivera sempre a nítida impressão de que houvera ùnicamente a interferência do senso de moderação de Mussolini, o qual percebia, perfeitamente, que de acôrdo com as tênues conquistas militares italianas, não se podiam impor condições exageradas. Aliás, êle, por um lado, não desejava criar obstáculos a Hitler nem prestar-se a aumentar proporcionalmente os seus apetites, e de outro, não queria prejudicar a possibilidade de um en-

tendimento pacífico e duradouro com a França. O acôrdo com esta última, várias vêzes tentado com Laval e com o próprio Blum, fôra sempre uma ardente aspiração de Mussolini, que, além de tudo, não escondia a si mesmo o perigo de uma invasão alemã ou eslava.

Hitler mo confirmou.

— O Duce foi muito prudente ao ditar as suas condições. A sua moderação absolutamente não compromete, antes facilita, a obtenção das aspirações italianas. Diga-se, de uma vez para sempre, que considero a satisfação das reivindicações italianas para com a França, como um compromisso de honra e como condição essencial para o estabelecimento das relações entre Alemanha e França.

Um momento de silêncio. Ribbentrop e Keitel que se acham presentes ouvem as palavras de seu chefe com grande atenção e leves acenos de aprovação.

De repente, a fisionomia de Hitler assume uma expressão de vivacidade.

— Estamos agora examinando — exclama vivamente — uma massa de documentos da maior importância encontrados em França. Há, entre outros, as anotações de todos os processos verbais do Supremo Conselho Interaliado, guardadas em caixas esquecidas numa estaçãozinha próxima de Paris, e de todos os documentos do general Gamelin com suas anotações pessoais, relativas aos preparativos e à orientação da guerra. Trata-se de cêrca de três mil documentos; e é um fato verdadeiramente incompreensível e absurdo por parte dos franco-inglêses deixá-los cair nas nossas mãos.

Ergue-se do banco para pegar um grande mapa político da Europa, que se achava no fundo da mesa, e, apontando com o dedo a Iugoslávia, declara que os documentos encontrados provam quão hostil à Itália fôra a política dêsse país. A Iugoslávia não escondia as suas aspirações à Dalmácia e à Veneza Júlia; esperava sòmente o momento oportuno. A própria Romênia também estava muito comprometida; e até mesmo a Grécia, a qual já dera aos aliados permissão para desembarcar em Salonica.

Mas naturalmente, agora, os citados países procuram apresentar-se com outra aparência aos olhos das potências do Eixo.

— E foi interessante e instrutivo — continua em tom polêmico — saber, com exatidão, que os franco-inglêses já tinham previsto a data para a colocação das minas nas águas territoriais norueguesas — 8 de abril; mas que não o fizeram porque os seus preparativos militares não estavam ainda em ordem. Além disso, os aliados haviam previsto um desembarque em Batum ou em Baku e tinham avançado tanto nesse projeto, que haviam pôsto ao corrente disso alguns membros do govêrno turco para estudar a possibilidade de empregar as fôrças da Turquia.

Outro momento de silêncio. Aproveito-o para recordar a Hitler — de acôrdo com uma determinada incumbência de Roma — o desejo de Mussolini de enviar uma larga representação de fôrças terrestres e aéreas italianas para participar das operações militares a fim de chegar mais ràpidamente a uma paz de compromisso. Êsse será, durante tôda a guerra, um dos pontos sôbre os quais Mussolini mais insistirá. Com o seu olhar, que se tornara de novo vago e ausente, Hitler fixa-me nos olhos, volve-se para Keitel, como pedindo auxílio para aquela resposta embaraçosa.

— Peço-lhe agradecer muito ao Duce, ao qual escreverei pessoalmente. Quanto a mim, não acho que seja por ora oportuno para a Itália retirar fôrças que poderão ser ùtilmente dirigidas noutro setor. O ataque foi metódica e minuciosamente preparado pelo estado-maior alemão com tropas preparadas e especializadas para êsse fim; o emprêgo de outras fôrças, no momento, poderia trazer, talvez, complicações.

O fato de mencionar o desembarque, que Hitler deixa prever iminente, dá-me ocasião de pô-lo a par da conversação por mim mantida, alguns dias antes, com o encarregado dos negócios dos Estados Unidos e da sua sucessiva visita para autorizar o govêrno de Washington a dar um passo na direção da Inglaterra, enquanto Ribbentrop me fixa sùbitamente, com seu olhar metálico, no qual ha uma nítida censura por ter eu informado o Führer acêrca de uma coisa que poderia ser muito importante, sem primeiro havê-la contado a êle, ministro do Exterior; Hitler ouve-me com atenção e, como se medisse as minhas palavras, respondeu:

— Refletirei, senhor embaixador, refletirei.

A conversa durou uma hora e um quarto, e julguei chegado o momento de despedir-me. Enquanto me acompanha até à porta, apresenta-se-me, durante os últimos cumprimentos, a oportunidade de perguntar-lhe qual o valor por êle dado, sob um ponto de vista internacional, ao recente passo do pontífice no sentido de uma tentativa de paz.

— Não lhe dou nenhum valor. Trata-se de dois mundos diferentes. O Papa segue o seu caminho e eu sigo o meu.

Mas nas suas palavras adivinhei mais uma vez um sentido inexplicável e apenas perceptível de incerteza e preocupação.

Alcancei, de automóvel, o aeroporto, próximo e irreconhecível em virtude da perfeita *camouflage,* de onde devia partir de novo para Berlim. A minha atenção foi atraída por um daqueles aparelhos *Storcher,* que, saídos pouco antes das oficinas germânicas, haviam obtido grande êxito na demonstração que deram de prestar ótimos serviços de comunicação.

Os poucos oficiais presentes no campo e os funcionários do protocolo que me haviam acompanhado, em face do meu vivo interêsse pelo novo aparêlho, propuseram-me fazer um rápido vôo. Aceitei de bom grado. O *Storcher* elevou-se com extrema facilidade, dentro de um limite de poucos metros de terreno, e começou a navegar no espaço, dando-me uma agradabilíssima e inédita sensação, em nada comparável à que se experimenta nos aparelhos de uso normal, onde o passageiro se sente como algo estranho e independente do próprio aparelho. Dessa vez, pelo contrário, tinha a impressão de que o *Storcher,* pequeno, ágil e leve fazia parte da minha própria pessoa. O barulho do motor era quase imperceptível. Voava-se a pequena altura — 150 metros — com uma velocidade reduzida, motivo pelo qual o olhar passava lentamente sôbre as coisas, permitindo-me assim a sensação do verdadeiro vôo, como se um fio invisível mantivesse suspenso o aparelho. Uma agradável sensação de leveza física mergulhava-me num estado de euforia e visível contentamento, que lisonjeava o pilôto, o qual fazia largas evoluções sôbre as árvores da floresta, que parecia poder alcançar com a mão.

— Mais ainda ?

— Sim, por favor — respondi sùbitamente, com uma alegria quase infantil.

O pilôto, um simpático e distinto oficial, falou-me confiante:

— Veja, senhor embaixador, em volta daquele ponto — e indicava a barraca onde se dera a entrevista com Hitler — foi escavada na terra uma série de instalações, aparelhamentos, ligações e comunicações, um grande quartel com cozinhas, telefones, alojamentos.

Na verdade, eu não via senão um espaçozinho ocupado pela barraca e o seu caminho de acesso, tudo cercado pela densa floresta verde-escura.

— Veja — continuou o pilôto — dali — e indicou novamente com a mão a barraca — o Führer governa tôda a Alemanha, parte da Europa, e pode falar fàcilmente ainda mesmo com o pôsto mais avançado da frente.

Enquanto vagava levemente no ar, que a tepidez do lindo dia estival tornava mais sugestivo e agradável, não podia absolutamente imaginar como, abaixo de mim, o chefe do grande Reich, o comandante dos exércitos vitoriosos que haviam debelado valorosas fôrças e vencido fortalezas inconquistáveis, aquêle que nesse momento enchia o mundo inteiro com a sua pessoa e os seus gestos, tivesse a si mesmo impôsto ou houvesse aceitado a tão dura e triste sorte de viver três metros abaixo da terra para daí governar tôda a Alemanha e parte da Europa. . .

Capítulo VI

CIANO EM BERLIM E EM VIENA

Já foi dito como antes de partir para Berlim, à falta de diretrizes governamentais — com exceção da recomendação genérica de fortalecer ao máximo os liames entre os dois países — eu insistira, também por via amigável junto a Ciano, a fim de saber, como se diz em íria diplomática, como lidar com os alemães. *"Regule-se pela temperatura"* fôra a sua resposta, lacônica mas expressiva.

Voltando àqueles dias — junho-julho de 1940 — é inegável que a temperatura eufórica era muito elevada. E mesmo aquêles que, hoje, após a derrota da Alemanha, declaram jamais ter acreditado na sua vitória, devem honestamente reconhecer que a enorme maioria da opinião pública mundial dos círculos militares, políticos e diplomáticos estava convencida de que a Alemanha conduziria rápida e vitoriosamente ao fim da guerra. Os surpreendentes êxitos da Wermacht, que a propaganda de Goebbels sabia magistralmente explorar na Alemanha e no exterior, haviam forjado a certeza da vitória. É êste, na verdade, um fato dificilmente contestável.

O próprio Ciano, não obstante a sua germanofobia, acreditou nisso. E, desejoso de reatar as suas relações pessoais com Hitler e Ribbentrop, e atenuar os atritos produzidos por suas atitudes frondistas, fêz-me reservadamente saber que, se fôsse oficialmente convidado pelos alemães, viria de boa vontade a Berlim. A coisa não se apresentava fácil, e procurei resolvê-la de longe, fazendo notar a oportunidade de que Ciano, valoroso combatente da guerra etiópica, pudesse visitar os campos de batalha.

De Ribbentrop partiu um convite oficial, que Ciano recebeu sòlìcitamente. Fiquei muito contente com isso, não só por haver correspondido a um manifesto desejo do meu ministro do Exterior, mas também porque contava valer-me da sua presença em Berlim para desenvolver um plano meu que me parecia muito interessante, no sentido de se encontrar uma possibilidade de solução para a guerra. Certo de que isso fizesse parte das intenções de Mussolini, embora êle, por motivos externos de conveniência e oportunidade política, não o manifestasse, procurei sempre realizar — como se verá tanto nêste capítulo como nos que se lhe seguem — um trabalho orientado no sentido de obter uma paz de compromisso, que evitasse o " dictat " germânico.

Em fins de junho, por ocasião de um colóquio com o encarregado dos negócios norte-americanos, manifestara a opinião, inteiramente

pessoal, de que o momento seria favorável à Inglaterra para entrar reservadamente em contacto com a Alemanha, no sentido de uma solução do conflito, antes que esta última efetuasse o desembarque, que naqueles dias parecia certo e iminente. Fizera êsse discurso, porque correspondia à minha convicção pessoal. Daí a poucos dias, o mesmo encarregado dos negócios norte-americanos pediu para ver-me com urgência. E, sem preâmbulos, perguntou-me, — e aqui reproduzo textualmente as palavras registradas pelo conselheiro no diário da Embaixada: " se eu estava disposto a confirmar o que lhe havia dito três dias antes. Caso o fizesse, o Departamento de Estado norte-americano se declarava disposto a agir junto ao govêrno inglês ". Embora achando a pergunta extraordinàriamente interessante e significativa, precisei evidentemente responder, o que aliás era a pura verdade, que, " durante a minha conversa com êle, eu fizera apenas observações pessoais, que não podiam de modo algum ser interpretadas como índices de diretrizes oficiais; e que, por isso, competia ao govêrno de Washington tomar, de acôrdo com suas próprias responsabilidades, as iniciativas que lhe parecessem oportunas".

No decorrer de sua visita a Berlim, Ciano foi recebido com grande pompa por Ribbentrop, que não conseguiu esconder a sua arrogância e dar uma expressão conveniente e discreta à sua vaidade e orgulho pelos êxitos militares, fato que perturbou imediatamente a sensibilidade do hóspede. Mas o acolhimento da população, as recepções, a consideração com que é tratado, a curiosidade por êle suscitada no povo berlinense, os colóquios com o Führer, deixam-no de bom humor; aproveito-me disso para falar-lhe do que me enche o coração. Mas encontro-o indiferente. Procuro insistir, dizendo que falei discretamente com Ribbentrop e Hitler; e acrescento que se o primeiro teve uma reação negativa e uma resposta dura: " havemos de ver a Inglaterra de joelhos ", o segundo me pareceu, pelo contrário, impressionado, dando a entender que refletiria no caso. Mas Ciano não se encontra num momento de receptividade. Durante a viagem, longa e fatigante pelos campos de batalha, terei mais uma vez ocasião de voltar ao assunto, mas êle o deixará perder-se, talvez receoso de, por suas atitudes anglófilas, tomar tal iniciativa.

Após uma sumária inspeção à linha Siegfried, nas proximidades de Saarbrücken, que conserva o seu aspecto normal, uma vez que, de fato, não foi teatro de nenhum combate, atravessa-se a chamada "terra de ninguém" para chegar à linha Maginot. Sôbre um estrado, um alto oficial do estado-maior alemão espera Ciano diante de um enorme mapa prêso numa moldura e apoiado em dois cavaletes. O oficial faz uma longa e pormenorizada explicação do desenrolar das opera-

ções militares, salientando o fato de que, conquistadas de surprêsa, algumas posições dominantes, todo o resto da linha caíra sem grandes batalhas, deixando nas mãos do alemães um avultado número de armas e prisioneiros.

Em Metz, encontramos uma atmosfera hostil e fria, que a curiosidade e os voluntários aplausos da habitual centena de desocupados e aventureiros não conseguem aquecer. Os ânimos se distendem durante um delicioso almoço servido num antigo e famoso restaurante, para isso contribuindo os vinhos prelibados, copiosamente servidos, e a que fazem honra, sobretudo, os alemães. Mas uma inesperada sensação de gêlo se espalha entre os convidados quando, à sobremesa, um dos oficiais italianos chama ingênuamente a atenção dos comensais para o invólucro dos finíssimos biscoitos servidos com o sorvete, e sôbre os quais estava impresso: *"Ne me brutalisez pas"*!

Através de Verdum e Lille, chegamos a Dunkerque. Aqui, os vestígios da luta recente aparecem em tôda a sua violência. Por quilômetros e quilômetros a terra acha-se revolvida pelos tiros da artilharia, pelo apressado deslocamento sucessivo das trincheiras de emergência; e não se pode imaginar a longa fila de canhões, carros de assalto, autocaminhões, automóveis, carros de transporte abandonados, destruídos, queimados, retorcidos, destripados. É evidente o esfôrço para conter e retardar ao máximo possível o avanço dos alemães a fim de fazer que as tropas alcançassem a costa inglêsa. O pôrto e as adjacências, casas, edifícios, docas, está tudo em completa ruína; afloram à superfície das águas as carcaças de inúmeros navios de guerra e os esqueletos das mais variadas embarcações. Êsse espetáculo triste e macabro, que contrasta com o esplendor do dia estival, estende-se por alguns quilômetros ao longo da praia sorridente, sôbre a qual se exibem sugestivos agrupamentos de casas, poupadas pela guerra. Os habitantes dessas pequenas estações balneárias contam — mas só a nós, italianos — que o embarque e a travessia do canal, que durou alguns dias e algumas noites, sob a proteção das tropas de cobertura, foi uma admirável prova de organização, heroísmo, sacrifício e solidariedade.

Uma frota jamais vista de batelões de tôdas as formas e tamanhos, embarcações novas resplandecentes ou velhos resíduos de arsenais, naves de guerra e barcos de pesca, baleeiras, dragas, chatas a motor, iates, tudo enfim, que, de qualquer maneira pudesse servir de transporte sôbre a água, uma improvisada e milagrosa armada guiada e comandada por uma numerosa fileira de inglêses de tôdas as idades e classes sociais, caminhando, durante dez noites, para trás e para a frente, entre Dunkerque e Ramsgate, conseguiu transportar cêrca de 350 mil dos 500 mil soldados sitiados, enquanto as tropas de retaguarda, combatendo valorosamente, continham o avanço alemão.

Sob o intenso bombardeio inimigo de artilharia de costa e aérea, na noite escura, apenas riscada pelos clarões dos incêndios de Dunkerque, entre a explosão das minas abandonadas, o embarque efetuava-se de maneira ordenada e milagrosa. Ao comando dos oficiais, filas sucessivas de soldados saíam das dunas compreendidas no longo pedaço de praia entre Nieuport e La Panne e avançavam ordenadamente mar a dentro, até à cabeça. À medida que os homens da primeira fila subiam nas embarcações, avançavam os da segunda, da terceira, da quarta, que tinham a água respectivamente, pelos ombros, pela cintura, pelos joelhos, pelos tornozêlos.

Os habitantes franceses que ali permaneceram após os combates declaravam — e os próprios oficiais, aliás, o reconheciam — que a evacuação das tropas franco-inglêsas fôra uma emprêsa digna de legenda.

Durante a viagem de volta, atravessamos Bruges, onde o longo cortejo dos automóveis parou na praça central de sonhadora arquitetura medieval, faceira com suas sacadas floridas, canto de paz que parece amedrontado e desorientado pela presença de tantos uniformes militares.

Ciano ficou satisfeito com a sua viagem, durante a qual não renunciou — segundo o seu costume — a fazer comentários, que foram diversamente interpretados pelos alemães. Com o ar de quem está muito bem informado também acêrca de coisas militares, declarou, uma porção de vêzes, que aquilo não fôra uma batalha, mas simplesmente uma fuga.

Cedendo a um insistente convite de Ribbentrop, Ciano concordara de bom grado em assistir ao discurso que Hitler pronunciaria por aquêles dias, e pelo qual reinava enorme expectativa, justificada pelo fato de ser a primeira vez que Hitler falaria após o início da vitoriosa ofensiva. A data era ainda desconhecida, em primeiro lugar porque, por intuitivas razões de segurança, era mantida em segrêdo até ao último momento; em segundo lugar, porque Hitler, que não tinha nenhum método de trabalho e obedecia sòmente aos seus impulsos e às suas inspirações, chegava geralmente até ao dia que precedia o fixado para o discurso, sem haver ditado um só período. Isso acarretava conseqüentemente sucessivos adiamentos, criando tensão e angústia nos serviços de segurança, organizados, em semelhantes ocasiões, de maneira imponente.

Sabia-se do acontecimento pelo fato de um restrito número de jornalistas estrangeiros ficar isolado durante doze horas no Hotel Adlon, onde podia ver o texto do discurso e dêle fazer um farto resumo para os seus serviços jornalísticos. Além da severa censura, que

impediria qualquer indiscrição, empenhavam-se os mesmos, sob palavra de honra, a não se servir do texto do discurso senão depois que êle fôsse pronunciado. E os alemães não brincavam.

Ciano, que partira para Roma, voltou a Berlim quatro dias mais tarde. Quebrara-se o gêlo e êle demonstrava o seu agrado por essas viagens à Alemanha, sobretudo pela repercussão mundial que provocavam.

É sabido que, após o incêndio do Reichstag, as cadeiras do parlamento se encontravam no teatro do *Krolloper,* adaptado para a ocasião, resultando daí uma encenação ainda mais espetacular para a manifestação. Não era possível redimir o péssimo gôsto da sala decorada naquele estilo de funérea e pomposa solenidade tão difundido entre 1900 e 1910, época da construção do teatro, mas a decoração ocasional esforçava-se por mascarar essas falhas e simbolizar os novos temas heróicos.

O fundo do palco — onde em três planos diferentes se acham instaladas as tribunas do govêrno, do presidente da assembléia e do orador — aparece dominado por uma imensa águia de ouro com as asas rìgidamente distendidas sôbre o pano vermelho. Nas tribunas defronte ao palco, o corpo diplomático; na da direita, os oficiais generais das várias armas; na da esquerda, jornalistas, altos funcionários, limitado número de convidados; na platéia, os deputados, em uniforme do partido.

Quando Ciano entra na sala, já cheia, há um momento de visível curiosidade; sento-me ao lado dêle no centro da tribuna do corpo diplomático que se acha completo.

Os ministros entram em vários grupos; dois minutos antes das 19 horas, entra Goering, recebido por calorosos aplausos, sobe a escadinha e senta-se na cadeira presidencial. Envergava um belíssimo uniforme de delicada côr, entre o malva e o cinza-pérola; tem um ar satisfeito e olha em tôrno de si, retribuindo, com amigáveis inclinações de cabeça, os cumprimentos que lhe dirigem os seus amigos mais íntimos.

Às 19 em ponto entra Hitler, precedido e seguido dos seus ajudantes. O público põe-se de pé, enquanto a sala ecoa de " Heil Hitler " e de grandes aplausos que partem sobretudo da platéia. Discreto no uniforme do partido, levando a mão à altura do ombro numa saudação muito longe de ser correta e regulamentar, dirige-se para o seu lugar, o primeiro à direita, à mesa do govêrno. Senta-se, inclina levemente a cabeça sôbre o peito, com as mãos cruzadas sôbre a mesa, e assim fica, distraído e quase ausente, durante o breve e inflamado discurso de saudação que lhe é dirigido por Goering, entre os aplausos delirantes da assembléia. Depois, sobe lentamente à tribuna e toma das mãos de Dietrich as fôlhas do discurso que coloca cuidadosamente em cima da mesa; fixa as mãos nos bordos da estante, dirige um olhar à

assembléia, envôlta em religioso silêncio. "Meine Kameraden"! começa a falar, num tom obscuro e modesto; depois, a sua voz se eleva, tornando-se, aos poucos, cada vez mais áspera e mais forte, dominando o auditório com o seu particular poder sugestivo. O nome da Alemanha volta freqüentemente, como um refrão, alternado com algumas palavras preferidas: nacional-socialismo, fanatismo, sacrifício, etc. Pessoalmente, acho que grande parte do efeito oratório é anulado pelo fato de êle ler atentamente o discurso, o que o obriga a manter os olhos sôbre o texto. Só de vez em quando, nos pontos mais importantes e nos momentos de maior calor, ergue o olhar para a assembléia, acompanhando as palavras com visíveis gestos das mãos. É inútil resumir e comentar o discurso longo, excessivamente longo, como todos os discursos de Hitler. A parte pòlìticamente mais interessante foi um convite à Inglaterra para uma solução pacífica do conflicto. Enquanto êle desenvolvia êsse tema, inclinei-me para Ciano e lembrei-lhe — com uma palavra — a *démarche* do encarregado dos negócios norte-americanos. Mas êle acenou negativamente; e mais tarde explicará a sua convicção de que a oferta de paz fôra feita por Hitler na certeza de que a Inglaterra não a aceitaria, e que, portanto, perante a opinião pública mundial, a Alemanha teria assim uma justificação para continuar a guerra.

Do ponto de vista humano, o momento mais interessante foi quando — após ter amplamente explicado os êxitos militares e exaltado o valor do soldado — proclamou marechais alguns generais que se achavam presentes na tribuna dos altos oficiais do exército. Dirigindo-se a cada um dos eleitos, que se punha de pé, tomando a rígida posição de sentido, Hitler celebrava ràpidamente o seu comportamento heróico, associado ao nome das mais gloriosas emprêsas, e concluía dizendo: "Proclamo-o Marechal do exército do III.º Reich", enquanto a assembléia prorrompia em intensos aplausos.

No fim do discurso, que termina com a infalível expressão de certeza na vitória, e com a habitual invocação da Providência sôbre os destinos do povo alemão, Hitler deixa a tribuna, desce a escadinha e volta para o seu lugar. Por entre as aclamações que se renovam num ritmo incessante, retoma a sua posição anterior, da qual não sai, nem mesmo quando Goering, em nome da assembléia, lhe dirige uma comovida e vibrante saudação de fidelidade e reconhecimento. Permanece ausente, distante, inatingível.

Ciano voltou à Alemanha alguns dias mais tarde, para encontrar-se em Viena com Ribbentrop, a fim de resolver a contenda húngaro-romena, que havia criado uma perigosa tensão entre as duas nações. As sucessivas intervenções dos govêrnos italiano e alemão foram em vão, e sem resultado fôra o encontro entre delegados húngaros e romenos

sob proposta do Eixo, em Turnu Severin, em meados de agôsto. Hitler não se interessava muito pela maneira com que se poderia resolver a contenda; para êle, urgia, sobretudo, que a paz não fôsse perturbada nos Balcãs, e o petróleo romeno continuasse a alimentar os reservatórios alemães. Mussolini, por sua vez, todo preocupado com os preparativos de ataque contra o Egito, desinteressava-se pelo problema, limitando-se a recordar a Ciano, já de partida para Viena, que êle, Mussolini, fôra o primeiro partidário da necessidade de revisão do Tratado do Trianon, que havia mutilado a Hungria.

Ciano e Ribbentrop, verificando que os dois ministros do Exterior, romeno e húngaro, Cyaki e Manoilescu, convocados em Viena, permaneciam inabaláveis nas suas respectivas posições, propuseram aos contendentes resolver a questão por arbitramento; " tendo-se bem presente — frisou Ribbentrop, com palavras duras e ameaçadoras — que em caso de recusa, a responsabilidade das conseqüencias recairia sôbre o país que tivesse recusado ". Concordando — não sem dificuldade — em entregar a questão aos árbitros, Ribbentrop apresentou a Ciano a solução já preparada no Ministério, segundo ordens que êle, intérprete das diretrizes do Führer, dera; e Ciano aí apenas introduziu algumas leves modificações, numa tentativa de atenuar a extrema severidade do julgamento com relação à Romênia, que acabou por ser a vítima dêsse chamado arbitramento.

A breve estada de Ciano em Viena terminou com uma visita à " Hispanische Schule ", a famosa escola de equitação, que constituíra um dos orgulhos e atrações da capital habsbúrgica. Completamente abandonada durante o intermédio do após-guerra, encerrada em si mesma e mal conhecida, aos poucos se reerguera, e, agora, o governador de Viena, que gostava de fazer-se chamar Baldur von Schirach, procurara restabelecê-la. Alguns cadetes haviam sido chamados a aprender, com os antigos oficiais, os recônditos segrêdos da mais severa "alta escola ", dispensavam-se todos os cuidados aos antigos cavalos, os magníficos "Lipizzani", iguais aos que haviam volteado diante do imperador, e procurara-se rejuvenescer a raça por meio de novos puro-sangues árabes.

A liça — mais parecida com um salão de côrte que com um lugar de exibições equestres — apresentava-se triste e fria com as frisas e os seus belos camarotes barrocos vazios; silenciosos no seu uniforme setecentista, os cavaleiros faziam as dóceis cavalgaduras executar os mais difíceis exercícios. Ágeis, harmoniosos, impecàvelmente conduzidos, os cavalos efetuavam as suas evoluções quase num passo de dança, ritmado pela voz estrídula de um alto-falante. As personagens, que assistiam à exibição, foram finalmente sentar-se no camarote cen-

tral, grande como uma sala; ardia na lareira um fogo agradável, serviram-se refrescos, e, assim que todos se haviam sentado em tôrno da mesinha, surgiram pelas duas vias de acesso ao picadeiro, sem interromper o galope "ramassé", os cavalos brancos; e, um por um, todos êles executaram uma volta em tôrno da mesa e dos presentes estupefatos; as alvas crinas e as longas caudas esvoaçavam pertinho do rosto dos espectadores, e no exercício ritmado viam-se os músculos do peito e das ancas distender-se e relaxar-se; os cascos ressoavam no assoalho; ràpidamente desapareceram, tal como haviam surgidos, singular visão do Walhalla.

Capítulo VII

PREPARA-SE A "MALA DIPLOMÁTICA"

Geralmente quando a gente ouve falar de embaixador, embaixada, ou de atividade diplomática, só vê os bordados dos uniformes de parada, a chapa C. D. do automóvel — sinal de ambição de todos os míseros mortais! — a misteriosa mala diplomática que viaja nos grandes trens internacionais, os encontros com altas personagens e as recepções mundanas.

À minha chegada a Berlim, a situação era bem diversa e não se apresentava nada brilhante. No espaço de poucos dias, via-me pular do ambiente de sossegada fidalguia da embaixada junto à Santa Sé, para um lugar de múltipla atividade, no ritmo de um trabalho turbilhonante e fatalmente desordenado. A pressão dos acontecimentos militares exigiria a minha contínua presença na Chancelaria, para responder aos insistentes pedidos de notícias de Roma e estar em contacto com os meus colaboradores. Era, entretanto, obrigado a deslocar-me freqüentemente até aos longínquos quartéis-generais onde residiam os mais altos colaboradores do Führer; tinha que fazer as inúmeras visitas obrigatórias aos chefes de missão, e atender aos incessantes pedidos de audiência por parte de italianos e alemães. Para tornar ainda mais pesado e fatigante o meu trabalho, contribuía o fato de encontrar-me com um grupo de colaboradores absolutamente novo. Contràriamente ao costume tradicional, pelo qual todo embaixador, que dirige a uma sede, leva consigo uma equipe de funcionários, eu não levara ninguém, pretendendo com isso demonstrar a minha confiança junto aos funcionários que iria encontrar, e respeito pelo meu predecessor Attolico, ao qual me sentia ligado por elevada consideração e sincera amizade.

Nesse período, a embaixada viu aumentar enormemente o seu pessoal; se os funcionários pertencentes à administração dos Negócios Estrangeiros foram progressivamente levados a um máximo de doze — aliás, seja dito de passagem, não quis jamais fazer pedidos nominativos, aceitando sempre e de bom grado as designações do Ministério — o número dos colaboradores que, direta ou indiretamente, reentrava no âmbito da embaixada, assumia, pelo contrário, proporções preocupantes contra as quais resultavam vãs quaisquer tentativas de resistência. Estava-se no tempo em que qualquer missão ou encargo em Berlim eram particularmente ambicionados.

A respeito do crescimento da embaixada, observei que, se se justificavam a ampliação dos escritórios dos adidos militares, ocasionado

pelas exigências da guerra, e o aumento do quadro do seu pessoal, e que a delegação do comissariado para a emigração seguisse a mesma sorte, em função da presença de 300.000 trabalhadores italianos na Alemanha, não se explicava a instalação dos muitos escritórios das várias confederações, do *Dopolavoro*, assim como os numerosos observatórios sociais e econômicos. Mas, repito, era inútil opor-se. Pràticamente, cada ministério tinha a sua representação em Berlim, e, naturalmente, junto à embaixada, a qual assim ia aumentando cada vez mais além do necessário, fenômeno êsse, aliás, comum a tôdas as outras representações diplomáticas em Berlim.

Havia, além disso, o afluxo incessante de missões e delegações — como naturalmente gostavam de definir-se — de todo o gênero e caráter: militares, econômicas, industriais de tôdas as categorias, vários ramos comerciais, artísticos, científicos, culturais, esportivos... Quase tôdas as manhãs, o direto que chegava às onze, do Brenner, despejava em Berlim um bom número de italianos, que, naturalmente, tomavam logo o caminho da embaixada. Não se deve esquecer que uma viagem à Alemanha era insistentemente procurada por todos. Havia, é verdade, o perigo dos bombardeios, mas havia também, em compensação, a possibilidade de fazer, de volta à Itália, descrições vivas e apreciações inéditas acêrca das operações militares e da situação interna aliada: e isso, subentende-se, baseado nas informações obtidas com o porteiro do hotel e com a Kellerin do restaurante, ambos oportunamente instruídos pela Gestapo.

As instruções por mim distribuídas eram de receber cortêsmente todos os que vinham da Itália, e eu próprio dava o exemplo, convidando largamente para a minha mesa tôda a classe de pessoas, não só por um sentimento de dever de hospitalidade para com os conterrâneos, mas também por causa das crescentes limitações que tornavam pràticamente impossível, na Alemanha, ou pelo menos muito dificilmente a um forasteiro satisfazer o seu apetite num restaurante. Uma refeição simples, caseira, à mêsa do embaixador, constituía portanto um precioso presente. Foi assim que, durante três anos, em tôrno da minha mêsa, durante tôda a minha permanência em Berlim, sucederam-se, incessantemente, milhares de hóspedes: ministros, generais, altos funcionários e oficiais, políticos, industriais, profissionais, artistas, comerciantes, banqueiros, cientistas, professores, estudantes, jornalistas, esportistas. Gente de tôdas as idades e condições sociais, cada qual trazia na conversação, ao lado do reflexo inconfundível do temperamento italiano, a contribuição da própria experiência e a característica de própria personalidade; podia assim acontecer, no decorrer de uma semana, sentar-me diante de um célebre professor, ou de um ilustre químico, do maior criador de cavalos ou do inventor de novos te-

cidos, ou mesmo de um pequeno grupo de rapazes premiados com uma viagem pela classificação obtida nos estudos ou no esporte.

Lembro a êsse respeito, de um divertido almôço, de que participou um pugilista italiano, então campeão de pêso pesado, que viera a Berlim para um encontro com o campeão alemão. A luta, que se desenrolou diante de um público imenso, fôra árdua e encarniçada. O alemão era uma verdadeira rocha, mas o italiano, mais inteligente e ágil, venceu-o por pontos, e por pouco a luta não continuou entre os espectadores italianos e alemães. No dia seguinte, convidei o próprio pugilista com os seus treinadores e o *manager*, à embaixada; durante o almôço, no calor da discussão relativa às fases da luta vitoriosa, o jovem ergueu-se duas ou três vêzes da mesa, para fazer uma demonstração da maneira que lhe permitira pregar um bom direto no seu terrível competidor !

— Senhor Embaixador — disse-me um dia o porteiro da Embaixada, que aí servia há muitos anos, e com o qual eu gostava, de vez em quando, de entreter-me a conversar para ouvi-lo discorrer sôbre as suas observações e as suas lembranças dos tempos passados — Senhor Embaixador, mas isto é um verdadeiro " pôrto de mar " !

A fim de evitar que essa espécie de continuo carrossel em tôrno da embaixada e essa pressão externa não lhe comprometessem o trabalho essencial e efetivo, organizara a atividade dos escritórios através de um funcionamento regular e metódico, por mim próprio controlado.

Todas as manhãs, às dez horas em ponto, chamava para junto de mim o ministro, o conselheiro, os seis ou sete secretários mais velhos, o adido da imprensa, para ouvir os seus relatórios; e cada um dêles falava sôbre as questões da sua alçada, as informações recebidas, as notícias recolhidas. Eu, então, resumia a situação e fornecia as diretrizes.

Um dos objetivos mais complexos e delicados era o das informações. Para isso, encarregara cada funcionário de manter sob atenta observação uma embaixada e uma legação estrangeira, estabelecendo com os seus membros estreitas relações de amizade, de maneira a fazer que através de confidências e indiscrições eu pudesse estar a par das suas opiniões, previsões e apreciações. Outros funcionários mantinham a ligação com os ministérios, as organizações das S. S. e o partido. Era um trabalho sútil, paciente, fragmentário, que me permitia ter uma visão de conjunto, controlar — confrontando-as — as várias notícias, e achar a maneira de obter alguma informação importante; conseguir o material para a mala diplomática que partia diàriamente.

Êsse sistema demonstrou-se utilíssimo; era aliás o único meio para tentar superar o hermetismo alemão. O segrêdo era a base da rígida disciplina de guerra; Hitler dêle fizera um dos dogmas fundamentais, o que lhe permitia manobrar livremente induzindo em êrro a opinião pública internacional; permitia-lhe agir de surprêsa e fazer bom jôgo no *bluff* a que freqüentemente recorria. Só os seus colaboradores mais diretos e próximos eram por êle mantidos ao corrente dos seus planos. Todos os outros, embora investidos das mais altas responsabilidades no govêrno ou no exército, recebiam ordens sob o vínculo do mais absoluto segrêdo. Quem deixasse escapar uma palavra, uma pequena indiscrição, incorria em gravíssimas penas, como acontecera a Bohemar, diretor do Ministério de Propaganda, demitido do seu cargo e obrigado a ir combater e morrer no primeira linha; e a Scelia, alto funcionário do Ministério do Exterior, condenado à pena capital.

Essa cadeia de intransponível mutismo erguia-se também diante de nós italianos, que éramos considerados gente leviana e tagarela, incapaz de guardar um segrêdo. Certa personagem alemã, colocada em plano elevado, não deixou de mo dizer claramente, num momento de confiança.

Era por conseguinte — como já disse — extremamente difícil a busca de uma informação séria e fidedigna, tendo-se sobretudo em conta que o ministro von Ribbentrop desde o início da guerra abandonara Berlim pelo *Quartel de Campanha* situado nas proximidades do *Grande Quartel-General* do Führer, e que, portanto, todo e qualquer contacto com êle exigia uma viagem especial e revestia-se da importância de uma *démarche* oficial.

Uma vez que sempre considerei a atitude de uma embaixada e o trabalho do próprio embaixador como o resultado de uma atividade e de uma colaboração comuns, para as quais todos os funcionários, mesmos os mais jovens secretários devem contribuir, entregava a cada um dêles o estudo e o tratamento de um determinado problema ou de uma situação particular, que desejava fôssem aprofundados, documentando-os com dados e notícias, a fim de obter assim material do qual me servisse para a confecção dos relatórios por mim enviados ao govêrno de Roma.

Nas segundas-feiras, a habitual reunião das dez estendia-se a todos os colaboradores, que tinham a responsabilidade de um setor de trabalho ou de um serviço: cêrca de vinte. Duas vêzes por semana — segunda e quinta-feira — às onze, ouvia os relatórios dos adidos militares.

Eram reuniões de alto interêsse e grande utilidade, pois nelas se examinava a fundo o desenvolvimento das operações militares alemãs, faziam-se previsões, faziam-se acordos acêrca da oportunidade

de uma intervenção minha na sede política, junto à Wilhelmstrasse, a fim de facilitar o acolhimento dos pedidos feitos pelo estado-maior italiano na sede militar alemã, onde encontrávamos quase sempre grandes dificuldades e obstáculos. Tais reuniões, além de contribuírem para manter uma atmosfera de cordial colaboração com os adidos militares, evidenciavam-se muito oportunas, como o confirmou a carta que aqui reproduzimos de S. Exa. o general Marras, oficial inteligente, culto, preparado, que soube sempre manter uma atitude muito digna e independente para com os alemães.

Quanto ao que se referia mais estritamente ao encargo diplomático, eu mantinha pessoalmente os contactos com a Wilhelmstrasse e não deixava de me encontrar periòdicamente com os colegas chefes de missão. Mantinha freqüentes e cordiais relações com o Núncio Apostólico, S. E. Monsenhor Orsenigo, renovando no obséquio protocolar uma antiga e familiar amizade. Prelado de elevadíssimos dotes de mente e de coração, finíssimo e austero diplomata, vivia cercado de unânime simpatia e profundo respeito. Trocávamos freqüentes visitas, e não poucas vêzes tive a felicidade de conseguir auxiliar a sua obra já então extremamente delicada e difícil não só pelo ambiente em que se desenvolvia, mas também porque, em razão do sucessivo desabar de fronteiras, o raio da sua ação passava a investir sôbre grande parte dos países ocupados pelo III.° Reich.

A fim de que o contacto entre o centro e a periferia fôsse estreito, contínuo e operante, convocava periòdicamente em Berlim os titulares dos consulados italianos na Alemanha: cêrca de vinte e cinco.

Atribuía muita importância a essas reuniões, que duravam pelo menos dois ou três dias, durante as quais cada um dos cônsules fazia uma exposição sôbre a situação relativa à sua jurisdição, denunciava inconvenientes, apresentava propostas. Através de notícias fragmentárias e às vêzes contrastantes, podia-se assim reconstituir uma visão de conjunto correspondente à realidade, e que servia de orientação a todos, como linha de conduta e norma de linguagem.

Pedia, em suma, aos funcionários, uma ampla e convicta colaboração no cumprimento da complexa e delicada tarefa que nos fôra confiada; assim como desejava que a sua vida particular correspondesse à seriedade do momento.

Numa ordem do dia distribuída a todos os funcionários diplomáticos e consulares, precisava que o teor da vida privada devia inspirar-se no senso de austeridade impôsto a tôda a nação em guerra. " A posição do funcionário diplomático e consular não pode ser hoje considerada, em nenhum sentido, uma posição de especial privilégio em comparação com a generalidade dos cidadãos do seu país ".

Para com os alemães, recomendava uma atitude amistosa, mas digna e reservada, a fim de evitar, como já acontecera, que qualquer palavra imprudente, alterada ou mal interpretada, desse lugar a maledicências, que pudessem comprometer o trabalho mais essencial. Essa extrema reserva impusera-me eu também para com os meus próprios colaboradores, e isso por razões intuitivas. Aliás, o fato correspondia a diretrizes precisas, distribuídas pelo próprio chefe do pessoal junto ao Ministério do Exterior. Quando êle, por questões de ofício, ia a Berlim, convidava-o a participar do trabalho da embaixada e a presenciar as nossas reuniões. Durante uma delas, fêz as seguintes declarações, que reproduzo textualmente do diário da embaixada, escrupulosamente mantido pelo conselheiro e um secretário:

Embora neste momento os destinos da guerra possam não ser completamente favoráveis ao Eixo, é absolutamente necessário que os senhores funcionários da Real Embaixada, cujos atos e palavras são sempre acompanhados com a máxima atenção, observem sempre a mais ortodoxa linha de conduta. Uma palavra de dúvida ou de ceticismo, por parte de um dos funcionários da Real Embaixada, bastaria para comprometer tôda uma atitude adotada por decisões superiores.

Devo reconhecer que na chancelaria não era um chefe camarada, pois exigia precisão, ordem, clareza, pontualidade. Empenhei-me, entretanto, por tôdas as maneiras, no sentido de criar e manter na embaixada uma atmosfera de grande cordialidade, condição essencial para que o trabalho seja verdadeiramente produtivo. E uma vez que me considerava o amigo dos meus funcionários, a minha casa estava sempre familiarmente aberta a todos. Não deixava passar nenhuma ocasião para reuni-los familiarmente, pô-los em contacto amigável, no intento de suavizar atritos ou pequenos e inevitáveis despeitos, esclarecer mal-entendidos, ocupar-me de cada um dêles e de suas famílias. Embora isso possa parecer antiquado e convencional, afeiçoara-me aos meus funcionários, e a quase totalidade dos mesmos me permaneceu sinceramente ligada.

Funcionários, que haviam trabalhado comigo na Santa Sé, desejavam ir para junto de mim em Berlim. Escrevia-me o conde Fecia di Cossato, em 9 de julho de 1941:

« Foi-me ontem oficialmente comunicada a minha nomeação para segundo conselheiro junto à sua embaixada. O fato de poder voltar a depender de V. Exa. era meu ardente desejo. Asseguro-lhe, Senhor Embaixador, que farei o possível para corresponder à confiança que o Ministério em mim depositou; V.

Exa. terá em mim um colaborador fiel, ùnicamente preocupado em cumprir escrupulosamente o seu dever, de acôrdo com as ordens e as diretrizes que V. Exa. julgar poder confiar-me ».

Os numerosos funcionários que, aos poucos, se sucederam na embaixada de Berlim, me testemunharam, tanto nos momentos alegres como nos tristes, a sua ardente solidariedade, com cartas particularmente afetuosas. E mesmo quando cessavam as relações hierarquicas, os funcionários continuavam a manifestar-me espontâneo sentimento de gratidão e amizade.

Por ocasião da minha nomeação a membro do Grande Conselho do fascismo, o doutor Mario Luciolli, após uma permanência de cêrca de dois anos na embaixada, fôra chamado ao gabinete do Ministerio.

Em fevereiro de 1945, cêrca de dois anos após ter eu deixado a embaixada em Berlim — e os meus antigos funcionários não estavam portanto, de modo algum obrigados a manifestar-me sentimentos diversos dos que sinceramente nutrissem — o doutor Michele Lanza, que eu via com simpatia, e que sempre me havia manifestado afeto e devoção, escreveu-me, no dia 14 de fevereiro de 1945, entre muitas outras, esta carta muito significativa, de que reproduzo alguns períodos:

« Acêrca de quanto teve a bondade de referir-me a respeito do caráter da ação pelo senhor desenvolvida em Berlim, permito-me assegurar-lhe que várias vêzes presenciei a coragem de certas atitudes pelo senhor assumidas em alguns momentos bastante delicados.

A história e o tempo conseguirão talvez esclarecer e até mesmo justificar muitas situações hoje obscurecidas pelo tumulto das paixões.

Esteja, porém, certo de que por oportunismo ou temor jamais lhe voltarei as costas, ao senhor que nos anos de poder me tratou cordialmente.

Seu afetuosíssimo

Lanza. »

Confortado por numerosíssimas manifestações dêsse gênero, posso dizer a mim próprio, o que é talvez uma ilusão, ter alcançado o objetivo que incessantemente persegui: empenhar-me, por tôdas as maneiras, para que não só Roma se manifestasse satisfeita com a complexa atividade desenvolvida pela embaixada no superior interêsse do país, mas também para que cada funcionário estivesse contente com o seu próprio trabalho e se sentisse ligado à embaixada como a uma grande família.

Capítulo VIII

HITLER: "O DESEMBARQUE, AMEAÇA CONSTANTE CONTRA A INGLATERRA"

Durante todo o verão de 1940 e até aos primeiros dias do outono, o desembarque alemão na Inglaterra esteve na ordem do dia em todo o mundo. A opinião pública alemã esperava-o com confiante certeza, e a inglêsa o receava com justificado temor; nos outros países, a espera, que se tornava dia a dia febril, assumia diversas gradações e colorações, à medida que os mesmos se enfileiravam mais ou menos abertamente de um ou de outro lado dos contendentes.

Quando Hitler, no período culminante das suas conquistas, indicou aos seus generais o desembarque como a última meta e como o ato conclusivo da guerra vitoriosa, deu a entender que dessa vez o segrêdo podia ser violado. Serviu-se, intencionalmente, de algumas fugas autorizadas, a fim de que a notícia transpirasse e chegasse à Inglaterra, onde se lançaria a confusão e criaria um vivo alarma, não só na opinião pública mas também nos círculos governamentais e junto ao alto comando que, pelo precipitar dos acontecimentos militares, não estava, nesse momento, absolutamente preparado para enfrentar semelhante eventualidade. Os serviços de informações — que durante tôda a guerra não primaram pela exatidão — confirmaram a Hitler as exíguas fôrças de que a Inglaterra dispunha, a desordem que aí reinava, o que facilitaria a efetuação rápida do desembarque.

Mas Hitler teve um momento de hesitação: o espírito heróico e dramático de cêrca de 350 mil soldados inglêses que conseguiram fugir à destruição e à captura — deixou-o preocupado acêrca das possibilidades de reação do adversário, tirou-lhe a sua proverbial segurança, e induziu-o a montar uma nova e poderosa organização que tornasse menos sangrenta e mais seguro o desembarque. A operação, embora devesse ser pràticamente executada pela marinha, pressupunha o domínio do ar. Goering garantia que, com a sua aviação durante quatro ou cinco dias de bom tempo, poria fora de causa o adversário, "espezinhando" tão duramente os inglêses, que tornaria o desembarque relativamente fácil, seguido da conquista de todos os seus objetivos. O gesto violento e preciso do braço direito e do punho fechado acompanhava, à guisa de golpes de martelo, as explosões da sua voz cortante e metálica, ao fazer tais afirmações.

Acreditaram nêle; e confirmou-se que a guerra ràpidamente terminaria.

Por êsse tempo, Ciano me bombardeava com perguntas, pois, segundo dizia, o Duce queria saber a todo o custo o que aconteceria. Nunca consegui perceber se Mussolini, no íntimo, desejava realmente que o desembarque se efetuasse, ou, se, pelo contrário, o temia como um acontecimento que iria prolongar a guerra e tornaria impossível uma paz de compromisso. Talvez ainda então sentimentos contraditórios se debatessem no fundo do seu espírito que, nesses dias, devia estar fortemente atormentado. O fato é que êle — segundo me referia Ciano — pretendia estar preventivamente informado dos acontecimentos, não obstante os seus freqüentes contactos epistolares com Hitler, e a facilidade de comunicação direta que o seu Ministério do Exterior tinha com Ribbentrop, demonstrassem claramente como o proverbial hermetismo alemão era — em certas ocasiões — intransigente até mesmo nas relações entre Hitler e Mussolini.

O meu reservado serviço de informações, que normalmente prestava bem úteis serviços, nessa ocasião transmitia notícias contraditórias; e algumas delicadíssimas teclas, que eu em casos excepcionais tocava, respondiam ôcas. Então, embora certo de expor-me a uma manifestação de mau humor de Ribbentrop, o qual pretendia que os chefes de missão tivessem contacto sòmente com a Wilhelmstrasse, pus-me em contacto com os chefes militares alemães.

O diário da embaixada, no qual — como já tive ocasião de lembrar — o conselheiro, por vontade minha, registrava cotidianamente em estilo conciso os fatos principais da atividade da embaixada e os acontecimentos políticos e militares mais importantes — contém na data de 24 de julho de 1940, o seguinte:

"O embaixador tem uma conversa com o marechal Milch, subsecretário do Ministério da Aeronáutica (homem de completa confiança e braço direito de Goering), o qual confirma que está para se concluir a preparação completa da aviação alemã para o ataque contra a Grã-Bretanha ".

Ao transmitir a Roma essa informação precisa que, em vista da sua proveniência, devia considerar-se muito séria, fiz entretanto notar, que, pessoalmente, tinha a impressão, baseada aliás, em elementos imperceptíveis e imprecisáveis, de que ainda não se tomara uma real e autêntica decisão.

O diário registra na data de 5 de agôsto de 1940: *"O conde Ciano convida por telegrama o Real Embaixador a dizer se existem e qual é o fundamento dos boatos no exterior, que lhe foram aliás confirmados por uma fonte russa reservadíssima, segundo os quais as razões do adiamento da ofensiva contra a Inglaterra são a existência de contactos secretos anglo-alemães destinados a uma solução pacífica do conflito".*

Ao ler o telegrama mencionado, tornei a pensar mais uma vez nos meus colóquios com o encarregado dos negócios dos Estados Unidos.

Tendo imediatamente falado, sem nenhum resultado, com alguns colegas do corpo diplomático, dirigi-me a Ribbentrop, embora prevendo a resposta que receberia, e que aqui reproduzo, tirando-a do registro do diário da embaixada no dia 7 de agôsto de 1940:

" O Real Embaixador, falando ao Ministério, a propósito dos boatos concernentes a negociações de paz anglo-alemãs, diz que tendo mencionado tais boatos a Ribbentrop, êste se limitou a declarar que os inglêses são uns imbecis e Churchill um louco ".

" Pela conversação que o Real Embaixador teve aliás com personalidades germânicas e estrangeiras, não resultou nada que possa confirmar a tentativa alemã ou inglêsa de pôr fim ao conflito. A ofensiva não parece todavia iminente, se bem que disso se fale como de uma coisa decidida nos mínimos particulares, e se faça salientar que a aviação alemã, que terá nessa ofensiva um papel preponderante, já se acha em plena eficiência.

" No decorrer do mesmo colóquio, Ribbentrop, embora não se pronunciando acêrca da data da ofensiva, afirmou que " ela será violenta e de rápido êxito, se bem que a Alemanha se ache preparada também para uma guerra de longa duração ".

Esta frase — diga-se de passagem — relaciona-se com a outra que eu ouvi pessoalmente da bôca de Hitler, e da qual, as palavras de Ribbentrop não passavam de uma repetição: "*Estou matemàticamente seguro de que a guerra acabará logo e vitoriosamente; mas preparo-me como se ela devesse durar muitíssimos anos* ".

Seguem-se dias de incerteza e de notícias contraditórias. De fonte militar alemã, soubera que as más condições atmosféricas retardariam um pouco a operação de desembarque; e encontrara algum crédito no corpo diplomático berlinense a notícia de que o desembarque fôra tentado, mas que desde o início tivera que interromper-se, porque os inglêses haviam pôsto em ação meios de defesa desconhecidos, tais como um larguíssimo uso de matérias inflamáveis espalhadas no mar nas proximidades da costa, de modo que uma parte dos muitos milhares de embarcações alemãs haviam afundado ou tinham sido incendiadas, e as outras tiveram que voltar.

Diante dêsses boatos incontroláveis, que se amontoavam e contradiziam, criando também em Roma um estado de excitação e angústia, tentei outro caminho:

17 de agôsto de 1940: " O Real Embaixador tem uma importante conversa com o marechal Keitel. O marechal explica antes de mais

nada as circunstâncias que motivaram a necessidade de adiar a ação contra a Inglaterra, e que se resumem nas condições meteorológicas desfavoráveis e na necessidade de proceder a uma cuidadosa preparação capaz de assegurar o êxito.

" Considerado isso, mesmo que o govêrno se retire para o Canadá, a população da ilha terá que constituir outro govêrno disposto a entender-se com o germânico ".

Após um período de tempo em que se fala menos no desembarque, talvez também por causa de outros importantes acontecimentos, Ciano adverte-me de que conversou por telefone com Ribbentrop, o qual lhe disse que se tornou necessário um ulterior adiamento da operação motivado pelo mau tempo, mas que *"de qualquer maneira, ela se verificará logo e com êxito seguramente vitorioso"*.

Ciano chama de novo a minha atenção para o discurso de Churchill pronunciado alguns dias antes na câmara dos Comuns, e no qual êle mencionara o seu anterior pessimismo, fazendo aliás uma clara alusão ao fato de que a invasão da Inglaterra se tornava de semana em semana cada vez mais difícil. Ciano acrescentou que as palavras otimistas têm seu fundamento — segundo as suas precisas informações — nos preparativos militares de defesa. Pedia-me portanto, em nome de Mussolini, para comunicar-lhe as notícias recentes e exatas. Pedi então audiência ao grande almirante Raeder, a quem fizera uma visita de obrigação alguns dias após a minha chegada, e do qual tivera, em seguida, ocasião de aproximar-me freqüentemente, durante os concertos estivais de Potsdam. Durante tôda a guerra — e principalmente nos primeiros tempos — as reuniões musicais eram freqüentadíssimas mesmo pelas personalidades do mundo político; o amor pela música sempre fêz parte da tradição germânica; e a paixão notória que Hitler lhe dedicava, fizera que se fortalecesse o seu culto.

O grande almirante Raeder era um assíduo freqüentador dos concertos de Potsdam. Confundido em meio à multidão característica de semelhantes manifestações, composta dos representantes de tôdas as classes, de tôdas as profissões e dos mais diversos ambientes; descendentes da antiga aristocracia prussiana, enfermeiras da Cruz Vermelha, soldados, operários, empregados, envergava com elegante desenvoltura o seu belo uniforme da marinha, ornado com vistosos galões dourados. Apaixonado pela música, jamais renunciara, nem mesmo durante as alternativas dos acontecimentos militares, a freqüentar as reuniões musicais. Isso retemperava-o do seu rude trabalho cotidiano, moldado sempre por um caráter decidido e leal e uma férrea e razoável vontade. Sabia que era o vértice de uma pirâmide à qual cada marinheiro trouxera, durante longos anos, a sua contribuição de disciplina, fidelidade, sacrifício e sangue; e embora não seja popular, por causa da sua habitual reserva, é muito respeitado por

todos os seus subordinados, que se sentem protegidos e defendidos pelo seu rígido senso de justiça; êles sabiam que o seu comandante supremo era realmente o guardião depositário das tradições da marinha germânica; e que nêle o sentimento da disciplina e o da obediência jamais seriam separados da necessária independência.

O grande almirante disso dera firme e clara prova durante uma reunião do alto comando promovida por Hitler, com o objetivo de romper o adiamento e fixar improrrogàvelmente as fases da operação.

No início da reunião, Hitler fêz, de acôrdo com seu hábito, uma longa exposição.

Começou a explicar mais uma vez as razões que o levaram a declarar a guerra. Recapitulou a anexação da cidade de Dantzig à Polônia, a capitulação de Varsóvia, a entrada das tropas germânicas na Noruéga, nos Países Baixos, na Bélgica.

Reevocou os grandes êxitos obtidos nos campos de batalha contra todos os exércitos inimigos. Afirmou a rápida conclusão vitoriosa da guerra, com o que realizaria a nova ordem, dando ao povo germânico paz e bem-estar por longos anos. Para terminar, declarou que chegara o momento de cumprir o ato decisivo: a ocupação, ou, como então se dizia, a invasão da Inglaterra.

Os generais presentes à reunião tomaram a palavra para associar-se à proposta de Hitler, exaltando o gênio militar do Führer.

A êsse tempo a campanha de propaganda atingia o máximo a fim de criar na opinião publica a convicção de que resultados assim tão grandes e rápidos se haviam produzido sobretudo pela presença de Hitler, pela sua intervenção pessoal na preparação dos planos de operação, pelas suas ordens oportunas e pelo impulso por êle pessoalmente dado às operações; a atmosfera era muito favorável; o incenso fôra copiosamente queimado no altar de Marte, diante do novo discípulo.

Mas quando Raeder, por último, pediu a palavra, a cena bruscamente mudou. O comandante supremo da marinha golpeou diretamente o centro do problema e fêz precisas ressalvas. Segundo as ordens distribuídas por Hitler, preparava um vasto plano de ataque.

Mas — e eis a primeira ressalva — mesmo que a operação extremamente arriscada e difícil obtivesse um resultado favorável, seria necessário manter a ocupação. Para isso era preciso uma contínua alimentação; estabelecer e garantir de maneira segura e duradoura, acima de quaisquer eventualidades de ataques, comunicações regulares e de caráter normal.

Procedendo à segunda ressalva, o grande almirante, considerando o caso de que o govêrno inglês, sob a pressão das fôrças germânicas, fôsse obrigado a deixar Londres, duvidava firmemente que isso significasse a derrota da Inglaterra.

O relatório pormenorizado, que o chefe do departamento das informações secretas lhe fornecera, precisava que a operação se apresentava de tal modo, que, se se desse o primeiro passo, não se teria mais possibilidade de retroceder.

O breve relatório exposto por Raeder produziu enorme impressão. Hitler estava a ponto de reagir diante da surprêsa e do vivo aborrecimento manifestado por diversos comandantes, mas compreendeu que não chegara ainda o momento de insistir, e encerrou a sessão numa atmosfera glacial.

Fui reservadamente informado e pôsto ao corrente dessa importantíssima reunião, pelo nosso adido naval, que recebera as confidências e os desabafos de um seu velho amigo oficial adido ao estado-maior da marinha alemã.

Isso me servia admiràvelmente para os fins da audiência que o Grande Almirante havia fixado para daí a dois dias. A princípio, Raeder manteve-se reservado, limitando-se a generalidades: a necessidade de tudo predispor e prever; a persistência do mau tempo; a concomitância da preparação de outras operações militares.

Mas quando percebeu que eu estava a par da reunião militar, que se realizara junto a Hitler, mostrou-se, por um lado, admirado; mas, por outro, ficou satisfeito com as expressões que lhe dirigi, sublinhando a coragem e a lealdade com que sustentara o ponto de vista da marinha. Adquiriu confiança, foi-se abrindo aos poucos, e pôs-se a discorrer. De vez em quando, retraía-se, numa pequena reserva; mas depois devia pensar que nada tinha a esconder, pois a sua linha de conduta sempre fôra muito clara e correta.

Quando lhe disse que compreendia perfeitamente a sua oposição em aceitar uma situação que faria recair sôbre a marinha tôda a responsabilidade de tão difícil operação, que devia ser executada pela marinha, mas com a participação preponderante das fôrças de terra e ar, êle, inesperadamente, se inflamou:

— Tanto mais se se considerar que a aviação tem nessa operação um papel decisivo. Exatamente por isso, se a marinha deve arcar com tôda a responsabilidade do desembarque, eu acho-me no direito de regular pessoalmente o afluxo e dirigir o emprêgo dos meios de ataque, em primeiro lugar a aviação, pelo menos até que o desembarque se tenha integralmente efetuado. Não poderá haver no caso duas autoridades de comando ao mesmo tempo: uma no mar e outra no ar...

— Principalmente quando a autoridade no ar — tive vontade de concluir — está nas mãos do marechal Goering.

A situação era para mim muito clara: descobrira, sem possibilidade de dúvidas, o motivo de um profundo dissídio. Hitler que, como

se viu, tivera desde o princípio, uma atitude hesitante, ou pelo menos, não de todo firme, não soube tomar uma decisão: talvez para não desagradar a Goering, talvez para não se opor às reações de Raeder.

O fato é que se passaram ainda alguns dias sem que nada acontecesse; lá por meados de setembro, a operação teve que ser necessáriamente adiada, como se deduziu das ordens emanadas de retificar as numerosas fôrças já impelidas para o litoral da Mancha e de espalhar pelo interior os muitos milhares de embarcações de várias formas e tipos, amontoadas nos portos ocidentais e que serviriam de fácil alvo aos inglêses.

Embora renunciando de má vontade à operação, Hitler permitiu, ou melhor, quis que se continuasse falando ao assunto, com o objetivo exclusivo de propaganda para o interior e o exterior.

Um dia, falando dêsse cruciante problema que lhe causara tantas incertezas e tormentos, soube por êle mesmo, finalmente, o motivo que não permitiu efetuar-se a sua decisão:

" É como se eu tivesse na mão, apontado contra a Inglaterra, um revólver carregado com uma só bala: se, por azar, falhasse o tiro, as conseqüências seriam desastrosas e eu me encontraria em condições muito piores do que aquelas em que me encontrava antes de descarregar a arma. É melhor, portanto, manter o inimigo sob constante ameaça."

Capítulo IX

OS DITADORES FRENTE A FRENTE

Na tarde de quarta-feira, 4 de dezembro de 1940, Ciano mandou-me chamar com urgência à minha casa de Roma, onde me encontrava convalescente de uma longa doença que me surpreendera durante uma das minhas escapadas de Berlim.

Ao ser introduzido no Palácio Chigi, percebi imediatamente que algo de grave estava sucedendo. Levantou-se da escrivaninha e acompanhou-me até ao vão de uma janela, passando-me um braço pelas costas, em tôrno do pescoço, como para dar um caráter de maior intimidade e segrêdo à conversa:

— Pedi-lhe que viesse depressa até aqui porque, segundo as minhas previsões dos últimos dias, a situação na Grécia tornou-se muito grave. Não se consegue compreender-lhe completamente as causas, mas o exército não resiste. Investiram contra as zonas de Valona e de Durazzo. As nossas tropas têm pelas costas o mar; e uma obscura ameaça começa a pesar sôbre elas, pois os reabastecimentos tornam-se cada vez mais difíceis. A situação é verdadeiramente trágica.

Ciano, temperamento emotivo e dramático, não escondia o seu estado de alarma e grande inquietação:

— O general Soddu, subsecretário de guerra, que, por encargo do Duce, se encontra há alguns dias no local das operações, enviou um telegrama grave e sibilino; êle julga não haver possibilidade de uma recuperação pelas armas, e torna-se nesse caso, portanto, necessária uma solução política. Isso impressionou fortemente o Duce, que está muito deprimido, a ponto de aventar a hipótese de uma trégua por intermédio de Hitler. Quero acreditar que ainda não chegamos a êsse extremo. Já disse ao Duce que pediria a você para voltar imediatamente a Berlim, a fim de explicar pessoalmente a situação a Hitler e obter uma sua pronta intervenção militar.

Tilintou o telefone da presidência. Era Mussolini. Ciano respondeu pressurosamente:

— Alfieri já está aqui comigo. Vamos imediatamente para o Palácio Veneza.

Ausentara-me de Berlim cêrca de três meses, por causa de uma forte inflamação renal, conseqüência do ferimento da guerra de 15-18. Cada vez que me parecia estar melhor e me propunha a voltar à sede, a crise aumentava, imobilizando-me de novo. Durante êsse período,

Ciano fôra particularmente afetuoso para comigo. Vinha visitar-me várias vêzes, quisera falar pessoalmente com o médico, sabia acalmar as minhas impaciências e resistir, sem mo dizer, às de Mussolini, o qual estava contrariado pelo fato de a embaixada permanecer sem titular justamente num momento tão delicado e importante.

— Não posso suportar — dizia êle com ostentação a Ciano que mais tarde mo contaria — aquêles que, com uma palavra sintética, chamarei de " hospitalizados ". Se alguém tem a desgraça de não se sentir bem, tenha pelo menos o pudor de retirar-se e deixar o lugar para outros. Não faltam candidatos...

Pessoalmente, eu era do seu parecer. Mas Ciano não queria substituir-me para evitar — como dizia — saltos no escuro, e para me dar assim, como aos outros, uma prova exterior de fidelidade da sua amizade.

Quando Ciano era amigo, era um amigo sincero, fiel e generoso. Infelizmente, porém, dava fàcilmente ouvidos a boatos malévolos e a insinuações tendenciosas.

Encontrei o Duce extremamente abatido, como nunca o vira. O rosto pálido e cavado, os olhos inchados e cansados, a expressão triste e preocupada. O seu aspecto parecia muito mais deprimido, porquanto trazia uma camisa de colarinho virado, exageradamente largo, e tinha a barba crescida de dois ou três dias. Com cortesia e solicitude não habitual, o que demonstrava como na gravidade do momento esquecera e deixara cair a máscara de frieza que sempre usava para com os seus colaboradores, perguntou-me como me sentia e se havia sarado bem.

Percorria lentamente e a pequenos passos o espaço em tôrno da enorme mesa de trabalho, e, como se seguisse consigo mesmo e em voz alta um pensamento que o dominava, falou do telegrama de Soddu, tentando descobrir as razões que podiam tê-lo induzido a exagerar a gravidade da situação. Passava nervosamente a mão direita pelo queixo e pelas faces, dirigia-se continuadamente a Ciano e a mim, como em busca de aprovação e apôio para as suas hipóteses, de um encorajamento para as suas esperanças. Eu não arriscava comentários, pois não possuía elementos para formular uma opinião, limitando-me às notícias graves, mas nem por isso assim tão desastrosas, que me haviam sido fornecidas alguns dias antes por Ciano. Êste mantinha-se em atitude de reserva:

— É possível que Soddu se tenha exprimido com exagerado pessimismo; Cavallero é, de fato, menos pessimista; mas a situação é certamente grave. Por isso pedi a Alfieri que partisse imediatamente para Berlim, a fim de obter o envio de auxílios.

Essa última palavra teve sôbre Mussolini o efeito de um súbito despertar, como se a visão dos poderosos exércitos alemães exercesse no seu espírito uma influência tonificante.

— Então, quando parte ? — perguntou-me com voz firme, dirigindo-me um olhar já agora mais vivo.

Apenas convalescente, eu não previa uma partida assim tão inesperada, sem consultar sequer o médico. Mas o momento não me parecia oportuno para fazer reservas ou manifestar hesitações. Fiz um gesto que dava a entender que estava à disposição.

— Pode partir amanhã de manhã. Às sete horas, o meu avião estará à sua disposição no aeroporto do Littorio.

Ao pronunciar essas palavras, Mussolini ergueu o receptor do telefone e expediu a ordem ao seu secretário particular.

A despedida foi, como sempre, rápida, mas menos fria que de costume.

Na antecâmara havia ministros, generais, almirantes, jerarcas: atmosfera preocupada e deprimida. Quando Ciano, que não sabia renunciar a dar uma notícia e a fazer um comentário, anunciou que eu partiria na manhã seguinte para Berlim, todos me rodearam; e, naturalmente, foram todos de acôrdo em declarar que Hitler interviria imediatamente. Enquanto nos dirigíamos para o elevador, o secretário de Mussolini alcançou-me para dizer-me que uma disposição secreta do subsecretário da aviação estabelecia que o aparelho do Duce ficava reservado sòmente para êle, e que, portanto, outro avião seria pôsto à minha disposição.

Ciano quis que eu o acompanhasse ao Ministério, onde, entre uma audiência e outra, e enquanto recebia os funcionários para a assinatura da correspondência, me ia falando da situação, do seu desenrolar e das suas conseqüências. Manifestei-lhe a necessidade e a urgência de voltar a casa para organizar a minha partida; mas êle fez questão de que eu ficasse para depois ir jantar com êle, e assim conversar mais um pouco.

— De lá, do salão ao lado você poderá telefonar e resolver tudo o que fôr necessário.

Pouco convencido do que estava sucedendo e de uma partida assim tão precipitada, avisei em casa para que se fizessem os preparativos da viagem e telefonei à embaixada de Berlim, a fim de que essa solicitasse e obtivesse uma audiência com Ribbentrop para as primeiras horas da tarde do dia seguinte. Partindo de Roma às sete, calculava chegar a Berlim entre 12 e 13 horas.

Com exceção de dois amigos íntimos, não havia, naquela noite, convidados especiais na casa de Ciano. Jantar familiar, durante o qual,

nem mesmo a habitual vivacidade da dona da casa conseguiu animar o tom geral reinante.

— Escute Ciano — disse-lhe eu após o jantar, e era já tarde — uma vez que devo partir amanhã de manhã, isto é, dentro de poucas horas, é preciso que volte para casa. Preciso receber de você, que, por estar em íntimo contacto com o Duce e com os chefes militares, conhece bem a situação, instruções precisas. — Sentamo-nos num divã separado.

— É indispensável que me especifique a ação que deverei desenvolver e os auxílios que terei que pedir. Não posso tomar iniciativas numa situação assim tão delicada nem assumir responsabilidades em questões militares sôbre as quais sei não estar suficientemente informado.

Ciano não soube dominar completamente uma expressão de contrariedade, como se as minhas perguntas lhe parecessem importunas e supérfluas.

— Qualquer auxílio, contanto que seja imediato. É inútil especificar e manifestar preferências. Aliás, o pedido será feito pelo nosso estado-maior por intermédio do adido militar general Marras. Você deve obter pessoalmente de Hitler na sede política a decisão favorável. A situação é tal, que o envio de algumas aviões e canhões e o refôrço de algumas divisões de tropas nos poderão prestar um grande auxílio. Trata-se de ganhar tempo, dias, talvez horas...

Conhecendo o temperamento impressionável de Ciano, procurei no meu íntimo reagir às suas palavras para não me deixar deprimir demais. Mas é claro que me preparava para partir, com um bem triste farnel e uma difícil tarefa.

Na manhã seguinte, às sete menos um quarto, achava-me no aeroporto. Mas por motivos que não competem a esta narrativa — sobrevindo complicações de caráter técnico — não consegui partir senão ás onze.

Passadas cêrca de duas horas de vôo em céu claro e numa atmosfera calma, encontrámos sôbre os Alpes uma violenta tempestade de vento e neve, que obrigou o pilôto e elevar-se a mais de sete mil metros de altura.

Máscaras de oxigênio, uma violenta rajada de neve gelada contra a carlinga, saltos pavorosos, os comandos bloqueados pelo gêlo, a todo o instante o perigo de precipitar-se. Estávamos nos céus de Munich, mas o pilôto não se arriscava a descer, porque havia o perigo de, em cima do aparêlho já sobrecarregado pelas camadas de neve, se formarem ainda outras durante a rapidez da descida, com a conseqüente certeza de um desastre. A única possibilidade de salvação era orientar a proa para Veneza, descer lentamente dos sete mil metros, numa espécie de vôo planado, e entregar-se ao destino. Ao escurecer,

aterrissamos milagrosamente no pequeno aeroporto de São Nicolau, em Veneza, festivamente recebidos pelo pessoal do campo e pelos amigos que vieram ao nosso encontro e não cessaram de manifestar a sua satisfação por havermos escapado ao perigo.

Na manhã seguinte, em virtude da persistência do mau tempo, prossegui viagem de trem para Berlim, onde cheguei no outro dia.

Tive imediatamente um colóquio com Ribbentrop. Apresentava-se, sob a cortesia formal, fechado, frio, preocupado, hostil. Desejava notícias claras sôbre a situação militar na Grécia; queria saber se eu podia garantir que as nossas tropas defenderiam pelo menos as cabeças de ponte de Valona e Durazzo; afirmava que tudo quanto acontecia era a conseqüência de não se haver seguido os conselhos do Führer, acêrca da inoportunidade de um ataque à Grécia. A conversa não foi definitiva, fixando-se para o dia seguinte uma audiência com Hitler.

À noite, tive uma reunião com os adidos militares. Infelizmente, êles não haviam recebido de Roma informações detalhadas sôbre a situação; e, contràriamente a tudo o que me dissera Ciano, nenhuma comunicação referente aos pedidos de auxílio, que eu deveria apoiar junto a Hitler, chegara ao general Marras.

Com as notícias de que dispúnhamos e tomando o lugar de Roma, assinalamos num mapa de orientações militares o andamento da frente na Grécia; e preparavamos uma série de pedidos, sobretudo de aviões de transporte, extremamente necessários por causa das dificuldades de comunicação por via marítima.

A audiência com Hitler desenrolou-se no seu grande escritório no edifício da Chancelaria; achavam-se presentes Ribbentrop, o marechal Keitel, o ministro Meissner, diretor da chancelaria do chefe de Estado. Breves saudações, e, contràriamente aos seus hábitos, não me perguntou por Mussolini. Assim que nos sentamos nas amplas e fundas poltronas, mais apropriadas para se fumar um charuto após um bom jantar, do que para uma entrevista política, Hitler fêz com as mãos um gesto para convidar-me a falar. Sem tergiversações inúteis e sem longos rodeios de palavras, expus a situação; fiz notar que, assim como o próprio Duce, não possuía elementos para explicar as causas que a ela levaram, e concluí, dizendo que Mussolini, surpreendido e angustiado por tudo quanto acontecera, encarregara-me de me dirigir a êle, para informá-lo da situação e dizer-lhe que, em tão difícil momento, contava com a sua amizade, compreensão e auxílio.

Hitler ouvira a minha exposição, com o olhar fixo diante de si, sem me olhar, com o ar de quem ouvia coisas que já conhecia e que o contrariavam. Assim que o intérprete Schmidt acabara de traduzir, disse em tom polêmico e vivaz, que havia desaprovado o ataque ita-

liano contra a Grécia. Tivera indiretamente notícia do fato e pedira imediatamente a Mussolini para vê-lo com urgência. O encontro dera-se em Florença, no dia 28 de outubro, mas, infelizmente, as hostilidades já haviam começado na manhã desse mesmo dia. Fôra um êrro, um grave êrro. A minha surprêsa, diante da vivacidade com que êle falava, transformou-se em estupor, quando Hitler começou a criticar a atitude das nossas tropas.

Reproduzo aqui algumas passagens do meu relatório telegráfico enviado a Roma logo após o colóquio: *" Hitler declarou ser necessário que as tropas que chegam da Itália sejam orgânicamente reconstruídas e só então utilizadas. Acrescentou que em guerra não se deve evitar nenhum método, ainda o mais rigoroso, quanto à existência de divisões que não produzem o devido rendimento e se mostram não decididas à resistência; ocorre pois denunciá-las a um tribunal especial e fazer justiça sumária. Nesse ponto, julguei-me no dever de replicar. Afirmei que as nossas tropas na Albânia tinham e têm uma atitude que não desmente o valor do exército italiano, como o provam as sensíveis perdas e a afluência de numerosos feridos. Para explicar alguns episódios de limitada resistência assim como alguns casos de defecção, há a circunstância de que as nossas tropas combatem há mais de* 40 *dias em condições extremamente árduas, em conseqüência das graves dificuldades e da enorme lentidão dos reabastecimentos. É preciso também não esquecer, aliás, o rigor da temperatura, as péssimas condições do tempo e do terreno, as posições de partida particularmente desabrigadas e incômodas para os nossos soldados.*

Após ouvir, com evidente atenção e compreensão, o que eu disse, o Führer assegurou-me estar desenvolvendo intensa atividade no sentido de antecipar a tão desejada adesão da Iugoslávia. Segundo uma comunicação recebida hoje, isso parece provável. Não acha possível criar desvios na Bulgária e na Romênia, desvios que seriam, de qualquer maneira, ineficazes.

Do ponto de vista técnico-militar, prometeu que expedirá imediatamente ordens solicitando o envio do maior número de aviões de transporte de acôrdo com a capacidade e as possibilidades oferecidas pelos campos de aterrissagem da Albânia.

Passado um instante de recolhimento, Hitler disse que gostaria de ter um encontro com o Duce em Berghof ou no Passo de Brenner; seria melhor em Berghof, pois aí dispõe de tôdas as instalações telefônicas necessárias, assim como de mapas com estudos e vários projetos em preparação. Propôs o dia 14. *Dirigiu-se até uma mesa onde se achava aberto um grande mapa da Albânia, e, com um ar de antecipar-me uma notícia que reservava para o Duce, disse, com o índice sôbre o mapa, e deslocando-o da zona de Durazzo para Ponavec:*

— Estou pensando nas concretas possibilidades de desencadear um forte contra-ataque com duas divisões blindadas e com o auxílio de "Stukas" para confundir o exército grego. Desejo falar disso ao Duce. É urgente. Estou disposto a adiar alguns dos meus mais importantes compromissos a fim de antecipar o encontro. Proponho o dia 10. Preciso falar com o Duce.

Ribbentrop, Keitel e Meissner acolheram com grande satisfação a proposta.

O Führer pediu-me insistentemente para lhe dar uma resposta entre hoje e domingo. Fim do telegrama. Alfieri.

Esperei inùtilmente a resposta, o dia inteiro. Na manhã seguinte, logo cedo, Ciano chamou-me por telefone com o evidente objetivo de uma interceptação alemã.

— Fica entendido que você não deverá pedir nenhum auxílio, nada, absolutamente nada. Aliás, as notícias são melhores, e já podemos fàcilmente superar a fase crítica.

Fiquei interdito; e não tive sequer tempo de replicar e pedir explicações, pois êle cortou a comunicação, com um apressado "Então, estamos de acôrdo; saudações".

Chamei imediatamente o adido militar, que ficou tão espantado quanto eu. Segundo as suas informações, a situação absolutamente não melhorara. Concluímos, pois, que devia tratar-se de uma das habituais hesitações do Duce, que, baseado numa notícia otimista, recobrava o ânimo. De fato, no dia seguinte, chegou-me por correio especial uma carta particular de Ciano, dizendo-me que arranjasse um meio de anular a proposta do encontro. E, num telegrama sucessivo, anunciava-me a chegada do general Favagrossa, subsecretário da produção bélica, solicitando-me que apoiasse, na sede política, junto ao Führer, os seus pedidos de matérias primas.

Já tive ocasião de declarar que exponho os fatos na sua realidade, sem comentários. Mas a verdade é que me vim a encontrar numa situação particularmente delicada e difícil.

Passaram-se duas semanas, para mim penosas. Ribbentrop pedia freqüente e insistentemente notícias precisas acêrca da resistência das nossas tropas; Ciano transmitia-me, por telefone, informações intencionalmente otimistas, visando interceptações alemãs; Hitler esperava uma resposta relativa ao seu encontro com Mussolini. A fim de pôr termo a essa desagradável situação contraditória e equívoca, enviei no fim do ano, a Roma, um breve e preciso relatório. Com referência à situação na frente grega, afirmava que o govêrno de Berlim estava perfeitamente orientado pelos seus informadores, sendo portanto inútil e prejudicial fazer *bluff;* com relação ao encontro entre os dois che-

fes, salientava que um ulterior adiamento acarretaria conseqüências antipáticas, criando em Hitler um estado de ânimo contrário.

Cessaram imediatamente as comunicações eufóricas de Ciano, e o encontro foi marcado para domingo, 10 de fevereiro de 1941.

Nunca poderia imaginar que tal encontro comportasse tão extraordinário trabalho de preparação que a meticulosidade alemã tornava difícil e pesado.

Assim que Mussolini confirmou o encontro — e houve ainda duas breves mudanças de data — o chefe do protocolo do Ausw. Ant, o imenso barão Dornberg, veio procurar-me; o encontro devia realizar-se no mais estrito segrêdo. (Isso dependia talvez também do fato de Mussolini ter, a princípio, feito saber que aderia ao pedido de encontro, contanto que se efetuasse em campo aberto, onde os dois trens se encontrariam), ninguém devia saber absolutamente de nada; eu próprio deveria dirigir-me a Berchstengaden no dia anterior ao da chegada, munido de um salvo-conduto sob outro nome para não despertar curiosidade no hotel. Característica ingenuidade alemã. Além disso, o chefe do protocolo pedia imediatamente uma lista completa de tôdas as pessoas que acompanhariam o Duce, com a especificação de seu cargo, tempo de serviço, se pessoal subalterno ou de categoria. Parecia a preparação de uma batalha. Cada mudança ou modificação era uma tragédia para o protocolo alemão, que via assim alterados pela base os seus planos, segundo os quais se determinavam o lugar no automóvel, o quarto do hotel, o serviço de mesa, de acôrdo com a precedência, a antiguidade, a posição, etc. Todo êsse meticuloso trabalho preparatório efetuava-se ao mesmo tempo em que, tanto do lado alemão como italiano, se organizava e espalhava tôda uma vasta e discreta rêde de policiamento e proteção da segurança dos dois ditadores.

A estaçãozinha de Push, perto de Salzburgo, uma dessas estações em que só param os trens comuns, estava, naquela manhã, completamente deserta. O ôlho da Gestapo vigiava tudo em tôrno, sem que nada pudesse atrair a atenção dos raros transeuntes na vizinha estrada principal.

Fazia um frio intenso, e um forte vento erguia flocos de nevisco.

Combinara-se que do trem especial desceriam sòmente Mussolini, Ciano. Guzzoni, Mackensen; todos os outros prosseguiriam até Salzburgo, de onde alcançariam, de automóvel, Berchstengaden.

Faltando cinco minutos para as dez, hora da chegada do trem, chegou Hitler, com o seu comprido e pesado capote de couro escuro e o boné enterrado até às orelhas. Acompanhavam-no Ribbentrop e Keitel. Tem um ar satisfeito. Diz-me que está muito contente por encontrar-se com o Duce, o qual — acrescenta — terá assim uma pausa

de repouso; perguntou-me se na visita que no dia anterior, por ordem do próprio Hitler, realizei à casa destinada ao hóspede, encontrei tudo de acôrdo com os desejos do Duce. Calará discretamente a circunstância de que êle, Hitler, fêz questão de controlar pessoalmente as mínimas coisas, a fim de que tudo estivesse em ordem: quadros, tapetes, flores, o rádio mais elegante e potente, os telefones ligados diretamente com a Itália, e depois, segundo a moda alemã, água mineral, vermutes, conhaque, charutos e cigarros.

Pergunta-me se estou contente com o andamento dos trabalhos do novo edifício oferecido pelo govêrno do Reich ao govêrno italiano, em substituição do outro do atual embaixador, que será demolido dentro de plano de retificação da grande Berlim. Leve menção à situação internacional.

Enquanto fala, com a sua característica voz baixa e rouca, bate com os pés no chão para aquecer-se. O vento continua a soprar gelado e cortante.

Eis o trem. Pára justamente no momento em que o carro-salão de Mussolini se encontra exatamente diante de Hitler. Êste caminha ao encontro do hóspede e cumprimenta-o com efusão, apertando-lhe a mão. Sob aparência exterior das conveniências, fixam-se ambos um instante nos olhos. Os traços do Duce enrijecem-se numa expressão severa, que um sorriso artificial procura disfarçar. Poucos minutos antes de descer do trem, dissera a Ciano:

— O sangue que tenho nas veias não me bastará para corar diante de Hitler.

Os dois ditadores sobem no automóvel. Ciano senta-se no de Ribbentrop; o general Guzzoni vai com Keitel, e eu com o embaixador Mackensen.

— Êste encontro — diz-me o colega alemão — é muito importante do ponto de vista militar e do da política internacional.

Como êle viajou no trem especial chegado de Roma, penso que deverá ter tido ocasião de falar com Mussolini e Ciano, e alegro-me com essa antecipação.

Em Berghof, consigo ver logo o Duce, antes da sua entrevista com o Führer, marcada para as onze horas. Mas a presença de Ciano limita o meu falar, pois é sempre difícil prever as suas opiniões, o seu estado de ânimo e as reações do momento. Dirijo-me a Mussolini:

— Pedi para vê-lo antes da sua entrevista com Hitler, a fim de assegurar-lhe que o encontrará nas melhores condições para examinar com espírito de amizade os problemas que lhe irá submeter. Não conheço as suas intenções a respeito; mas estou certo de que os seus eventuais pedidos...

— Não tenho nada a pedir — interrompe-me em tom duro e cortante.

Fico interdito e não penso em prosseguir. Felizmente, entra o seu secretário com alguns telegramas. Ciano e eu nos retiramos. Desabafo-me com êle; não podia compreender a atitude do Duce; se êsse era o seu estado de ânimo, a conclusão proveniente do encontro seria, com certeza, negativa.

— Mas você deveria perceber que era exatamente por isso, que êle não queria vir à Alemanha. Aliás, fique sabendo, que até mesmo a mim, que convivo com êle, é muitas vêzes extremamente difícil, quando não impossível, adivinhar os seus verdadeiros pensamentos e sentimentos.

Pedi-lhe que me deixasse fazer uma tentativa de falar-lhe a sós; e êle consentiu.

Ao encontrar-me novamente diante de Mussolini, êste olhou-me sombrio e interrogativo. Dominando uma certa emoção interior, falei-lhe claramente, em tom firme e um pouco aflito. Conhecia-me há muito tempo, dera-me provas de confiança, e sabia que eu sempre o servira lealmente, comunicando-lhe tôdas as circunstâncias que julgava de utilidade fazer chegar ao seu conhecimento, no interêsse do país. Que fizera eu para merecer dêle semelhante atitude ?

— Há um mês, enviou-me a Berlim com urgência. Consigo os auxílios pedidos, e manda-me desmenti-los, telefônicamente, por Ciano. Insisto, a fim de persuadi-lo da oportunidade de atender ao pedido de Hitler para um encontro com V. Exa., manda-me responder que deixe o barco correr...

— Não é verdade. O senhor sabe muito bem que, se hoje aqui me encontro, é ùnicamente por causa do seu último telegrama.

— Mas permita-me dizer-lhe que não é justo êsse seu estado de ânimo que dá a impressão de querer censurar-me quase, quando lhe afirmo que encontraria um terreno propício... Goebbels, íntimo colaborador de Hitler, fêz-me notar a necessidade de que V. Exa. falasse sem reticências. Com esta gente, os meios têrmos não adiantam nada. É preciso que sejamos claros e incisivos Pactos claros e longa amizade. Pedidos genéricos e promessas vagas de nada servem. Devo acrescentar que se não houver uma ordem precisa do Führer, os ministros, os peritos e todos os que controlam os órgãos técnicos, medirão cada auxílio com conta-gôtas...

Pareceu pacificado e persuadido. Quis aproveitar, então, o bom momento, para insinuar:

— É possível que a ocasião seja também favorável para examinar com Hitler as possibilidades de uma saída para a Itália. Permito-me recordar a mim mesmo neste momento, que, em maio passado, V. Exa. me afirmou com absoluta certeza que Hitler venceria a guerra

em três, ou no máximo, seis meses. Já se passaram oito, e, no estado em que se acham as coisas, é difícil fazer previsões...

O seu olhar, cortante como uma flecha, impediu-me de continuar.

— O senhor será então capaz de imaginar — exclamou com violência — que eu aceite para a Itália uma solução de compromisso sob a vergonha da derrota ?

Às onze, teve início o colóquio, a sós, enquanto isso, Ciano entretinha-se com Ribbentrop e o general Guzzoni com Keitel.

Os dois séquitos tomam por sua vez contacto com os problemas, para examinar e discutir questões menores.

Às treze horas, terminada a entrevista, e antes do almoço, Mussolini manda-me chamar. Encontro-o numa estranha atitude psicologica.

— O senhor tinha razão. Hitler foi cortês comigo, amável, compreensivo. Demais até. É um homem histérico. Ao dizer que ninguém mais do que êle vivera e compartilhara a minha augústia, tinha lágrimas nos olhos. Isso tudo não passa de um exagêro. Fêz-me sentir e pesar de mais a sua bondade, a sua generosidade, a sua fôrça e superioridade. O estudo e o esfôrço sincero ou forjado, em que se empenhou para tirar-me de apuros, acabaram por ofender-me. Parece cantar vitória. Mas ainda não sabemos quais sejam os desígnios definitivos do deus das batalhas.

E a Ciano, prosseguindo no seu desabafo, dirá:

— Isto é para mim um suplício. Não vejo a hora de ir embora.

Êsse suplício durará dois longos dias. Ninguém, então, o perceberá, porque Mussolini, habilíssimo em controlar-se, fará tudo para ocultar o seu estado de ânimo. Mas o suplício de Mussolini está no próprio drama dos acontecimentos, que faz que os dois ditadores, se enfrentem no seu íntimo, nas suas qualidades e defeitos, no seu diferente destino. A convivência tornará mais profunda a separação. Hitler, talvez inconscientemente, não saberá resistir, na sua expansividade emotiva e afetuosa, a cumular de delicadezas, atenções e considerações o seu hóspede, como para fazê-lo esquecer as suas desgraças, e dar-lhe confôrto e confiança com a exaltação da fôrça dos exércitos alemães e das suas poderosas reservas. Não perceberá que assim não fará outra coisa senão feri-lo continuamente na sua suscetibilidade.

Hitler, de fato, dá a impressão de dizer: vê como sou forte e como trabalhei bem. Tu és fraco, sofreste reveses e derrotas. Não importa: ajudar-te-ei, e se me deixares agir e tiveres confiança em mim, haverá também para ti um lugar ao sol.

No momento decisivo, sob a pressão dos acontecimentos, o Eixo sofre uma nova e profunda fenda. E justamente no momento em que os

dois ditadores se encontram frente a frente, um sulco se abre, profundo e irremediável entre ambos.

O almôço, à uma hora, desenrola-se numa elegante e simples salinha. Uma mesinha retangular, à qual, ladeado por Ciano e eu, Hitler se senta, defronte a Mussolini, ladeado por sua vez por Ribbentrop e Keitel. Nas duas extremidades, o general Guzzoni e Mackensen. O serviço é feito com automática correção por jovens ajudantes das S. S., que envergam uma elegante jaquetinha de flanela branca. De vez em quando, do biombo que esconde a porta de comunicação com a cozinha, surge discretamente a pequena figura do *maitre,* cujo *smoking* antiquado não se sente bem em meio aos uniformes.

Hitler come macarrão com manteiga, uma boa porção de legumes de várias espécies, muita salada fresca, tudo condimentado com alguns goles de chá ou de água, na qual se acha diluído um pó esbranquiçado. Mastiga com lentidão metódica, enquanto ajusta, com elegância e simetria, o conteúdo do prato. Mussolini, a grande cabeça inclinada sôbre a mesa, com a ponta do guardanapo enfiada na abertura da túnica, come ràpidamente um pouco de frango e de peixe, acompanhando com obstinado interêsse os discursos de Hitler, que dirige a conversa, fala da situação internacional, conta episódios heróicos da guerra, polemiza com Churchill, reproduz pormenores interessantes das entrevistas com chefes de Estado, critica a atitude de Franco.

Mussolini raramente fala; apenas algumas palavras, de vez em quando. E quando deve manifestar a sua aprovação ou sorrir, fá-lo de uma maneira forçada, que não esconde a afetação e o estudo.

Durante o café, servido na mesa, a atmosfera rarefaz-se um pouco. Keitel — são quase sempre os comensais alemães que falam — tornou-se também verboso e passa a contar uma anedota, para provar a popularidade de Hitler.

Um dia em que acompanhava o seu chefe uma unidade avançada, ao atravessar uma pequena aldeia quase totalmente abandonada, Hitler encontra um rapazinho que aparentava ter uns dez anos. Hitler chama-o e interroga-o afàvelmente. E o garôto, nada intimidado pelo cortejo dos generais, responde às perguntas. Seus três irmãos estavam na guerra. Um fôra ferido. Os pais trabalhavam na terra. Quanto a êle, esperava ir também à guerra. Hitler e os generais estavam cheios de admiração. Keitel perguntou-lhe se sabia com quem falara. O garôto respondeu imediatamente:

— Com Hitler.

Keitel insistiu:

— Você sabe também o seu nome ?

— Sim, respondeu o menino.

E após um momento de reflexão:

— Hitler chama-se "Heil".

Em meio a uma risada geral, Hitler levanta-se da mesa, acompanhado pelos outros.

E logo depois, às três horas, tem lugar uma reunião de caráter militar.

No vasto salão, diante de uma grande parede de vidro, através da qual se domina sugestiva paisagem montanhosa, Hitler e Mussolini examinam, sôbre uma mesa, os mapas das operações.

Altos oficiais das várias armas vão fazendo, sucessivamente, uma pormenorizada exposição a Mussolini. Êste sente-se lisonjeado pela consideração usada para com êle, mas não consegue todavia esconder um certo mal-estar, que se manifesta sobretudo quando se vê obrigado a participar da discussão com algumas breves frases pronunciadas em voz baixa, timidamente, como alguém que fala uma lingua que não domina bem. Mussolini falava e escrevia corretamente o alemão; mas as más linguas sustentaram sempre que êle não passava de um praticante, que nunca estudara a lingua, o que dera motivo a não poucos equívocos durante os seus colóquios com Hitler.

Às quatro e meia, interrompe-se a reunião para o chá, que é servido do lado oposto do salão, diante de uma imensa lareira, onde grandes pedaços de lenha, dispostos verticalmente, alimentam um fogo colossal, de que saem enormes chamas. Participam do chá as mesmas personagens que tomaram parte no almôço, mais Goering, correto e pomposo no seu elegante uniforme côr de rôla. Mostra-se vivaz, discursivo, otimista. Mas Mussolini guarda-lhe no coração rancor, pois foi informado de que também êle criticou àsperamente o ataque contra a Grécia e o emprêgo e a conduta das tropas.

Hitler saboreia sanduíches e sobretudo biscoitos e doces, servendo uma chávena de chá. Mussolini toma chá de camomila. Está visìvelmente perturbado com o forte calor que emana da lareira e tenta inùtilmente afastar a sua enorme poltrona.

Às cinco, recomeça a reunião. Agora é Hitler que faz uma longa e pormenorizada exposição política e militar acêrca da próxima intervenção alemã na Grécia. Mostra uma absoluta segurança no assunto de que trata; cita de cor os números e os camandantes das divisões a que será confiada a operação, estabelece o emprêgo das fôrças motorizadas, da aviação, da artilharia. Uma verdadeira lição de guerra. Provàvelmente preparou-se para causar impressão a Mussolini, o qual, diante dessa abundância de conhecimentos militares e tão larga disponibilidade de tropas, de reservas e armamentos modernos, limitava-se a aprovar silenciosamente.

Às sete e meia, terminada a reunião, passa-se diretamente para a sala de jantar, onde se repete, com pequenas variantes, o que aconteceu durante o almôço: os mesmos comensais, o habitual monólogo de Hitler, a impaciência de Mussolini. São sempre os alemães que man-

têm a conversação, durante as pausas de Hitler. Mussolini prefere ouvir; Ciano que, há algum tempo, se pôs a estudar o alemão, ainda não se arrisca entretanto a falá-lo. Aliás, a mesa é pequena demais para que se possa ter uma conversação fracionada.

Durante o café, Hitler conta alguns episódios da sua luta política. Depois, voltam para o grande salão, onde foi colocada uma tela, sôbre a qual se projetará um filme inédito sôbre as olimpíadas, obra do artista e diretor Lani Riefenstal, e que será o seu canto do cisne.

Mas antes, exibir-se-ão alguns documentários de guerra, tôda uma apoteose heróica das tropas alemãs. No escuro, observo os dois ditadores: Hitler está radiante, emocionado, satisfeito, e não pode conter algumas exclamações. Mussolini olha com os olhos semicerrados, absorto e distante. Não é, certamente, um fato capaz de entusiasmá-lo aquela vitoriosa cavalgada de tropas, aviões, carros de assalto, e aquêle incessante desfile de prisioneiros.

O soberbo espetáculo, acompanhado por um heróico comentário musical, encerra-se com um grande quadro em que domina a figura de Hitler, ao qual Mussolini dirige algumas estudadas frases de elogio.

Finalmente, às onze da noite, encerra-se êsse dia fatigante para Mussolini.

Na noite silenciosa e branca de neve, o ditador da Itália fascista velará insone. Fará um balanço que o dia para êle fecha em nítido passivo.

Verificou-se o que êle temia. Através das delicadezas e atenções, Hitler não deixou de fazer-lhe sentir a sua indiscutível superioridade. E diante disso, êle, Mussolini, deve resignar-se a ceder-lhe o passo, sempre fingindo cordialidade e amizade, porque já agora considera a sorte da Itália ligada à da Alemanha e para que não lhe venha a faltar aquela ajuda e aquela proteção de que tanto necessita, é que se arrastará como uma bola diante do pé.

Ele, que sempre se gabou de ter o sono às suas ordens, não terá sossêgo — coisa insólita — e alta noite chama o homem de confiança que sempre o acompanha em suas viagens, e que dorme no quarto contíguo. Quando êste se apresenta, Mussolini manda-o embora com maus modos.

Que fantasmas perturbam o seu inquieto espírito?

A lembrança da recente visão cinematográfica pesa sôbre êle como um pesadêlo. Por trás das poderosas tropas germânicas, parecer-lhe-á ver os soldados italianos, heróicos e valorosos, mas extenuados ao máximo, perseguidos pelas formações do exército grego; e talvez lhe ecoem então aos ouvidos as insolentes afirmações pronunciadas poucos dias antes, — a 18 de novembro de 1940 — perante uma imponente multidão: " Há algum dentre vós, camaradas, que se lem-

bre do discurso inédito de Eboli, antes da guerra etiópica ? Disse então que quebraríamos as costas ao Negus. Pois agora, com a mesma absoluta certeza, vos digo que quebraremos as costas à Grécia".

Não há dúvida de que a sua situação é trágica. É inútil escondê-lo. Êle sente-se escravo de sua própria obra. Há muito tempo iludiu os outros, iludindo a si próprio, acêrca das fôrças e da capacidade da Itália, com o intúito inflexível e generoso de proporcionar ao povo dignidade e bem-estar, e devolvê-lo aos antigos esplendores de glória e poder. Sente-se escravo da sua própria obra. Os fatos superaram as suas previsões e a sua vontade. Convencido de uma rápida conclusão da guerra, queria impor a palavra decisiva da Itália nos tratados para uma paz de equilíbrio sem supremacias absolutas. A isso se sentia impelido pela confiante expectativa das pequenas nações da Europa. Para não deixar mão livre ao aliado e rival, seguramente vitorioso, recusara-se a ouvir as poucas vozes que lhe recomendavam prudência. E agora ? Seria razoavel resignar-se ao destino e buscar, a qualquer preço, uma via de saída, uma solução que poupasse à Itália mais lutas e sofrimentos. Mas êle foi longe demais para poder recuar. É preciso agüentar firme, tentar ganhar tempo e avançar. Não proclamou êle sempre alto e forte que quem pára está perdido ?

No dia seguinte, segunda-feira, as coisas se passam mais ou menos de acôrdo com a mesma seqüencia e o mesmo programa. Há mais, durante a tarde, um silencioso passeio a pé pelo parque todo coberto de neve, os dois chefes à frente, e atrás, distanciado, o longo cortejo da comitiva, para ir tomar chá numa casinha de madeira, da qual se domina um vasto e monótono panorama; algumas visitas de homenagem a Mussolini, por parte de generais e gauleiter; depois mais reuniões e discursos intermináveis, sem um momento de trégua, sequer para respirar.

Mussolini, no limite da resignação e da paciência, faz um contínuo e visível esfôrço para salvar as aparências. Mas por trás do seu ostentado interêsse pela gente que o cerca, do sorriso forçado e dos repetidos apertos de mão, esconde um profundo mal-estar, um autêntico e inevitável sofrimento físico.

E finalmente, no dia seguinte, têrça-feira, lá pelo meio-dia, dá-se a partida, em forma oficial, da estação de Salzburgo. Logo depois é espalhado ao mesmo tempo, pelas agências alemã e italiana, um comunicado em que se exalta a perfeita identidade de vistas, a solidez do Eixo, a certeza da vitória.

Mas por trás das palavras diligentemente escolhidas, com o objetivo de propaganda interna e externa, oculta-se a essência íntima do drama. Os dois ditadores mediram-se. Mussolini saiu do encontro vencido, e terá que resignar-se a ser apenas o brilhante segundo.

Capítulo X

PERSONAGENS DO TERCEIRO REICH

Goebbels teve uma juventude bastante tempestuosa. Recebeu uma educação religiosa, que em seguida renegou, com rumorosa apostasia, passando para o campo oposto, após ter persuadido a jovem mãe de um seu aluno a abandonar o marido para unir-se a êle. Seu casamento parecia feliz; sua espôsa era bela, elegante, requintada; seus grandes olhos glaucos e profundos davam-lhe uma estranha fascinação ao rosto delicado, emoldurado por lindos cabelos de um louro platinado.

Tiveram cinco graciosos filhos, cujos nomes começavam todos, com a inicial do nome do Führer: Helga, Hedda, Helmuth, Hilde, Hester. Mas, apesar da grande parte do seu tempo dedicado aos filhos, a senhora Goebbels acompanhava e secundava com muita inteligência a obra de seu marido.

Goebbels conhecia muito bem as suas possibilidades. Gostava de repetir: " Churchill poderá dizer de mim tudo o que quiser, mas não poderá jamais pretender que eu não seja inteligente ".

E era verdade. Entre os astros de primeira grandeza do III.º Reich, Joseph Goebbels estava muito acima dos outros, por seus excepcionais dotes intelectuais, a sua maneira rápida e segura de enfrentar as mais variadas incumbências a que o seu alto cargo o obrigava.

Possuía uma cultura não profunda, mas bastante vasta, que não se baseava ùnicamente nas teorias de Kant, Hegel, Fichte, Nietzsche, e nem nas de Rosemberg, mas que se abria sôbre um mais vasto horizonte, no qual figuravam muitos elementos de tradição clássica. Goebbels nutria ao mesmo tempo um ardente culto por Bismarck e uma apaixonada admiração por Goethe. Essa rara mistura poderia levar a um feliz resultado de equilíbrio e humanidade, se desenvolvesse fora do terreno ardente e explosivo do " Mein Kampf " de Hitler; mas foi justamente aí que se cristalizou.

Assim como Bismarck tivera às suas ordens um grupo de escritores e oradores célebres, tais como Sybel, Freytag, Treitschke, Hitler encontrou em Goebels o seu mais fervoroso propagandista, quer através de escritos, quer da palavra. Êle possuia tôdas as qualidades exigidas pela grande propaganda política moderna, e tinha, além disso, o dom de ser um orador absolutamente fora do comum.

Quando Goebbels participava de uma das tradicionais manifestações. preparadas com pomposa encenação, o público tinha, no primeiro momento, uma desagradável surprêsa, ao ver comparecer à

tribuna um homemzinho magro, pálido, claudicante (uma enfermidade congênita obrigava-o a usar um sapato ortopédico, muito alto, e os seus inimigos costumavam chamá-lo " O Diabo Coxo "), cujo aspecto modesto contrastava com o caráter do seu séquito de secretários e ajudantes de campo, todos de alta estatura e elegantes nos seus impecáveis uniformes.

Mas assim que êle, sob a luz crua dos refletores, erguia a sua face glabra, de olhos expressivos, e começava a falar, fazendo crescer aos poucos o tom da voz quente e vibrante, êsse mesmo público ficava imediatamente subjugado. Considerava-o o melhor orador da Alemanha, não só pela sua voz e dicção perfeita, mas também pelo conteúdo dos seus discursos densos de imagens, vivos e sempre bem adaptados à psicologia do público a que se dirigiam.

A campanha oratória que Goebbels desenvolveu em Berlim, durante o difícil período de lutas políticas que levaram Hitler ao poder, ficou célebre. Munich era nessa época o centro de ação do P. N. S. Hitler e os seus adeptos achavam-se em Munich, onde, na famosa Brauerhalle, se efetuaram as reuniões. E foi em Munich que se deu o *putsch* decisivo para o triunfo do movimento. Mas a conquista progressiva de Berlim foi assegurada pela arte oratória de Goebbels, que, durante três anos, manteve a população da cidade e dos arredores sob o império da sua palavra. Tôdas as noites fazia um discurso: num teatro, numa escola, num salão, numa biblioteca, num circo, diante do público mais entusiasta, que êle abalava com o ímpeto irresistível dos seus argumentos, divertia com suas frases brilhantes, arrastava na visão entusiástica da Alemanha nacional-socialista, fortalecida internamente pela união dos cidadãos de tôdas as classes, forte e respeitada no exterior pelo prestígio de Hitler. Sabia também explorar o lado romântico, abrindo, diante de uma população ainda profundamente abalada pelas humilhações e as provações padecidas, a visão dos longínquos mitos teutônicos, onde, no fundo de misteriosas florestas, a lua fazia resplandecer as tumbas dos heróis, e deixando entrever um futuro de prosperidade e bem-estar.

A êsses grandiosos sucessos sôbre a multidão, que acorria cada vez mais numerosa para aplaudir " Herr Doktor ", correspondia uma perfeita organização que se encarregava de fazer durar o efeito da ação pessoal de Goebbels, constituindo em cada bairro da cidade assim como em cada província, grupos de sequazes, verdadeiras fortalezas da propaganda do partido.

Quando Hitler subiu ao poder, Goebbels foi nomeado ministro " da educação popular e da propaganda " ; êsse foi o seu título oficial. Mas conseguiu ficar também "gauleiter" de Berlim, e isso não sòmente por uma razão sentimental, mas porque sabia que o fato de ser

o chefe dos berlinenses lhe dava uma influência efetiva sôbre tôda a Alemanha.

Êsse duplo cargo pô-lo, naturalmente, em contacto cada vez maior com Hitler, que tinha, aliás, por êle, uma verdadeira simpatia pessoal. Era o único dos seus ministros com o qual se sentia à vontade, o único que sabia falar-lhe não apenas dos problemas ministeriais, mas também dos mais variados assuntos, impregnando-os de uma nota de " humour " que conseguia arrancá-lo por alguns instantes à atmosfera tensa e concentrada em que vivia, oferecendo-lhe uma possibilidade de distensão. Hitler costumava dizer: " Se tivesse que passar cinco anos numa ilha deserta, tendo a faculdade de escolher um companheiro, escolheria Goebbels ".

No quadro das funções de ministro da Propaganda, a atividade política de Goebbels era múltipla e extensa. A imprensa era, porém, a sua principal ocupação, à qual dedicava todo o cuidado.

Criara uma ampla organização de jornais cotidianos, semanais, ilustrados, para todos os gostos e tendências, mas, sempre, bem entendido, dentro dos limites de uma estrita ortodoxia nacional-socialista.

A imprensa era a arena onde os principais personagens do Terceiro Reich gostavam de desafiar-se e combater, e portanto, cada um queria ter às suas ordens um dos jornais mais largamente difundidos: Goering o *Allgemeinde Zeitung;* Ley o *Angriff*, fundado pelo próprio Goebbels; Rosemberg o *Voelkischer Beobachter;* Ribbentrop o *Berliner Tageszeitung.* A rivalidade era ainda mais acentuada entre o ministro do Exterior e o da Propaganda. Êste último reinava soberano e incontestado sôbre tôda a imprensa, que dirigia até nos mínimos particulares.

Do seu canto, Ribbentrop pretendia que a imprensa devia submeter-se ao dogma aprovado por Hitler, segundo o qual tôda a questão referente ao exterior devia passar pelo contrôle da *Wilhelmstrasse.* Daí resultarem contínuos atritos e lutas intermináveis das quais Ribbentrop saía doente de raiva, enquanto Goebbels, forte pela sua superioridade intelectual e pelo ascendente que exercia sôbre Hitler, conservara a sua calma rindo do adversário.

Mas foi com a aproximação e o decorrer da guerra, que Goebbels deu verdadeiras provas da sua capacidade. Hàbilmente impelidos pelo contínuo martelar dos seus argumentos escritos, falados, filmados, irradiados, os alemães mostraram-se mais uma vez incapazes de julgar por si próprios os fatos, prontos a aceitar as idéias forjadas pelos seus chefes. Era aliás, exatamente, sôbre a disciplina mental inata e tradicional na Alemanha, que Goebbels baseava a sua propaganda. Os acontecimentos pareciam, de resto, desenrolar-se favoràvelmente a Hitler. Após a ocupação fulminante da Noruéga, a

capitulação da Holanda, da Bélgica (a vitória sôbre a França): Calais, Paris, Compiègne, Goebbels fêz ecoar as trombetas da vitória. A imprensa e a rádio anunciavam ùnicamente êxitos; as "atualidades" cinematográficas galvanizavam o público com a visão de avanços vitoriosos, armamentos potentíssimos, impossibilidade de resistência do inimigo. Mesmo a um espírito independente tornar-se-ia difícil não se deixar arrastar pela onda irresistível de entusiasmo que erguia os espectadores quando as projeções de guerra, anunciadas pelas notas gloriosas da "Marcha dos Heróis" de Lizt, e acompanhadas pelo troar da artilharia e o ronco dos aviões, apareciam na tela. A morte e a destruição eram exaltadas como o supremo sacrifício pela pátria.

Depois, quando os exércitos germânicos, lançados sôbre as estepes ilimitadas da Rússia, conheceram as dificuldades, os reveses, a lentidão de uma interminável batalha; quando começaram as mais severas restrições e se impôs a necessidade do trabalho obrigatório de todos; quando os bombardeios aéreos, cada vez mais fortes, expuseram o povo a um perigo contínuo, — então Goebbels encontrou justificações e derivações. A propaganda mudou de tom: o motivo fundamental da "certeza da vitória" transformou-se em "necessidade de vitória". Era a "guerra total". Mais uma vez o povo alemão foi incitado a crer que era melhor lutar até à última gota de sangue do que ceder. Até mesmo a queda de Estalingrado foi transformada por Goebbels num motivo de exaltação; celebrou o heroísmo dos soldados do Terceiro Reich que deixavam às gerações futuras a tradição de luta e de imolação da sua juventude à pátria. Não renunciou à sua atitude agressiva, virando a favor da Alemanha os ataques da propaganda inimiga, tornando-se cada dia mais rígido e encarniçado. A sua ação implacável encontrava apôio na obstinação irremovível de Himmler, que já dominava a situação com sua férrea mão. Dêsse modo, impelido pelo fanatismo e pela fé absoluta em Hitler e na sua obra, Goebbels foi levado a trair a inteligência para pô-la a serviço da violência e da brutalidade, e a arrastar na desgraça os seus próprios filhos: "Inocentes diante da nova época"...

Foi na Primavera de 1941, numa manhã esplêndida e agitada como se vê raramente em Berlim no mês de maio, que se espalhou na capital germânica — primeiro entre os diplomatas, os homens de Estado e os jornalistas, depois entre o público — a notícia baixinho repetida de que Hess, secretário geral do P. M. S. partira às escondidas do aeródromo de Munich para a Inglaterra. A notícia causou grande impressão. Tratava-se de uma das mais eminentes personalidades do regime, que gozava de unânime consideração pelo bom senso e o equi-

líbrio que todos lhe reconheciam. Além disso, a sua autoridade pessoal era beneficiada pelo fato de que Hitler — com o qual havia enfrentado as primeiras batalhas e os duros dias de prisão — indicara-o como seu segundo sucessor, pois o primeiro deveria ser Goering. A opinião pública não soube como justificar êsse surpreendente acontecimento. A confusão foi muito maior, porquanto — como sempre sucede tôda vez que os alemães são tomados de surprêsa e não têm a possibilidade de elaborar um plano preestabelecido — os primeiros comunicados foram ambíguos e contraditórios. Os jornais começaram por anunciar que Hess era um traidor, que havia faltado aos deveres para com o seu chefe e para com a pátria; depois, declarava-se que Hess era um exaltado, doente dos nervos, e que agira num momento de fraqueza, de loucura, sem perceber exatamente o alcance do seu gesto. Enquanto a notícia circulava de uma capital à outra, von Ribbentrop precipitou-se para Roma, de avião, dirigindo-se a Mussolini, numa tentativa de evitar eventuais interpretações equívocas. Depois, como geralmente acontecia durante essa guerra tão longa e trágica, que fazia logo esquecer os maiores acontecimentos com o registrar dos novos, a questão caiu no esquecimento.

Efetuaram-se, entretanto, rigorosas investigações. Os principais colaboradores de Hess foram presos, e suas famílias submetidas a uma severa vigilância. Distribuíram-se ordens para impedir os comentários. Mas, apesar de tudo, a verdade veio à tona. Criou-se, aos poucos, uma versão exata do fato, precisando-se o motivo da decisão de Hess. Ao mesmo tempo, surgiu e fortaleceu-se, em certos círculos políticos e militares bastante restritos e reservados, o estado de ânimo de que Hess fôra o primeiro intérprete levado pela vontade ou a ilusão de poupar ao seu país a trágica situação em que os acontecimentos fatalmente o precipitariam. Hess não era um traidor e muito menos um exaltado. Graças à sua posição e ao fato de haver seguido, passo a passo, o desenvolvimento da revolução nacional-socialista, a conquista do poder, a consolidação do govêrno e dos órgãos do Estado, conhecia de maneira precisa a verdadeira situação interna da Alemanha.

Quando Hitler decidiu a guerra, Hess estava perfeitamente a par de todos os problemas: potencialidade do exército, capacidade industrial, produção bélica, reservas alimentares, etc., etc. As suas informações não estavam impregnadas de intencionado otimismo, como as que chegavam a Hitler, mas correspondiam à realidade. Ademais, êle estava bem informado acêrca do estado de ânimo das diferentes camadas da população.

É sabido que Hitler, quando a 10 de maio de 1940 invadiu os Países Baixos, a Bélgica e o Luxemburgo, estava absolutamente convencido de que a guerra fôsse de breve duração, um ano no máximo, e que terminaria com a vitória completa da Alemanha. O desenrolar

das operações militares do segundo semestre de 1940 deu-lhe aliás razão. No setor da propaganda, pôde-se fàcilmente criar o mito de que nada poderia resistir ao choque e à fôrça dos exércitos germânicos. Mas Hess, que não se deixava influenciar nem pelas previsões sempre otimistas de Hitler e dos seus mais íntimos colaboradores, nem pela propaganda que atingia o auge, tinha a possibilidade de avaliar a situação na sua fria realidade, e não deixava de perceber o futuro.

Estava persuadido de que Stalin dispunha de um ótimo exército e de grandes reservas de homens e de material bélico, e que, em qualquer eventualidade, a imensa vastidão da Rússia permitir-lhe-ia sucessivas retiradas, pondo o seu adversário numa situação difícil e impedindo-lhe um êxito definitivo.

Havia também outros argumentos muito sólidos sôbre os quais Hess baseava a sua convicção. O fato de que a premissa fundamental concernente à duração da guerra — condição indispensável para uma vitória alemã — se revelara irrealizável e errada, fazia que todos os planos devessem ser alterados e adaptados às novas exigências. Apresentavam-se, pois, gravíssimos imprevistos.

A Inglaterra — que Hess conhecia suficientemente bem através de laços de família — após superar a crise que a ameaçava, estava desenvolvendo, com fleugmática lentidão, mas com uma irresistível constância, todos os seus enormes recursos. Os Estados Unidos preparavam-se para intervir com todo o pêso da sua poderosa organização. Nos países ocupados, o estado de ânimo para com a Alemanha tornava-se, em conseqüência da excessiva severidade do ocupante, cada vez mais hostil. Hess compreendeu que a Alemanha não podia mais vencer a guerra. E percebeu que as suas previsões pessimistas eram compartilhadas por personalidades políticas e militares que, evidentemente, não se atreviam a manifestar a sua opinião. Expôs as suas reservas e os seus receios a Hitler.

Mas êste repeliu tais conversas. Falar de paz quando as valorosas tropas germânicas obtinham tão brilhantes êxitos e ocupavam vastos territórios, era certamente incompreensível para o Führer.

Hess conhecia o seu chefe melhor do que ninguém. Sabia muito bem que o seu fanatismo e a sua inflexível vontade, continuamente adulado pelos seus cortesãos, não cederiam diante de dificuldades e obstáculos. Quando se persuadiu de que, malgrado as opiniões contrárias, estava absolutamente decidido a declarar guerra à Rússia, Hess, seguindo o seu instinto e as suas intenções, julgou necessário preceder os acontecimentos e procurar outra solução que não a das armas, solução que naquele momento era ainda possível.

Acreditava que um fato novo, alheio à vontade do Führer, era indispensável para criar uma nova situação. Pensava também que, uma vez estabelecido um contacto direto entre a Alemanha e a Inglaterra, os

govêrnos e a diplomacia encontrariam certamente um meio de entender-se, o que pouparia à Alemanha um grande número de vítimas, a destruição e talvez até mesmo a derrota. Se, pelo contrário, a sua tentativa fracassasse, pagá-lo-ia pessoalmente. E foi por isso, que, num impulso de devoção à pátria e de apêgo ao seu chefe, propondo-se a intervir malgrado êste último, dirigiu o seu aparêlho para a Inglaterra.

Depois de Hitler, Himmler era o homem mais poderoso da Alemanha, e também o mais temido.

Ao vê-lo, em traje civil, com os ombros caídos, o tórax cavado, o pescoço fino, o rosto pálido e redondo, com o nariz levemente arrebitado e a fronte fugidia, não se observava nada daquela crueldade que era a sua característica.

Mas quando se apresentava em público, no seu uniforme de comandante das S. S., cercado pelo seu estado-maior, desprendia-se dele uma estranha fôrça, uma atmosfera de mistério e severidade; as pessoas sôbre as quais pousava o seu olhar agudo e penetrante como uma lâmina eram prêsas de um arrepio de mêdo; cada um fazia mentalmente um rápido exame de consciência. perguntando-se se, de acôrdo com os regulamentos da grande Alemanha, nada tinha a censurar-se, e, por conseguinte, nada a temer...

O poder de Himmler repousava sôbre sólidas bases que êle soubera, lenta e progressivamente, desenvolver. Quando Hitler assumira o poder, Himmler era um dos seus fidelíssimos, persuadira-o de que a condição essencial de um regime sólido e duradouro era uma polícia forte e segura. Recebera, portanto, de seu chefe não só carta branca ca para organizá-la mas também largas disponibilidades financeiras. Himmler possuia um verdadeiro talento de organizador e um grande conhecimento dos homens, e desenvolveu com precisão e método o seu vasto plano. Reformou e reforçou os quadros da polícia, integrando-a com novos serviços, à testa dos quais, colocou homens que gozavam da sua total confiança: Heydrich, Wold, Datigue.

Estabeleceu um recrutamento que devia fazer das S. S., um corpo escolhido; os aspirantes eram severamente selecionados; deviam ser todos jovens e fortes, perfeitamente sadios, de bela aparência. Durante o longo estágio nas escolas-casernas, os recrutas eram submetidos a uma severa disciplina e a uma intensa preparação tanto física como moral, que tinha um duplo objetivo: possuir uma coragem fria, racional, ao lado de um desprêzo total pelo perigo, e obedecer cegamente aos superiores, cujas ordens, fôssem quais fôssem, deviam ser a qualquer preço executadas. Himmler soubera criar um tal espírito de classe, que a mais alta aspiração dos jovens da *Hitlerjugend* (juventude hitlerista) era tornar-se S. S.; e o desejo máximo de cada S. S. era tornar-se digno da mais elevada recompensa: o anel de metal liso que tra-

ziam no anular da mão direita — anel da fidelidade — que Himmler entregava pessoalmente, no decorrer de uma grande cerimônia, àqueles que se haviam distinguidos por uma bravura e devoção à equipe. Dessa maneira, o corpo das S. S. constituia uma formidável organização, cujas ramificações se estendiam por tôda parte, como verdadeiros tentáculos a que ninguém podia escapar. Por tôdas essas razões, Himmler era o homem mais temido e também o mais odiado do regime nazista. Suportava, todavia, desdenhosamente êsse ódio, que sentia implacável, declarando dever uma total devoção ao seu chefe.

As bases da campanha racial foram lançadas por Rosemberg, mas foi Himmler quem a realizou e lhe deu um caráter particularmente duro e inumano.

Os inícios da luta anti-religiosa foram dirigidos pela imprensa de Goebbels, mas foi ainda Himmler quem, com pretextos sempre lisonjeiros e cautas manobras, deu lugar às perseguições.

Os seus íntimos pretendiam que êle era um idealista e um místico. Tinha sempre em cima da sua mesa de trabalho e sôbre o criado-mudo exemplares do *Mein Kampf* e do Alcorão. Mas será que não percebia a multidão de vidas que sacrificava e as atrocidades de que as S. S. se tornavam culpadas ?

Como quer que seja, até à Primavera de 1943, não se sabia nada em Berlim acêrca dessas atrocidades, sobretudo porque nenhum alemão as mencionava, e a mínima alusão ao fato poderia acarretar as mais funestas conseqüências. A tremenda máquina que Himmler criara era de tal modo perfeita que funcionava automáticamente, sem que exteriormente se lhe pudessem reconhecer as particularidades.

Êle não tinha sequer necessidade de assinar com o famoso lápis vermelho as ordens que disseminavam o terror e o desespêro: as engrenagens moviam-se por si.

Himmler dizia: "As S. S. podem ter as mãos enluvadas, mas o pulso deve ser de ferro. Ajo no interêsse de todos ".

Sentindo-se cercado por um ódio mortal, Himmler levava uma vida modesta e retirada, mas não isenta de vaidade.

Num dia de outubro de 1942, os círculos políticos, diplomáticos e jornalísticos de Berlim foram alarmados por uma notícia sensacional. Inúmeros agentes da Gestapo espalhavam-se por todos os bairros da cidade, irrompendo nas livrarias, papelarias, tabacarias e lojas, para seqüestrar os retratos de Himmler. Pensou-se que caíra em desgraça, ou que fôra assassinado. Mas, informações de fonte fidedigna asseguraram que as fotografias haviam sido seqüestradas, não por graves motivos políticos, mas de acôrdo com uma ordem formal do próprio Himmler, o qual, de fato, viera a saber que os berlinenses o apelidavam de "Zwuickerheini" — isto é, "o Henriquinho dos óculos". E o terrível Himmler não era homem que se deixasse tratar assim.

Passados dois dias, apareceram nas vitrinas novas fotografias, desta vez, sem óculos, e os alemães sentiram novamente, atrás de si, a sombra diabólica de Himmler.

Goering foi indubitàvelmente, no tempo da potência nazista, uma das personagens mais características e populares do Terceiro Reich. Independentemente do prestígio e da autoridade que lhe advinham dos inúmeros cargos exercidos, e do fato de ter sido designado como primeiro sucessor de Hitler, o povo, e sobretudo a populaça amava-o por uma dessas atrações misteriosas e complexas, que, às vêzes, se estabelecem entre a multidão e certos homens.

O seu passado de guerra criara-lhe uma auréola de heroísmo. Era apreciado também por uma certa simplicidade e bonomia pessoal, que contrastavam vantajosamente com o seu desejo e a sua necessidade de tudo o que era pomposo, grandioso, vitorioso, raro e precioso. E sob o resplendor dos seus numerosos uniformes, nos brilhantes cortejos de generais, ajudantes de campo e oficiais que o seguiam por tôda parte, entre a riqueza e a pompa, em meio à qual se desenvolvia a sua vida pública e particular, o povo encontrava com agrado os últimos vestígios dos antigos esplendores imperiais. Por isso, quando comparecia às reuniões, aos desfiles e às manifestações, a multidão comprimia-se em tôrno dêle, aclamando-o: " Hermann, Hermann, o nosso Hermann " !

Nessa atmosfera de indulgência, perdoavam-se-lhe as manias estranhas e pueris, como, por exemplo, a de enfeitar-se com uma quantidade de jóias: anéis, alfinetes, penduricalhos, e um desejo desenfreado de riquezas que lhe fazia declarar sem escrúpulos algum: "Estarei contente quando souber que sou o homem mais rico da Alemanha ".

Para melhor conhecer e compreender Goering, era preciso vê-lo em Karinhall — a suntuosa residência cuja construção assim como o desenvolvimento progressivo eram continuamente estudados por um verdadeiro esquadrão de arquitetos, engenheiros, artistas e peritos de todos os gêneros.

Essa residência nascera de uma modesta casinha de caça, situada num imenso terreno às margens de um pequeno lago e de um riacho, oferecida como presente ao *"Reichmarschall"*, pelo govêrno da Prússia, em reconhecimento dos seus méritos patrióticos. A propriedade estendia-se por alguns milhares de acres, a cem quilômetros de Berlim, nas proximidades de Schorfheide.

Aí chegando, encontravam-se as casinhas dos guardas florestais e dos guardas de caça, as cabanas onde os cervos, as gazelas e os javalis vinham comer durante o inverno; a seguir, um grande grupo de construções: as casernas do regimento pessoal do Marechal, com pátios

para exercícios, liça, piscina, oficina, tudo organizado e funcionando na mais completa autonomia.

O caminho continuava cada vez mais variado: por entre os troncos de árvores apareciam, de vez em quando, um animal de bronze ou um fauno de mármore; a seguir, desenhava-se uma vereda ladeada de ciprestes ainda jovens, ao fundo da qual pousava majestosamente um grande cervo real, com uma enorme galhada de vinte ramificações; entrava-se finalmente num pátio quadrado, cercado em três lados pelo castelo.

Êste era construído no estilo que o gôsto nazista considerava como fazendo parte da mais pura tradição germânica: uma construção preferìvelmente baixa, de um só andar, com um teto muito inclinado, de telhas vermelhas, revestimento branco, enfeites de pedra cinzenta. A fachada central, de um pseudo-gótico modernizado, bastante original, trazia esculpida no frontão do portal o escudo do Marechal: um braço armado de uma maça. O pátio era calmo e sossegado com canteiros e caminhos bem cuidados. No pátio de honra, via-se o leão de Brunswick, fera inócua entre os jardinzinhos, e por entre as sebes aparadas à maneira dos mais belos jardins de Lenotre, divisavam-se reproduções em bronze das divindades gregas: Apolo, Diana, Marte, frias e como que desfalecentes naquela luz cinzenta.

O "pátio de rosas", cercado por pérgolas de trepadeiras, era uma selva de roseiras, entre as quais a reprodução do " Porcellino " de Florença fazia bela figura.

A entrada tinha um aspecto verdadeiramente teatral: o chão, as paredes, a dupla fila de escadas, com balaustres de uma cintilante brancura, tudo era de mármore, ou de pedras raras e maravilhosas; o trabalho perfeito e a combinação das côres criavam um ambiente digno das " Mil e uma noites ", prova de uma obra-prima de técnica artística. Aí estavam reunidos, num longo rodapé, os mármores mais belos da coleção do marechal. De ambos os lados da escada, grandes vitrinas reuniam os mais diversos objetos: tecidos antigos, armas, trajes sacerdotais, instrumentos de caça. Goering, não sem uma certa satisfação, mostrava ao visitante surprêso o pesado arcabuz do único Reichmarschall seu predecessor: o príncipe Eugênio da Saboia.

Na imensa sala de jantar, com colunas de mármore vermelho de Verona, a mesa aparecia coberta com uma toalha de sêda côr de marfim; da mesma côr eram as cadeiras de finíssimo couro, e as grandes cortinas,. salpicadas de coroazinhas de louros douradas, emoldurando um H.

A sensação de frio das paredes de mármore era amenizada pelas tapeçarias da manufatura berlinense, recamadas de ouro, cujas composições alegóricas representavam, à falta de temas mitológicos ou religiosos, a alegria, a juventude, a saúde.

Dos imensos lampadários de cristal da Boêmia, cada um dos quais do tamanho de um lustre normal de teatro, e das lâmpadas dissimuladas na moldura do této, desprendia-se uma luz quase ofuscante. Se uma discreta mão girasse o botão elétrico que controlava as imensas janelas da varanda, uma janela inteira desaparecia de repente, descortinando diante dos hóspedes a frescura do jardim e da floresta.

Uma fonte clássica, ornada de bustos antigos, escondia-se por entre os grupos de hortênsias róseas e azuis; mesinhas com toalhas de renda achavam-se instaladas sôbre o ladrilhado " romano "; uma pequena companhia de criados de túnica verde com debruns de camurça, calças verdes, botas de montaria de camurça, e camareiras com corpetes de sêda também verde, igualmente debruadas de camurça, blusa de renda, amplas saias verdes, botas de pele de veado, azafamavam-se daqui para acolá, servindo refrescos, enquanto a banda do regimento tocava marchas estridentes.

Da parede cinzenta que enquadrava a saída do salão, o Cavaleiro de Bamberg e o Imperador de Magdeburgo olhavam no seu imóvel silêncio.

Cada lugar tinha um seu caráter particular; o escritório do marechal era em estilo medieval alemão, com enormes traves descobertas e uma imensa lareira de granito; em cima de uma grande mesa de carvalho, achavam-se abertos mapas atlânticos, sôbre os quais, diàriamente, uma equipe de oficiais deslocava os minúsculos modêlos das belonaves, de maneira a fazer que o marechal pudesse estar sempre a par da posição de tôdas as frotas.

As salas de recepção, uma verde e outra côr de rosa, e a biblioteca muito alta, na qual se podia admirar uma mesa de madeira esculpida com motivo religioso — eram decoradas com raríssimos tapetes, baixelas, bronzes, enormes poltronas e divãs preciosamente forrados: couros de Córdoba, veludos de Gênova, lãs da Escócia e da Hungria. Como na casa de um soberano do século XVI, ou de um rajá da Índia, havia, dos dois lados do salão principal, as duas salinhas " do ouro " e " da prata ", que reuniam os inumeráveis presentes recebidos por Goering: taças de quartzo, com pedestal de ouro, escudelas, pratos, vasos de prata lavrada e cinzelada; bastões de marechal: o da cidade de Berlim em *vermeil* e pedras preciosas; o de Balbo, trabalho árabe, de prata e turquesa. A escadaria, que conduzia ao segundo andar, era guarnecida com os troféus de caça de Goering, centenas de chifres de todos o tamanhos, desde os pequenos e recem-formados dos veadinhos aos imensos das alces; prêsas de javali, encastoadas em prata sôbre estojos de pergaminho. A coleção de quadros espalhava-se mais ou menos por toda a parte: no andar térreo, alguns Granach, e italianos da escola davinciana mais ou menos autênticos; na luminosa galeria que precedia a sala das reuniões, os holandeses. A sala das

reuniões era um comprido compartimento de estilo severo, revestido de madeira escura, com cadeiras de couro, de espaldar alto, uma ampla mesa de nougueira, e, em cada lugar, uma pasta de escrivaninha, de couro, com as iniciais do marechal gravadas a ouro.

Nos porões estavam instaladas a sala de ginástica, com uma tela para as projeções de corridas de animais, gazelas, cervos, javalis, lôbos, a fim de que Goering pudesse exercitar-se no tiro; a sala de jôgo, onde uma pequena central elétrica controlava uma instalação completa de uma estrada de ferro e aviões, na reprodução de uma província alemã; e a piscina coberta, que reproduzia um *tepidarium* romano, ornada de nichos e elegantes estátuas numa luz de aquário.

Em 1934, Goering convidara todos os chefes das missões estrangeiras para a inauguração da " casinha de caça ".

Durante a recepção, à qual compareceram embaixadores e ministros, ao lado da mais elegante e brilhante sociedade, Goering apresentou-se sucessivamente em vários uniformes de caça, como se se tratasse de um espetáculo.

Pequenas " charretes " floridas, com cavalos fogosos, de flores nas orelhas, transportavam a grande trote os convidados até ao mais profundo da floresta, onde inesperadamente apareceu um colossal bisão, em companhia da sua não menos colossal companheira.

Os hóspedes ficaram um tanto surpreendidos com essa inesperada aparição; estando presentes as senhoras, uma sensação de sujeição despertou a ironia mordaz dos homens. Mas o marechal, alegre e sorridente, só pensava em oferecer coisas suculentas: sanduíches de rosadas salsichas, e imensos cálices de espumante cerveja — orgulhoso e feliz por saborear as primeiras delícias do poder.

Em certos ambientes, pretendia-se que Baldur von Schirach devia a sua posição ao fato de se ter casado com a filha de Hoffmann, um dos grandes amigos de Hitler, fiel companheiro de tôdas as lutas políticas, tornando, em seguida, o seu único fotógrafo oficial, e que, como tal, o acompanhava por tôda parte, não só nas viagens e nas cerimônias oficiais, mas também na vida particular.

Poderá haver algo de verdade nessa versão, mas não se deve, porém, esquecer que Baldur von Schirach, em fins de 1931, e sendo apenas um estudante de vinte anos — e antes de Hitler subir ao poder — havia já lançado as bases da grande organização que mais tarde se chamou *Hitlerjugend* (juventude hitlerista).

Alto, esbelto, louro, de rosto regular e um pouco efeminado, no qual cintilavam dois vivos olhos azuis, e marcado por uma bôca voluntariosa mas de sorriso fácil, possuía um extraordinário ascendente sôbre os jovens, que se sentiam imediatamente subjugados pela cora-

gem, a presteza, a sincera camaradagem que demonstrava e a simples firmeza das suas ordens, e algo de apaixonado que emanava de tôda a sua pessoa e de tôdas as suas palavras.

Enquanto o Partido Nacional-Socialista, sob o impulso de Hitler, se desenvolvia, através de renhidas lutas, Schirach fazia da organização juvenil algo de separado e independente, evitando impor-lhe uma etiqueta política para não lhe dar um significado patriótico. Isso facilitava o recrutamento efetuado em todos os ambientes.

De vez em quando, havia grandes manifestações: a população admirava então os longos desfiles de jovens que, em perfeito alinhamento, marchavam a passo cadenciado, ao som de tambores e fanfarras, bandeiras desfraldadas, cantando os hinos da pátria; depositários de uma vontade de ressurreição e de poder, suscitavam nos espíritos a nostalgia do passado e a esperança no futuro.

Quando o nacional-socialismo chegou ao poder, Schirach foi nomeado chefe da Hitlerjugend, e dela fêz um eficiente instrumento de propaganda. Dotado de invulgar experiência, pôde pôr em prática um programa bastante vasto.

De voluntário, o recrutamento passou a ser, progressivamente, obrigatório. Numerosos professores e instrutores especializados iam sendo graduados, o que lhes permitia fazer observar cada vez mellhor a disciplina. Schirach fundou escolas e colégios, organizou competições esportivas, espetáculos ginásticos e torneios perfeitos. Fêz que as suas "tropas" recebessem a melhor cultura física, ao lado de uma certa preparação espiritual. Gradativamente, o caráter político da organização foi pois se acusando; as teorias do Mein Kampf penetraram na pedagogia. O nome de Hitler passou a dominar cada vez mais o espírito dos jovens, e acabou-se por prestar-lhe juramento.

Semelhante credo político, impresso na alma da juventude, ameaçava ou destruía os milenares princípios que até ali constituíam a base de tôda a cultura e educação. Sem escrúpulos nem reservas, davam-se às crianças as mais cruas e materialistas explicações sôbre a vida; inculcava-se-lhes na consciência que todos os valores e ideais estavam representados pela grandeza e a fôrça da raça alemã, sob a direção de Hitler. Essas doutrinas, embebidas de exaltado patriotismo e de espírito de sacrifício, acabavam por cativar a imaginação naturalmente romântica dos alemães. " *Du bist nichte. — dein Wolk ist alles* ". (Tu não és nada; o povo a que pertences é tudo).

O resultado disso tudo foi o fanatismo que impeliu as novas gerações a um desenfreado orgulho da raça, a uma submissão rígida e total às disposições que se afastaram cada vez mais do conteúdo moral e cristão da vida, e que mais tarde deviam desembocar naqueles métodos inumanos já agora tão tristemente famosos, e inconcebíveis para um sêr civilizado.

Todavia, essa obra de desarticulação prosseguia insidiosa e silenciosamente, sob a aparência radiante e enganadora das paradas militares e da exaltação patriótica.

Algumas famílias fizeram ressalvas, apresentaram protestos, houve mesmo alguns corajosos, jamais incluídos entre os aderentes — mas, em sua maior parte, os jovens eram já escravos do ambiente. Encorajara-se um grande espírito de classe e de emulação, em cuja base repousavam a prática da disciplina e o sentimento da honra.

E como tôda família alemã tinha pelo menos um membro na *Hitlerjugend,* a propaganda era assim automàticamente exercida entre todo o povo.

Para as moças, os processos, os métodos e os regulamentos eram diferentes. Eram instruídas visando a colaboração na futura formação da família; deviam exercer influência sôbre os maridos, subtraindo-os ás tendências políticas contrárias ao nazismo, e criar os filhos no culto da pátria e dentro de um espírito de absoluta fidelidade a Hitler.

Quando Schirach foi nomeado gauleiter do *Ostmarck,* embora conservando, pelo menos oficialmente, o comando da *Hitlerjugend,* consagrou-se com grande interêsse à sua nova tarefa. Propôs-se a conduzir os austríacos, e, sobretudo Viena, a uma ativa colaboração com o Reich; pretendeu pacificar os corações ainda amargurados, devolver a vida a essa capital já tão esplêndida, sacudir a apatia dos nobres, dar um novo impulso ao movimento industrial e comercial. Todo um programa, que, dado o momento, parecia muito corajoso. Ao planejá-lo, Schirach pensava talvez evidenciar-se não só um organizador mas também um hábil diplomata. Não posso, entre outras, esquecer uma manifestação que êle, como gauleiter de Viena, especialmente organizara para as famílias da nobreza austríaca, que até então não tinham querido abandonar a sua reserva. Nos grandes salões da *Hofburg* (Palácio Real), sob as luzes de todos os lustres de novo acesos, cem mesas preparadas, com serviços de prata maciça, preciosas porcelanas da Saxônia, cristais da Boêmia, e enfeitadas com mimosas, e com pálidas orquídeas, esperavam os convidados para a *Mozartwoche* (semana das comemorações mozartianas).

Baldur von Schirach queria nessa ocasião ressuscitar o esplendor de Viena imperial. Ali se reuniram, junto aos elementos ortodoxos do nacional-socialismo, artistas, jornalistas, personalidades pertencentes à fronda, cuja presença dava um novo sabor ao habitual prato da cerimônia oficial. Mas enquanto na *Redoutensaal* no Palácio Pallavicini, e na *Horkirche,* pálidos rostos aristocráticos se entreviam nos lugares menos importantes, nas grandes recepções, esse mundo de fantasmas desaparecia para dar lugar aos que chegaram por último, aos novos ricos de uma sociedade que possuía uma longa tradição de nobreza e de cultura.

Muitas foram as manifestações excepcionais: no Palácio Pallavicini, na sala em que Beethoven pela primeira vez executara a *Heróica,* um célebre quarteto tocava músicas de câmara de Mozart; na *Singakademie,* executou-se o *concêrto em dó maior;* na Ópera, os olifantes da *Flauta Mágica* chamavam a multidão, que se apinhava sob as arcadas gotejantes de chuva do *Karntuerring,* iluminado aqui e acolá por alguns lampiões.

Enquanto isso, o banquete na *Hofburg* terminava sem nenhum discurso. O que é que se estava esperando ? Baldur von Schirach levantou-se, e pediu aos convidados que o acompanhassem até à *Redoutensaal.*

E ali, naquele incomparável ambiente rococó, à luz de velas fixadas nas estantes dos músicos, executaram-se minuetos inéditos de Mozart. A voz inesquecível cantou nos violinos, nos oboés, nas flautas, trinou nas clarinetas, fêz-se grave nos contrabaixos, para prorromper mais estridente nas trompas.

O que dizia, o que queria lembrar aquela voz ? Baldur von Schirach não ouvia. De pé, perto da tribuna (camarote de honra), o velho contínuo da sala, que, sobrevivente a todos os governos, custodiava o legendário palácio dos Habsburgos, tanto na felicidade como na desgraça, olhava imóvel, com a cabeça encanecida, inclinada sôbre a libré nova, sem lágrimas e sem esperança.

Todos respeitavam Rosemberg, e tinham grande consideração por êle, embora a sua posição política parecesse durante muito tempo bastante vaga e incerta.

Êle era uma espécie de eminência parda, envolta numa estranha atmosfera, na qual se misturavam os reflexos de uma grande reputação e de uma indiscutida autoridade, sem que fôsse, entretanto, possível discernir a razão tanto de uma como de outra.

Sabia-se que Rosemberg se dedicava a propagar doutrinas destinadas a desenvolver os princípios nazistas, que escrevia artigos e organizava reuniões, assembléias, congressos e exposições sapientes e nebulosas.

Rosemberg era considerado como uma espécie de profeta do nazismo.

A sua principal autoridade advinha-lhe de um de seus livros: " O Mito do Século XX ", estranho amálgama de sentimentos e brutalidade, elucubrações místicas e exaltação heróica, de aspiração a um mundo irrealizável de superior bondade, o qual vinha entretanto desmentido pelas explicações da doutrina por êle pregada. Tal como Spengler, o autor de " O fim do Ocidente ", Rosemberg tem a impressão de estar vivendo entre duas épocas, com a única diferença de que o pes-

simismo de Spengler se transforma, em Rosemberg, num desejado otimismo, que vê, na reconstrução da consciência racial, a salvação do Ocidente. Segundo Rosemberg, trata-se de ultrapassar a noção de um amor, êsse supremo valor espiritual do cristianismo, substituindo-o pelo conceito da honra interpretada como "alma da raça" (Rassenseele).

Tais afirmações podem levar muito longe. Para Rosemberg, a glória toma uma nova fisionomia, pois, aos seus olhos, as únicas fôrças que a determinam são as raças e o seu espírito; religiões, classe, etc., devem ser subordinadas ao sangue, à raça.

Essa teoria apresentava, no livro de Rosemberg, uma série de argumentações pseudo-científicas, técnicas, filosóficas e políticas, que foram por êle, em seguida, divulgadas numa conferência realizada na Sorbonne em março de 1941, sob o título: " O sangue é ouro ". Essa conferência provocou comentários contraditórios, sufocados pelo regime de ocupação. Impôsto como texto de leitura obrigatória nas escolas, "O Mito" de Rosemberg tornou-se o elemento fundamental na formação espiritual dos jovens que, já completamente impregnados dessas doutrinas, iam engrossar as fileiras da " *Hitlerjugend* " de Schirach e das S. S. de Himler, levando-lhes o seu espírito.

Procurava-se influir até mesmo sôbre a índole das crianças mais novas; nos asilos, a história e a história sagrada eram substituídas por lendas maravilhosas que falavam de gnomos e de fadas.

Fortalecido por semelhante autoridade, não constrangida pelos limites de um cargo ou de uma função determinada, Rosemberg desenvolvia uma intensa e variada atividade.

O seu escritório de St. Martinplatz tornara-se o lugar de reunião de estudiosos, professôres, peritos, que desejavam aperfeiçoar-se na nova doutrina, arvorada na expressão do mais puro nacional-socialismo. Organizava-se tôda espécie de manifestações, imprimiam-se manifestos de propaganda, e selecionavam-se os argumentos para os oradores que se dirigiam ao exterior.

Era um novo gênero de oficina, na qual se trabalhava assìduamente para a maior glória do nazismo.

No verão de 1942, durante uma das raras recepções diplomáticas e mundanas que ainda se realizavam em Berlim, Rosemberg compareceu com o novo uniforme de "Ministro dos territórios ocupados a leste". Estava de pé, perto da lareira, numa grande sala de luzes atenuadas; o rosto calmo e afável, os cabelos grisalhos, apesar dos seus quarenta anos, os traços regulares, e um olhar inteligente e quase sonhador, impressionavam agradàvelmente. Uma bengala, à qual se apoiava, servia-lhe para disfarçar um ligeiro coxear.

Sùbitamente, formou-se, em tôrno dêle, um círculo de interlocutores, políticos e senhoras da sociedade diplomática. Chamavam-lhe "pai-

zinho" (Vaterchen), apelido êsse que continha uma leve e sutil ironía. Sabia-se que êle assumira com verdadeiro interêsse e secreta satisfação o pesado encargo de mudar o regime nos territórios russos ocupados.

Os seus escritórios achavam-se instalados no edifício da Pariserplatz, antiga séde da embaixada norte-americana; pusera à testa dos mesmos dois antigos colaboradores seus, e organizara serviços de tôda espécie que irradiavam por tôda parte.

A conversa logo se animou; desejava-se conhecer a importância das novas conquistas efetuadas, e a possibilidade de novas riquezas que se abriam para o Reich.

Rosemberg, que habitualmente mantinha uma certa reserva sôbre as questões políticas, celebrou com calor a prodigiosa fertilidade da Ucrânia, a futura Califórnia da nova Europa. Falava das grandes vantagens que essa população primitiva, honesta, sóbria e tenaz no trabalho, encontraria numa organização eficiente, e êle, que na vida familiar amava a mulher e os três filhos, pôs-se a exaltar a coesão social das comunidades rurais ucranianas.

Descrevia essa terra fertilíssima, que possuía abundante mão de obra, mas onde as máquinas, necessárias em virtude da sua grande extensão, faltavam totalmente. Salientava o entusiasmo com o qual os camponeses haviam recebido os 15.000 arados que os trens militares germânicos haviam transportado e pôsto à sua disposição.

Mas o grande milagre estava no momento da colheita: enquanto, em 1941, o trigo ficara abandonado nos campos, apodrecendo à mercê das intempéries, em 1942, fôra atrelada até mesmo a última vaca leiteira *(die leztze kuh)* para transportar as colheitas e abrigá-las em lugar seguro. E a conseqüência disso era que a Alemanha não tinha mais necessidade de transportar para a Rússia o trigo para as suas tropas.

E o incrédulo Rosemberg contava, não sem uma certa surprêsa por parte dos seus ouvintes, episódios da tenaz fidelidade religiosa dos camponeses ucranianos, que, durante vinte anos, mantiveram suas ícones escondidas, para exibí-las finalmente e depositá-las nas mãos dos capelães alemães.

Nada de dúvidas nem hesitações: o govêrno alemão levaria a felicidade àquelas terras.

Já que a personalidade de Ribbentrop — admitindo-se que a tenha — não se revela através dêste livro, limitar-me-ei a frisar algumas passagens da sua vida.

Durante o verão de 1936, Berlim reunia os representantes do mundo inteiro, vindos para assistir às Olimpíadas.

Foi um momento pleno de glória para o Terceiro Reich. As competições esportivas, graças à sua perfeita organização, grandiosa e quase teatral, ofereciam uma oportunidade de mostrar a tôdas as nações o progresso e as imensas realizações efetuadas em três anos pela Alemanha nacional-socialista. A opinião pública internacional foi tomada de euforia. Diplomatas, personalidades políticas e representantes das grandes indústrias, turistas, jornalistas de todos os países, comprimiam-se à entrada do Estádio Olímpico, e mais de um "enviado especial" estrangeiro voltou deslumbrado com a colossal encenação que parecia corresponder a uma profunda renovação do povo alemão.

Enquanto o longo ocaso do Verão nórdico iluminava com sua luz de um vermelho pálido as arquibancadas do imenso estádio, coroavam-se de louros os vencedores, içavam-se as bandeiras das nações a que pertenciam, ao som dos hinos nacionais que enchiam o anfiteatro com as suas notas graves e estridentes. O público cosmopolita acompanhava, em côro, a música, e podia-se pensar no início de uma nova fase das relações mundiais com a *"Mitteleuropa"*.

Enquanto von Neurath acolhia com espontânea elegância, nas históricas dependências do Ministério do Exterior, o denso grupo de diplomatas e personalidades políticas mais em evidência; enquanto Goebbels organizava, na ilha encantada de Schwenenwerder, recepções que os jornalistas e os artistas tornaram célebres; e enquanto Goering oferecia suntuosos jantares, servidos com ritmo militar, marcados por certas surprêsas — como quando durante o café, a conversa de um grupo de convidados foi interrompida pelo aparecimento de um magnífico leãozinho, mascote do "grande Hermann" — Ribbentrop trabalhava em silêncio, e do seu pequeno escritório lançava os fios do seu plano.

Fôra recentemente nomeado homem de confiança do partido com referência aos problemas da política exterior. Diplomatas, homens de Estado e jornalistas procuravam discreta e amigàvelmente travar conhecimento com êle.

Alguns — mas muito poucos — recusaram-se, e entre êles Vansittart. Outros um pouco por indolência e um pouco por curiosidade, consentiram. E durante aquêles dias desfilou então, no pequeno escritório de von Ribbentrop, a maior parte dos hóspedes estrangeiros mais em evidência, e perante os quais, êle, diante de um enorme mapamundi, expunha as idéias futuras, distribuindo promessas e insistindo sobretudo na oportunidade de intensificar as relações e de resolver os problemas de particular interêsse da nação de que naquele momento recebia o representante.

Êste, de volta ao seu país, apressava-se a transmitir às altas esferas a entrevista realizada. E foi assim que o nome de Ribbentrop começou abrir caminho no exterior.

Mas von Neurath, aborrecido com as exigências, tomou posição. Resultou daí um atrito, de que os fiéis a Ribbentrop se aproveitaram para acentuar a oposição a Neurath, insistindo no fato de que êle estava já velho e portanto insensível às idéias nascentes.

A dissensão aumentou em prejuízo de von Neurath, e a situação tornou-se de tal modo crítica, que Hitler precisou resolvê-la, pelo menos temporàriamente, enviando Ribbentrop como embaixador a Londres, onde a sua missão se revelou totalmente negativa.

O novo embaixador chegou a Londres precedido, acompanhado e seguido por um exército de colaboradores escolhidos, de acôrdo com a idade, a beleza física, o conhecimento de linguas, e outras qualidades mais ou menos importantes; escolheu também alguns, cujas espôsas fôssem bonitas, afáveis e elegantes.

O aparato e o formalismo que o novo embaixador instaurou para o funcionamento dos negócios formava um gritante contraste com a simplicidade "gentlemanlike" dos inglêses. Tendo desenterrado uma remota descendência nobre, Ribbentrop começou a fazer preceder o seu nome de um "von", e lançou-se à obra com imperturbável segurança. Mas a saudação nazista que fêz ao apresentar-se no Palácio de St. James para a apresentação das credenciais, a pompa que exigia na retribuição das visitas protocolares, a sua convicção de que o corpo diplomático e os políticos inglêses lhe devessem especial consideração, as pretensões exageradas nos mais simples pormenores da vida cotidiana, criaram em tôrno dêle, desde o princípio da sua missão, uma atmosfera de desconfiança da qual não conseguiu mais libertar-se.

Se as relações de Ribbentrop com Londres não eram boas, os contactos com Berlim eram decididamente maus. Havia algum tempo que von Neurath tomara uma posição nitidamente contrária à sua. Hitler tergiversava e procurava ganhar tempo, enquanto os amigos e emissários de Ribbentrop se empenhavam em fazer crer que os resultados medíocres da sua missão diplomática em Londres deviam atribuir-se à incompreensão da Wilhelmstrasse. Declarou-se que a revolução nacional-socialista devia confiar a homens jovens, a novos elementos, a direção da sua política exterior. Von Neurath perdia terreno diante da campanha acérrima que se fazia contra êle, enquanto Hitler continuava a tergiversar. Ribbentrop fêz que o chamassem de novo a Berlim. O Führer tomou então uma daquelas inesperadas decisões que faziam parte do seu caráter, e inverteu a situação para satisfazer o partido e dar uma lição aos inglêses.

Assim Ribbentrop, que deixava a embaixada de Londres com uma sensação de mal-estar e um surdo rancor, subiu a escadaria principal da Wilhelmstrasse e sentou-se triunfalmente à mêsa ministerial.

Êle não estava preparado para tão pesada e delicada tarefa. Propôs-se portanto a dominar, e tornou-se um déspota.

O trabalho desenvolvia-se lentamente pelo fato de que êle queria ver e controlar tudo pessoalmente. Desprovido de um método fixo, com horários extenuantes, pouco seguro até mesmo de si próprio, era desconfiado e suscetível, pronto a ver por tôda parte um ataque à sua autoridade.

As conseqüências de semelhante estado de coisas são fàcilmente imagináveis: contínuas dificuldades nos negócios, acúmulo de trabalho, mau humor e má vontade. Mal tolerado pelos colegas no govêrno, temido pelos funcionários, Ribbentrop não contava com a simpatia dos representantes exteriores do corpo diplomático, perante os quais não sabia deixar a sua atitude solene, inspirada no sentimento da própria superioridade.

Habituado a tratar os problemas importantes com os chefes dos diferentes govêrnos e com os ministros dos negócios estrangeiros, periòdicamente convocados por Hitler, considerava os diplomatas como simples funcionários.

As relações com as missões estrangeiras, já desde o princípio raras, tornaram-se nulas, quando, no início da guerra, Ribbentrop deixou Berlim para ir estabelecer-se numa localidade por êle batizada de quartel-general, e onde a existência era penosa e monótona.

Colaboradores e funcionários deviam estar perpètuamente à sua disposição; todos esperavam, com os relatórios prontos, as informações em dia, as cartas prontas para assinar, porque o ministro desejava controlar tudo, e essa perpétua expectativa era enervante e mortificante.

À mêsa, diante do prato único ou *Fintopf,* Ribbentrop, quando não falava de trabalho, repetia um de seus habituais discursos de tema obrigatório: a genialidade de Hitler, a certeza da vitória, a fôrça e a sorte do povo alemão. Mergulhados em semelhante ambiente, os seus inúmeros colaboradores acabaram por trabalhar maquinalmente, indiferentes e hostís, obsessionados pelo temor de perder o lugar e pelo terror que o seu superior direto inspirava.

Em Berlim, no Ministério do Exterior, a situação era ainda mais difícil e delicada. O subsecretário de Estado, von Weizsacker suportava-lhe o pêso com inteligência, método e perfeito equilíbrio. De boa nobreza e cultura, um grão-senhor tanto no espírito como nas maneiras, moderado e probo; justo, tinha um temperamento completamente oposto ao de Ribbentrop. Von Weizsacker punha no desempenho da sua bem difícil tarefa um tacto, uma compreensão e uma sensibilidade que o tornavam particularmente benquisto pelo corpo diplomático. Desgraçadamente, o seu ministro não lhe deixava nenhuma iniciativa. Ribbentrop achava que os funcionários deviam renunciar a qualquer liberdade de palavra e de ação, para considerar-se exclusivamente executores das suas ordens.

As relações entre Hitler e Ribbentrop foram sempre ótimas. Ribbentrop conquistara desde o primeiro instante a simpatia que o seu chefe até ao fim lhe conservou, malgrado os repetidos ataques que as intrigas palacianas preparavam contra o ministério. Na sincera admiração que Ribbentrop tinha por Hitler, entrava também uma grande parte de gratidão. Raramente os dois homens discutiam sôbre política exterior; aliás nenhum dêles tinha idéias claras e precisas sôbre o assunto. O programa geral de Hitler era simplista; constituir na Europa Central um bloco oposto à Russia. Para realizar êsse programa, contava com seus exitos militares. Era, em suma, uma política exterior feita com a guerra, e à qual Ribbentrop não trazia outra contribuição além da sua obediência cega e formalista à vontade de Hitler.

Ribbentrop não tinha vida íntima, não conhecia as pausas da repousante vida familiar. A sua casa de Dahlem estava sempre deserta, pois durante as suas raras aparições em Berlim preferia morar no suntuoso apartamento que mandara modernizar, na Wilhelmstrasse. Pouco via a família. O filho combatia na primeira linha; a filha, de vinte anos, estava sempre longe, trabalhando, ou em longas viagens; a mulher, sempre doente; os três filhos menores entregues aos cuidados de preceptoras. Nenhum velho amigo com quem falar embora de coisas fúteis. Nenhum desejo de refugiar-se na leitura para esquecer as preocupações do seu cargo... Nenhum momento de trégua para descer do pedestal e colocar-se entre os homens...

Quando o Feldmarechal Keitel tomava parte numa das raras e grandiosas manifestações militares, que faziam a alegria do povo alemão, o público o admirava com grande satisfação.

Aprumado no seu elegante uniforme, alto, ágil, apesar da sólida contituição, chegava marcial, seguido pelo seu numeroso estado-maior. Dirigia-se para o alinhamento das tropas, onde, ao rufar dos tambores, às suas rápidas ordens, recebia as honras.

Com um belo rosto regular, apesar dos traços bem marcados, os olhos de um azul límpido, acentuados pelo monóculo, o lábio superior sombreado pelo bigode louro-opaco, perfeito nas maneiras, Keitel movia-se numa atmosfera de dignidade e austeridade. Personificava o tipo clássico do oficial prussiano, continuador de uma longa tradição, de uma excepcional experiência militar, adquirida nas escolas de guerra e nos campos de batalha.

Keitel dava a mesma impressão imperiosa de prestígio durante as sessões do *Reichstag,* quando aparecia sentado no primeiro banco. A sua figura erecta e resoluta sobressaía mais perto de Hitler que, com o queixo apoiado sôbre o peito, os ombros caídos, as mãos brancas e quase femininas, cruzadas em cima da mesa, numa atitude característica de cansaço e abandono, fazia antes e depois o seu ritual discurso.

Mas chegando perto dêle e falando-lhe, tinha-se do marechal Keitel uma impressão muito diferente. Saindo da sua habitual reserva, falava alto e sem parar, gesticulando enfàticamente, qual um homem convencido da sua própria importância. É difícil precisar quais fôssem as suas tarefas e as suas funções no quartel-general de Hitler. Seus amigos diziam que êle possuía dotes especiais para a arte da guerra, mas durante as hostilidades nunca ninguem o viu brilhar fora dos salões por onde Hitler a todos repetia que a Wermacht era invencível. Keitel devia a sua posição ao fato de que, adulando o senhor do Terceiro Reich, podia conservar o seu cargo mal definido de chefe do alto comando do exército.

Sendo o único oficial que convivia com Hitler, acompanhava-o por tôda parte, e, desde o dia da sua nomeação, foi, entre os íntimos do Führer, o único de grau superior, com exceção de Goering.

Keitel fazia, por essa razão, parte de tôdas as reuniões de caráter militar, e, em tempo de guerra, assistia a tôdas as audiências de Hitler. A sua posição dava-lhe uma enorme importância, pois se Goering e Raeder transmitiam as ordens de Hitler à aviação e à marinha, seus feudos particulares, era, entretanto, Keitel que as fazia chegar ao exército. Considerando-se forte pela confiança de seu chefe, não hesitava em falar em lugar dêle, sempre que se tratasse de dar instruções gerais.

Após a campanha da Polônia, da Noruéga e da França, Keitel criou o mito do "gênio militar" de Hitler. De acôrdo com Goebbels, convenceu os alemães e o próprio Hitler de que este possuía excepcionais qualidades militares. Com admirável intuição do caráter suscetível e irascível de seu chefe, Keitel soube conquistar as suas boas graças. Mas o mito assim criado não tardou a virar-se contra a potência do III.º Reich. Keitel, de fato, tornou-se um dos homens mais detestados pelos chefes da Wermacht, que lhe censuravam não só o fato de dar ordens às divisões, passando por cima dos comandos de exército, mas também, e sobretudo, por manter Hitler dominado por um sentimento de infalibilidade, que comprometia enormemente o destino das tropas combatentes.

Quando começaram os reveses, Keitel não encontrou outro modo de levantar o prestígio de seu chefe, senão proclamando o seguinte axioma: Hitler é um gênio; os seus generais é que cometem êrros.

Estrategos como von Brautschitch, von Bock, List, etc., foram postos de lado, substituídos, quer por amigos de Keitel, quer por chefes expiatórios como von Kachler e Busch.

A fim de manter-se no poder, Keitel excitava, por outro lado, as rivalidades existentes no exército, entre as S. S. e a Wermacht, a aviação a infantaria, etc.

A sua surda atividade acabou por exacerbar a tal ponto os generais, que, já em 1942, durante uma reunião militar realizada em Berlim, êstes reprovaram claramente ao marechal o fato de trair a sua missão de chefe do O. K. W. (Ober Komando Wherasch) e não dar nenhuma importância "à dignidade e à honra do exército, sustentando contínuamente Hitler nos seus planos militares".

Durante algum tempo, a estrêla de Keitel empalideceu, mas, passado um mês, em janeiro de 1943, Hitler nêle depositava de novo tôda a sua confiança. A oposição continuou. Mas Keitel não podia voltar atrás e reconhecer que Hitler era incapaz de conduzir um exército.

O almirante Doenitz, novo comandante-chefe da marinha alemã, gozava, no momento de sua nomeação, de largas correntes de simpatia entre a opinião pública.

Ultrapassara apenas os cinqüenta anos, era alto, esbelto e dono de um rosto expressivo onde brilhavam dois olhos claros; pronto a compreender as situações e a transmitir as ordens, Doenitz possuía as qualidades necessárias a um chefe. Muito ambicioso e ao mesmo tempo expansivo, dinâmico, culto, demonstrava um caráter e modos espontâneos para com os seus subalternos. Foi sobretudo como comandante da frota de submarinos, que atraiu a atenção dos círculos militares e políticos. Tendo o hábito de acompanhar pessoalmente os preparativos das missões confiadas às suas unidades, vigiava atentamente para que as equipagens estivessem nas melhores condições tanto físicas como morais. Tôda vez que podia, assistia às partidas e às voltas.

Em Paris, onde instalara o seu quartel-general, era muito difícil encontrá-lo. Deslocava-se rápida e improvisadamente num avião que estava sempre à sua disposição para inspeções e comunicações. Gostava sobretudo de ir a Bordeaux, onde em pouco tempo mandara construir ciclópicos refúgios para abrigar o maior numero possível de submarinos e protegê-los contra os ataques aéreos.

Tôda vez que uma equipagem voltava de uma missão vitoriosa, Doenitz organizava uma imponente cerimônia, durante a qual, após dirigir-lhe uma vibrante saudação e entregar as condecorações, conversava familiarmente com os marinheiros, interessando-se por êles e pelas suas famílias.

De vez em quando fazia um breve estágio em Berlim, com a família, sempre inquieta por êle e pelo mais jòvem dos Doenitz, combatente na primeira linha. Durante essas pausas, gostava de fazer longos passeios em companhia de seu fiél e inteligente cão lôbo, que nunca o abandonava.

Tinha o hábito de ficar apenas poucas horas no seu escritório, o que aliás lhe era suficiente para pôr em dia com metódica exatidão o seu pesado trabalho.

Pôde registrar, juntamente com a sua nomeação, uma série de êxitos na guerra submarina.

Aos íntimos, confessava, brincando, que possuía um cofre onde os amontoava para revelá-los ao público à medida das exigências da guerra e da situação política.

Porém, a partir de 1943, verificou-se uma rápida e inesperada diminuição no nível das vitórias. Tentou-se explicar o fenômeno, atribuindo-o a novas descobertas dos aliados. Fêz-se saber que a frota submarina alemã se ressentia da necessidade de um período de reorganização. Mas a verdade era que a vantagem passara para os aliados.

Perfeitamente cônscio da situação, Doenitz redobrou os esforços e não omitiu nada para comunicar aos seus homens a fôrça de convicção e de resistência fanática que êle próprio recebia de Hitler; mas os dados já estavam lançados.

Capítulo XI

O MOTOR DO EIXO PÔSTO À PROVA

Baseado em verificações precisas, numa longa experiência pessoal e em documentos incontestáveis, posso afirmar que o Eixo nunca funcionou, ou se o fêz, foi em prejuízo da Itália. E isso não sòmente na trágica fase final, mas sempre desde o início.

Eu estava certo de que a nossa entrada na guerra fôra precedida por acôrdos precisos de caráter militar e político, por entendimentos específicos acêrca da preparação bélica, armamentos, fornecimentos, matérias primas de que a Itália tinha absoluta necessidade; mas quando, no início da minha missão, pedi a Roma informações exatas, recebi sòmente respostas vagas, e tive que gradativamente persuadir-me de que a decisão de Mussolini — expressa na mensagem de 6 de junho de 1940 a Hitler, e da qual já se falou em capítulo precedente — não foi acompanhada nem seguida de nenhum dos atos que estabelecem claramente as condições da participação no fato mais importante e decisivo da vida de um povo: a guerra.

Tomada a decisão de intervir, o resto se resolveria depois, à medida que se fôsse apresentando a necessidade de examinar e solucionar êste ou aquêle problema.

Dessa gravíssima lacuna, a Itália pagará as desastrosas conseqüências.

Na ausência quase absoluta de qualquer plano ou coordenação, cada um dos dois países agia por sua própria conta, sendo a linha contingente de conduta comum imposta mais pela fôrça dos acontecimentos do que pela vontade dos chefes.

As causas do não funcionamento do Eixo eram múltiplas e complexas, próximas e longínquas, e poderão ser resumidas do seguinte modo:

— A incompreensão fundamental entre os dois povos, profundamente diferentes por natureza, temperamento, educação e sentimento. De bem pouco servira a propaganda jornalística imposta por Mussolini, e da qual determinava pessoalmente as diretrizes, encomendando e escrevendo êle próprio alguns artigos. Era um trabalho inteiramente vão, que deixava bem tênues traços, chegando a criar uma atmosfera artificial de aparente convicção, mas sem conseguir abalar a indiferença da opinião pública. De convincente para o povo italiano, só havia os êxitos militares alemães.

Mussolini, entretanto, pretendia que, pela concomitância das duas revoluções, a fascista e a nacional-socialista, o povo italiano fôsse ger-

manófilo. Fazia disso uma questão pessoal. Não admitia que o embaixador da Itália em Berlim, que aliás se empenhava em cumprir as suas ordens, apresentasse nenhuma ressalva. Lembro-me de que, tendo num dos meus relatórios — 29 de março de 1943 — N.º 4649 — escrito incautamente: *"Existe há séculos, entre italianos e alemães, uma particular dificuldade de compreensão recíproca; a aproximação dos dois povos, se algum dia puder verificar-se, será obra de decênios"* — recebi de Mussolini severa repreensão.

— A nunca cessada desconfiança dos alemães para com os italianos, contra os quais permanecia, como implacável censura, a recordação de 1914-18; e a igual antipatia dos italianos para com os alemães, sobretudo os italianos do norte, que não esqueciam o domínio dos Habsburgos.

— A diferente personalidade dos dois chefes, e o profundo contraste de seus sentimentos. Hitler tinha por Mussolini consideração e amizade, que se ressentiam da gratidão pelo auxílio, o estímulo e os conselhos dêle recebidos durante o mais árduo período da luta que o levara ao poder. Faccioso e fanático, impetuoso e violento, conservava nas pregas do seu temperamento uma vida sentimental e romântica, que o tornava sinceramente devotado a Mussolini. Êste, entretanto, não gostava de Hitler. Desde o seu primeiro encontro em Veneza — na Primavera de 1934 — encontro que se revelou completamente negativo, Mussolini experimentou mal velada contrariedade junto ao seu aliado, o qual nem sequer na aparência possuía nenhum dos dotes exteriores que tanto lhe agradavam: imponência física, atitude marcial, olhar voluntarioso, gesto resoluto; características essas que êle considerava prerrogativas de um "chefe". De um lado, Mussolini sentia-se contente e satisfeito com a sua superioridade, mas de outro, experimentava uma espécie de compaixão por Hitler, parecendo-lhe que as suas qualidades negativas existiam em detrimento da limitada estirpe dos condutores de povos. Havia, além disso, razões de caráter psicológico, já expostas noutro capítulo, que farão que Mussolini se encontre numa contínua contradição consigo mesmo; dominado pelo desejo e pelo instinto de romper com o importuno aliado, e pela necessidade racional de fingir, de não deixar transparecer nada, de ver com bons olhos um mau jôgo.

Foi essa progressiva e trágica inferioridade, que Mussolini percebia perfeitamente, que nêle determinou, perante Hitler, uma atividade ausente e passiva, secretamente hostil, que repercutirá em tôdas as fases e todos os acontecimentos da guerra, agravando os destinos da Itália. Haverá por parte do chefe italiano algumas explosões e reações, manifestações de um orgulho e decidido propósito, que não passarão entretanto de desabafos verbais, destinados a permanecer sem-

pre e ùnicamente no âmbito dos seus colaboradores, morrendo sem nenhuma seqüência.

— As péssimas relações existentes entre os dois ministros das relações exteriores: Ciano e Ribbentrop. Também aqui havia profunda diversidade de temperamento. Ciano era inteligente, vivo, intuitivo, bastante culto, irrefletido, instável, generoso. Ribbentrop era frio, compassado, metódico, vaidosíssimo, ignorante, desconfiado. Ambos bem apresentáveis e ambiciosos. Ciano que, apesar de ser o mais jovem, era o mais antigo dos ministros do Exterior, mal tolerava a crescente empáfia do seu colega, e, por trás das aparências corretíssimas das maneiras e das fórmulas, gratificava-o com os mais ofensivos títulos e com uma profunda antipatia. Numa palavra, os ministros se odiavam.

Conseqüentemente, que poderiam fazer as duas embaixadas?

— A embaixada alemã em Roma estava aterrorizada pelo método autoritário de Ribbentrop, e era uma passiva e fiél executora de ordens, cuja transmissão era facilitada pela presença de Mussolini e de Ciano, sempre à sua disposição. A embaixada italiana em Berlim fazia todo o possível para desempenhar o seu papel informativo; preencher as contínuas lacunas verificadas no serviço num momento assim tão complicado e delicado; proteger-se a fim de evitar o pior; tomar, nos limites do possível, tôdas as iniciativas que pudessem induzir o govêrno de Roma a assumir determinadas atitudes. Papel particularmente árduo, se se considerar que em Roma havia — como é sabido — uma profunda divergência entre o ministro do Exterior e o chefe do govêrno, e que, em Berlim, os ministros mais importantes estavam sempre ausentes, deslocados para junto dos longínquos quartéis-generais, ocasionando assim a impossibilidade dos contactos freqüentes e pessoais capazes de tornar útil e eficaz o trabalho diplomático.

Por essas e outras razões, viera-se criando uma situação caótica, desordenada e paradoxal. Já foi dito que por trás das habituais declarações da propaganda alemã e italiana, exaltando a amizade e a solidariedade entre os dois países "unidos na certeza da vitória", havia a falta de qualquer entendimento sério, de um plano comum de ação militar e política.

O Pacto de aço previa a possibilidade da entrada da Itália na guerra não antes de 1942, em virtude da escassez de armamentos e de matérias primas, de fornecimentos, preparação de homens e de material. Na Alemanha sabia-se portanto muito bem que, quando a Itália decidiu a intervenção em junho de 1940, tinha absoluta necessidade de ser largamente ajudada e reabastecida, tanto no setor produtivo como no econômico e alimentar. Da Itália chegam a Berlim nu-

merosas delegações e comissões de peritos, diplomatas, generais, almirantes, industriais, políticos, altos funcionários dos vários ministérios, para fazer as requisições do que para nós era indispensável. As delegações apresentavam-se munidas de memorandos e exposições pormenorizadas destinadas a provar as nossas dificuldades e a legitimidade dos nossos pedidos. Desenrolavam-se longas discussões, durante as quais os alemães faziam uma frente unica, distribuindo entre si oportunamente os papéis, a fim de conceder o menos possível. No fundo, estavam certos de que as nossas necessidades eram muito inferiores ao que lhes pretendíamos fazer acreditar; em matéria de víveres, achavam que o nosso racionamento era mal feito, e que muitos dos mantimentos se perdiam pela má organização da distribuição. E quando, encostados à parede, eram obrigados a render-se à evidência de algumas das nossas inderrogáveis necessidades, sobretudo quanto ao carvão, ao trigo e à gasolina, ou quando se verificavam intervenções políticas de caráter extraordinário, os delegados alemães fingiam ceder; digo fingiam, porque os acordos eram, em seguida, apenas parcialmente executados.

Essa a razão pela qual eu manifestava aos delegados italianos que, no fim das suas intermináveis reuniões e discussões com os alemães, se dirigíam à embaixada para comunicar-me com evidente satisfação os termos do acôrdo obtido e do compromisso assumido pelos alemães, um contentamento limitado.

Uma longa experiência me convencera da real situação e de como os alemães entendiam a colaboração, isto é, com a menor contribuição e sacrifício possível.

Desde os primeiros tempos da minha missão, afirmei repetidamente, por forma verbal e escrita ao ministro italiano do Exterior, haver uma única maneira de pôr côbro a tal situação: a intervenção direta e pessoal de Mussolini junto a Hitler, a fim de obter dêste último um compromisso específico e claro pelo menos nas questões mais importantes e urgentes. Mas Mussolini não gostava de encontrar-se com Hitler pelas razões que já tive ocasião de expôr e por outras que me escapavam (talvez por estar realmente doente, talvez por não gostar de submeter-se ao pesado e sistemático respeito do protocolo alemão, ou talvez porque o intimidasse o fato de apresentar e sustentar pessoalmente os pedidos da Itália); o fato é que tôdas as vêzes em que, aproveitando a oportunidade da urgência de resolver importantes questões militares e políticas, eu manifestava a necessidade de um encontro entre os dois chefes, as minhas iniciativas permaneciam sem efeito, quem sabe também — hoje tenho motivos para pensá-lo

— talvez boicotadas através das malhas dos "boatos" tendenciosos do Palácio Chigi.

Resolvi, então, dirigir-me diretamente ao Duce. Com a autorização de Ciano, enviei a Mussolini um longo relatório, em 6 de junho de 1941, no qual sustentava e expunha os argumentos em favor da minha tese, resumida no seguinte período: "Declaro mais uma vez que no intêresse da Itália é necessário e indispensável que entre V. Exa. e o Führer se mantenham freqüentes contactos pessoais. "E mais adiante: "*Como embaixador, sustento que a Itália necessita da Alemanha tanto quanto a Alemanha precisa da Itália. Não me canso de pôr em evidência a contribuição do sacrifício italiano: declaro que, perante o mundo, a Itália confere à Alemanha a garantia que provém da nossa civilização e tradição;* mas, definitivamente, a carta sôbre a qual se poderá contar continua sendo a carta Mussolini. É urgente e indispensável que V. Exa. se persuada de que, desde que mantenha relações e contactos pessoais e freqüentes com o Führer, tudo se poderá arranjar do melhor modo". Nenhuma resposta. Tinha a impressão de pregar no deserto. Bastava entretanto que Hitler fizesse de repente saber por intermédio do embaixador von Mackensen, que desejava encontrar-se com Mussolini, para que êste imediatamente consentisse com uma prontidão que não receei considerar exagerada e até mesmo um pouco servil. Isso também está escrito nos meus relatórios.

É preciso infelizmente reconhecer que, quando se realizava uma entrevista, o resultado era quase completamente nulo. Longos monólogos de Hitler, conversações a sós, entre os dois chefes, enquanto ao mesmo tempo se efetuavam reuniões de caráter político e militar entre os seus colaboradores, conferências plenárias, exploração do horizonte, exame do passado e observação do futuro. Palavras e mais palavras. No fim da entrevista era longamente discutido entre Ciano e Ribbentrop, e depois aprovado por Mussolini e Hitler, o habitual comunicado de tema obrigatório. E as coisas continuavam como estavam ou pouco mais ou menos, e isso sempre em prejuízo da Itália.

Propus-me, então, fazer que para o próximo encontro, embora não se soubesse quando seria, se preparasse e redigisse uma espécie de ordem do dia, ou se indicassem simplemente, tanto de um lado como de outro, os assuntos a tratar, a fim de se pensar oportunamente nas soluções. Aproveitei a ocasião da difícil situação criada com grave prejuízo para a Itália, pelas operações militares ítalo-germânicas na Iugoslávia na Primavera de 1941, para tomar posição e conseguir que Roma saísse da sua passividade.

No relatório de 10 de abril de 1941, escrevia: "Por ocasião do iminente encontro em que serão discutidos e resolvidos problemas que se revestem de um interêsse vital para a Itália, acho que convirá mos-

trar uma certa firmeza. As conhecidas dificuldades da situação militar italiana e as vitórias alemãs criaram em certos círculos alemães a tendência a uma desvalorização da função italiana. É preciso cortar tais sintomas pela raiz, *a fim de evitar que se cristalizem opiniões não conformes com a base de perfeita igualdade que deve ser o pressuposto do Eixo.* Desde o início da minha missão na Alemanha — 17 de maio de 1940 — afirmei (meu relatório de 31 de maio de 1940 N.º 5302) êsse conceito como diretriz do meu programa de trabalho, diretriz que sempre reforcei. Se a potência gremânica é hoje incontrastada na Europa, o Reich está por outro lado cercado sòmente de inimigos, e é de seu fundamental interêsse ter na Itália uma aliada forte e satisfeita. *Esta é a linha na qual me bato, usando de camaradagem para com os alemães, mas com absoluta firmeza.*

Tal conceito é confirmado no relatório seguinte, de poucos dias depois — 15 de abril de 1941 — "quanto mais aumenta a zona de ocupação e de influência da Alemanha, tanto mais se sente a necessidade de ter ao lado a Itália. Mas é preciso que tenhamos, de nossa parte, dignidade e firmeza".

Roma cala-se, mas eu não abandono o campo. Em 3 de maio de 1941, (isto é, dali a pouquíssimos dias), envio um novo e explícito relatório: "A situação que nestes dias se desenvolve é,. para nós, extraordinàriamente importante. *Após as recíprocas declarações de amizade, lealdade, colaboração, etc., é esta a primeira vez que os dois paises se olham efetivamente nos olhos, e, superando resistências e dificuldades, devem ter a coragem de entrar num leal acôrdo. O motor do Eixo é hoje pôsto à prova.* Independentemente dos inconvenientes, alguns na verdade graves, verificados durante o desenrolar das operações militares (basta mencionar a retirada forçada das nossas tropas da zona ao norte de Lubiana, a marcha forçada do regimento pessoal de Hitler para chegar a Gianina; o caso da capitulação do exército grego sem consulta e sem concurso do lado italiano; isso sem falar na tentativa de ocupar Cattaro e Ragusa, tentativa fracassada pela rápida junção das nossas colunas); *o fato é que os acordos anteriormente estabelecidos entre os dois estados-maiores não foram respeitados.* É necessário e urgente que se façam com a Alemanha acordos precisos, documentados por escrito e apoiados em mapas geográficos, a fim de evitar posteriores discussões desagradáveis como no caso da ocupação de Florina pelas tropas búlgaras."

"A Alemanha, cercada só de inimigos, precisará, para conservar a paz e garantir a "nova ordem", da estreita colaboração da Itália. O Führer percebe perfeitamente essa verdade assim como as necessidades que coincidem com o seu desejo declarado de dar satisfação à Itália fascista; mas nos círculos dirigentes germânicos, as próprias idéias do Führer podem sofrer — por um exagerado senso de germa-

nismo e pela habitual falta de moderação — deformações que afastam ou alteram a atuação concreta da sua vontade. Os órgãos executivos do Reich acham-se neste momento de tal maneira tomados por uma febre de expansão e de domínio, que não raro forçam a mão aos orgãos dirigentes.

"Corresponde, portanto, a um supremo interêsse e a uma inderrogável necessidade o fato de que, por ocasião do próximo encontro, o Duce, tratando pessoal e diretamente com o Führer, exponha os problemas italianos e exija, de maneira concisa, a sua solução. É preciso, além disso, que se fixem claramente por escrito os acordos efetuados e as linhas de demarcação, porque tudo o que permanece no vago e no impreciso, ou é entregue ao futuro, ou joga fatal e gravemente contra os nossos interêsses.

Uma vez que não quero tomar iniciativas que de qualquer maneira possam interferir na ação de V. Exa. a minha obra só poderá ser util se seguir precisas diretrizes e tomadas de posição de Roma".

Nas relações com personalidades do govêrno e do regime nazista, a minha linha de conduta inspirava-se com absoluta firmeza no critério acima exposto: "O sentimento de camaradagem e amizade para com os generais alemães não me impede absolutamente de tomar conhecimento da realidade das coisas, impondo-me, pelo contrário, o dever de falar com tôda a sinceridade que o momento exige, a fim de evitar, no interêsse de ambos os paises, que se criem incompreensões e equívocos."

Também êsse relatório permaneceu, como os anteriores, sem resposta. E não me pareceu que nem depois Roma abandonasse o seu agnosticismo e a sua passividade.

Pôsto à prova, o motor do Eixo dera mau resultado, e em total prejuízo da Itália. Por isso me senti fortalecido do propósito de não me desviar da linha de conduta que, no interêsse do meu país, me impusera.

Capítulo XII

OPERÁRIOS ITALIANOS E MULHERES ALEMÃS

A entrada nos campos ou *Lager* que hospedavam os trabalhadores italianos na Alemanha era severa e indistintamente proibida a todos aqueles que não lhes pertencessem.

Não obstante isso, muitas vêzes, durante os primeiros tempos de minha permanência em Berlim, costumava interromper o meu trabalho na chancelaria e fazer-me conduzir para fora da imensa cidade num automòvelzinho que não chamasse a atenção. Ao chegar às proximidades de um dos *Lager,* mandava o motorista parar e colocar o carro num lugar afastado. Percorria a pé um pedaço de caminho mais ou menos longo e atravessava calmamente o portão, como se fôsse de casa. Como, durante o dia, todos os trabalhadores estavam fora, ficando só os homens destinados aos serviços do campo e um ou outro doente, podia visitar fàcilmente as barracas que serviam de dormitório, refeitório, lugar de reunião, a cozinha e as privadas, tudo quanto dizia respeito à vida do campo. A quem perguntasse a minha identidade, respondia que era um encarregado da embaixada. E as coisas iam muito bem enquanto não me reconheciam, pois quando isso acontecia, a notícia espalhava-se ràpidamente, e, logo depois, chegava, contrafeito e desconfiado, o comandante alemão do campo. A partir dêsse momento, cessava para mim a verdadeira utilidade da inspeção, porque a sua presença lhe tirava tôda a espontaneidade, intimidando e tornando reticentes todos os que eram por mim interrogados.

Como quer que seja, êsse método revelou-se muito oportuno. A minha permanência no ministério das corporações na fase inicial da organização do Estado corporativo, que marcou a composição do conflito entre capital e trabalho, e o conhecimento e o estudo aprofundado dos problemas do trabalho unidos aos freqüentes contactos com as massas operárias me haviam dado um discreto domínio do assunto. De maneira que, durante as minhas improvisadas inspeções berlinenses, podia fazer perguntas que tocavam no vivo as questões mais delicadas, o que me permitia tomar fàcilmente conhecimento das várias situações. Havia, além disso, outra vantagem: a rápida difusão da notícia das minhas inesperadas visitas fazia que os chefes alemães dos campos se sentissem controlados, os encarregados italianos se empenhassem em atenuar os inconvenientes mais graves, e as autoridades alemãs, encostadas à parede, pelas minhas vivas reclamações baseadas em verificações pessoais, não pudessem entrincheirar-se por

trás da habitual e cômoda fórmula do "o senhor não foi bem informado".

Eis porque nunca me preocupei em dar atenção ao pedido, cortês mas insistente, do protocolo do Ministério do Exterior alemão, que muito gostaria de ser prevenido acêrca das minhas visitas, por consideração — dizia — ao meu cargo.

O problema do envio da mão de obra italiana à Alemanha fôra, desde o início, mal colocado. Premido pelas necessidades da guerra, Hitler, querendo pôr à disposição dos exércitos o maior número possível de homens, arrancados aos campos, às fábricas e às oficinas, ordenara nos paises ocupados o recrutamento em massa de operários.

Ciente da capacidade e do rendimento do trabalhador italiano pedira um forte contingente de operários a Mussolini, que, como é sabido, preferira enviar soldados. Mas surgiu uma espécie de transação, pela qual Mussolini concordou em enviar trabalhadores e Hitler aceitou a participação dos soldados italianos. Sob a premente exigência alemã, os primeiros envios da Itália foram feitos à pressa e desordenadamente. Após lentos percursos ferroviários, com intermináveis paradas nos trilhos mortos, os trens vindos da Itália descarregavam nas várias estações da Alemanha grandes grupos de trabalhadores que, às vêzes, a pé, outras, em caminhões, se dirigiam aos respectivos *Lager*.

Como não havia ainda entre a frente do trabalho alemã e as organizações sindicais italianas uma colaboração coordenada, efetuando-se, conseqüentemente, tanto as partidas da Itália como as chegadas à Alemanha, sem as devidas providências, não raro se verificava que os *Lager* destinados a alojar os italianos estavam ainda ocupados, ou tendo sido desocupados apenas no dia anterior, achavam-se em tais condições de imundície, que se tornavam verdadeiramente inabitáveis. Viam-se, então, pelas ruas das grandes e das pequenas cidades alemãs, grupos de trabalhadores italianos que, com a sua mala de fibra, algumas trouxas e a infalível garrafa de vinho debaixo do braço, vagavam com um ar entre atônito e distraído, cansados da viagem e já desiludidos com o primeiro acolhimento. Pobres e caros rapazes, a cuja vista nos confrangia o coração, ao pensar que haviam deixado a mãe, a mulher, os filhos, atraídos pela esperança e a ilusão de poder guardar algum dinheiro para depois voltar para as suas famílias. Chegados com tanto entusiasmo, não isentos da curiosidade pelo novo país, verificavam que o início era bem triste. Cercados de uma atmosfera de indiferença e geralmente de má vontade, apontados a dedo como os usurpadores dos lugares dos operários alemães enviados à frente, quando entravam num bar para beber um copo de cerveja, ouviam responder que para êles não havia, o mesmo acontecendo na tabacaria, com os três cigarros do racionamento, já esgotados.

E que se tinham ocasião de travar conhecimento com qualquer moça bonita alemã, para conversar e dar um passeio ou ir juntos ao cinema, esta se esquivava, dizendo que era obrigada, contra a vontade, a renunciar, porque o partido proibira às mulheres quaisquer contactos com os estrangeiros, mesmo com os italianos, estabelecendo penas severas, que íam até o corte dos cabelos.

Era pois êsse o tratamento que reservava aos italianos a nação amiga e aliada? E no íntimo pensavam: "Se Mussolini o soubesse..."

Mussolini, que estava sempre informado de tudo, sabia-o. E enviava à embaixada, por intermédio do Ministério do Exterior, telegramas cheios de desprêzo e de protestos. Às vêzes telegrafava pessoalmente: "Consta-me que o operário X por ter justamente reagido contra um grupo de alemães que falavam mal da Itália foi agredido por dois *polizei*. Tome providências imediatas para um severo inquérito e informe-me. Mussolini".

Ou então: "Operários italianos, que trabalhavam no estaleiro da zona tal, após três semanas receberam apenas um magro adiantamento. Isso se chama exploração do trabalho. Mussolini".

Mas não era com telegramas e inquéritos que se resolvia uma situação assim complexa e delicada, por êle próprio criada.

E, enquanto isso, continuavam a chegar à embaixada reclamações e protestos de operários, e a verificar-se incidentes que terminavam quase sempre com um oportuno e violento sôco dos italianos.

Durante o primeiro ano da minha permanência em Berlim, êsse problema, para mim angustiante, absorveu uma boa metade do meu trabalho e da minha atividade cotidiana. A rigor, a embaixada não deveria ocupar-se de tais questões que pertenciam normalmente à alçada jurisdicional dos consulados e para os quais existia em Berlim uma repartição especializada. Um e outros faziam o possível. Mas, por causa das circunstâncias da guerra, o problema assumia uma importância tôda especial, pela qual me julguei no dever de ocupar-me pessoal e assíduamente dêle.

Regulado o afluxo dos trabalhadores, de modo que os trens só partissem da Itália quando chegasse de Berlim a confirmação de que os *Lager* estavam em condições de limpeza e funcionamento, e garantido o funcionamento efetivo dos postos de orientação e distribuição, principalmente o muito importante do Brenner, encarreguei os escritórios e os funcionários competentes de desenvolver uma complexa obra de assistência, que se efetuava da seguinte forma: a assistência material devia fazer que a comida fôsse aceitável e suficiente (auxiliava êsse trabalho a remessa de bastantes massas alimentícias da Itália), impedindo ao cozinheiro e ao despenseiro de fazer desaparecer as

mercadorias por outras vias; devia providenciar para que os doentes tivessem visitas médicas regulares e tratamento adequado; vigiar para que os contratos de trabalho fôssem integralmente aplicados, sem truques ou mudanças de categoria, e os pagamentos fôssem pontualmente efetuados e as empreitadas exatamente avaliadas; para que se efetuasse a indenização por doença e respeitasse a pontual concessão das férias; para que não fôsse lento demais o funcionamento do correio e o envio das economias para casa. É preciso não esquecer que por trás de cada um dêsses fatos, de tão simples enunciação, escondia-se tôda uma série de intrigas e mexericos, que exigiam um rígido e assíduo contrôle. A assistência moral, assim impròpriamente chamada, visava criar em tôrno do trabalhador um ambiente agradável, que lhe fizesse sentir menos profundamente a saudade da pátria e da família, e o mantivesse ao corrente dos acontecimentos na Itália e no mundo. Organizavam-se reuniões esportivas, espetáculos teatrais, concertos. Cada *Lager* era dotado de um aparelho de rádio, o que permitia aos trabalhadores ouvir, à noite, o noticiário italiano e diversas transmissões, algumas das quais tratavam de problemas de trabalho, que lhe diziam respeito muito de perto; eu mesmo, de vez em quando, lhes dirigia um breve discurso pelo rádio, falando-lhes com simplicidade, como homem e como amigo.

Com a inteligente colaboração de alguns correspondentes italianos em Berlim, criara um periódico quinzenal, que depois passou a ser semanal, e no qual a vida dos campos era convenientemente apresentada, os acontecimentos italianos oportunamente comentados, relatados os fatos e as notícias dos maiores centros de recrutamento. Havia além disso diversas secções, nas quais, geralmente, colaboravam os próprios trabalhadores. Êsse jornal demonstrou-se um ótimo meio de comunicação entre os campos, um muito útil elemento de coesão entre a massa trabalhadora.

Além disso, eu me mantinha em estreito contacto com os operários, os quais sabiam, por experiência, que podiam dirigir-se diretamente a mim. De fato, as suas cartas, que chegavam numa média de quinze a vinte por dia, tinham precedência sôbre tôdas as outras; tomava o devido conhecimento do seu conteúdo, organizando inquéritos, controles, intervenções locais, e respondendo pronta e pessoalmente a todas.

Por intermédio dessa correspondência, conseguira criar um vasto círculo de amizades sinceras e fiéis. Quando deixei Berlim, disso tive tocantes e lisonjeiras provas. Essas diversas formas de atividade organizadora ou de contrôle, para a qual exigia de todos um interêsse feito de paixão e boa vontade, eram presididas por um denso grupo de bons funcionários dos sindicatos e das confederações, do *Dopolavoro*, do "Comissariado da emigração e do trabalho", que enviara a Berlim

uma sua delegação, e contavam com a ardente colaboração dos cônsules e com o prestativo e voluntário concurso dos dirigentes da frente alemã do trabalho, cujo chefe era o Dr. Ley, desde que Ribbentrop, na sua limitada mania de autoridade, pretendeu com inconcebível rigor que até mesmo as mais insignificantes questões fôssem tratadas através do Ministério do Exterior, o que acarretava uma deplorável lentidão dos trabalhos e estultas incompreensões.

A assistência religiosa era exercida por um grupo de capelães dirigidos por um inspetor — nobre figura de sacerdote velho e experiente, já detentor dêsse cargo desde o tempo do inesquecível Mons. Bonomelli. Embora bastante numerosos — de oito ou dez, passaram a 40, em toda a Alemanha — os capelães não eram suficientes para rezar a missa dos trabalhadores, todos os domingos nos respectivos campos; faltavam para isso os meios de transporte, e quando os havia, faltava a gasolina, quando não a mal velada e escassa boa vontade dos funcionários alemães.

Conseguia-se, todavia, por meio de uma rêde de missões organizadas, dar assistência religiosa pelo menos uma vez por mês, em todos os campos. O capelão para lá se dirigia sábado à tarde, confessava durante toda a noite, dormia na barraca com os operários, e de manhã, celebrava o sacrifício, dava a comunhão, explicava o Evangelho, falava com todos aconselhando-os e confortando-os. Eram cerimônias comovedoras, às quais o nosso trabalhador levava a nota da sua profunda consciência cristã e da sua inata inteligência artística, improvisando, com os meios mais simples, altares ornamentados com gôsto.

Essa obra intensamente evangélica, que dependia diretamente da Jurisdição Militar de Roma, contava com a fervorosa e competente colaboração da nunciatura, que enviava alguns de seus representantes aos longínquos campos, aos domingos, para celebrar o sacrifício da missa e falar aos operários. O próprio nuncio, muitas vezes, se dirigiu pessoalmente em visita pastoral aos campos, aí acolhido com tocantes manifestações de devoção e afeto.

E para que o nosso trabalhador se sentisse perto da Itália, nessas horas em que mais sentia saudade de casa, a embaixada procurava presenciar por meio de seus colaboradores as cerimônias semanais. Êstes freqüentavam pois a capela da Hildegardiskrankehaus, a igreja da Pappalallee, e o bem conhecido Josefshe, antiga sede da Bonomelli. Aí oficiava o bom e piedoso capelão da embaixada, padre Martino Cristofori, de inesquecível recordação. Mesmo aos campos distantes e de difícil acesso, a embaixada enviava os seus representantes, entre os quais, lembro o conde Luigi Manzoni Amidei, meu secretário particular, sempre pronto a fazer um favor e a empenhar-se numa boa ação.

Tôda essa complicada obra de assistência religiosa culminava com as duas cerimônias do Natal e da Páscoa, anualmente celebradas em forma solene pelos operários da zona de Berlim.

As reuniões tiveram lugar, em 1941, na Philaomonie, depois, tornando-se esta insuficiente, para a imponente massa de operários, (alguns milhares), passaram a realizar-se no teatro da "Volksoper" pôsto à disposição pela cidade de Berlim.

Os próprios operários se encarregavam de decorar a ampla sala e dar-lhe, com plantas e cortinas, um aspecto mais recolhido e austero; o altar ficava belíssimo, colocado sôbre o palco, enfeitado com ramos de pinheiro e de louro, tendo no fundo apenas uma bandeira nacional.

Os trens da manhã despejavam massas cada vez mais numerosas de italianos da Friedrischstrasse, e aos poucos a sala se enchia. Grupos paravam nos pátios adjacentes e nos corredores os capelães confessavam até o último momento. Os funcionários da embaixada, os adidos militares, o cônsul, os professôres e as professôras e as crianças da escola, toda a colônia italiana de Berlim assistia à função. Os trabalhadores chegavam cuidadosamente vestidos e barbeados, animados pela sua inconfundível vivacidade expressiva e cordial.

Oficiava o núncio, e a sua bela figura paternal, o tom solene e comedido, a palavra elevada e simples, subjugavam a alma de todos. O público mantinha-se no mais íntimo recolhimento, os operários acompanhavam a missa com os cantos tradicionais, e a cerimônia atingia uma particular solenidade quando a interminável fila de jovens e homens maduros subia ao palco, onde, ajoelhados, todos recebiam das mãos do núncio e seus assistentes a Sagrada Hóstia. Recolocando a mitra e apoiado ao bastão pastoral, o nuncio distribuía então a bênção apostólica e pronunciava palavras quentes e inspiradas que, transmitidas pelos microfones, chegavam aos mais longínquos *Lager*, aí levando a palavra do pastor, a saudação da pátria.

Com uma sensação de satisfação por haver passado uma hora tão cara e solene, deixava-se a sala, ainda perfumada de incenso e ecoando de cânticos, e de novo a multidão de italianos enchia as ruas para voltar, com uma doce lembrança no coração, à faina cotidiana.

Não é de crer que os resultados dêsse difícil trabalho, extenuante, porque se devia recomeçar sempre do início, fôssem muito brilhantes.

Fazia-se tudo o que era humanamente possível fazer; e devo dizer que havia por parte de todos a melhor boa vontade. Mas, como já tive ocasião de falar, o problema fôra mal colocado desde o princípio; e por isso eu sustentava, perante Mussolini, que não cessava de enraivecer-se e de protestar, a necessidade, não só de limitar e deter o afluxo

de trabalhadores italianos, mas também a de reduzir gradativamente a sua permanência na Alemanha, deixando ficar, nà Itália, aquêles que lá voltavam em licença. Mussolini declara-se persuadido e de acôrdo; mas, depois, sobrevinham as insistências alemãs. E como, na base de tôda a convenção comercial ou econômica, havia sempre, do lado alemão, a exigência de um contingente de operários italianos. Mussolini, a quem Hitler se dirigia diretamente, acabava por ceder. É preciso dizer que tal insistência alemã era justificada pelo alto rendimento da mão de obra italiana, que superava a dos outros paises. A massa italiana não era certamente homogênea; a ela se misturavam elementos indesejáveis, desocupados, aventureiros, dos quais, os órgãos sindicais na Itália davam graças a Deus em livrar-se; gente indisciplinada, sempre descontente, briguenta, que, nem bem chegava à Alemanha, vendia logo os sapatos e o capote, objetos quase impossíveis de se achar, e por isso mesmo procuradíssimos; mas, repito, a grande maioria era constituída de operários sérios, honestos, trabalhadores e disciplinados, que, com o seu comportamento, honravam a Itália.

Por essas razões, os esforços da embaixada no sentido de garantir-lhes um mínimo de bem-estar nas condições de vida e de trabalho, de tutelar os seus interêsses materiais e a sua dignidade, deviam ser de uma irredutível intransigência.

A orientação precisa, que dei aos funcionários, era a seguinte: perante os alemães, o operário italiano tinha sòmente razão e devia ser amparado e defendido a qualquer preço. Mesmo quando errasse e fôsse culpado. Separadamente, entre nós, dever-se-ia dizer-lhe a verdade. Mas diante dos alemães, era preciso que nos desviássemos dessa linha de conduta, à qual eu era o primeiro a ser fiel.

As questões que mais me encontravam sensível e intransigente eram as relativas às relações sociais com a população alemã, sobretudo com as mulheres. Nelas entrevia uma ofensa ao sentimento e ao orgulho dos nossos compatriotas.

Num relatório enviado a Roma em setembro de 1941, escrevia:

« Já há alguns meses, por causa do progressivo aumento dos operários italianos na Alemanha e da sua concentração, geralmente em localidades distantes do centro, passou a encontrar-se em primeiro plano o problema dos contactos entre os italianos e as mulheres alemãs. Em várias partes se assinalaram disposições, mais ou menos oficialmente distribuídas pelas autoridades do partido, da polícia ou administrativas, destinadas a afastar tais contactos. Motivação constante: a preocupação racial que parte da presunção da inferioridade racial do italiano ou da concepção de que sendo a raça germânica e a italiana, diversas, não convem permitir uma união que só poderia ser degenerativa. Já se verificaram numerosos incidentes: mulheres alemãs encontradas na rua com italianos, eram detidas ou chamadas à polícia e prevenidas. »

Que, apesar das negações oficiais, haja algo de programático e sistemático nêsses episódios, é confirmado pela atitude do Porf. Gross, o qual, em nome do Dr. Rosemberg, se dirigiu a mim em julho passado, levantando a questão geral das relações raciais entre a Itália e a Alemanha, como referi no meu relatório de 25 de julho N.° 8584.

Chegou-se ùltimamente a ameaçar por parte dos órgãos do partido, e, às vêzes, a ameaça é seguida pela sanção: o corte dos cabelos ou uma mão de pixe para as mulheres encontradas conversando com italianos.

Êsses fatos ou as circunstâncias que mais acima expus, obrigavam-me a ter, com as autoridades alemãs, contínuas e violentas discussões; fazendo as vêzes de Roma, ameaçava mandar embora os operários. Tenho, a respeito, um pesado *dossier* de documentações. Valha entre as muitas a relativa a uma conversa, direi assim, bastante movimentada e a uma troca de cartas com Ribbentrop.

Em 4 de novembro de 1941, êle me escrevia da frente oriental uma carta de cinco grandes páginas formato protocolo, densa de texto datilografado:

« V. Exa. teve a delicadeza de endereçar-me, no dia 18 de outubro, um escrito destinado a apresentar novamente algumas questões que foram objeto recente de uma conversação, por ocasião da sua última visita ao Quartel-General do Führer.

De volta de Schönhof, onde o conde Ciano encerrou a sua estada com dois brilhantíssimos dias de caça, não quero deixar de responder à sua carta.

Quanto à repetida pergunta de V. Exa. acêrca dos operários italianos, vejo pelo que escreve, que o meu pedido, para não dramatizar tais acontecimentos, encontrou junto a V. Exa. um certo estupor. Peço todavia amigàvelmente a V. Exa., que se lembre de que nos últimos tempos me expôs repetidamente a grande importância de tal questão e da necessidade de resolver as dificuldades dos operários italianos. »

Para o senhor von Ribbentrop, pois, as minhas reclamações e as minhas tempestuosas intervenções, os meus protestos eram exagerados e dramatizavam a situação. Isso entretanto, não me preocupava, contanto que o resultado fôsse satisfatório. Êle, de fato, continuava:

« Tirei disso a conseqüência de agir em tôdas as direções para a sistematização dessas coisas; e V. Exa. convirá comigo que eu e os meus colaboradores sempre nos esforçámos no sentido de exigir o bem-estar dos trabalhadores italianos atualmente na Alemanha. Se não pretendi reconhecer a alguns fatos recentes agradáveis maior importância do que convem no quadro da situação geral, isso corresponde à minha íntima convicção. Mas se V. Exa. na continuação do seu escrito sentiu-se no dever de sublinhar o fato de não poder fechar os olhos diante de fatos indiscutíveis, fui obrigado a concluir que deve haver fatos e causas importantes para isso. Estou portanto interessado em aprofundar êsse problema. Como resultado dêsse exame, tomo a liberdade de enviar-lhe, aqui incluída, uma série de relatórios acêrca de circunstâncias referentes aos operários italianos em diversas localidades de trabalho na Alemanha, chegados de várias

regiões à central de Berlim. Quer me parecer que de tais relatórios surge indiscutível o fato de que se, de um lado, os serviços dos operários italianos sofreram, aqui e acolá, uma diminuição, por outro, as suas pretensões aumentaram, e às vêzes, além do que a Alemanha está em condições de conceder-lhes, embora tenha para isso a melhor boa vontade. Assim, pois, as exigências dos operários italianos ultrapassam em boa parte o padrão dos operários alemães, e as organizações alemãs se encontram simplesmente na impossibilidade de satisfazer a tais exigências.

Desejo acrescentar que nenhuma prova poderia melhor demonstrar o cuidado na investigação de todos êsses casos, como a circunstância que levo ao seu conhecimento. E isto é, por exemplo, no caso de Flözerweg perto de Linz, citado no nº 6, não só o W. Ley e eu, mas também o próprio Führer se interessou.

Resumindo, desejo dizer que reconheço que, diante de todo êsse material de informações incluso, o ministro alemão do Exterior, poderia ter-se pôsto antes em contacto com V. Exa. para auxiliá-lo em alguns mal-entendidos com os trabalhadores italianos; se isso entretanto não se fez, procurando, pelo contrário, as organizações alemãs aplanar e regular as coisas *in loco,* o fato realizou-se na persuasão de que os mal-entendidos poderiam, de um lado, fàcilmente manifestar-se no recrutamento apressado de algumas centenas de milhares de operários italianos, e de outro, não seriam suficientemente importantes para chamar à causa os govêrnos das duas nações amigas. »

A carta, de que reproduzi apenas uma pequena parte, embora procurando repelir os meus protestos, atenuar os fatos e dar uma prova do interêsse alemão, demonstra que a minha enérgica atitude, embora pudesse parecer exagerada, surtia efeito. E era êsse o resultado que eu tinha sobretudo em mira. Do alto, expediram-se ordens precisas que contribuíram para melhorar ràpidamente a situação. Os cônsules assim mo confirmaram unânimemente. Entre outros, o cônsul de Francfort sôbre o Meno, em 23 de novembro, n.º 14193, escrevia-me: "Desejo levar ao seu conhecimento o fato de que num recente colóquio com o vice-Gauleiter do Hesse Nassau, senhor Linder, êle me fêz reservadamente saber que, alguns dias antes, todos os Gauleiter do Reich tinham recebido de Berlim uma circular secreta na qual se expunha a preciosa vontade do Führer de obter uma melhora nas relações entre as massas germânicas e as dos nossos trabalhadores".

Os funcionários do Ministério do Exterior alemão comunicaram-me, por sua vez, reservadamente o fato, congratulando-se comigo pelo êxito que, na sua opinião, eu obtivera, obrigando Ribbentrop, habitualmente tão alheio a tratar com o Führer problemas que não fôssem de alta política exterior. Mas eu não via nisso nada de extraordinário. Pelo contrário, achava muito natural que Hitler interviesse no sentido de tornar menos difíceis a vida e o trabalho dos modestos operários italianos que tinham levado para a Alemanha, junto com a fôrça de seus braços, a vivacidade da sua inteligência e a sensibilidade do seu coração.

Capítulo XIII

PRIMEIROS SINTOMAS DE CANSAÇO ALEMÃO

A premissa fundamental sôbre a qual Hitler baseava a sua absoluta certeza de vitória era, além da plena consciência dos seus dotes de chefe e de estratego e da fôrça irresistível da sua vontade, a concepção da *Blitzkrieg*, a guerra-relâmpago, cujo nome parece dever-se a Goering.

O profundo dissídio criado no Outono de 1939 entre Hitler e um forte grupo dos mais altos generais que haviam apresentado ressalvas acêrca da oportunidade de arrastar a Alemanha à guerra, pois, na sua opinião, o povo e o exército não a queriam, vinha-se tornando cada vez mais agudo, por causa dos novos métodos revolucionários impostos por Hitler. Êsses generais, crescidos e educados de acôrdo com a clássica e rígida escola prussiana, não podiam admitir concepções que, embora ousadas e originais, deixariam livre demais o campo ao imprevisto. Achavam, por exemplo, absurda e inconcebìvelmente temerária a idéia de Hitler de impelir para a frente, com a maior velocidade possível, as divisões blindadas, sem nenhum apoio da artilharia nem da infantaria.

Hitler, entretanto, teve razão.

Mas, não obstante os êxitos obtidos na Polônia, os generais não mudaram de opinião, e, quando se tratou de atacar a França, apresentaram as mesmas ressalvas e dificuldades.

Seguiram-se discussões vivas, violentas, dramáticas. Bolmberg, Fritsch, Beck, Halder, Brautschich, Bock, foram àsperamente censurados por Hitler, que os tachava de incapacidade, fraqueza e mêdo. Muitos dêles foram exonerados de suas altas funções. Os generais pensavam — mas não se atreviam a manifestar a outrem o seu pensamento — que o prolongamento da guerra-relâmpago levaria inevitàvelmente à derrota. Corria, com muita circunspecção, na bôca de alguns militares, o seguinte a respeito da *"Blitz"*: passados muitos anos, alguém pergunta: — que está fazendo Goering ? — Está terminando as suas memórias, que têm por título: Vinte anos de Blitzkrieg...

O povo alemão, mantido no escuro acêrca de tudo e conquistado pela propaganda de Goebbels, já na Primavera de 1941 começava a perceber que se esfumavam os sonhos de uma rápida vitória, que a guerra se prolongaria e que o futuro se apresentava incerto e obscuro.

Essas misteriosas intuições, muito difundidas no espírito popular, foram objeto de um meu relatório que julgo oportuno reproduzir integralmente:

« Secreto Berlim, 9 de maio de 1941 — XIX

A S. Exa. o conde Galeazzo Ciano
Ministério do Exterior
Roma

Senhor Ministro,

Pode ser interessante salientar a impressão produzida pelo discurso de 6 de maio do Führer na opinião pública interna. Assim que êle foi anunciado, surgiram entre o povo previsões precisas e tão difundidas que foi fácil recolhê-las. Acreditava-se que Hitler proclamaria logo a campanha contra a Rússia soviética. A expectativa de tal acontecimento é de tal modo evidente no povo e apresenta-se tão freqüentemente nas alusões de círculos não pròpriamente oficiais, mas relacionados com êles, que se pergunta se os alemães, mais habituados a agir do que a falar, não alimentam de propósito tais boatos, para que êles sejam registrados nos círculos estrangeiros, e, chegando até aos dirigentes soviéticos, influam no sentido de que êstes tomem uma atitude favorável aos desejos do Reich. O grande número de soldados germânicos enfileirados nas fronteiras russas e a crescente cordialidade com a Finlândia, de que assinalei, nas resenhas da imprensa dos últimos dias, algumas manifestações exteriores, constitúem, de qualquer maneira, elementos que de fato induzem a *considerar como aberto, embora mais ou menos agudo, um problema russo-germânico.*

Sôbre êsse problema, enviei, no mês de setembro do ano passado, um longo e circunstanciado relatório, no qual identificava e *precisava as razões que me levavam a considerar que a situação se vinha fatalmente desenvolvendo e encaminhando para a sua conclusão.* Quando se verificará isso? Por enquanto é impossível responder.

Mas além das considerações preliminares que mencionei mais por me julgar no dever de expô-las como uma característica típica da opinião pública alemã nêste momento, devo constatar que o último discurso do Führer, menos importante, mas muito mais preciso e realista que os anteriores, provocou no povo alemão uma sensação que está longe de ser de alívio. A dedução mais comum foi a de que o discurso representa uma correção das outras manifestações hitleristas, no sentido de que nos faz compreender como não sòmente não se prevê um rápido fim da guerra, mas também é necessário enfrentar outros sacrifícios para vencê-la.

Serão chamadas a enfrentar êsses sacrifícios, em primeiro lugar, as mulheres. É sabido que, na Alemanha, tôdas as jovens — qualquer que seja a sua classe social — são obrigadas a prestar um ano de serviços manuais, nas famílias onde há crianças, nos laboratórios ou nos campos. A última leva recrutou 300.000 moças. Aliás, sôbre êsse assunto, já me referi no relatório anterior. Mas estou em condições de dar mais notícias a respeito. De vez em quando, a polícia exerce uma busca nas casas de diversões e as mulheres que as freqüentam sem poder provar que aí exercem um cargo fixo, recebem no dia seguinte uma fôlha de recrutamento por parte do Departamento do Trabalho. O mesmo se dá com

as jovens que ficam desempregadas ou que procuram mudar de profissão e, em geral, com as mulheres que exercem profissões não consideradas, em tempo de guerra, indispensáveis. Recentemente foram fechados alguns salões de beleza, e, segundo o que me foi assgurado, 25.000 moças empregadas na indústria cosmética foram transferidas para as fábricas de armamentos. Isso acontece também a mulheres casadas sem filhos e que tenham os maridos na frente. As que têm um ou dois filhos devem entregá-los aos asilos ou ao auxílio obrigatório (Kinder beihilfe), para poderem trabalhar. Pode-se por aí prever que, dentro em pouco, quase a totalidade das mulheres válidas para o trabalho será utilizada, na maior parte das vêzes, para os trabalhos manuais.

Insisti em descrever o fenômeno, porque êle mostra, antes de mais nada, a enorme necessidade de mão de obra existente na Alemanha, onde se calcula que 12 milhões de homens foram recrutados para as fôrças armadas ou para as organizações paramilitares. (Todt, Arbeitsdienst, etc.).

É verdade que o povo germânico gosta da organização e é paciente na sua disciplina; mas já começa a ressentir-se do pêso dessa mesma organização, levada, durante a guerra, ao extremo. Se por um lado, ela lhe assegura tudo ou quase tudo o que é necessário, principalmente do ponto de vista alimentar, por outro, priva-o de todo ou quase todo o supérfluo, isto é, mortifica-lhe todos os desejos, prazeres, fantasias. Nada mais se pode comprar sem um cartão, nem sequer um lencinho ou uma gravata. Quem estiver autorizado a comprar um par de sapatos, recebe na loja um número progressivo, a fim de esperar, dada a falta de pessoal para atender os fregueses, que chegue a sua vez de ser servido. Aceita então o modêlo e a qualidade que lhe oferecem, contente de ter encontrado a sua medida e não precisar de ficar na fila de outra loja. Há falta de tudo, desde as canetas-tinteiros aos relógios de pulso, sem falar nos gêneros de primeira necessidade; para obter uma garrafa de vinho ou de cerveja, o cidadão deve recomendar-se ao negociante, e não pode comprar mais de uma. Mesmo quando as coisas não estão reguladas pelos cartões, estão pràticamente racionadas. Não há exagêro ao falar na dificuldade de comprar um botão, um par de cordões para os sapatos, um charuto, sem falar nos cigarros, que são vendidos aos três e aos cinco de cada vez, e para consegui-los é preciso ficar na fila e esperar longamente a vez.

Tudo isso não pode deixar de cansar profundamente, mesmo um povo disciplinado como êste. Poderá avançar por um pouco, mas não até ao infinito sem incidir sôbre o moral da população. E deve, sobretudo, ser constantemente justificado pelo êxito bélico. É por isso que Hitler evita arriscar-se. Êle sabe que tem um magnífico exército e os soldados estão realmente de bom humor e ficam de boa vontade nas zonas ocupadas, bem nutridos e providos de tudo, mas muitas vêzes já se proclamou que, durante a outra guerra, o perigo estava justamente na frente interna, e que ela não resistiu.

Estamos bem longe de semelhante hipótese, e, honestamente, não poderia registrar, na Alemanha, um só sintoma de derrotismo ou de apenas esmorecimento. A atmosfera é todavia pesada nesta primavera em que continuam até agora o frio e as intempéries. Não há entusiasmo na população; apenas uma vibração se pôde registrar, após o rapidíssimo êxito da campanha balcânica. *Não há, como nunca houve, ódio ao inimigo,* nem mesmo quando êste perturba o repouso noturno e ameaça do alto a vida dos cidadãos. Os jornais insistem

demais sôbre o êxito dos ataques aéreos contra a Inglaterra, para que a população civil não considere justificada a represália. *Há um interêsse cada vez menor pelos eventos bélicos, e pode-se notar como, nos lugares públicos, as pessoas ouvem distraídamente boletins de guerra transmitidos pelo rádio.*

Um só pedido e um só voto afloram por tôda parte: que a guerra termine logo. Que conquistas se poderiam ainda desejar? — pergunta a si mesmo o homem da rua — e de qualquer maneira, que vantagem nos poderiam trazer? O discurso de Hitler não respondeu a essas interrogações, mas reafirmou a necessidade de continuar ainda a combater e a trabalhar. Mas nem por isso arrancou a população do seu sossêgo paciente, resignado, obediente, consolidado pela confiança que os êxitos militares corroboraram; é uma massa consciente do dever de resistir, mas cada vez menos suscetível de reações favoráveis, muito sensível, pelo contrário, a elementos não propícios.

assinado: *Alfieri*

Capítulo XIV

MOMENTOS DA VIDA BERLINENSE SOB OS BOMBARDEIOS

No verão de 1941, uma estranha atividade começou a manifestar-se na Bismarkstrasse e na outra artéria de seis quilômetros de comprimento, comumente chamada o Eixo, e que do verdadeiro "Eixo" — a projetada colossal estrada automobilística que devia ligar Berlim com Roma — era apenas a transversal e corria direta da porta de Brandeburgo, através do Tiergarten e o Charlottenburg, até uma praça ainda em construção, destinada a usar o nome de Mussolini.

Pelotões de operários, caminhões carregados de estranhos instrumentos; escadas, paus, rolos de fio metálico, telas, feixes; e aos poucos tôda a interminável alameda foi "getarnt". Falsos pinheiros revestiram os grandes lampeões, rêdes metálicas pintadas de verde ergueram falsos prados, falsos bosquezinhos de pequenos abetos a altura suficiente para a passagem dos veículos; a " Siegessaule " foi agredida por uma mastodôntica armação recoberta por uma imensa rêde tecida de arbustos verdes; sôbre os lagozinhos do Tiergarten estendeu-se uma série de pauzinhos flutuantes que sustentavam uma rêde mimetizada para esconder a água; pela longa avenida ergueram-se vários arcos ligados entre si por fios de arame cruzados e recobertos com ramos verdes artificiais. Tudo isso constituía uma compridíssima e multicor galeria fantasmagórica, da qual emanava um cheiro insuportável e nauseabundo de tinta que se estagnava na umidade cinzenta da neblina berlinense.

A respeito dessa encenação inútil e teatral, os berlinenses, extáticos, diziam: " Vejam quantas providências o nosso govêrno toma para conosco " ! Pretendia-se de fato que isso fôsse o único meio eficaz para esconder aos aviadores inimigos a reta que indicava o caminho de Berlim.

Depois, quando, cessada a "drôle de guerre", começaram, com o terrível bombardeio de Lübeck, os ataques aéreos das "Fortalezas Voadoras", radiocomandadas, e as nevadas do Inverno pesaram sôbre as rêdes, ou paus e as armações arrebentando e rasgando tudo, pedaços arrancados oscilaram aqui e acolá, os pinheiros artificiais adquiriram uma côr desbotada e todo o cenário se desmanchou deixando sòmente alguns esparsos farrapos lúgubres e um insuportável cheiro de cemitério.

Os bombardeios tornavam-se cada vez mais freqüentes e intensos em Berlim; golpeando por tôda parte, sem causa nem objetivo, des-

truíam ruas, incendiavam casas, dizimavam habitantes e famílias; dir-se-ia, no entanto, que a população a isso se habituara com facilidade, contribuindo para o fato o senso inato da fatalidade, uma boa dose de indiferença e resignação, a prática de uma severa disciplina, o terror de que a Gestapo, com olhos e ouvidos por tôda parte, informada de mau humor ou protestos, pudesse intervir com a sua extrema dureza.

O momento mais angustiante dos bombardeios era quando, à noite, durante o sono, se era despertado pelo uivo das sereias, um uivo lancinante e pavoroso que penetrava nas mais remotas fibras do ser, aí deixando um sulco indelével, uma das mais trágicas recordações da guerra. Mas a vida, até mesmo a vida, por assim dizer, noturna, desenvolvia-se igualmente com certa antecipação da hora habitual de abertura dos teatros e cinemas e do fechamento dos cafés e lugares de diversão.

Os membros do corpo diplomático gozavam de um privilégio, o *vor-alarm*: o ministro alemão da aeronáutica advertia por telefone alguns minutos antes das sereias, dando assim tempo de se voltar a tôda pressa para casa. Mas acontecia, às vêzes, ficar-se bloqueado durante longas horas e noites inteiras nas casas dos amigos. Como a embaixada italiana não dispunha de um abrigo, cada um ficava na sua própria cama, e só quando os bombardeios eram mais violentos, nós, que aí morávamos com o pessoal, nos servíamos de uma adega reforçada com traves e sacos de terra. Uma defesa mais simbólica do que eficiente.

Durante uma das primeiras viagens de Ciano a Berlim, após um jantar na embaixada, do qual haviam participado políticos e senhoras da sociedade berlinense, houve um alarma aéreo. Ciano disse que não iria para o porão, e as senhoras ficaram contentes por não comprometerem os seus vestidos de noite. Mas, passados alguns instantes, o chefe do protocolo alemão foi chamado ao telefone pessoalmente por Hitler, o qual desejava saber notícias de Ciano e certificou-se de que êle descera para o abrigo. Diante da cortês mas fria insistência do imenso barão Dornberg, Ciano teve que descer ao porão. Passando através das incômodas armações de madeira, dizia com brincalhona ironia ao chefe do protocolo: " Percebo perfeitamente que todo êsse interêsse não diz respeito diretamente à minha pessoa, mas é motivado pela preocupação que os senhores têm das conseqüências e da exploração que o inimigo faria do fato de me acontecer algo...".

Concêrto de Natal na " Garnisonkirche ". Na tarde gelada, branco sôbre branco, os palacetes tristes da Unter den Linden erguiam-se negros e uniformes na penumbra. Raros transeuntes na enorme rua, em que pareciam sempre poucos, perdidos no vazio centro berlinense.

Aos poucos uma pequena multidão se reune, comprime-se entra sem rumor sob o portal da " Garnisonkirche ", encimado pelo orgulhoso emblema dos Hohenzollern, uma águia olhando para o sol: " Nec sole cedit ".

Logo a igreja, pesada e triste, de grossas colunas e púlpitos de madeira esculpida, de côr escura, encheu-se, completamente, de uma multidão compacta, imóvel e silenciosa, e o concêrto etéreo, perfeito, estupendo — vozes polifônicas dos mestres antigos, cantatas de órgão dos maravilhosos Bach, coros delicados de velhas pastorais apenas sussurradas — começou, invadindo a nave de harmoniosos sons.

Por último, acompanhada pelo órgão, ergueu-se uma puríssima e límpida voz de menino para cantar um solo: " Stille Nacht Heilige Nacht ". O silêncio da multidão parecia fazer-se mais concentrado e profundo, como num mútuo acôrdo, mas os rostos imóveis, de cêra — faces de homens cansados, de mulheres velhas, de donzelas desaparecidas, faces pálidas e fanadas de criaturas sofredoras, em contraste com a expressão marcial e severa dos inúmeros soldados, olham todos com um olhar cada vez mais atento, algo que se encontra no centro da nave maior. Cala-se a voz angélica, deixando em tôrno como que um nebuloso raio de comêta; o público fica ainda um longo momento imóvel e silencioso, depois começa, lentamente, a debandar. Fui então ver o que era que todos contemplavam, e vi no centro da igreja, diante do côro, uma grande imagem de Cristo.

Não é uma obra artística. Trata-se de um grande quadro de tamanho natural, representando Cristo de acordo com o estilo do século XIX, com a tradicional túnica vermelha e o manto azul. Mas o artista soube dar a essa pintura ingênua, ao rosto do Nazareno, uma infinita piedade, uma doçura divina e uma forte humanidade. Sòzinhos, cansados, perdidos na expectativa e em penas sem esperança, todos aquêles tristes sêres olhavam para Êle.

Da igreja, encaminhei-me diretamente para a séde da Reichsfrauenführung. A simpática senhora Scholtz-Kling, uma mulher loira, simples e romântica, mãe de seis filhos, que se encontrava à testa de tôdas as organizações femininas alemãs, tendo por isso o cargo de ministro, oferecia uma recepção de Natal, à qual estavam presentes também alguns chefes de missão dos países simpatizantes do Eixo.

O assunto principal das conversas, que se desenvolviam nas características salas ornamentadas à maneira alemã, com ramos de pinheiro espalhados por tôda parte, era, naturalmente, a guerra. Enquanto um alto oficial da marinha repetindo-me com diferentes palavras tudo o que, de manhã, me dissera o almirante Raeder — exaltava a habilidade e a coragem dos nossos marinheiros, chefes e soldados, o general Heisamayer (marido em segundas núpcias da senhora Scholtz-Kling) contava-me tocantes episódios do valor das nossas

tropas na África e na Rússia, os quais êle ouvira de viva voz, relatados pelos oficiais alemães.

A um certo momento, começou um tagarelar em voz baixa entre a dona da casa e as colaboradoras; depois, a um dado sinal, convidaram-nos a entrar — formando uma espécie de cortejo — numa sala escura onde se preparara uma rica árvore de Natal com festões de ouro e prata. Anunciou-se que antes de iluminar a árvore, acender-se-iam três velinhas: a primeira em honra e memória dos valorosos soldados mortos — cabendo a mim essa tarefa; a segunda para desejar felicidade aos soldados combatentes — e foi a vez do embaixador de Espanha; a terceira pelas alegrias familiares — e foi reservada à dona da casa. Enquanto isso, uma pequena orquestra executava músicas tradicionais e os convidados alemães entoavam lentos e solenes cânticos de Natal, criando uma atmosfera irreal, de antigo conto de fadas.

Um jovem pertencente às S. S., irritado por participar de discussões religiosas, ao sentir-se tachado de ateu, respondeu orgulhosamente: "Acreditamos no Deus que o Führer nos deu para a grandeza da Alemanha nazista".

Nessa época não se podia falar de perseguições pròpriamente ditas na Alemanha; pelo menos no sentido que a palavra tomou desde que milhões de mártires banharam com seu sangue tôdas as regiões em que se prègou o Evangelho. As igrejas achavam-se abertas ao culto, e os fiéis podiam satisfazer os preceitos critãos e efetuar as suas práticas religiosas, afluindo, em muitos centros, em massas às cerimônias, que conservavam a sua tradicional solenidade. Mas o govêrno do Reich permitia que, acima e fora das disposições legislativas em vigor, os órgãos do partido nazista impusessem uma série de providências que criavam, pràticamente, graves limitações ao livre exercício do culto e da propaganda religiosa.

Estabelecimentos de propriedade de ordens religiosas eram progressivamente requisitados com o pretêxto de alojar soldados, organizações juvenis, refugiados, com o conseqüente fechamento de quase todas as instalações de educação religiosa: seminários, colégios, asilos de velhos e de crianças, escolas e conventos. Vale a pena recordar um clamoroso episódio que se passou em Berlim na Primavera de 1941.

Uma manhã, alguns indivíduos pertencentes às S. S. galgaram inesperadamente os muros do Instituto do Sagrado Coração, onde existia um educandário: encerraram as irmãs numa sala e pediram-lhes que enviassem os alunos, entre os quais havia meninos e meninas de tenra idade, imediatamente para suas casas, evacuando-se completamente o Instituto dentro de 24 horas. Poder-se-á fàcilmente imagi-

nar a cena de terror que se seguiu. Entre os gritos e o chôro das crianças, a superiora conseguiu, com enérgica firmeza, permissão para que as aulas pudessem continuar pelo menos durante aquêle dia, embora reunindo todos os alunos numa das dependências reservada às irmãs (mas só se concedeu uma carteira para cada duas crianças). A superiora desejava ganhar tempo para proteger-se, e uma vez que o educandário era freqüentado por crianças pertencentes às famílias do corpo diplomático e da Wilhelmstrasse, choveram os protestos não só das autoridades eclesiásticas, mas também dos diplomatas.

Como eu procurasse por todos os meios apoiar a obra ao mesmo tempo corajosa e moderada do Núncio Apostólico, aproveitei a oportunidade do ruidoso episódio para levantar, junto ao ministério alemão do Exterior, um formal protesto, tanto mais justificado porquanto no instituto do Sagrado Coração se encontravam alguns filhos de funcionários da embaixada. Mas o subsecretário Weizsacker fêz-me compreender o seu pessimismo acêrca do resultado da minha *démarche.*

— O senhor sabe — disse-me êle — com que sincera boa vontade eu me empenho no sentido de aplanar as situações delicadas. O Núncio Apostólico veio esta manhã apresentar-me as suas queixas. E não deixarei de ocupar-me imediatamente da questão. Mas acima de mim, está a vontade do ministro Ribbentrop, o qual não tem nenhuma autoridade no assunto e não gosta de tomar iniciativas dêsse gênero junto ao Führer. Himmler tem sôbre isso mão livre e carta branca. Disse-me, reservadamente, que há uma pessoa que, se quisesse, poderia, intervir junto ao Führer com algumas probabilidades de êxito: Goebbels. Procure falar com êle. Mas tome cuidado com Ribbentrop, o qual será prêsa de tôdas as fúrias se souber da sua manobra.

Não me importarei com Ribbentrop e dirigi-me ràpidamente a Goebbels. A conclusão do meu discurso, que tinha um caráter reservado e desenvolvera-se em tom amigável, foi a seguinte:

— Não pretendo intrometer-me em questões que não me digam diretamente respeito, e que não são da minha alçada. Mas não poderá escapar a um político como V. Exa. a importância e os fundamentos das seguintes considerações: A atitude anti-religiosa da Alemanha, além de tornar cada vez mais tensas as relações com o Vaticano, acabará por criar uma situação delicada com a Itália pelos reflexos negativos que terá sôbre a massa católica do povo italiano, sem falar no profundo mal-estar moral que se produzirá nas fileiras dos combatentes alemães, entre os quais há inúmeros católicos, profundamente angustiados por saber que as suas famílias não gozam da paz religiosa. Pergunto-lhe pois: por que razão, num momento delicado e difícil como o atual, a Alemanha, que conta com cêrca de trinta milhões de católicos, realiza atos que, se não constituem uma perseguição religiosa pròpriamente dita, criam, entretanto, incontestàvelmente um grave e

profundo mal-estar na opinião pública que V. Exa. procura manter calma e confiante? V. Exa. é um político. Compete-lhe pois agir.

Goebbels agiu pronta e eficazmente junto a Hitler. Revogou-se a requisição do Sagrado Coração, e estabeleceu-se uma trégua de ordem geral. Após o bombardeio de uma importante igreja, Goebbels dirigiu-se ao pároco a fim de colocar-se à sua disposição. Mas a trégua durou poucos meses. Himmler, impelido pela pressão dos elementos fanáticos do nazismo, acabou gradualmente por ceder, e as coisas voltaram à situação anterior.

Particularmente dramático foi o que aconteceu em Münster na Primavera de 1942. Justamente no dia seguinte ao de um horrível bombardeio que fizera numerosas vítimas e deixara sem teto um quinto da população da cidade, as S. S. fizeram evacuar diversos conventos, obrigando até mesmo os mais velhos frades a partir sem saber onde encontrariam abrigo; e não se serviram dos locais para abrigar os sinistrados, utilizando-os como quarteis e alojamentos para as suas organizações. Foi então que Monsenhor von Gallen levantou um enérgico protesto, atraindo sôbre si o ressentimento das S. S., o que não impediu que o texto do nobre e corajoso apêlo corresse imediatamente, datilografado, por todos os círculos católicos e diplomáticos. Não menos decidida era a atitude do Núncio; apoiado pelas embaixadas dos países católicos e, principalmente, pela italiana, êle conduzia há anos uma extenuante batalha, sem nunca desmentir a sua ponderada mas inabalável firmeza, nem abandonar o seu paciente sorriso, um verdadeiro mártir de um mundo impregnado de horror.

Embora não houvesse disposições legais especiais, os católicos, na vida civil, encontravam-se pràticamente em condições de inferioridade, pois eram, por sorrateiras manobras, excluídos de determinados postos. Certas medidas, que podiam parecer destinadas a minorar as dificuldades do momento, resolviam-se contra a religião; assim, por exemplo, a disposição pela qual as igrejas católicas, no dia seguinte ao de uma incursão, não podiam abrir-se antes das 10, o que acarretava a abolição de muitas missas.

Nas organizações da *Hitlerjugend* baniam-se quaisquer pensamentos religiosos. Nenhum símbolo e nenhuma prática do culto nos seus círculos e acantoamentos. Pretêxto: os numerosos cultos vigentes na Alemanha. Os jovens, adidos ao serviço do trabalho obrigatório, costumavam celebrar uma espécie de rito que consistia em executar uma dança e entoar um hino ao nascer do sol. Nos asilos infantis, as figuras de gnomos e de fadas eram apresentadas às crianças como símbolos da antiga tradição alemã, e substituindo quaisquer ensinamentos cristãos. Assim, o Natal transformava-se na festa do solstício (a "Sonnenwende") ; a Páscoa, a festa das semeaduras; as festas estivais da Virgem passavam a ser as das colheitas.

O mundo da cultura, em geral, e o universitário, em particular, eram suspeitos ao nazismo. Por isso, os professôres das Universidades eram mantidos de lado, vivendo por sua conta, absorvidos nos estudos e no ensino que se tornava cada vez mais difícil, por serem as universidades objeto de intensa propaganda nazista que exercia fácil pressão sôbre os jovens.

Embora consciente de estar fazendo algo não de todo agradável aos alemães, eu convidava periòdicamente para a embaixada os professôres universitários. Da primeira vez, vieram curiosos e tímidos, ao mesmo tempo surprêsos e satisfeitos pelo insólito convite. Encontraram um ambiente acolhedor, que os pôs à vontade e fê-los abrir-se mais, quando os convidei pela segunda vez com suas esposas. Valendo-me do Prof. Grassi, livre-docente de filosofia na Harmack-Hauss, e do Prof. Valsecchi, titular da catédra de Teodoro Mommsen, estabeleci contacto com êsse mundo universitário onde se podiam observar e aprender muitas coisas interessantes.

Por êsse tempo, fizera muito alarido o episódio que se procurou imeditamente sufocar, passado na universidade de Munich.

Tendo Giesler, o gauleiter da Baviera, declarado num discurso dirigido aos estudantes, que êstes serviriam melhor ao nazismo se pusessem crianças no mundo do que consagrando-se aos estudos, os estudantes reagiram com gritos e assobios, obrigando-o a calar-se. O incidente provocou uma balbúrdia, com intervenção da polícia e algumas prisões. Mas passados uns dias, dois estudantes lançaram, de um balão da universidade, centenas de manifestos de protesto. Foram presos e condenados à morte.

Geralmente contrário às universidades e aos institutos superiores, o nazismo dedicava um absorvente interêsse aos problemas da cultura mesmo em tempo de guerra. Não havia órgão, por mais aparentemente distante das questões culturais, que não tivesse uma visão da cultura alemã no mundo.

A própria palavra "Kultur", não de todo assimilável pela nossa correspondente palavra italiana "cultura ", levava os alemães a ver os fatos da cultura como fatos da civilização; e a considerá-los, portanto, pollticamente — Partido, polícia, administração puramente técnicas e econômicas, organismos sociais ou de trabalho, desenvolviam atividades de ordem cultural, às vêzes contrastantes, mas baseadas nas quais se achavam — mais ou menos disfarçadas — as teorias de Rosemberg.

Uma das figuras mais conhecidas e características da Berlim mundana em tempo de guerra, era a da Senhora von Dirksen, madrasta do embaixador em Tóquio, Dirksen, sogra do barão Rheinbaten, sub-

secretário das finanças no gabinete von Papen, e ligada por vínculos de parentesco, a von Bergen, embaixador junto à Santa Sé. Já de idade avançada, gozava de ótima saúde e tinha uma indestrutível atividade, que lhe permitia levar uma vida intensa, ocupando-se da numerosa família e dos incontáveis amigos. Inteligente e bastante culta, vivacíssima, espirituosa, era talvez a única pessoa que se permitia — um pouco brincando, um pouco a sério — uma liberdade de juízo e de linguagem que a qualquer outro indivíduo acarretaria sérios dissabores.

Dotada de imensa fortuna, cercada por um bando de filhos e netos, quase todos belos e agradáveis, ligada por muitas amizades com personalidades dos círculos mais diversos, propusera-se a ser uma espécie de intermediário entre o velho e o novo mundo, entre a casa de Hohenzollern — à qual permanecera fidelíssima — e o nazismo, pelo qual tinha ou fingia ter simpatia, dispondo-se a exercer sôbre o mesmo uma boa influência no sentido de atenuar certas atitudes de violência ou de fanatismo. Dêsse modo, podiam-se encontrar ao mesmo tempo nos seus jantares, a princesa Hermine, segunda mulher do ex-imperador Guilherme, o Kronprinz, alguns membros das casas principescas e da velha aristocracia, políticos e diplomatas ao lado de expoentes do govêrno e do partido nazista, como o conde Heldorf, chefe da polícia de Berlim, o general Lütze, chefe dos camisas pardas, o general Lorenz, presidente das associações alemãs no exterior, generais e almirantes.

Os jantares eram ótimos, os vinhos capitosos, as baixelas preciosas, os velhos criados de libré e o ambiente agradável e divertido, tudo sob a influência pessoal da dona da casa, sempre elegante e disposta a conversar.

Lembro-me de que uma noite, durante uma reunião íntima, falara-se longamente na recente morte do ex-Kaiser.

Envôlto na velha bandeira imperial. o caixão de Guilherme II fôra sepultado no parque do castelo de Doern.

O comissário do Reich para a Holanda depositara sôbre o túmulo uma coroa, em nome do Führer por êle representado nas exéquias. Uma divisão de soldados germânicos prestava as honras. O respeitável marechal von Mackensen, na farda preta dos hussares da morte, o general Reinhardt, chefe da Liga dos ex-combatentes, muitos oficiais do velho exército imperial e os representantes dos comandantes do Exército, Marinha e Aeronáutica do Reich haviam assistido à cerimônia. Achavam-se também presentes todos os membros da Casa Hohenzollern, que se dirigiam a Doern num trem especial pôsto à sua disposição pelo govêrno alemão.

Embora o ritmo premente dos acontecimentos internacionais e razões de política interna germânica tivessem coincidido para dar ao acontecimento bem fraco relêvo formal, concordaram todos em reco-

nhecer que a morte do Kaiser repercutira no Reich, não tanto pelo desaparecimento da pessoa, à qual muitos alemães não podiam perdoar a fuga e a abdicação de 10 de novembro de 1918, e que há longos anos se alheara da vida germânica, como pela multidão de recordações que lhes vinha nesse momento à memória. Havia muitíssimo tempo que o nome de Guilherme II não aparecia mais nos jornais germânicos. Aí surgia, entretanto, agora, mais uma vez, com artigos que reevocavam o período em que o Kaiser fôra o centro, artigos inspirados em dois pontos de vista: o primeiro, defendendo o Kaiser e portanto a Alemanha da culpa de haver desencadeado a guerra mundial; o segundo, atribuindo todavia a Guilherme II boa parte das responsabilidades pela mesma guerra perdida. Insuficiência de caráter no govêrno do povo; fraqueza perante os partidos, profunda diferença, portanto, do atual regime, sólido e compacto e confiado à direção de governantes capazes e resolutos. A figura do Kaiser vinha pois na necrologia dos jornais nazistas, reivindicada na política externa e diminuída na política interna.

Guilherme II estava aliás há muito tempo esquecido pela massa do povo. Perante o regime, os príncipes da sua Casa cumpriam o seu dever de soldados; dois de seus netos haviam tombado em combate, alguns outros envergavam um uniforme, e o próprio Kronprinz pedira para comandar uma divisão, o que lhe fôra negado. Hitler, por outro lado, dera ordem para não enviar mais ao fronte outros Hohenzollern, considerando, por muitas razões, que êles já haviam dado ao terceiro Reich uma suficiente contribuição de sangue.

A Alemanha, como se sabe, era, dentre os países europeus, o que tinha o maior número de príncipes, uma aristocracia de sangue real, que vivia completamente alheia ao regime, e por êste quase ignorada e mesma vexada. Qualquer tentativa individual de aproximação permanecera isolada e sem sequência. Por outro lado, a política nazista, diante de um eventual problema de restauração, fôra muito hábil, mantendo todos os possíveis pretendentes dentro das suas fronteiras, impedindo assim a formação, no exterior, de um centro de reivindicações monárquicas, como acontecera outrora à França, à Espanha e à Grécia.

Os descendentes de casas ex-reinantes não constituíram, portanto, um perigo, e nem sequer de longe um problema, para o regime hitlerista. Diverso era o caso da pequena nobreza dos " von " representada sobretudo pela casta militar e que, numerosíssima, não deixava de ter uma certa importância, justamente porque, como nunca fôra plutocrática, e sim pobre, tinha que trabalhar e preenchia muitos cargos no exército e na burocracia. Era a casta que fornecia à Prussia os oficiais, os diplomatas, os prefeitos. Agora não tinha mais êsse privilégio exclusivo, mas continuava constituindo, pelas suas tradições, uma

reserva de que o regime largamente se aproveitara. Havia nessa classe, que se poderia definir da " velha burguesia oficial " diferentemente de tudo quanto acontece na alta aristocracia, um espírito de corpo e um prestígio sobretudo nas fileiras do exército. E exatamente pelas funções que ela continuava a exercer, o regime não podia livrar-se de todo dela, apesar da tendência de "popularizar " tanto o exército como o Ministério do Exterior e as outras administrações. Essa manifesta tendência criava em muitos que, aliás, colaboravam lealmente com o regime, uma constante sensação de mal-estar. Essa burguesia sentia e temia ir sendo progressivamente posta à margem à medida que amadureciam para as tarefas governamentais as gerações educadas no novo clima.

Disseram-se essas e outras coisas durante a conversa, no fim da qual a dona da casa confirmou a sua fidelidade ao defunto imperador. Mas os chefes nazistas presentes não tiveram nenhuma reação aparente.

O dia começou inesperadamente primaveril naquela manhã de abril fixada para o desfile da Primeira Divisão (a Divisão de Berlim) sobrevivente do "Felzung in Westen".

Tôda a população se concentrou ao longo do imenso percurso, e a Bismarckstrasse, o Charlottenburg, o Tiergarten até à Brandenburgertor, e tôda a Unter den Linden, encheram-se com a multidão apinhada, mal contida pelo serviço de ordem, menos severo e duro que de costume. As sacadas e as janelas estavam cheias de gente; grupos de "fipfe" e de B. D. M. trepavam nos lampiões, nos monumentos, nas bancas de jornais, todos com uma bandeirinha, um distintivo, uma lanterninha, gritando e empurrando de maneira inacreditável numa cidade alemã. Tinha-se a impressão de rever a alegre multidão berlinense tal como nos tempos, que agora pareciam pré-históricos — em que o vira Heine: "Oh, como são alegres os berlinenses"!

Pela porta de Brandeburgo, enquanto, a intervalos, o canhão ribombava longínquo, ecoando longamente, apareceu finalmente o pelotão de polícia montada que precedia o desfile. O baliza fazia maravilhas com seu bastão de prata, e os pífaros soavam, agudos e claros. Logo atrás vinham os soldados sobreviventes da rápida vitória da Bélgica e da França.

Não passavam em Paradetritt, não desfilavam em grupos compactos; eram pequenas divisões a pé seguidas de tropas em carros, pelotões montados em belíssimos cavalos belgas apreendidos ao inimigo, e ainda tropas autotransportadas. Os caminhões rebocavam o transporte dos pesados canhões; sómente o transporte, porque os canhões haviam ficado nas oficinas para serem reparados.

O desfile durou quatro ou cinco horas. Ao longo do percurso, essa população que não possuía uma flor, pois precisava procurá-la a alto preço, atirou flores e ramos em profusão; cobrindo os soldados, os canhões, os enormes refletores, os carros blindados. A lentidão do cortejo permitia entabular diálogos brincalhões entre os soldados e a população. Corriam frases como estas: " Olhe como está gordo " — "Quer ir também ao fronte, camaradinha"? Mas quando passaram as bandeiras dos regimentos orgulhosamente carregadas a braço teso pelos muitos jovens porta-bandeiras, a multidão foi sacudida por um frêmito e pôs-se a gritar: Heil, Heil!

Nas sacadas dos palácios ao longo da Unter den Linden estavam as famílias dos oficiais, comandantes, ministros e diplomatas. " É uma beleza" — ouvi dizer à mulher do marechal Keitel, de figura imponente, rosto nobre e cansado nos seus cabelos brancos, que olhava absôrta e nem sequer percebia que lentas lágrimas lhe caíam da face nas mãos. Afastou-se do parapeito "Ja, Wenn es zu End ware"!

Oh, se já tivesse acabado ! era o desejo, a súplica de todo o povo, que via prolongar-se a guerra para além da vitória, até ao esgotamento e à derrota.

Encerravam o cortejo os carros e as cozinhas; sentado ao lado da sua fumegante " Kessel " (os soldados deviam marchar até terminar a volta que os reconduzisse ao acampamento e lá comer o rancho), um cozinheiro burlão brandia a sua colher, fazendo gestos cômicos para a multidão; e o desfile, lentamente, desapareceu, entre as fanfarras e os cânticos no pálido crepúsculo primaveril, através da repentina frágil beleza da capital que ainda não conhecia o seu destino!

O funeral de Estado em honra do general do exército aéreo Ernest Udet, o mais célebre dos aviadores alemães ao lado de Manfred von Richthofen, teve um caráter de solenidade militar, que não bastou entretanto para sufocar os boatos sorrateiramente circulantes acêrca da sua morte. Despeitos e dissídios violentos com os seus colegas e superiores, subtração de ingentes quantias mediante o registro nos livros de cifras superiores às realmente empregadas na aquisição de aviões nas diversas firmas; graves intrigas de caráter amoroso; a denúncia de uma sua antiga amante ao corrente das suas turvas manobras administrativas. O fato é que uma manhã, um oficial superior da *Luftwaffe* — segundo uns, o general Milch, segundo outros, o juiz Roeder — entrou no escritório de Udet e, de acôrdo com a mais pura tradição do III.º Reich, pousou na sua mesa um revólver. Depois foi embora sem dizer uma única palavra. Udet compreendeu e enfiou uma bala na cabeça.

Era simpático, alegre, expansivo, sem preconceitos; adorava o vinho e as mulheres; e como todos aquêles para os quais a vida é um contínuo perigo, desejava cercar-se de luxo e confôrto.

O seu funeral apresentou-se como uma manifestação de profundo pesar. A primeira parte da cerimônia efetuou-se no grande salão de honra do Ministério da Aeronáutica. As paredes nuas. Aos pés do grande mosaico representando a águia com a cruz gamada, sombreada por um leve e transparente véu negro, colocou-se o caixão coberto com a bandeira de guerra do Reich. De ambos os lados, prestavam homenagem oito oficiais dentre os maiores "ases", entre êles o tenente-coronel Galland. Mais afastadas, erguiam-se, duas de cada lado, quatro altas e pesadas colunas encimadas por grandes piras das quais se desprendiam luminosas, vivíssimas e crepitantes chamas. Diante do caixão, oito corôas. Depois um curto espaço livre e a sala cheia de altas autoridades e oficiais da Luftwaffe. Na primeira fila os ministros do Reich e os marechais de campo. A seguir, os subsecretários e os altos generais, entre os quais, o general Tedeschini-Lalli, com os oficiais da R. Aeronáutica I. presentes em Berlim; o corpo diplomático, outros generais e funcionários e os oficiais ex-dependentes do general Udet com fita preta no braço. O salão, no mais profundo silêncio, achava-se dominado pelos clarões e o crepitar das quatro piras que iluminavam o caixão.

Chegaram a mãe e os parentes do extinto, e finalmente, Hitler, acompanhado pelo marechal Goering, os quais depuseram, sucessivamente, a sua corôa e saudaram à romana o general tombado.

Goering aproximou-se do caixão e com voz sufocada e comovida iniciou a sua saudação ao amigo, companheiro de armas e colaborador Udet; as suas primeiras palavras eram sublinhadas por jactos de viva luz que, lançados por refletores, enchiam a sala, cujo ar vibrava dèbilmente à voz do marechal.

Depois a voz tornou-se mais clara, fortaleceu-se e fez-se cortante, enquanto, lentamente, as luzes se atenuavam. Sòmente as chamas oscilantes das quatro piras acompanhavam as palavras com as quais Goering, profundamente comovido, recordou as elevadas virtudes de soldado e de chefe e as qualidades de companheiro e de amigo do extinto.

A voz enfraqueceu na última comovente saudação, enquanto os jactos de luz invadiam de novo a sala; o marechal não pode conter a sua comoção, derramando algumas lágrimas. Retomou o seu lugar junto ao Führer. O silêncio em que a sala novamente mergulhara era quebrado, primeiro de leve, depois com mais fôrça pelas notas da marcha fúnebre do "Crepúsculo dos Deuses".

Iniciou-se então o cortejo funebre para o transporte do caixão até ao cemitério dos Inválidos.

O caixão ia sôbre uma carreta de canhão. Seguiam-se os parentes, novos canhões, e, finalmente, os ministros, os marechais, o corpo diplomático, os generais e muitíssimos oficiais. A banda da Luftwaffe marcava lentamente o ritmo do passo.

No cemitério, um pastor saudou o extinto com versículos rituais. Uma multidão compacta contemplava recolhida em religioso silêncio. De repente, repercutiram no ar três salvas disparadas por aviadores enfileirados pouco distantes da cova. Responderam-lhes, de longe, em cadência, enquanto o caixão era lentamente descido à sepultura, dezessete salvas de canhão.

Um a um os presentes abeiravam-se da sepultura, saudavam militar ou romanamente e atiravam três punhados de terra em cima do caixão, sôbre o qual haviam sido colocados a espada e capacete do general.

E a guerra continuava cada vez mais trágica, árdua e ameaçadora; continuavam cada vez mais severas as restrições, e continuava a apertar-se, cada vez mais angustiante e inexorável, o círculo de ferro que comprimia a Alemanha. Calava-se a clamorosa propaganda de vitória, os manifestos altissonantes nas ruas, nos locais de diversão e nas lojas; via-se sòmente, em letras garrafais, nas fachadas enegrecidas das galerias ferroviárias no subsolo da cidade, o aviso: "Rader, rollen nur für den Sieg!". Na esquina da Postdamerstrasse, o grande mapa geográfico da guerra ia aos poucos decompondo-se na atmosfera brumosa da cidade enorme; ninguem mais ligava para as bandeirinhas que há meses permaneciam imóveis ou ameaçavam voltar atrás para posições... retificadas. As lojas vazias, deserto o Tiergarten, onde começavam a apontar, logo destruídos e logo reconstruídos, abrigos improvisados de gente que ficara sem teto em conseqüência dos bombardeios. As destruições tornavam-se visíveis na imensa cidade: atingida a catedral católica de Santa Edwiges, atingida a Alexanderplatz. Destruída a estação dos trens locais, arrasada a Deutschlandhalle, devastados os quarteirões e os jardins elegantes de Dehlem e de Grünewald, atingido o bairro popular de Moabit.

Mas a operosidade do grande centro continuava obstinadamente numa vida reduzida a poucas horas diurnas, mas febril e cada vez mais fatigante. Só raramente se viam animadas as grandes artérias, já conhecidas como as mais freqüentadas e elegantes, — o Kurfürtendamm, o Charlottenburg — mas filas e filas de gente anônima estacionavam, cada vez mais, todas as manhãs, silenciosas e tétricas diante das lojas, mercearias, estações e também diante dos teatros e cinemas. Permanecia a profunda paixão pelo teatro e pela música.

Entre as recordações das manifestações características a que assisti e que sobreviviam na tristeza cotidiana, ficou em mim, particularmente viva, a de um concêrto a que fui atraído por um pequeno e elegante anúncio exposto na casa de músicas de Bote e Bock na *Leipzigerstrasse: Barok — Musik — Eosandersaal — Charlottenburg.*

Eosander é o arquiteto das coisas mais notáveis do Charlotenburg, o aristocrático castelo setecentista, que conservava ainda a atmosfera cavalheiresca e culta da pequena côrte prussiana; e o Eosandersaal era uma capela protestante, com o púlpito no centro, estranhamente decorada de pesados rebôcos de execução maravilhosa. Um reposteiro de veludo vermelho púrpura, também de rebôco, decorava o alto das paredes, caindo em amplas pregas, e juntava-se sôbre o púlpito, descendo de uma colossal corôa imperial, mantida no ar por uma coreografia de anjos esvoaçantes.

Uma tênue luz descia da pequena cúpula octogonal; mas, como os concertos tinham lugar ao crepúsculo, logo se acendiam os candelabros, sòmente candelabros montados em pequenos e elegantes molduras de espêlho. Pelos espelhos a luz das velas refrangia-se até ao infinito, lançando reflexos avermelhados sôbre os rostos contritos do público, um público modesto e seleto: estudiosos, artistas, enfermeiras com seus feridos, oficiais, pastores protestantes e sacerdotes católicos, todos envôltos numa silenciosa expectativa.

A música era dedicada quase exclusivamente ao órgão. Havia ali, memóravel relíquia, o órgão em que tocara J. S. Bach, e dos seus tubos jorrava ainda a melodia imortal produzida por outras mãos. O antigo instrumento tinha um som aflautado, puro, um pouco acre, que atingia a possantes plenitudes e desfazia-se em delicados arabescos de sussurros; um violino, um violoncelo, uma orquestra de arcos, enchiam o fundo musical de uma sonoridade aveludada

Uma hora de música refinada e como que libertada do tempo e das coisas; uma hora de música ouvida num profundo recolhimento, por gente imóvel, enquanto a luz que chovia da cúpula amortecia cada vez mais, deixando brilhar sòmente as chamas das velas.

Soava o último acorde, ouvia-se o fechar da tampa sôbre o teclado. Uma longa pausa calada, depois a multidão esvaziava a sala a passos abafados.

Capítulo XV

NAS PEGADAS DE NAPOLEÃO

Domingo, 22 de junho, fui despertado, noite alta, pelo som longo e insistente do telefone à minha cabeceira.

Era o chefe do cerimonial alemão, barão von Dornberg, que me pedia para estar às 4,20 na Ausswaertiges Amt, onde o ministro Ribbentrop precisava falar-me com urgência. Pedia confirmação imediata. O relógio assinalava as quatro; respondi afirmativamente. Mas apenas deposto o receptor, lembrei-me de que me achava em Wannsee, a vinte quilômetros de Berlim. Liguei para o chefe do protocolo; êle pediu-me que demorasse o menos possível, porque a minha audiência se relacionava com uma série de outras audiências já determinadas. Às 4,25 o meu automóvel parava diante da entrada principal do ministério, onde fui imediatamente conduzido até à sala de trabalho de Ribbentrop que, de acôrdo com o cerimonial das grandes ocasiões, chegou acompanhado pelos seus ajudantes e secretários:

— Tenho a honra de comunicar-lhe que às três horas da manhã de hoje, as tropas alemãs atravessaram a fronteira russa. A Alemanha não podia permanecer por mais tempo passiva e indiferente diante da concentração de fôrças russas na fronteira alemã. Isso constituía para nós um sério perigo, uma permanente ameaça, uma grave provocação. Peço-lhe transmitir essa comunicação ao ministro Ciano, a fim de que a notícia seja dada imediatamente ao Duce, em nome do Führer.

Depois, desembaraçando-se do tom oficial, disse-me que antes de mim recebera o embaixador soviético De Kasanov, o qual não esperava absolutamente semelhante comunicação. Alguns dias antes, fizera saber ao Ausswaertiges Amt que se propunha a protestar por um incidente de fronteira. Quando se vira convocado a uma hora tão insólita, pensara reconhecer nisso a solicitude por parte das autoridades alemãs no sentido de querer aplanar o incidente.

Entrando, sorridente e otimista, no escritório de Ribbentrop, percebeu logo que se tratava de algo bem diverso. Ouviu a breve comunicação que Ribbentrop lhe fêz no tom mais gélido e com o olhar mais metálico que de costume, empalideceu ligeiramente e retirou-se sem dizer uma palavra.

— Hoje é para a Alemanha nazista um grande dia histórico, — disse-me enfàticamente Ribbentrop no momento em que me despedia. — Sob o comando do Führer, as tropas do terceiro Reich aniquilarão em brevíssimo espaço de tempo o exército soviético, tendo assim em mãos a vitória total.

Na antecâmara, encontrei Oshima, o embaixador japonês. Depois dêle, suceder-se-iam, a intervalos de poucos minutos, todos os chefes de missão que nessa ocasião se encontravam, e era algo excepcional, em contacto direto com Ribbentrop.

Dirigi-me à embaixada, onde expedi imediatamente o telegrama para Roma. Vieram alguns funcionários meus, colaboradores mais diretos e os adidos militares, com os quais se comentou o acontecimento, sublinhando com palavras de amargura a questão de mais uma vez a Alemanha ter colocado a Itália diante do fato consumado, sem anteriormente preveni-la, como seria o seu dever. Lembra-me de fato, que alguns dias antes, achando-me em Veneza, com Ciano, por ocasião da adesão da Croácia ao tripartido, informara-o da concomitância de vários fatos que confirmavam tudo o que eu anteriormente assinalara acêrca da iminência de um ataque alemão à Rússia. Ribbentrop, interpelado a respeito, por via amigável, mostrara-se muito reservado e dera uma resposta evasiva, que, justamente, contrariara Ciano.

Às oito horas, o adido da imprensa, doutor Cristiano Ridomi, ótimo funcionário, inteligente, culto, sério, sempre informadíssimo, trouxe-nos as últimas notícias.

Às seis, realizara-se no grande salão do ministério da propaganda, a reunião de todos os jornalistas estrangeiros, aos quais, Goebbels, após haver comunicado o início do ataque alemão, lera uma proclamação de Hitler ao povo alemão e uma ordem do dia à Wehrmacht. A seguir, os mesmos jornalistas haviam sido convocados noutra parte da Wilhelmstrasse, no ministério do Exterior, onde Ribbentrop, sob a luz resplandecente dos refletores e diante das objetivas dos fotógrafos e dos aparêlhos cinematograficos, procedera à leitura do texto oficial da declaração de guerra.

Ao mesmo tempo, tôdas as estações de rádio transmitiam emissões especiais com sons de fanfarras, cantos patrióticos, apêlos entusiásticos, enquanto numerosos alto-falantes deixavam cair a notícia do acontecimento sôbre os raros transeuntes dominicais da manhã.

Às nove, Ciano chamou-me ao telefone para encarregar-me de comunicar a Hitler, em nome de Mussolini, que a Itália, por aplicação do Pacto de aço, considera-se desde as três da manhã de hoje, em guerra com a Rússia.

Pedi-lhe que me fizesse a comunicação por telegrama. A experiência tornara-me precavido; de fato, já várias vêzes se haviam verificado, a curtíssimos intervalos, mudanças de orientação muito importantes, que me haviam pôsto em situações delicadas:

— Enviar-lhe-ei o telegrama, mas como a comunicação é urgente, poderá fazê-la da mesma forma. Procure, além disso, apoiar e fazer aceitar a proposta, pela qual se está aqui mesmo muito impaciente, de enviar um corpo expedicionário italiano à Rússia.

Assim que chegou o telegrama — cêrca de uma hora mais tarde — dirigi-me a Ribbentrop. Um de seus colaboradores explicou-me que o ministro, que velara toda a noite numa série de reuniões e audiências, retirara-se há pouco, para repousar.

Repliquei que precisava fazer-lhe uma comunicação importante e urgente. Diante da incerteza do secretário, devo ter feito um gesto muito expressivo e eloquente, pois o meu interlocutor logo me declarou que iria chamá-lo.

Mandara-me entrar no seu apartamento particular, onde — dali a pouco — Ribbentrop apareceu. Trazia um pijama de sêda cinzento azulado, por baixo de um elegante *robe de chambre* de levíssima flanela de lã marron; nos pés, pantufas de pelica preta, brilhante. O seu aspecto sonolento e cansado contrastava com o seu ar glacial e compassado que pretendia dignamente conservar.

Sem perturbar-se muito, tomou conhecimento da comunicação que — disse — agradaria muito ao Führer. Quanto à proposta de enviar tropas italianas, observou que isso não era da sua alçada, mas que falaria no caso ao Führer. E, com as habituais declarações de certeza na vitória infalível, o breve colóquio se encerrou.

O resto da manhã também foi muito movimentado na embaixada. Enquanto recebia a visita de alguns chefes de missão que, em semelhantes circunstâncias, desejavam ter uma troca de idéias e de vistas, preparavam-se os telegramas para Roma, acêrca das primeiras reações dos círculos políticos, do ambiente diplomático, da opinião pública.

O povo atirou-se sôbre as edições extraordinárias dos jornais que publicavam longos artigos — todos inspirados no mesmo tom e no mesmo motivo com descrições horripilantes do regime soviético.

O público agarrou-se à propaganda bem orquestrada. Aliás, a guerra era aos seus olhos inevitável. E até mesmo os menos iniciados em assuntos políticos compreendiam mais fàcilmente um estado de guerra do que o fingimento de uma amizade considerada contra a natureza, entre a Alemanha e a Rússia.

Tive a sorte de aproximar-me de Hitler naquele mesmo dia. Como já tive ocasião de salientar no decorrer destas notas, Hitler trocara Berlim, desde o início da guerra, pelos seus vários quartéis-generais. Fazia, muito raramente, rápidas corridas à capital, mas sempre no mais absoluto sêgredo.

Conseqüentemente, tôdas as formalidades do protocolo, audiências diplomáticas, convites e reuniões que tivessem o mais longínquo aspecto mundano haviam sido abolidas. Suprimira-se tudo o que não fôsse de caráter estritamente político e militar.

Uma audiência sofrera vários adiamentos, a última concedida, comunicada com duas semanas de antecedência, fôra fixada para as

quatro da tarde dêste domingo, 22 de junho. Era talvez um dos muitos truques para desviar as suposições e hipóteses acêrca da data do início das operações contra a Rússia. Ou, então, é possível que o protocolo, sabendo que o Führer estaria em Berlim, fixara a audiência para êsse dia. Não tendo recebido nenhuma contra-ordem, perguntei a mim mesmo se deveria fazer uma sondagem na Chancelaria para saber se o convite se mantinha pelo menos de pé. Mas como a coisa me pareceu delicada, resolvi não fazer nada. Preparei-me para o que desse e viesse. E de fato, faltando dez minutos para as quatro, o chefe do protocolo veio buscar-me com um automóvel da Chancelaria. Através da imensa galeria que despertava o admirado estupor de quantos nela entravam e que era preciso percorrer com a máxima atenção por causa do pavimento de mármore extraordinàriamente polido e escorregadio — ocorreu-me mais de uma vez ver alguma ilustre personagem levar um famoso escorregão — cheguei, por uma série de salas, a um escritório onde Hitler, sòzinho, me esperava. Calças pretas, túnica de gabardine cinza-marron, cruzada, bem barbeado, cuidadosamente penteado, com a risca que lhe deixava cair o característico tufo sôbre um lado da fronte, tinha um aspecto nervoso, vivaz, satisfeito.

Convidou-me a sentar, e, depois das primeiras frases de uso, o assunto guerra impôs-se à sua conversação. Mas, contràriamente ao que eu esperava, não disse a princípio nada sôbre o grande acontecimento atual. Pôs-se a falar dos êxitos militares obtidos na Grécia três semanas atrás. Declarou que as suas tropas haviam encontrado nos gregos adversários corajosos e difíceis. As suas linhas estavam cheias de mortos. Também os alemães tinham sofrido grandes perdas.

A recente recordação das dificuldades encontradas leva-o às suas primeiras lutas políticas:

— Na minha carreira política, precisei sempre combater contra adversários mais fortes que eu, tal como aconteceu ao Duce, e como êle, sei por experiência própria o que significa lutar. Combati durante quinze anos para chegar ao poder, e muitas vêzes dei comigo em terra, mas consegui sempre reerguer-me e acabei por vencer todos os adversários. Ainda desta vez alcançarei a vitória. Numa guerra, quando as fôrças se equilibram, um dos dois perde porque abandona a luta um quarto de hora mais cêdo, mas eu sou da opinião de que devemos combater um quarto de hora mais.

Vai-se inflamando à medida que fala.

— O senhor, decerto, se lembra de que eu achava conveniente que os gregos resistissem na linha Metaxas, porque assim nos dariam oportunidade para destruí-los. Os inglêses movimentaram uma larga fileira de tropas gregas com o duplo objetivo de ganhar tempo para retirar-se, se as coisas corressem mal, e de reforçar-se se tudo corresse bem, atribuindo-se depois o mérito do êxito.

Fêz uma longa pausa. Seus olhos, ausentes, olhavam no vácuo. Depois, como obedecendo a um impulso interior originado pelo pensamento dominante, não pôde conter-se e levantou-se de repente, fazendo-me sinal para que continuasse sentado.

— Êsse problema da Rússia ocupou-me, preocupou-me e angustinou-me durante semanas inteiras. Mas em noites insones e atormentadas, durante as quais examinei o problema por todos os lados, não transcurando nenhuma hipótese e analisando as conseqüências, a mim mesmo perguntei muitas vêzes se antes de tomar tão grave decisão eu não devia consultar o meu povo. Pensei, então, que o povo responderia com certeza, afirmativamente, de acôrdo com o supremo interêsse da Alemanha. Aliás, sou da opinião de que um chefe, quando o é verdadeiramente, deve assumir tôda a responsabilidade.

Mudando de assunto, falou da Inglaterra, manifestando a sua absoluta convicção num resultado final favorável.

— É difícil precisar quanto tempo levará, mas o que importa é o resultado.

A seguir, como que inflamado pelas próprias palavras, disse:

— Estou tão certo, matemàticamente certo, de abater a Inglaterra como estou certo de estar aqui sentado ao seu lado.

Outra pausa. Hitler estava com seus pensamentos de novo longe.

Como Hitler dissera durante essa conversa particular, em que havia dado a impressão de ter falado sinceramente, a sua decisão de atacar a Rússia fôra verdadeiramente grave, séria, complicada, sobretudo pelo fato de que nem todos os comandantes e as pessoas qualificadas estavam de acôrdo com o chefe.

Para melhor percebê-lo é preciso dar um passo atrás e voltar-se para a pacto Ribbentrop-Molotov assinado em Moscou em 22 de agôsto de 1939, que estourara como uma bomba na opinião pública mundial. Em Roma, causou grande impressão, principalmente no círculo do Ministério do Exterior, onde se sabia que Ciano, de acôrdo com Mussolini, preparava um importante documento de quatro pontos, que êle próprio iria pessoalmente explicar a Ribbentrop para apoiar junto a Hitler a proposta inglêsa de negociar pacìficamente o problema da Polônia e para fazer-lhe sobretudo compreender com clareza que a Itália não entraria no conflito ao lado da Alemanha, caso êle se originasse num ataque contra a Polônia.

Durante êsses dias, como sempre acontecia nos períodos de tensão política, mantinha estreito contacto com Ciano. No meio da tarde do dia 21, Ciano telefonou diretamente a Ribbentrop para propôr-lhe um encontro no Passo de Brenner no dia seguinte, ao que o outro

respondeu que lhe daria uma resposta à noite, pois esperava uma importante comunicação de Moscou.

Que se escondia por trás disso tudo?

No fim da tarde fui chamado ao palácio Veneza pelo Duce, que me deu instruções para a imprensa. O boletim cotidiano, em que se resumiam os artigos e as informações da imprensa do mundo inteiro, era então submetido a Mussolini, para um exame particularmente atento e minucioso. Êle era habilíssimo em juntar e relacionar elementos que a qualquer outro escapariam.

Como no fim da tarde, não tivesse recebido nenhum comunicado de Ciano, ao sair do meu escritório, fui ao seu encontro no Ministério. Achava-se no grande salão das vitórias, sentado atrás da mesa, absôrto num pensamento que o ocupava e preocupava de tal maneira, que não respondeu à minha saudação. Vitetti, de pé, diante dêle, tinha uma atitude compungida.

Após alguns momentos de silêncio, Ciano, como se só então se apercebesse da minha presença, disse vivamente:

— Venha, venha, tenho justamente para dar-lhe uma extraordinária notícia. Recebi há pouco um longo telefonema de Ribbentrop, o qual me anunciou que amanhã de madrugada partirá de avião para Moscou a fim de encontrar-se com Molotov, com o qual estipulará um pacto. E, naturalmente, falou nisso como em fato consumado! Não me restou outra alternativa senão desejar-lhe boa viagem no avião..."

Ciano estava, evidentemente, muito contrariado. Além do mais, êle, habituado a ver-se sempre colocado no primeiro plano dos acontecimentos internacionais, estava pessoalmente aborrecido com o golpe desleal e bem sucedido do seu colega que assim atrairia sôbre si a opinião pública mundial.

Conversamos, ou melhor, discutimos longamente, eu e Vitetti de acôrdo sôbre as conseqüências negativas que o pacto futuramente teria, pois representava a inversão de tôda uma concepção ideológica, de uma situação européia, de um sistema de alianças. Perguntei:

— E o Duce?

— Fecha-se...

Quando na manhã seguinte vi Mussolini por ocasião do habitual relatório cotidiano, pareceu-me pensativo e reservado. Como de costume, para completar e determinar o seu julgamento, esperava conhecer as reações dos outros países. Disse:

— Não obstante o meu firme e convicto antibolchevismo, fui o primeiro a reconhecer a URSS. Daí a estabelecer um pacto, vai muita coisa. Evidentemente, o mundo evolui; o bolchevismo de 1917 é muito diferente do atual comunismo. As nações, embora mantendo cada uma as suas próprias concepções e posições ideológicas, podem estabelecer relações de convivência e entendimentos de caráter econô-

mico. Êsse pacto russo-alemão poderá significar muitas coisas. Veremos. Recomendo-lhe comunicar-me tôdas as reações.

Resultou imediatamente claro que o pacto não passava de um compromisso entre duas ambições. Um compromisso de satisfazer dois imperialismos e dois temores, de evitar ou pelos menos retardar um recíproco ataque pelas armas.

Foi sôbre êsse compromisso que se basearam os sucessivos desenvolvimentos do pacto, para o fortalecimento do qual, muito se empenhou o embaixador alemão em Moscou, conde de Schulenburg. Era êste um distinto diplomata de carreira, figura fidalga, erecto, uma bela cabeça completamente calva, com dois olhos claros e bigodes grisalhos frisados. Estava convencido de que as relações entre a URSS e o Terceiro Reich ou iam muito bem, ou muito mal. A seu ver, não havia meio termo. E, por isso, fez o possível para estabelecer boas relações entre as duas nações vizinhas, conseguindo mesmo mantê-las por um certo período de tempo.

A propaganda de Goebbels apoderou-se do fato, exaltando-o em todos os seus aspectos, fazendo compreender nas entrelinhas aquilo que não podia ser explìcitamente dito, mãos livres sôbre a Polônia e costas seguras na guerra contra a Inglaterra, insistindo sôbre as evidentes vantagens que derivavam para a Alemanha de uma colaboração ativa e operante no campo econômico. Salientou-se também a reaproximação ideológica entre o nacional-socialismo alemão e o nacionalismo bolchevista da União Soviética.

A demonstração dada pela imprensa alemã de que a URSS estava ràpidamente evoluindo para um socialismo nutrido de espírito nacional, que punha em primeiro plano a família, o exército e a pátria, correspondia efetivamente à realidade. Pude percebê-lo pessoalmente, por ocasião de uma viagem que fiz a Moscou em 1934, na qualidade de presidente da *Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores,* cargo para o qual fôra unanimamente eleito durante o congresso de Sevilha, e que me punha em contacto com os governos dos vários países por questões inerentes à tutela dos direitos autorais.

O fato de ser hóspede do embaixador Attolico me facilitou muitas coisas, permitindo-me tomar conhecimento de certas situações que, de outra maneira, teriam escapado à minha observação.

A população dava uma impressão de tristeza e de miséria; a produção das fábricas diminuíra fortemente e as universidades atravessavam uma profunda crise. Mas os divórcios começavam a diminuir, a luta anti-religiosa era menos violenta, e delineava-se como que uma orientação para o nacionalismo. O que mais me impressionou foi uma grandiosa e importante manifestação, que se efetuou na imensa Praça da Revolução. As organizações juvenis, homens e mulheres nos seus

trajes esportivos ou fardados, desfilaram perfeitamente enquadrados por entre bandeiras desfraldadas, rufar de tambores e as notas das músicas. O desfile durou cêrca de seis horas, tendo-se em conta que as filas de cada coluna marchavam com uma frente de pelo menos trinta pessoas.

Alguns momentos antes do início do cortejo, Stalin envergava, como todos os outros, um simples casaco e um enorme boné. Chegou acompanhado pelos vice-comissários, subiu ao mausoléu de Lenine, em tôrno do qual se achavam enfileirados inúmeras divisões militares que cercavam a praça, e de lá assistiu à interminável parada. Durante uma pausa, pronunciou um discurso que teve grande repercussão pelo seu alcance político e pela sua conclusão. Nêle, de fato, Stalin, dirigindo-se ao povo russo, manifestou a sua íntima convicção de que, quando fôsse necessário, "cada qual saberia comprir o seu dever pela nossa grande pátria".

Voltando ao assunto do presente capítulo, em Berlim, os bem informados sabiam perfeitamente que por trás do pacto, fundamentalmente equívoco, Hitler e Stalin vigiavam-se recìprocamente, e às ocultas se preparavam.

Durante um ano inteiro, o acôrdo manteve-se sólido e eficiente.

Mas a seguir, a concorrência russo-alemã sôbre os países do entendimento balcânico criou atritos que a garantia dada pelo Eixo à Romênia, após o arbitramento de Viena, tornou mais agudos.

Êsses atritos puseram a Itália numa situação muito delicada. No fim de dezembro de 1939, Ciano por ordem de Mussolini, encarregara Rosso, nosso embaixador em Moscou, de entabular negociações com Molotov, para uma reaproximação ítalo-russa, uma vez que não existiam entre os dois paises razões de controvérsia. O acolhimento do govêrno de Moscou foi favorável.

Quando, dez dias depois, Roma me encarregou de informar disso, Ribbentrop, êste, não escondeu o seu mau humor e a sua contrariedade por não ter sido anteriormente pôsto a par da questão. Roma então recuou, provocando as reações de Molotov, que desejava chegar a uma conclusão e colocando numa situação embaraçosa o embaixador Rosso.

Essa circunstância é aqui referida para demonstrar que Ribbentrop, sabendo dos desígnios e dos propósitos de Hitler de atacar a Rússia no momento oportuno, não queria que a Itália se amarrasse demais, o que tiraria à Alemanha a liberdade de manobra.

Enquanto isso, as relações russo-alemãs tornavam-se tensas. A luta pela sistematização da foz do Danúbio, da qual a Alemanha queria excluir a Rússia, e a assinatura do pacto tripartido Alemanha-Itália-Japão comprometeram fatalmente o acôrdo de Moscou. Para proteção, foi organizada — sob os auspícios do embaixador Schulen-

burg — a visita de Molotov a Berlim — 10 a 15 de setembro de 1940 — visita que, exceto no campo econômico, não registrara nenhum êxito.

Não compete a estas notas seguir o desenrolar dos acontecimentos que levaram à ruptura das relações germano-russas.

Interessa, pelo contrário, determinar as razões que, de acôrdo com a opinião dos seus colaboradores mais próximos, induziram Hitler a romper os adiamentos e lançar-se à sua nova aventura. Quando êle se convenceu, ou julgou convencer-se, de que a Rússia não fazia mais o jôgo da Alemanha, mas que, pelo contrário, se lhe opunha mais ou menos abertamente aos planos — Hitler precisava fazer uma guerra curta, Stalin desejava, pelo contrário, que a guerra se prolongasse o mais possível, totalmente a seu favor — para intervir no momento oportuno, numa Alemanha esgotada ou cansada; quando Hitler percebeu que uma neutralidade soviética era, no fundo, para êle mais embaraçosa do que uma Rússia em estado de guerra; quando, finalmente, as razões militares se uniram às razões políticas, a sua natureza e o seu temperamento o guiaram. Seduzia-o a idéia de poder finalmente encontrar, medir e bater em campo aberto um inimigo que êle considerava secular. Derrotada a Rússia, Hitler teria à sua disposição um imenso e fértil território de que largamente se valeria para levar triunfalmente a cabo a guerra contra a Inglaterra.

Informado e alarmado com a mudança de estado de ânimo de seu chefe, o conde Schulenburg veio, na Primavera de 1941, várias vêzes a Berlim para exercer, junto a Ribbentrop e a Hitler, obra de persuasão. Assegurava-lhes que, a despeito de tudo, Stalin não tomaria nenhuma iniciativa concreta de ataque; não dispararia o primeiro tiro de canhão nem atravessaria primeiro as fronteiras. Notava, pelo contrário, apoiando-se também na opinião de alguns generais, que a guerra seria longa e difícil, e concluía por salientar a boa vontade de Stalin, que procurava dar explicações e acalmar as iras alemãs. Foi tudo em vão. A partir dos primeiros dias de junho, Hitler encerrou-se no silêncio que lhe era característico na véspera das grandes decisões. Mudava de humor, tornava-se difícil e intratável, trabalhava sem vontade, não queria ver ninguém, saía sòzinho para passear em companhia de *Blondie,* o seu fiel cão lôbo.

Cêrca de uma semana durou essa espécie de *transe,* para o qual contribuíam elementos aos quais não eram estranhos a superstição, a idéia de ser o trâmite de uma vontade superior e o intérprete das aspirações do povo germânico.

Foi um angustiante tormento intímo. Quando julgou sentir-se iluminado, rompeu os adiamentos e, saindo do seu mundo interior, readquiriu o domínio da sua autoridade de chefe para tomar ràpidamente a sua decisão.

Precisamente cento e vinte anos depois, Hitler lançava-se assim nas pegadas de Napoleão.

Os primeiros êxitos foram espetaculares e desconcertantes. A propaganda de Goebbels soube magistralmente explorá-los, fortalecendo no povo a idéia de que nenhum exército podia resistir ao poder dos exércitos alemães e que Hitler era o maior gênio militar da história.

Mas os militares e os políticos que haviam apresentado fundadas ressalvas antes do ataque, empenhando-se em dissuadir Hitler, não mudaram de opinião. Tive, com alguns dêles, conversas particulares, e me convenci de que a sua argumentação era convincente. Em primeiro lugar, sustentavam que era pràticamente impossível penetrar o segrêdo militar russo, e que, portanto, tôdas as informações fornecidas ao Führer acêrca do efetivo das tropas, a entidade das reservas, e consistência dos preparativos de defesa, a posição bélica, o equipamento, a consistência da disciplina não passavam, no fundo, de suposições, contra as quais havia terríveis incógnitas, e, sobretudo, o imensa espaço russo e os horríveis rigores do inverno.

Além disso, o galopante avanço alemão não fôra facilitado por uma bem organizada retirada estratégica russa para iludir o inimigo e atraí-lo o mais longe possível das suas bases, a fim de extenuá-lo e exauri-lo até o momento da desforra?

Em fins de agôsto, enviei a Roma um longo e pormenorizado relatório em que resumia o desenrolar e o resultado das operações militares alemãs na frente russa durante dois meses. Embora registrando os grandes êxitos obtidos, não deixava de salientar a progressiva e eficiente resistência russa e aventava a hipótese de que Hitler se prendera a muitas ilusões; fazia claramente algumas interrogações e apresentava fundadas reservas.

Soube mais tarde, reservadamente, que Mussolini lera com particular atenção o relatório, sublinhando, com os seus característicos riscos de lápis azul, as reservas e as interrogações. Na primeira página escrevera: "Muito interessante. M.".

Cultor assíduo dos estudos sôbre a guerra napoleônica na Rússia, Mussolini convencera-se de que, se Hitler não vencesse ràpidamente a sua partida, deparar-se-ia com uma situação de extremo perigo.

Capítulo XVI

MUSSOLINI E HITLER SOBREVOAM A UCRÂNIA

O ENCONTRO entre Mussolini e Hitler, por êste especificadamente solicitado no fim de uma longa carta de 30 de junho de 1941, teve praticamente lugar em fins de agôsto. Exigiu uma longa e meticulosa preparação, sobretudo do lado alemão, pois o programa compreendia também uma visita aos campos de batalha da frente oriental.

As reações a respeito do encontro foram enormes, profundas, emotivas em toda a Alemanha. A personalidade do Duce dominou a opinião pública alemã, pois nesse tempo qualquer visita sua à Alemanha assim como os seus encontros com o Führer conseguiam galvanizar estados de ânimo ofuscados por dúvidas e cansaços. O motivo deve naturalmente ser procurado na particular situação do momento, tanto do ponto de vista político como militar.

Nos últimos meses, e, especialmente, desde o ínicio da campanha contra a Rússia, a atenção achava-se particularmente paralisada em algumas direções e principalmente: vicissitudes estritamente militares da campanha da Rússia, duração da guerra, atitude dos paises vencidos, possibilidades de colaboração com os mesmos, reconstrução e nova ordem européia. A êsses problemas correspondiam interrogações que se somavam e concentravam nas dificuldades, que, no conjunto, se apresentavam maiores do que a expectativa da campanha da Rússia, que de um lado impunham à Alemanha enormes sacrifícios de sangue e de energia, e, de outro, polarizavam, um pouco, por toda a parte, na Europa, as veleidades de resistência. Vinham ao encontro dêsse quadro político-militar, aumentando algumas das interrogações do momento, certas iniciativas do inimigo e, em particular, a cada vez mais estreita colaboração e solidariedade anglo-americana e, com o encontro Roosevelt-Churchill, uma tentativa do inimigo de concretizar as suas finalidades bélicas, com evidentes objetivos também de propaganda.

Era portanto sôbre êsse fundo de acontecimentos e de estados de ânimo coletivo do povo germânico, que o encontro dos dois chefes erguera a expectativa de resultados positivos.

De fato, no comunicado oficial havia, além da fórmula habitual da discussão das questões político-militares, algo novo: nos círculos políticos e no círculo mais vasto da opinião pública, de que a imprensa é apenas um reflexo parcial, fôra sublinhado tudo quanto se dissera acêrca da nova ordem européia e das finalidades de guerra das potências do Eixo. Era a primeira vez que se faziam afirmações bas-

tante precisas e concretas sôbre o assunto, e não se tratava sòmente de uma resposta polêmica às enunciações contidas no documento redigido pelos chefes das nações inimigas, Churchill e Roosevelt, mas de uma fórmula comprometedora, que concretizava anteriores afirmações e declarações, até ali sempre expostas de maneira mais genérica que específica.

"Neue Ordung" — "nova ordem na Europa" — "nova ordem no Oriente e no mundo" há muito se falava disso, tanto na imprensa como fora dela, como base da política do Eixo e como uma perspectiva de colaboração com os outros paises europeus e, em particular, com os paises vencidos; mas fôra até então mais ou menos uma enunciação esquemática, quase uma simples bandeira; mas essa fórmula começava a adquirir, pela primeira vez, no comunicado oficial, algo de positivo, concreto, atingível. Indicavam-se aí como meta a alcançar, em primeiro lugar: a eliminação das causas que haviam provocado as anteriores guerras européias; em segundo lugar: a destruição do perigo bolchevista e da exploração plutocrática como premissas para uma cooperação política, econômica e cultural qualificada como "pacífica, coordenada e fecunda" de todos os povos do continente europeu.

Tal concretização de objetivos bélicos era explicitamente atribuída não só ao encontro e à troca de idéias entre os dois chefes, mas também vista como uma contribuição positiva de Mussolini. Num momento em que o povo germânico, todo empenhado na luta antibolchevista e anti-russa, procurava em qualquer parte da Europa e no mundo apoio para semelhante cruzada e sentia, ao mesmo tempo, que as dificuldades do momento punham em evidência perante todos os povos vencidos — e tão fàcilmente vencidos — não só veleidades de resistência, mas também um latente e generalizado sentimento de aversão e de hostilidade para com a Alemanha, constituía-lhe um precioso estímulo a reafirmação de cordial solidariedade por parte de um elemento fundamental na política do Eixo, como o era Mussolini.

Talvez seja interessante voltar por um instante o pensamento para a curva ideal de altos e baixos que fixa no gráfico da *Stimmung* alemã para com o nosso país o grau da maior ou menor intensidade das simpatias populares para com a Itália.

O início da guerra com as fulgurantes vitórias obtidas nos campos de batalha poloneses e o avanço fulminante sôbre Varsóvia tinham na época desviado a atenção do povo alemão da nossa declaração de neutralidade, a princípio acolhida com uma sensação de mal velada desilusão.

Terminada porém a campanha da Polônia e findas sobretudo as esperanças de paz que a conclusão inesperadamente rápida da própria campanha fizera nascer no coração dos alemães, eis que a opinião

pública da Alemanha se volta, nos últimos meses de 1939, com comentários irritados e frases nem sempre corteses, contra a nossa política de neutralidade.

A rápida intervenção da propaganda local, feita por intermédio da imprensa, e especialmente através das disposições imediatamente distribuídas aos órgãos periféricos do Partido Nazista, destinada a explicar à população, nas "Kreisleitungen" e nas "Ortsgruppenleitung", a atitude italiana, dava quase logo bons resultados; mas a atmosfera só se acalmava completamente na Primavera, e isso principalmente por ocasião do afortunado desembarque na Noruéga. Nos meses seguintes, *Stimmung* ótima a nosso respeito, devida sobretudo à feliz campanha de França e à entrada da Itália na guerra ao lado da Alemanha.

O Verão passava serenamente com uma população toda tensa na esperança da invasão da Inglaterra e da paz; mas eis que no Outono reaparecem as críticas e as reservas referentes à Itália.

Na Primavera de 1941, a *Stimmung* a nosso respeito melhora, para tornar a sofrer uma notável depressão nos meses estivais de julho e agôsto.

Analisando agora um pouco atentamente êsses altos e baixos, têm-se a impressão de que as zonas chamadas cinzentas, da *Stimmung* popular com relação à Itália, correspondem quase sempre a motivos que nada têm que ver com a nossa conduta e a nossa atitude.

Acontecia que nos momentos mais difíceis, a massa popular alemã, sentindo a necessidade de libertar-se, pelo menos parcialmente, do mal-estar interno mediante um desabafo verbal, e achando um tanto perigoso atacar nesse desabafo a conduta bélica ou política do govêrno do Reich, escolhera um pouco como bode expiatório do seu mau humor o aliado italiano contra o qual se concentravam os comentários acri-doces e as críticas nem sempre benevolentes de pelo menos uma parte da população.

Foi nessa característica atmosfera que se deu o encontro de que falamos.

O quartel-general do Führer constava de um grupo de pequenas casas cobertas por uma espessa camada de cimento, e completamente escondidas numa floresta de betulas e abetos. A construção dessa aldeia antiaérea devia ter custado vários milhões de marcos. As casas eram decoradas de madeiras simples, mas com uma elegância rústica tipo abrigo alpino, todas ligadas por encanamentos subterrâneos, também para o aquecimento central. Todo o conjunto de construções que constituía o quartel-general era protegido por cêrcas de arame farpado e por uma tríplice barreira que não se podia atravessar sem uma senha especial. Fôra barrado por uma sentinela o próprio general Jodl, que esquecera o cartão. O serviço de vigilância era exercido na maior

parte por milícias S. S., do que por soldados. Nesse ambiente triste e sombrio, Hitler e os seus colaboradores mais próximos, aninhados na floresta como os seus remotos avós guerreiros das sagas germânicas, viviam concentrados em si próprios.

Com o objetivo de dar ao leitor uma impressão exata, embora sumária, da viagem, reproduzo aqui integralmente as notas do sucinto diário mantido por minha ordem por um funcionário da embaixada:

"A viagem do Duce à frente oriental contra a Rússia durou seis dias: da manhã de 24 de agôsto à noite de 29 dêsse mesmo mês. Acompanharam Mussolini, que levava consigo o filho Vitório, tenente da aviação, além do doutor De Cesare e dois funcionários da sua secretaria particular, os seguintes diplomatas: Filippo Anfuso, chefe de gabinete do Ministério do Exterior (estando o ministro Ciano ainda enfêrmo, em consequência de uma operação na garganta). Geisser Celesia, chefe do cerimonial, e os seguintes oficiais: general Ugo Cavallero, chefe de estado-maior geral, general Antonio Gandim, coronel Luigi Gallo, coronel Gustavo Secco, tenente-coronel Giacinto di San Marzano; tenente-coronel Domingo Fornara, tenente-coronel Giuseppe Galzavara, major Emilio Cirino, capitão de fragata Gastone Minotti, todos do comando supremo. Chegaram de Roma no mesmo trem presidencial, o embaixador do Reich, Hans Georg von Mackensen, com o adido militar general von Rintelen, o tenente-coronel S. S. Dollmann, e o conselheiro Ritter von Reichert. De Berlim chegaram o embaixador da Itália, Dino Alfieri, com o adido militar general Efisio Marras, o primeiro secretário Alberico Casardi e o adido de imprensa Cristiano Ridomi.

No trem presidencial, precedido de um trem estafeta, tomaram lugar o pessoal ferroviário e o outro adido aos vários serviços.

Em suas linhas principais, o programa dos seis dias, desenvolveu-se da seguinte maneira:

Domingo, 24 de agôsto de 1941.

O trem presidencial chegou ao Passo de Brenner às 7,45. O ministro Paul Schmidt e o príncipe Albrecht von Urach, acompanhados pelo embaixador Alfieri dirigiram-se ao carro-salão do Duce para levar-lhe as boas-vindas do Führer em terra germânica. O trem parte de novo às 8,13 via Innsbruck. Chega a Munich na Baviera às 11,57, onde é esperado pelos chefes germânicos da cidade, pelo real cônsul geral ministro Pittalis, com o cônsul Coppini e vice-cônsul Alverà. O Duce não desce. Às 12,16 o trem prossegue para Nuremberg, atravessa a Baixa Baviera, a Francônia, a Saxônia, a Marca do Brandeburgo. Durante todo o trajeto dispôs-se um serviço de ordem. Soldados, agentes de polícia, milícias das S. S. e das S. A. acham-se dispos-

tos a uma centena de metros um do outro, armados. Há em todas as estações, em que o trem diminui a marcha, uma enorme multidão que saúda com o braço erguido o Duce que lhe responde na mesma forma.

Segunda-feira, 25 de agôsto.

Atravessando o ex-corredor polonês, o trem entra na Prússia oriental. Pára nas estações de Neu Bentschen, Posen, Hohensalza, Thorn, Deutsch Eylau, Allenstein, Korschen e detem-se numa estação que tem o nome convencional de Goerlitz e junto à qual se encontra o quartel-general do Führer. Êste está à espera do Duce com o chefe de estado-maior geral, marechal Keitel, o ministro do Exterior do Reich von Ribbentrop, o diretor da Chancelaria do partido nacional-socialista, Bormann, e o chefe do Departamento de Imprensa do govêrno, Dietrich. Apresentações. O Duce e o Führer partem de automóvel, às 11,30, acompanhados pelos militares, para o quartel-general do Führer, visitando as suas instalações. Os diplomatas entretêm-se na estação com o ministro von Ribbentrop, que depois se afasta. Almôço no quartel-general do Führer. À tarde, o Duce com o Führer e os militares visitam o quartel-general do exército, o comando supremo, que se acha a poucos quilômetros do Führer, e a cêrca de setenta quilômetros da ex-fronteira com a Rússia. São recebidos pelo marechal von Brauchitsch, que ilustra com gráficos o desenvolvimento das operações. O percurso entre a estação de Goerlitz e o quartel-general do exército é feito em locomotriz. Jantar no quartel-general do Führer, sob grandes tendas

Terça-feira, 26 de agôsto.

O Duce, o Führer e os seus séquitos partem de automóvel às 7,30. A cêrca de oitenta quilômetros sobem em quadrimotores Condor, voam sôbre as zonas do Bug e do Narew e descem na fortaleza de Brest-Litowsk. O marechal von Kluge descreve a conquista da fortaleza e reconhece que os soldados soviéticos bateram-se valorosamente. O marechal Kesselring explica o desenrolar das operações aéreas. Almôço no acampamento em mesas ao ar livre: sopa, frutas, cidra. Às 13,30, o Duce e o Führer tornam a partir de avião para o quartel-general de Goering. O marechal do Reich oferece ao Duce um álbum contendo fotografias do comandante Bruno Mussolini durante uma sua visita às bases atlânticas. Às 17,30, o grupo volta ao trem do Duce, que torna a partir às 19,25 e percorre um pedaço da Prussia oriental, Rastenburg, Korschen, Deutsch-Eylau, do ex-corredor polonês e da Silésia.

Quarta-feira, 27 de agôsto.

O trem atravessa a Silésia, entra depois de Kattovitz no território do govêrno geral, ex-Polonia. Segue-se o trajeto Thorn, Hohensalza,

Posen, Ostrowo, Kreuzberg, Rodenberg, Beuthen, Kattovitz, Kressendorf, Cracóvia, Bogumilowice, Rzeseow e Wisniowa. Durante êsse percurso o serviço de segurança apresenta-se particularmente intenso. Em algumas estradas estão colocados soldados que, com as costas voltadas para o trem, apontam uma metralhadora para o lado de fora. Vê-se um soldado disparar contra uma mulher que assoma à janela de uma casa. Em Kressendorf, antes da passagem do trem, um grupo de poloneses que se rebelou contra uma intimação de soldados germânicos, foi preso e fuzilado. Oito mortos poloneses, um soldado alemão assassinado.

O Führer e Ribbentrop dirigem-se nos seus trens especiais ao quartel-general sul, onde se encontram à espera do Duce às 19,30. O Duce janta a sós com o Führer. A aldeia artificial que constitui o quartel-general sul não fôra ainda utilizada pelo Führer; fôra evidentemente construída para reserva. Há aí um grande túnel camuflado, de 380 metros de comprimento, onde o trem do Führer se abrigaria em caso de alarma aéreo, e junto ao qual pára agora o trem do Duce. O túnel tem uma cobertura de quatro metros de cimento armado, vastos subterrâneos, ar condicionado. Foi construído por operários italianos, não querendo as autoridades, por motivos de segrêdo militar, empregar operários poloneses.

A região do govêrno geral apresenta-se hostil e árida. Miséria e gente descalça; poucos homens. As tropas alemãs não parecem muitas; vêem-se pelo contrário, muitas indicações de comandos S. S.. Os trens secundários que se encontram levam alguns compartimentos " só para alemães ".

Quinta-feira, 28 de agôsto.

O Duce e o Führer às 7, e os séquitos às 6, partem do aeroporto de Krosno, em vôo para Uman. Durante o vôo sôbre a Ucrânia ocidental, poucos vestígios se vêem da guerra: sòmente algumas colunas de auto-caminhões destruídos. Em Uman os hangares estão quase intactos, enquanto às margens do campo se acham alguns aparelhos soviéticos destruídos pelas bombas. Há cinco dias aí se instalou o marechal Rundstedt, com o comando do grupo de exércitos. Um dia antes, os russos haviam lançado bombas sôbre a estação, que foi destruída, e cujas ruínas ainda se acham fumegantes impregnando o ar de um cheiro de coisas queimada. Parte-se com uma coluna de auto-caminhões para os campos ucranianos, onde, na encruzilhada de Takusha esperam o general Messe, comandante do corpo expedicionário italiano, com o major Cavallero. A divisão Turim, de que faz parte também a Legião de Camisas Pretas Tagliamento, acha-se enfileirada alguns quilômetros mais além. Os soldados estão barbeados, com os uniformes em ordem e os auto-caminhões limpos. É ótima a impressão dos oficiais alemães

que acompanham os hóspedes italianos. Uma divisão de caça escolta a coluna. Uma divisão de carros blindados protege-lhe os flancos. As aldeias apresentam-se quase intactas — a população saúda com indiferença. Os carros marcham a quinze quilômetros por hora no pântano. Choveu até às cinco da manhã. Alguns automóveis encalham, precisando-se prosseguir com outros de reserva.

Na volta, come-se o rancho, em companhia dos soldados. A refeição consta de uma sopa de legumes e carne enlatada misturados num caldo grosso, pão preto e uma laranja. O Duce conversa com o marechal von Rundstedt (65 anos) e com o general da aviação Loehr, os quais haviam anteriormente explicado, por meio de gráficos, o decorrer da batalha para a conquista de Uman. A zona interna, aliás, não se apresenta devastada. As colheitas jazem amontoadas nos campos.

Volta de avião às 18 horas. O Duce pilotou por um pedaço de tempo o aparêlho quadrimotor. O Duce e o Führer retiram-se ainda para uma longa conversa numa barraca da estaçãozinha onde está pronto o trem do Duce. Hitler, Keitel e Ribbentrop e os respectivos séquitos enfileiram-se pois na plataforma e saúdam o Duce, que parte às 20 horas.

Sexta-feira, 29 de agôsto.

Percorre-se de novo uma parte do trajeto já feito até Cracóvia. Atravessando Vzieditz, Oderberg, Zauchtel, Lundenburg, tocando na zona do Protetorado, o itinerário passa por Viena e prossegue pela linha do Semmering e a Carintia, a Sudbahn. Antes de chegar a Klagenfurt, o príncipe Urach adverte que o ministro Ribbentrop mandou suspender a apresentação do comunicado combinada para as 18 horas ao mesmo tempo em Roma e Berlim. O Duce dá ordem para o trem parar em Villaco a fim de esclarecer o fato. Averigua-se tratar-se de um mal-entendido. Às 18 horas, a rádio alemã e logo a seguir, a nossa, difundiram o comunicado.

Na Marca oriental, as saudações da multidão numerosa, à passagem do trem, são particularmente expansivas. O ministro Schmidt e o príncipe Urach despedem-se do Duce em Tarvisio, às 21 horas.

Durante toda a viagem, os serviços de comunicação pelo telégrafo e pelo rádio foram eficientes. Em muitas estações, instalavam-se duas linhas telefônicas estabelecendo imediatamente a comunicação com Berlim e com Roma. Aviões de Berlim alcançaram diàriamente o trem presidencial nos quartéis-generais norte e sul, levando a correspondência de gabinete do Duce e os jornais de Roma, a cêrca de três mil quilômetros de distância da capital.

Dessa viagem fixaram-se-me na memória algumas recordações muito vivas.

A visão das planícies tristes e intermináveis da Ucrânia, das imensas extensões que se perdiam no horizonte; as amplas estradas sem fim, ao longo das quais as chuvas haviam formado uma camada avermelhada de lama onde os veículos afundavam quase meio metro, e de ambos os lados do caminho, auto-caminhões russos e alemães de todos os tamanhos e feitios, virados nos buracos; a disposição simétrica de milhares e milhares de feixes de trigo, entre os quais se escondiam soldados alemães camuflados e armados de fuzis-metralhadoras dispostos para o serviço de segurança, raras casas demolidas ou míseras cabanas a cujas portas assomavam camponeses maltrapilhos e de rostos terrosos; a longos intervalos, algumas cruzes toscas encimadas por um capacete.

Nessa monótona e desconsolada solidão, que despertava no coração uma misteriosa sensação de mêdo, o longo cortejo dos possantes automóveis de seis rodas prosseguia ondulante por causa dos fortíssimos desnivelamentos.

Do carro de Ribbentrop, que seguia a breve distância o de Hitler, podia vê-lo fàcilmente assim como a Mussolini. Falavam freqüentemente; era sobretudo Hitler, que, com o braço estendido, indicava a direção das suas tropas no avanço vitorioso.

Após uma hora de lento percurso, no cruzamento de Tekusha o cortejo parou diante de um pequeno grupo de oficiais italianos. O general Messe, que comandava o corpo expedicionário italiano na Rússia apresentou-se aos dois chefes, que desceram do automóvel. Com ar orgulhoso e militar, Messe teve uma breve conversa com Mussolini para informá-lo acêrca do deslocamento e do futuro emprêgo das tropas, das suas perfeitas condições físicas, apesar da lama que investia contra homens e coisas e do seu moral ótimo.

Como estávamos com o programa muito atrasado, Mussolini e Hitler, perante os quais devia desfilar a divisão Turim, resolveram continuar o caminho e cruzar com as tropas motorizadas. E eis, dali a pouco, avançaram os primeiros auto-caminhões com os nossos soldados em ordem e alinhados. Mussolini estava de pé no automóvel tendo ao lado o general Messe. Hitler sentado atrás observava atentamente o desfile, que, infelizmente, por causa das condições verdadeiramente desastrosas do terreno, se efetuou de maneira inevitàvelmente um tanto desordenada. Os motoristas dos caminhões faziam incríveis esforços para manter a mesma distância e permanecer na mesma linha e atenuar os solavancos. As divisões tinham boa apresentação; os soldados estavam barbeados e limpos, as armas, em linha. Quando passavam diante de Mussolini e voltavam, de repente, o rosto para êle, muitos não podiam conter uma expressão de agrado e contentamento. Mussolini não parecia muito satisfeito. Desejaria intimamente mostrar a Hitler uma divisão em perfeito equipamento bélico, de aspecto deci-

dido e combativo, tal como as tropas que estava habituado a ver em praça darmas. Mas as coisas passavam-se diversamente, depois, o fato de ler do lado externo dos caminhões os nomes das firmas em que haviam sido requisitados, dava uma impressão de improvisação que contrastava com o ar severo dos infantes e dos legionários da " Tagliamento ". — Aliás, não foi mais brilhante o desfile de uma ampla divisão de " bersaglieri " motociclistas que, por causa dos horríveis desnivelamentos do terreno viscoso cortado de profundos sulcos, eram obrigados a deixar as pernas penduradas e a ajudar-se com os pés para não cair. Tratava-se de uma dificílima prova de acrobacia que êles superavam brilhantemente, não renunciando a enviar ao "bersagliere" Mussolini um olhar cheio de simpatia e entusiasmo. Ribbentrop, perto de mim, contemplava com seus olhos frios e metálicos, sem manifestar nenhuma reação às expressões de satisfação e de cálida simpatia que saíam do coração ao ver aquela florescente juventude.

Voltando às proximidades de Uman, participámos de um almôço militar preparado num amplo espaço adjacente a um grande edifício destruído, talvez um quartel. Em tôda a volta havia um largo círculo de militares, escolhidos por seus méritos de guerra. No meio, uma longa mesa com bancos rústicos nos quais se sentaram os dois chefes com os respectivos séquitos. Uma refeição especial fôra preparada para êles, mas Mussolini a recusou, preferindo a refeição comum. Terminado o almôço, Hitler misturou-se aos soldados que se comprimiam em tôrno dêle para apertar-lhe a mão, respondendo às perguntas que êle lhes dirigia sôbre os seus feitos darmas, comentados pelo chefe com palavras de elogio intercaladas por uma ou outra tirada espirituosa, que os alegrava fazendo-os explodir na sua característica risada à maneira alemã. Mussolini, que ficara de lado, conversando com o marechal von Rundstedt estava um pouco aborrecido com o seu isolamento, sentindo-se atraído pela massa de soldados que durante a refeição o olharam com muita curiosidade e atenção. Mais tarde, dir-me-á contrariado: "Hitler bem me poderia ter levado consigo para junto dos soldados, em lugar de me deixar conversando com o velho Rundstedt. Viu o aspecto pouco marcial do Führer no meio dos tropas"?

A viagem de volta rumo à estaçãozinha de onde Mussolini devia partir para a Itália fez-se a bordo de um mastodônico quadrimotor. Os dois chefes achavam-se sentados numa cômoda cabine perto dos pilotos. Da cabine contígua, ocupada por Ribbentrop e eu, podia acompanhar os seus gestos e a sua conversa, pois o barulho do motor era quase imperceptível. A princípio, Hitler, abrindo diante de si um grande mapa, mostrara o andamento das operações militares efetuadas no terreno há pouco percorrido; depois, falaram da situação política. Mussolini, que disso se convencera depois da minha anterior argumentação, confirmou a necessidade de que do encontro resultasse uma pala-

vra de esclarecimento acêrca dos objetivos bélicos do Eixo; uma palavra que desse uma esperança concreta aos países ocupados a respeito da sua sorte e do futuro da Europa. Combinaram que nenhuma das partes prepararia um comunicado nesse sentido.

Depois Mussolini levantou-se para aproximar-se do primeiro piloto Bauer, fazendo-lhe perguntas sôbre a rota e as características do aparêlho. Era um pretexto para saber se podia satisfazer o seu desejo, que fortemente o tentava, de dar uma prova da sua capacidade de piloto. Manifestou-o a Bauer, que naturalmente, se mostrou muito satisfeito com a atenção e o interêsse de Mussolini, o qual se decidiu a falar do caso a Hitler. Êste, diante do inesperado pedido, volveu sùbitamente um olhar em tôrno de si como buscando auxílio e conselho de um de seus fiéis colaboradores; encontrou os olhos de Bauer, o qual, como que adivinhando o seu pensamento, se voltara para fazer-lhe um imperceptível aceno de assentimento; depois, decidiu-se a indicar-lhe com as mãos o lugar do piloto, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. Mas era evidente que não estava gostando muito da exibição de seu colega; e durante todo o tempo em que êle se sentou no lugar de Bauer, permanecendo ao seu lado, Hitler não tirou um só instante o seu olhar preocupado do segundo piloto, como se quisesse impedí-lo de distrair-se pelo fato de estar ao lado de Mussolini. E quando êste, passada uma meia hora, retornou ao seu lugar de passageiro, Hitler sentiu-se no dever de congratular-se com êle, sobretudo porque se sentia libertado de uma preocupação.

Numa confortável barraca nas proximidades da estaçãozinha onde se achava o trem de Mussolini, os dois chefes reuniram-se para o último colóquio, terminado o qual, lhes foi submetido e por êles aprovado um longo comunicado que, com grande dificuldade, tínhamos conseguido fazer com que Ribbentrop aceitasse.

Depois, longas despedidas, recíprocas expressões de satisfação e amizade, Hitler mantendo sempre apertada entre as suas a mão direita de Mussolini.

Quando o trem se pôs em movimento, Hitler, Ribbentrop e os respectivos séquitos achavam-se enfileirados com o braço erguido; em posição de sentido.

A noite e o dia seguinte transcorreram em viagem. O ministro Schmidt e o príncipe Urach, que viajavam conosco, lá pelas 17 horas advertiram-nos de que Ribbentrop suspendera o comunicado que — conforme o combinado — devia ser ao mesmo tempo distribuído às 18 horas pelas agências oficiais dos dois países. Numa das estações, os funcionários alemães tentaram estabelecer comunicação telefônica com o seu ministro, mas êste achava-se por sua vez, em viagem; e ninguem ousava contradizer uma ordem sua. Junto com Anfuso, apresentei-me a Mussolini para falar-lhe do absurdo da coisa que além de compro-

meter o resultado político do encontro era uma falta de consideração para com êle. Tocado no ponto sensível, teve uma reação imediata.

— Qual é a próxima estação ? — perguntou-me.

— Villaco.

— Pois bem, faça-lhe saber que eu não saio de Villaco enquanto não se resolver essa questão.

Em Villaco, o ministro Schmidt, que não deixara de manifestar a sua desaprovação pela inesperada e injustificada contra-ordem, sentindo-se forte pela ameaça de Mussolini, tentou comunicar-se com Ribbentrop; não o conseguindo, falou diretamente com Hitler. E, dali a dez minutos, comunicou-me que já estava tudo perfeitamente resolvido. Mussolini ficou muito contente por ver que o seu gesto de fôrça produzira efeito total e imediato.

Cêrca de meia hora depois da partida do trem de Villaco, mandou-me chamar ao seu carro. Estava verboso, queria saber as impressões e as reações provocadas pela viagem; mas era cedo demais para conhecê-las. Deu-me as diretrizes de um longo comunicado *Stefani* relativo ao desenvolvimento e aos pormenores da viagem. Interrompia-se, de vez em quando, bruscamente, porque ao longo da ferrovia nas proximidades dos lugares habitados, massas de populares se agrupavam para vê-lo. Passava então de um a outro lado do carro, para assomar, sorridente, à janela, agitando a mão para os grupos, que, devido à velocidade do trem, talvez nem conseguissem reconhecê-lo.

— Não se esqueça de dizer que pilotei por um bom espaço de tempo o quadrimotor do Führer. Pode também acrescentar — e, dizendo isso, tirou da pasta um pedaço de papel em que havia marcado uns números — que, durante a viagem, de acôrdo com um cálculo preciso por mim feito, percorri 5.300 quilômetros por estrada de ferro, 2.000 de avião, várias centenas em automóvel. E, como vê, estou pronto para recomeçar.

E, sorrindo, pousou sôbre mim os seus olhos cheios de ingênuo contentamento.

Capítulo XVII

COMO É DIFÍCIL SER EMBAIXADOR

Se um embaixador conseguir criar em tôrno de si, no país junto ao qual é acreditado, uma atmosfera de simpatia e amizade, — o que constitui uma condição indispensável para que o seu trabalho seja útil e produtivo — dêle se dirá — mais cêdo ou mais tarde — que de tal maneira se compenetrou da sua taréfa, que estabeleceu, com o govêrno de que é hóspede, relações tais capazes de fazer supor que se tenha esquecido dos interêsses do seu país; se, pelo contrário, mantem uma atitude reservada e digna — amigos, sim, mas cada um no seu lugar — cônscio dos seus deveres, mas também dos seus direitos — dir-se-á que não soube estabelecer contactos nem formar um ambiente favorável, dir-se-á que está " queimado ".

Essa era para mim a situação alternada em que me vinha a encontrar de acôrdo com as mudanças das circunstâncias e o humor dos chefes, sobretudo em conseqüência do fato de que o Eixo jamais funcionou sériamente, e que as relações entre os dois países (como já tive ocasião de demonstrar) nunca foram orientadas por um critério homogêneo, metódico, contínuo.

Durante toda a minha permanência na Alemanha procurei preencher essa grave lacuna, sempre observada por mim e por todos os meus colaboradores, com o objetivo de resolver da melhor maneira possível os grandes e os pequenos problemas, defendendo ao mesmo tempo a dignidade e os interêsses da Itália.

As questões mais importantes, tais como o envio de soldados e operários italianos à Alemanha e os nossos pedidos de armamentos e matérias primas, eram objeto de assídua e múltipla atividade da embaixada. Mas a minha experiência me convencera de que os acôrdos fundamentais acêrca da orientação política e militar da guerra deviam ser tratados e resolvidos, pelo menos nas suas linhas principais, *pessoalmente* entre Mussolini e Hitler, e isso também com o escopo de neutralizar o velado mas persistente obstrucionismo dos órgãos dirigentes alemães, a fim de obter de Hitler uma adesão clara e uma conseqüente ordem precisa. Mas ou as minhas iniciativas não prosseguiam, ou então a resposta era negativa. No meu " dossier " encontram-se numerosos documentos provenientes do chefe de gabinete do Ministério do Exterior, e quase todos do mesmo seguinte teor:

« Caro Embaixador,

Em relação à sua nota de 16 de março concernente ao eventual encontro das conhecidas « altas personalidades », informo-o de que S. Exa. o ministro não pretende no momento apoiar a sua proposta. »

O conde Ciano disse-me que falará sôbre isso com você por telefone numa próxima ocasião. De qualquer maneira, achei útil preveni-lo ».

« Caro Embaixador,

Refiro-me ao parágrafo 5 da sua carta de 18 de outubro. De uma eventual visita do Führer ao Duce falou-se até agora, sòmente em conversa. Até mesmo a alusão a isso feita a Vidussoni tem o caráter de uma simples frase de cortesia. Portanto, *pelo menos no momento,* não parece haver motivo para levar em conta as alusões que pudessem ser feitas pelo lado alemão sôbre o assunto ».

Não julguei, apesar disso, dever desistir da minha linha de conduta. Quando não conseguia obter uma satisfação ou fazer valer por escrito as minhas razões, pedia para ir a Roma para "contar". Mas Mussolini não gostava disso. Jamais consegui compreender qual fôsse o verdadeiro e oculto motivo de tal fato. A Ciano dizia que não queria que a embaixada ficasse abandonada ainda que por brevíssimo tempo; mas creio que a verdade é que êle não queria talvez dar à opinião pública a impressão de que precisava das " luzes " do embaixador, ou então temia que Hitler supusesse que eu lhe fôsse contar coisas muito particulares, dificilmente confiáveis à pena.

O fato é que no fim de cada audiência que tinha com êle, durante as minhas raras e rápidas corridas a Roma, perguntava-me em tom autoritário:

— Então, quando volta a Berlim ?

Isso significava claramente que eu devia voltar imediatamente à minha séde.

Uma das coisas que mais me contrariavam ou me faziam perder tempo e paciência, era o pedido de Roma, de informações a respeito de boatos incontroláveis ou acêrca de situações anterior e longamente ilustradas com séria documentação.

Ciano telegrafava: " Chegou ao Duce uma informação, segundo a qual a opinião pública alemã não é favorável neste momento à Itália. Desejam-se explicações e pormenores precisos ".

Ou então: " Consta ao Duce que durante a reunião de chefes nazistas foi dito que Mussolini será o primeiro "gauleiter" da Itália. Organize logo um inquérito e comunique o resultado ".

Ou ainda: "Num congresso na feira de Leipzig foi pôsto em dúvida o valor de algumas realizações sociais do fascismo. O Duce deseja que intervenha enèrgicamente ".

É bastante deter-se um momento sôbre o conteúdo de tais telegramas para perceber a ingenuidade e a impulsividade de semelhantes pedidos, que não passavam da conseqüência das numerosas, realmente muito numerosas, visitas mais ou menos turísticas, que, com qualquer pretexto, os italianos faziam à Alemanha.

Já tive ocasião de dizer noutro capítulo como cada um dêles voltava à pátria com a bagagem das suas impressões pessoais, que sob várias formas e de maneira diversa chegavam até Mussolini, provocando nêle reações injustificadas.

As coisas haviam atingido tal ponto, que não se dava mais atenção a perguntas dêsse gênero, consideradas na embaixada como perda de tempo.

De vez em quando, faziam-se objeto de acusações e maledicências de caráter pessoal, absolutamente falsas. Precisei queixar-me a Mussolini, pois Roma parecia prestar ouvidos a semelhantes calúnias. Durante uma audiência, disse-lhe:

— Nunca dei importância a maledicências, mas quando elas recaem sôbre a minha cabeça, a coisa muda muito de figura, e tenho direito de queixar-me. Respeito demais o meu trabalho e o cargo que ocupo...

— Mas quando se é um homem público — interrompeu êle — é preciso estar preparado também para isso. Fala-se de todos e até mesmo de mim: Ainda na semana passada, espalhou-se no exterior o boato de que eu me batera em duelo com uma personagem da " Casa de Saboia ".

Perante os alemães, Mussolini era de humor instável e contraditório; manifestava freqüentemente estados de ânimo não de todo compreensíveis. No tempo dos grandiosos sucessos militares, estava contente e satisfeito; o que, aliás, não o impedia de ficar também satisfeito ao ver os alemães chocar-se contra as primeiras sérias dificuldades militares seguidas de desventuras.

Essas desventuras haviam sido por mim amplamente explanadas nos meus relatórios, nos quais eu desenvolvia o conceito de que, até um certo limite, elas tinham contribuído para restabelecer o equilíbrio com relação a nós, mas que, a partir dêsse mesmo limite, pràticamente já alcançado, funcionariam em nosso prejuízo.

Falando comigo, Mussolini tivera oportunidade de dizer:

— Hitler percebeu que, na guerra, após os dias luminosos, sobrevêm horas escuras.

E ainda:

— O estado-maior alemão, que o julga detentor de tôda a razão, persuade-se assim de que não existe nenhum exército do mundo, que não conheça uma derrota.

E como concluindo um pensamento:

— É bom que a Alemanha, a poderosa Alemanha se enfraqueça...

Enquanto era a mim que dizia essas coisas, não fazia mal. Mas o pior era que se permitia êsse gênero de comentários com membros do govêrno e com estranhos, os quais, naturalmente, se sentiam no dever de transmiti-los aos amigos, com aquêle pacto de segrêdo que é sempre o melhor veículo de difusão das notícias chamadas particulares.

Personalidades italianas, que chegavam de Roma, declaravam-me que êle atravessava um período de decidido antigermanismo que procurava desabafar com palavras.

Pessoalmente, julgava inútil, perigoso e prejudicial o fato de êle se entregar a desabafos e confidências dêsse gênero, que não adiantavam nada e criavam graves complicações. Seria muito melhor que tivesse assumido uma atitude firme e conseqüente. Constava-me de maneira precisa que Hitler fôra informado dessas coisas por intermédio da embaixada alemã em Roma, a qual dispunha de um ótimo serviço de espionagem masculino e feminino. Julguei meu dever falar no caso a Mussolini, aproveitando-me de uma audiência em que êle estava de bom humor e não parecia muito preocupado com o trabalho.

À guisa de fórmula de introdução ao escabroso assunto, transmiti-lhe uma confidência que o ministro Rust fizera ao seu colega Bottai:

— Hitler uma noite confessara a Rust que nada, na atual contingência histórica, conseguiria abalar a sua fé absoluta na vitória. Nem exércitos inimigos, nem grandes chefes políticos e povos adversários poderão contrapôr-se-lhe. "Um único fato — teria dito Hitler — me perturbaria na minha fé e me causaria mêdo: se Mussolini se pussesse contra mim".

Mussolini ouvia com o rosto fechado e ostensiva indiferença, que ocultava a sua satisfação.

— Tenho razões para afirmar — continuei — que muito lhe desagradaram certos boatos segundo os quais, recentemente, por ocasião da retirada na frente russa, S. Exa. fizera comentários não de todo benévolos.

A atitude de Mussolini mudou de repente.

— O que pretende dizer?

E fixou os olhos em mim.

— Quís simplesmente informá-lo, segundo o meu dever, de tudo o que me foi, particularmente, referido...

— Nego absolutamente ter feito as apreciações que me atribuem. Exprimi-me até de maneira amigável e lisonjeira.

Eu sabia perfeitamente que êle estava dando um desmentido absolutamente formal. Mas bastava-me tê-lo pôsto de sobreaviso.

O colóquio efetuara-se ao meio dia. Às duas horas, enquanto almoçava com amigos do Ministério do Exterior, fui convocado com urgência ao Palácio Veneza. Coisa absolutamente insólita, pois antes das quatro nunca recebia ninguém.

Assim que entrei na sua grande sala de trabalho, começou a inquirir-me:

— Convido-o a dizer-me quem foi que lhe contou essas calúnias de que me falou há pouco. É uma mentira contra a qual pretendo reagir.

Desmentia-se mais uma vez. Mas eu não podia descobrir as pessoas que me haviam trazido o seu depoimento pessoal. Procurei atenuar a coisa.

— Trata-se naturalmente de um exagêro. Uma palavra sua pode ter sido aumentada e deturpada. Não é o caso de dramatizar...

— Quem foi que o informou disso? — insistia êle, preocupado e enraivecido.

Fingi não compreender.

— Informei-o porque se trata de um momento particularmente delicado para a Alemanha, onde se é extremamente sensível a qualquer acontecimento externo, e sobretudo a qualquer comentário atribuído a V. Exa.

— Pretendo desmentir essas notícias tendenciosas. Diga-me os nomes. Se se trata de italianos, tomarei severas providências contra os mesmos; se forem alemães, desmascará-los-ei junto a Hitler.

Consegui tirar-me de tão enrascada e injusta situação, naturalmente, sem mencionar nomes.

A reação de Mussolini, tocado no vivo, fôra imediata e decidida; êle queria persuadir-me, e talvez a si próprio, de que se tratava de uma invenção.

— Desmita com firmeza — disse, despedindo-me friamente — e o senhor, mesmo, não se preste a ser a vítima de absurdas mentiras.

Roma não tinha o hábito de manter oportunamente informada a embaixada de Berlim acêrca da situação internacional e dos acontecimentos que diziam respeito ao Eixo. De tempo em tempo, o Ministério do Exterior "recontava", isto é, transmitia "para conhecimento" os telegramas e algumas partes dos relatórios das representações italianas no mundo. Mas isso efetuava-se com atraso e com escassa coordenação.

Para remediar, pelo menos em parte, essa falta, estabeleci contactos pessoais com os colegas de Moscou e de Paris, centros que para a embaixada de Berlim eram de particular importância.

Em fins de 1940, Mussolini resolveu efetuar uma aproximação com a Rússia, Ciano tivera, nesse sentido, uma entrevista com o embaixador soviético. Tendo-se o govêrno de Moscou manifestado de acôrdo, Rosso tivera, encarregado pelo Ministério do Exterior, uma série de colóquios com Molotov, todos impregnados de espírito conciliador. Ciano me telefonou, quando já as conversações ítalo-russas estavam em andamento, a fim de que eu informasse do fato o govêrno de Berlim. Diante da minha comunicação oficial. Ribbentrop ficou evidentemente surpreendido e contrariado. Tomou conhecimento da mesma com mal velada reserva, e, uma hora depois da entrevista, pediu-me por telefone que fôsse imediatamente ao seu encontro.

— Esqueci-me, agora há pouco — disse êle — de comunicar-lhe que os dois canhões antiaéreos instalados em dois carros blindados que deverão ser presos na frente e atrás do trem do Duce, carros que o Führer prometera fazer chegar ao Duce nesta semana, chegarão a Roma com alguns dias de atraso.

Era uma desculpa infantil. O verdadeiro motivo do insólito chamado urgente, que se seguira, evidentemente, a uma sua comunicação telefônica com Hitler, surgiu logo depois, quando insistiu, com maior pêso e clareza do que anteriormente, em salientar que os acordos ítalo-russos dos quais, sublinhou, o govêrno do Reich não sabia absolutamente nada, poderiam interferir nas relações russo-alemãs; e portanto. Hitler pedia ser mantido ao carrente das mesmas. Houve uma troca de comunicações entre Berlim e Roma, cuja conclusão foi fazer que as conversações, já bem adiantadas entre Roma e Moscou, fôssem abandonadas.

Nesse ínterim, e por minha iniciativa, informei Rosso, o qual me desabafou numa longa carta, de que transcrevo alguns períodos:

« ...O Ministério me manteve, até agora, completamente às escuras acêrca das suas conversações com Ribbentrop. Inúteis são os comentários e as recriminações a respeito dêsse assunto. As notas da sua conversa de 6 de janeiro permitem-me ver pela primeira vez as coisas com clareza.

« Ela revela, no entanto, aquilo que eu já suspeitava, isto é, que nos comprometemos nas negociações com Moscou sem entrarmos prèviamente num acôrdo com Berlim. Não consigo a mim mesmo explicar porque Roma não o fez antes de ordenar-me que iniciasse as conversações com Molotov.

« É possível que no Palácio Chigi se iludissem pensando poder fàcilmente concluir com êsses senhores um acôrdo baseado em fórmulas genéricas como aquela do adiamento dos pactos de 1933. Porém nada, absolutamente nada justifica semelhante ilusão. Se Roma se tivesse dignado pedir a opinião do embaixador que se pretendia encarregar de conduzir as negociações, eu teria

advertido imediatamente que êsses senhores não se contentariam com fórmulas vagas, mas procurariam chegar a acôrdos positivos acêrca de questões concretas. sentados em junho por Molotov (Romênia, Balcãs, Estreitos); e estava também,

« A coisa me parecia tão óbvia que, quando um telegrama de Ciano de 28 de dezembro me deu ordem para iniciar logo as discussões, eu estava certo de que Roma estivesse desta vez preparada para discutir os problemas apresentados em junho por Molotov (Romenia, Balcãs, Estreitos); e estava também, naturalmente persuadido de que já tivesse entrado em acôrdo com Berlim a respeito.

« Infelizmente, porém, todas essas minhas suposições, baseadas na lógica do bom senso, estavam erradas.

« Pensando que não o fôssem, mas querendo certificar-me, no dia seguinte ao da minha conversa com Molotov (30 de dezembro), telegrafei a Roma pedindo que me informasse se « o govêrno alemão estava a par da retomada das nossas conversações políticas com o govêrno soviético. Foi sòmente no dia 5 de janeiro, que o Ministério me informou que lhe havia dado instruções para falar no caso a Ribbentrop. »

« Ficar-lhe-ei sempre muito grato se continuar a manter-me ao corrente do que se passa em Berlim; farei o mesmo no que se refere a Moscou. Visto que o Ministério persiste no hábito de manter às escuras os seus embaixadores, é preciso que procuremos iluminarmo-nos entre nós, não acha? »

Essa situação de mal-estar num trabalho tão complexo era agravada pelo fato de sentir-me cercado por uma densa rêde de espionágem alemã. Sabia perfeitamente que todas as minhas palavras eram transmitidas, todos os meus gestos controlados; os telefones estavam submetidos a severa vigilância (e disso me servia para fazer saber aos alemães aquilo que não lhes podia dizer diretamente); desconfiava, também, que alguns relatórios meus, por "fugas" que se verificavam não sei se em Berlim ou em Roma, fôssem conhecidos na Wilhelmstrasse.

Mas a minha linha de conduta estava por si claramente definida desde quando, no início da minha missão, exigi que se hasteasse na embaixada a bandeira tricolor nacional por motivo da comemoração da entrada da Itália em guerra — 24 de maio de 1915 — ao lado dos aliados. Acho que Ribbentrop, no íntimo, jamais me perdoou semelhante gesto; estou mesmo convencido que daí se originaram os "atritos" e choques que tive com êle e durante os quais mantive-me sempre firme nos meus propósitos. Infelizmente acontecia que êle, às vêzes, podia tomar uma desfôrra, pondo-me numa situação verdadeiramente embaraçosa. Em circunstâncias que me pareciam importantes para os interêsses e a dignidade da Itália, tomava iniciativas e assumia responsabilidades para suprir o agnosticismo de Roma. Ribbentrop deixava-me falar e acalorar-me; depois, fixando-me com o seu olhar frio e metálico, dizia-me:

— Tomo a liberdade de observar que talvez o senhor embaixador não interprete perfeitamente o pensamento do seu govêrno sôbre êste problema. De fato, as comunicações que a respeito do mesmo nos fez o nosso embaixador em Roma, são menos rígidas do que o senhor afirma. É pois possível que se trate de um equívoco..."

Mas, infelizmente, não se tratava de um equívoco.

Se, pelo complexo de razões que tive ocasião de expor no decorrer destas páginas, Roma tornava difícil e às vêzes improdutivo o meu trabalho e o da embaixada, Ribbentrop, com a lentidão da sua inteligência e a teimosia do seu caráter ambicioso e prepotente, complicava-o de maneira exasperante, fazendo-o, com a sua talvez inconsciente indelicadeza, insuportável.

Valham, entre muitos, alguns episódios significativos.

No fim do outono de 1941, Hitler fez no Sport-Palas um importante discurso, precedido de uma grande preparação de propaganda.

Logo após o discurso, enviei a Roma, sempre impaciente por conhecer as reações, um longo telegrama no qual precisava que o discurso tivera frio acolhimento, que Hitler se justificara perante o seu povo por não ter podido manter as promessas de uma vitória rápida e por não poder fazer previsões acêrca da duração da guerra; e, além disso, que na menção dos paises aliados à Alemanha, a Itália fôra lembrada sem nenhum relêvo. O telegrama era cifrado em código secretíssimo, chamado *império*.

Alguns dias mais tarde, por ocasião de uma das minhas visitas mensais a Ribbentrop no seu quartel-general de Fuschl, êste me fez um bem estranho discurso.

Terminada a sua longa exposição de tema obrigatório sôbre a situação político-militar, que ouvi com resignada paciência, despedindo o inteligente e simpático ministro Schmidt, intérprete estenógrafo, disse-me:

— Permita-me agora falar-lhe confidencialmente, com aquela rude sinceridade na qúal, desde o princípio da sua missão, o senhor quís que se inspirassem as nossas relações.

— Estou à sua disposição.

— Fomos informados de que, após o recente grande discurso do Führer, partiu da sua embaixada um telegrama de comentário não muito amistoso e simpático...

Percebi a ameaça e senti desprezo pela mesma; mas contive-me e representei deliberadamente a comédia a fim de saber até que ponto estava êle informado.

— O senhor sabe — disse eu — que partem muitos telegramas da embaixada...

— Mas êsse de que falo é um telegrama assinado pelo senhor...

— Quase todos os telegramas levam a assinatura do embaixador; submetem-se a mim apenas os telegramas mais importantes e de conteúdo político.

— Trata-se exatamente de um telegrama importante e de conteúdo político. Foi visto pelo Führer, ficou aborrecido...

Enquanto êle falava, evitando o meu olhar, eu avaliava a gravidade da decifração de um telegrama assim tão secreto e do fato de êle ousar falar-me disso.

Quís levar a coisa até ao fim; e, contendo um vivo impulso de reação, disse-lhe;

— Quer dizer-me, finalmente, com precisão, de que se trata?

Êle teve a imprudência de repetir-me o conteúdo exato do telegrama. Então, com fria e meditada calma, olhando-o nos olhos, disse-lhe:

— O telegrama é meu; escrevi-o de meu próprio punho. Mas agora — disse, levantando-me, — peço-lhe que me explique as razões que o levaram a falar-me disso.

Mais do que as palavras, o tom de voz e a minha mal velada emoção devem ter-lhe feito compreender que êle havia realmente ultrapassado os limites.

— Senhor embaixador — e ao dizer isso, ergueu-se também pressuroso — peço-lhe que não atribua um mau significado a uma prova de confiança e amizade. Telegramas dêsse gênero pódem comprometer a utilidade da sua missão.

As suas palavras só serviam para irritar-me ainda mais.

— Pergunto-lhe outra vez porque me falou disso. A amizade e a aliança não devem absolutamente limitar a liberdade de opinião que exijo seja plena e completa. Por meus atos respondo ùnicamente ao meu govêrno.

Ribbentrop procurou esclarecer, desculpar-se, ajeitar as coisas.

— Creio, interrompi, que a nossa conversa está terminada.

Desejava e fiz menção de despedir-me. Mas, infelizmente, era seu hóspede, prêso ao habitual programa da visita, que compreendia o almôço. Não pude esquivar-me. À mêsa, reinou uma atmosfera muito fria e de recíproco mal-estar. Perguntava a mim mesmo até onde iriam as coisas. Mas não houve mais nada.

Voltando à sede, enviei um relatório preciso e pormenorizado a Roma. Como resposta, o Ministério do Exterior limitou-se a mandar o chefe das mensagens cifradas fazer um inquérito, que não trouxe nenhum resultado além do de mudar o código *império*.

As oportunidades de discussão e dissídio com Ribbentrop eram muito freqüentes, pois êle desejaria limitar os meus contactos ùnica-

mente ao Ministério do Exterior alemão. De acôrdo com a sua concepção e mentalidade, eu deveria limitar-me a transmitir ao seu Ministério as comunicações de Roma, o que reduziria fortemente as minhas possibilidades de trabalho, se se tiver em conta que êle estava sempre longe de Berlim e que o subsecretário não podia assumir nenhuma responsabilidade. De minha parte, pelo contrário, nunca me recusei a ver e freqüentar os ministros, políticos, generais, expoentes do partido nazista, chefes das várias organizações.

Mantinha também contacto com aquêles que não eram perfeitamente ortodoxos e dos quais se desconfiava. Entre êsses, estava Von Hassel ex-embaixador em Roma. Aparecia freqüentemente na embaixada, e convidava-o para ir a minha casa; tendo-me sido particularmente aconselhado pelo protocolo alemão não comparecer a uma sua conferência, apresentei-me igualmente, e, para que a coisa fôsse notada, levei comigo alguns dos meus colaboradores.

Uma das mais freqüentes causas de atrito com Ribbentrop eram as visitas de personalidades italianas. Êle que tudo desejava saber, ver, controlar, pretendia dar autorização às personagens italianas, mesmo às de menor importância, que se dirigiam à Alemanha para encontrar com seus colegas alemães e tratar as questões da sua competência.

Um dia, tendo tido a oportunidade de dizer a Goebbels que o ministro Pavolini iria de bom grado à Alemanha para encontrar-se com êle, Goebbels enviou-lhe um caloroso telegrama de convite. O telegrama provocou uma verdadeira batalha. Ribbentrop, embora investindo violentamente contra Goebbels, que ria e não dava nenhuma importância às suas reações, considerava-me como o principal responsável de um tão grave êrro cometido contra êle e contra a sua autoridade, como se eu pretendesse diminuí-lo. Através de complicações e adiamentos, Pavolini fez a sua visita que compreendia uma audiência com Ribbentrop, a qual se desenvolveu numa atmosfera glacial.

Depois foi a vez de Bottai, de Riccardi, de Thaon de Revel e outros, com o habitual arrastar de polêmicas e suscetibilidades. Seria algo para rir, se a situação de guerra não desse a êsses episódios um aspecto grotesco e doloroso. Para dar uma idéia do pedantismo de Ribbentrop e das dificuldades em que nós da embaixada trabalhávamos, reproduzo um apontamento do conselheiro conde di Cossato, que encontro entre as minhas cartas:

« Essa manhã, às 12,30, dirigi-me ao secretário de Estado Weizsacker, chamado por êle para conferenciar, estando V. Exa. em Bordeaux à espera do capitão Grossi.

S. Exa. Weizsacker disse-me ter sido encarregado pelo ministro Von Ribbentrop de comunicar ao embaixador algumas de suas observações rela-

tivas a certos casos em que a Embaixada de Itália não se teria importado com a Auswartiges Amt, dirigindo-se a outras entidades ou pessoas.

1 — Questão do filme « Bengasi ». O ministro von Ribbentrop era absolutamente contrário à exibição do filme italiano « Bengasi » na Alemanha.

2 — Ainda quanto à questão do processo, vem assinalado o caso do senhor Hilgenfeld — alemão — o qual se teria pôsto diretamente em contacto com a Embaixada para a organização de um espetáculo italiano em favor do socorro germânico.

O senhor Grinzbach ter-se-ia pôsto em contacto direto com a Embaixada para organizar (!) a viagem do marechal Goering à Itália.

3 — O senhor Grinzbach ter-se-ia pôsto em contacto direto com a Embaixada para organizar (!) a viagem do marechal Goering à Itália.

4 — O doutor Benazzo da Embaixada de Itália teria entrado em contacto direto com o senhor Steeg, burgomestre de Berlim, a propósito da viagem do mesmo a Milão.

5 — Mesmas observações de encaminhamento referentes à troca de correspondência e ao encontro entre S. Exa. Ley e Ricci.

Berlim, 29 de outubro de 1942.

Assinado: *Di Cossato*

São inúteis os comentários...

Durante uma das reuniões gerais dos cônsules italianos na Alemanha, por mim periòdicamente convocados à Embaixada, me foi concordemente manifestado um mau estado de ânimo da opinião pública alemã para com a Itália. Era a confirmação de observações sérias que eu fizera e de episódios desagradáveis e significativos. Por ocasião de uma das minhas visitas a Ribbentrop, informei-o em termos firmes e claros. Tal como eu previra, seguiu-se uma viva discussão. Êle negou, procurou atenuar as coisas, fez um dos longos e habituais discursos que não teve sôbre mim nenhuma influência persuasiva. Para que não houvesse dúvidas e ficassem vestígios da minha "démarche" específica, enviei-lhe uma comunicação escrita, na qual confirmava e precisava tudo o que lhe dissera pessoalmente. Alguns dias mais tarde, chegou-me uma sua longa carta polêmica, confusa e retorcida, da qual reproduzo algumas passagens:

« V. Exa. me diz no decorrer de sua carta, que o sentimento do povo alemão para com a Itália, de modo geral, não é bom. Diz-me preferir manifestar-me abertamente êsse seu pensamento para não ter que mais tarde experimentar o escrúpulo de não me haver feito essa comunicação. Comunica-me ao mesmo tempo que a sua convicção se apoia nas afirmações concordes dos cônsules italianos na Alemanha. Embora eu não possa saber em que experiência baseiam as suas opiniões os cônsules italianos na Alemanha, e não consiga ainda perceber claramente, pelas palavras de V. Exa. qual seja a importância que dá a essa circunstância, desejo, todavia, baseado num conhecimento exato do

humor (Stimmung) do povo alemão, expor claramente o meu ponto de vista diante dêsse problema.

O sentimento do povo alemão para com o italiano não é máu e sim, bom. Encontram-se, bem entendido, também na Alemanha, ainda elementos incorrigíveis, que não seguem a política do Führer. Tais elementos são irremediáveis « ergoteurs », críticos desfibrados, que, quanto menos agem no sentido positivo em favor do Estado, mais falam e criticam, dando ouvidos e reproduzindo todos os boatos e maledicências, e procurando transformar em negativos até mesmo os resultados mais positivos. Estou certo de que V. Exa. sabe perfeitamente, que êsses setores acham-se em comunicação entre si nos dois países, enviando-se reciprocamente a bola. Constitui por conseguinte algo deplorável o fato de que justamente êsses círculos mantenham freqüentes contactos, em todas as nações, com as representações diplomáticas e consulares. Enquanto se espera encontrar acolá simpatizantes, torna-se, talvez até mesmo contra a própria vontade, o instrumento de agentes anglo-americanos, os quais — como V. Exa. sabe — se servem precisamente das representações neutras como profícuo campo da sua atividade propagandística. Se o que eu naturalmente não sei, também os senhores cônsules italianos, nos seus relatórios à embaixada, se deixaram influenciar pelas informações de tais círculos e por essa atmosfera, surge daí, em conseqüência, um quadro totalmente falso da tomada de posição germânica para com a Itália. *O povo alemão pensa bem diversamente.* Êle não tem tempo para semelhantes tagarelices; combate e trabalha e despreza êsse mundo de imprestáveis e intrigantes. Êle nutre — e não há dúvida de que não é necessário que eu o assegure de modo particular a V. Exa. — as mais ardentes simpatias para com a Itália fascista, e estou certo de que a recíproca também é verdadeira. Se o povo alemão, num ou noutro momento, deplorou algo, quando esta ou aquela medida italiana não era logo coroada de sucesso, como talvez se esperava, isso me parece justamente um sinal do calor com o qual o povo alemão sente tudo o que diz respeito à Itália. No futuro, tal como no passado, o povo alemão alegrar-se-á sempre de maneira particularmente ardente e sincera com qualquer sucesso italiano, e estou certo de que V. Exa. mesmo, Senhor Embaixador, já teve oportunidade de repetidamente o perceber. Não será, aliás, necessário dizer que isso sempre se manifestou abertamente em todos os setores da imprensa e da publicidade. O povo alemão sabe que está ligado ao povo italiano numa luta de vida ou de morte, e está efetivamente pronto a marchar até ao fim, ao lado do amigo italiano, assim como, segundo a histórica palavra do Duce, o povo italiano está disposto a fazer com o alemão. E essa conclusão será — V. Exa. conhece a minha convicção — a máxima vitória comum na história dos nossos povos!

Esta, Senhor Embaixador, é a minha concepção do sentimento do povo alemão para com a Itália. Estou por isso convencido, de que nenhum verdadeiro patriota alemão ou italiano se deixará influenciar por quaisquer manobras de certos elementos menos esclarecidos, na sua confiança no Eixo e na sua vontade de vencer, e julgo que nós, colaboradores dos nossos grandes chefes, sejamos os primeiros chamados a mostrar-lhes o verdadeiro caminho. »

Repliquei com novos argumentos e novos fatos, e consegui fazer que do alto se expedissem à imprensa e aos órgãos do partido ins-

truções no sentido de esclarecer a situação e impedir que se difundisse uma atmosfera contrária à Itália.

A partir de 1942, os bombardeios maciços sôbre a Alemanha intensificaram-se fortemente. Na noite de 30 de maio, a cidade de Colônia foi gravemente atingida. O edifício do consulado de Itália fôra completamente destruído com a perda do arquivo; e, segundo as primeiras notícias, provadas a seguir, um pouco exageradas, funcionários do consulado e alguns membros da nossa colônia estavam feridos e muitos outros tinham necessidade de auxílio e socorros urgentes. Decidi partir nessa mesma noite, não sem avisar antes o Ministério do Exterior alemão. Encarregara o conselheiro Cossato de tomar as necessárias providências a fim de que, ao chegar a Colônia, eu pudesse encontrar-me imediatamente com o cônsul e fôsse pôsto em condições de visitar os feridos e socorrer os necessitados. Cheguei na manhã seguinte, às oito horas, a Dusseldorf, onde o trem precisava parar por causa do bombardeio e onde se encontrava um automóvel da Embaixada à minha disposição para que eu pudesse prosseguir imediatamente para Colônia. Na estação, esperava-me uma surprêsa. O general Horring, chefe da polícia de toda a zona, distinto e correto oficial, comunicou-me que fôra chamado às duas da noite ao telefone por Ribbentrop, o qual lhe ordenara fazer-me saber — à minha chegada — que uma ordem de caráter geral do Führer proibia mesmo a personalidades diplomáticas o acesso a Colônia, em virtude da situação de emergência.

Surpreendido por essa comunicação inesperada, que o chefe da polícia procurou transmitir-me da maneira mais cortês possível, respondi que não me dirigia a Colônia por motivos turísticos, mas, ùnicamente, para levar assistência aos meus conterrâneos, os quais já se achavam advertidos da minha visita. Encaminhei-me sem delongas para o automóvel. O general Horring disse que êle, pessoalmente, compreendia o meu estado de espírito, mas que recebera ordens terminantes; pedia-me portanto, que não o colocasse numa situação embaraçosa, e propôs-me telefonar a Berlim do próximo hotel. Atendeu o telefone o chefe do protocolo, von Dornberg, ao qual manifestei o meu desprêzo por êsse incrível procedimento. Acrescentei que considerava meu verdadeiro dever dirigir-me a Colônia; que a questão das bombas não explodidas e dos incêndios me deixava frio, induzindo-me, no máximo, a seguir um itinerário estabelecido pelas autoridades alemãs competentes; concluí declarando que estava decidido a prosseguir, ou, melhor, que partia naquele mesmo instante e não cederia nem sequer à violência. Tudo isso foi dito em alta voz, na cabine escancarada do telefone, diante da qual se achavam Cossato, o chefe de polícia e alguns

curiosos pelo que se passava. Dornberg suplicou-me que tivesse paciência pelo menos por uma hora, pois faria uma tentativa para a revogação da ordem. Enquanto esperava, o general Horring procurou acalmar-me, dizendo que daí a duas ou três horas eu poderia certamente realizar a minha visita a Colônia. Mas eu estava mais do que decidido a ir para lá, sobretudo pelo fato de que agora os meus compatriotas me esperavam.

O telefone tilintou. O chefe da polícia, que se dirigira à cabine, voltou para junto de mim, dizendo que o ministro von Ribbentrop estava no aparêlho. Nem bem eu começara a repetir-lhe em têrmos inflamados o que já dissera ao chefe do protocolo, quando êle me interrompeu:

— O Führer encarrega-me de dizer-lhe que se o Duce fôsse informado da medida de ordem geral do Führer e do seu desejo de que o senhor a respeitasse, o Duce seria o primeiro a convidá-lo a desistir do seu intento.

Não me restou outra alternativa senão voltar a Berlim no primeiro trem. À noite, ao chegar, encontrei à minha espera alguns altos funcionários do Ministério do Exterior, que me vinham apresentar as desculpas do ministro Ribbentrop. Apressando os cumprimentos, disse que, em lugar de inúteis desculpas, seria muito melhor que me tivessem facilitado o cumprimento de meu estrito dever. Subi imediatamente no automóvel e fui embora. Na manhã seguinte, o subsecretário pediu-me que fôsse falar com êle. Ribbentrop, imediatamente informado das minhas palavras pronunciadas na noite anterior, desejava algumas explicações. Limitei-me a declarar que nada tinha a acrescentar ao que dissera.

Enviei um relatório pormenorizado a Roma, na esperança de encontrar compreensão e apoio em tão delicada situação. Mas, passados dois dias, Ciano chamou-me ao telefone para dizer-me, em palavras claras, que Mussolini não apreciara a minha linha de conduta, a qual podia fazer crer que eu fôra por êle encarregado de ir a Colônia para verificar a importância e os efeitos do bombardeio..."

Nesse ponto, penso que o leitor fará provàvelmente a mesma pergunta que muitas vezes ouvi dirigir-me:

— Por que não apresentou a sua demissão?

Sem valer-me dos exemplos de ilustres embaixadores que legaram o seu nome à História, e que, encontrando-se em situações análogas à minha, permaneceram em seus postos; sem fazer referência a casos ou exemplos de contemporâneos como o do embaixador inglês Neville Henderson que escreveu, a respeito dêsse problema, palavras dignas e definitivas, espero me seja permitido exprimir a minha con-

vicção de que um embaixador deve considerar-se um alto funcionário, cujo grau elevado em nada o exclui da sua função de executor de ordens e diretrizes. Um embaixador cônscio do seu dever, não se arroga o direito de demitir-se. Compete ao govêrno, que lhe confiou a sua missão, mandar chamá-lo e substituí-lo, caso a sua atividade e a sua linha de conduta não correspondam aos seus designios.

À parte o fato de que no regime ditatorial fascista não era pràticamente permitido pedir demissão, (como se sabe, até mesmo os mais altos cargos do Estado eram substituidos por meio de comunicados de imprensa), considerava um gesto de fraqueza e deslealdade abandonar o meu posto num momento em que as coisas iam de mal a pior. Tinha pelo menos a certeza de fazer o possível, superando diversidade de opiniões e disputas pessoais, vencendo indiferenças passivas e resistências deliberadas, para defender a dignidade do meu país, obter o melhor tratamento material e moral para os trabalhadores e defender a honra dos soldados italianos.

Certamente, afastar-me teria sido mais fácil e mais cômodo; mais oportuno para a minha saúde já comprometida; mas eu não me sentia capaz de abandonar o meu duro pôsto de combate numa situação assim obscura, grave e difícil, enquanto todos os italianos eram chamados a fazer o sacrifício máximo.

Convicto de que Mussolini declinava fisicamente e de que vinte anos de govêrno tinham gravemente abalado a sua resistência moral no momento em que êle mais necessitava da plenitude das suas fôrças para retomar o domínio da situação, impor a sua vontade ao aliado e operar para a salvação da Itália, não podia, humanamente não podia abandonar o barco quando êste começava a fazer água.

Roma estava cada vez mais distante. Parecia-me que a distância e a densa neblina de Berlim não me permitiam perceber mais as inépcias, as vaidades, as misérias, as ambições, as disputas, os despeitos, as intrigas que — em diversos graus — são comuns a todos os políticos, a todos os regimes, a todos os governos. Mas via o rosto exausto da Itália dilacerada, sobrecarregada de dor, de luto, sacrifícios e privações, diante dos quais se deparava um trágico e obscuro porvir.

O imperativo categórico da minha consciência me ordenava não trair o ideal da pátria a que sempre fielmente servira.

E, para dizer tudo, até ao fim, é preciso confessar que naquele angustiante Natal de 1942, em que o episódio épico e trágico de Estalingrado não deixava mais dúvidas acêrca da irreparável derrota alemã e sôbre a conseqüente sorte italiana, tive um momento de incerteza e de desânimo. Ao enviar a Ciano um relatório resumo de fim de ano, escrevi-lhe a seguinte carta:

« Permita-me acrescentar uma palavra de caráter *pessoal e amistoso.*

A minha longa moléstia (setembro-novembro de 1940), a grave operação (fevereiro-março de 1941), o árduo trabalho dêstes anos enfraqueceram-me a saúde. E vejo-me obrigado a um contínuo contrôle médico.

Além disso, e *sobretudo*, verifiquei (*e ninguem melhor do que você o sabe*) que os meus esforços no sentido de alcançar o único objetivo atualmente útil ao país são de todo vãos.

Ficar-lhe-ei portanto muito grato se compreender o meu desejo. »

Não tendo recebido nenhuma resposta, interpretei o silêncio como uma tácita censura.

Através de um penoso tormento superei incertezas e desânimos que pesavam muito mais sôbre o meu espírito, porquanto não tinha ninguem a quem abrir a alma e confiar-me, vendo-me obrigado a ocultar dúvidas, desilusões e receios até mesmo perante os inumeros colaboradores da embaixada. E no meu trágico isolamento espiritual, extraía fôrças das imortais palavras de Platão na apologia de Sócrates: "aquêles que ocupar um pôsto por êle escolhido como o mais honroso e onde tenha sido colocado como chefe, tem o imprescindível dever de aí permanecer, sob pena de quaisquer riscos que possa correr, sem ter em conta a possibilidade da morte ou de dano algum, em se tratando de sacrificar a honra."

Capítulo XVIII

EM SALZBURGO SE FALOU DE PAZ

Os fatos e as circunstâncias que a embaixada registrava com exatidão e não raro justa previsão, informando pontualmente o govêrno de Roma, denunciavam, — na primavera de 1942 — uma situação que, se no momento. não era de per si grave, apresentava uma série de incógnitas.

As experiências do último ano de guerra demonstram que as incógnitas se resolviam quase sempre da pior maneira.

Havia, além disso, dois elementos que não podiam escapar à atenção e à apreciação de um agudo observador.

A atribuição de plenos poderes a Hitler era uma providência excepcional, mas desnecessária, uma vez que já se lhe reconhecera pràticamente toda a autoridade; seu objetivo era fazer saber à opinião pública, sob a forma de ulterior ameaça, que a *Gestapo* poderia agir e intervir com toda a liberdade e prontidão junto àquêles que por meio de palavras ou ações se afastassem da férrea disciplina de guerra. Isso indicava, sem possível dúvida de interpretação, uma situação interna preocupante, senão alarmante.

O fato de Hitler assumir o comando supremo das fôrças armadas, se dera oportunidade à propaganda para exaltar o genio militar do Führer e daí extrair um motivo de confiança nas próximas operações, indicava também que algo de grave acontecera no seio do estado-maior. Eram de fato conhecidos os graves dissabores existentes entre Hitler e um grupo de generais, os dissídios entre as fôrças armadas e as pertencentes às S.S.

E, se do setor interno e militar se passava para os dos países ocupados, a situação apresentava-se particularmente tensa. A Boêmia e a Morávia achavam-se sob um férreo regime policial. Em França, Bélgica e Holanda, o ódio difundido contra o ocupante podia de um momento para o outro estourar em violentas manifestações. Na Noruéga, a criação de um chamado govêrno nacional coincidira com a instauração de um regime de terror e com a deportação dos expoentes das classes médias e altas. Na Polônia continuavam-se a perseguir com incrível encarniçamento os resíduos da classe culta e do clero. E o que acontecia na Lituânia, na Estônia e na Letônia, onde os alemães haviam sido saudados como libertadores, e onde, agora, se invocava quase a volta dos bolchevistas, ultrapassava os limites do acreditável.

Num meu relatório de 18 de abril de 1942, n.º 6432, escrevia: "Uma política não só mais hábil e prudente, mas simplesmente mais humana com relação a algumas dessas populações, permitiria à Alemanha valer-se, quando não mais, da sua passiva lealdade na luta contra um inimigo tão geralmente temido como o bolchevismo".

Os três paises bálticos e a Polônia poderiam fornecer à Alemanha um milhão de combatentes. Constituíam, entretanto, vinte milhões de indivíduos que odiavam o Reich e que num momento de dificuldade poderiam tornar-se um sério perigo.

Tudo isso acontecia pela absoluta incompreensão e pela completa falta de psicologia por parte dos alemães. Foi nessa atmosfera pesada, que, na primavera de 1943, se começou a falar, com uma intensidade cada vez maior, da nova grande ofensiva alemã. Sabia de modo preciso que haviam sido feitos grandiosos preparativos; e podia-se portanto prever uma série de sucessos militares. Mas para quem — como eu — procurava analisar a situação no seu conjunto e no seu desenvolvimento futuro, êsses sucessos militares ofereciam uma ótima oportunidade e um argumento eficaz para galvanizar a opinião pública alemã, mas não representariam nenhum elemento decisivo e determinante para os fins conclusivos da guerra. Pessoalmente, partilhava a opinião de um alto oficial alemão, que, baseado na experiência da guerra de 1914-18, me declarara que "uma série de batalhas vencidas também pode levar à derrota".

Ia pois amadurecendo no meu espírito a idéia de que seria um fato sumamente oportuno explorar psicològicamente os iminentes sucessos militares no sentido de uma tentativa de rápida conclusão do conflito com uma paz de compromisso. Os meus mais diretos colaboradores da embaixada, com os quais freqüentemente me entretinha falando de tais problemas, não só se manifestaram plenamente de acôrdo comigo como me encorajaram a enveredar por êsse caminho. Aqui surgia entretanto uma dificuldade, porque se a idéia podia ser simples e boa, o assunto era muito escabroso para se tratar cóm os alemães. Pràticamente, não sabia mesmo com quem falar a respeito; e fazer disso objeto de escritos seria extremamente perigoso. Não podia, também, por outro lado, fazer uma comunicação a Roma, sem primeiro sondar o terreno da Wilhelmstrasse.

Durante uma das visitas que todas as terças-feiras de manhã fazia aos subsecretários von Weizsacker, com o qual estabelecera relações confidenciais que me permitiam falar-lhe livremente, contanto que separasse, nas conversas, a parte oficial da particular, expus-lhe a minha idéia. Aprovou-a com calor, mas disse-me logo que só uma pessoa poderia falar disso com proveito a Hitler: Mussolini.

— E Ribbentrop? perguntei.

Weizsacker encolheu os ombros, abanou a cabeça e disse lentamente:

— Não deve contar com Ribbentrop. Êle jamais consentiria em prestar-se a tal papel. Só há mesmo Mussolini.

Embora o passo me parecesse muito arriscado, convencí-me de que, no interêsse da Itália, era preciso mexer-me, fazer uma tentativa, tomar uma iniciativa. Resolvi falar a Ribbentrop. A ocasião favorável foi-me oferecida pelo iminente encontro dos dois chefes em Salzburgo.

Sabendo que Ribbentrop partiria de Berlim no seu trem especial, fiz-lhe saber que gostaria de viajar com êle. Encontrámo-nos na estação e êle acompanhou até ao carro-salão pôsto à minha disposição; e quando me convidou para o almôço dali a uma hora, preveni-o de que depois do almôço gostaria de conversar um pouco com êle, a sós, particularmente.

O almôço, simples, foi servido na salinha do seu carro; achavam-se presentes sua mulher com a filha e um dos seus colaboradores.

A senhora von Ribbentrop era uma mulher alta, elegante, distinta. Transparecia em tôdas as suas atitudes, na expressão e na palidez de seu rosto, um mal velado sofrimento físico. Padecia há longos anos de uma sinusite crônica que lhe provocava contínuas e fortes dores de cabeça. Consultara os maiores médicos da Europa, experimentara vários tratamentos e sofrera uma série de operações. A sua fronte achava-se de fato marcada de cicatrizes que o penteado estudado não conseguia esconder completamente. Era culta, modesta, reservada. Quando residia em Berlim, ocupava-se exclusivamente com a família e com o arranjo do grande e rico apartamento oficial que o marido escolhera no edifício contíguo ao do Ministério do Exterior.

Bettina, a filha, era uma loura e robusta moça de vinte anos, de côres vivas, alegre e desembaraçada. Praticava toda a espécie de esportes, da equitação até à vela; de vez em quando, reunia no seu pequeno apartamento de dois quartos, no último andar, algumas amigas para receber algum jovem oficial que voltava do fronte. Tocavam discos, comiam doces, bebiam umas taças de champanha e dançavam um pouco. Mas tudo acabava logo, porque o pai era muito severo. Bettina fazia, como todas as outras moças alemãs, o seu serviço de trabalho em casa de uma família de camponeses Tenfel, que moravam não longe de Fuschl, sede de um dos quarteis de campo de Ribbentrop. Durante o almôço falou-se de hospitais, de assistência aos militares, de episódios de guerra; a única evasão foram os assuntos de música.

Mesmo em família, Ribbentrop não largava aquêle seu ar absôrto e longínquo, como se se sentisse separado do mundo. De vez em

quando, apresentava-se um secretário que, depois de bater os tacões, enrijecer-se numa continência, lhe entregava uma fôlha, uma comunicação, um telegrama no qual Ribbentrop, sempre com expressão muito digna e compenetrada, anotava algumas palavras.

Depois do café, as senhoras se retiraram; Ribbentrop convidou-me então a passar para uma sala contígua.

— O senhor disse-me que desejava falar-me. De que se trata?

A conversa principiava de maneira muito protocolar. Procurei fazer-lhe compreender que não tinha precisamente nenhum problema específico a submeter-lhe, mas que se tratava mais de um colóquio confidencial de caráter geral, a fim de ter com êle uma troca de idéias por via absolutamente particular, não de embaixador a ministro, mas de camarada para camarada, acêrca da situação considerada em seu complexo militar e político.

Percebi através do seu olhar frio e metálico um imperceptível sinal de contrariedade.

Repetiu:

— Estou à sua disposição. Peço-lhe que me diga do que se trata.

Experimentei uma certa dificuldade em continuar. Não estava naturalmente nos seus hábitos, nas suas próprias possibilidades intelectuais manter uma conversa, como se costuma dizer, inútil, mas da qual é sempre possível tirar, em última análise, certas conclusões.

Diante de uma absoluta falta de imaginação e de fantasia, Ribbentrop precisava anotar os assuntos nos seus respectivos *"dossiers"*. Se o assunto em discussão não entrava na ordem do seu catálogo preorganizado, a resposta era sempre a mesma:

— Por ora, não lhe posso dizer nada; refletirei no caso.

Diante da sua frieza, senti-me tentado a procurar uma via de saída, repisando um dos assuntos sempre oportunos. Mas preferi enfrentar a situação.

— Repito — disse — que não se trata de um discurso preparado, nem de uma iniciativa específica e nem tampouco de uma proposta estudada. Trata-se de certas idéias de caráter absolutamente pessoal, que há tempo venho amadurecendo no meu espírito. Ao avaliar a situação que se apresenta muito favorável, é fácil prever que as valorosas tropas germânicas obterão novos grandes sucessos na iminente ofensiva; gostaria de saber se tais sucessos terão um reflexo político.

— Certamente; todo o sucesso militar traz consigo um sucesso político.

— Precisarei o meu pensamento. O senhor acha que, terminada a vitoriosa ofensiva, a Alemanha terá dado um passo à frente, decisivo para a conclusão da guerra? Permita-me apresentar sôbre isso algumas reservas, no sentido de que se, como estou certo, as tropas alemãs avançarem novamente alguns quilômetros em território russo, con-

quistarão outras cidades, e a guerra continuará ainda por muito tempo...

— Não compreendo o que quer dizer. É claro que a guerra continuará até à completa vitória alemã.

— Pois bem, deixe-me dizer com a maior honestidade moral possível, o que ninguem teve a coragem de lhe manifestar e nem ao Führer. O povo começa a ficar cansado e preocupado com o prolongamento da guerra. Nos países ocupados, a situação é pesada...

— O senhor está mal informado, senhor embaixador.

— De qualquer maneira, peço-lhe que aceite por um momento a hipótese de aproveitar os próximos sucessos militares no sentido de achar uma solução política.

— Para a Alemanha, a única solução é a vitória!

Achei inútil e prejudicial iniciar uma polêmica. Quís fazer uma última tentativa. Pedi-lhe que me deixasse falar ao Führer sôbre a minha responsabilidade.

— Jamais! — exclamou êle — pondo-se imediatamente num estado de excitação. Êle interpretaria isso como uma manifestação de fraqueza e de falta de confiança na vitória total em que todos os alemães firmemente crêem. Jamais permitirei que num momento tão importante e decisivo, o Führer, que tem os destinos da guerra nas mãos, possa ser daí desviado por outras idéias. Asseguro-lhe que venceremos, custe o que custar, contra todos e contra tudo.

E começou a fazer-me o seu habitual discurso de propaganda.

Voltando ao meu carro, não me sentia absolutamente deprimido. Achando-se comigo dois altos funcionários da embaixada, considerei com êles a situação verificando que, diante da reação negativa de Ribbentrop e do agnosticismo do nosso Ministério, só restava tomar a iniciativa de agir e falar do caso diretamente a Ciano e a Mussolini. Quis ser preciso e redigi com os seus colaboradores umas notas que serviriam de apoio à minha proposta. Aproveitando a oportunidade de falar da questão dos plenos poderes extralegais atribuídos a Hitler, examinava a situação dentro de uma avaliação interna e internacional, diversa de que antes oficialmente se apresentava.

Assim:

"Os infalíveis sucessos estratégicos da próxima ofensiva não poderão, mesmo se notabilíssimos, modificar positivamente o humor da população germânica, como não poderão também influenciar num sentido favorável a opinião pública, senão em função de um passo decisivo para a mais rápida conclusão da guerra.

"Não se pode, além disso, esquecer a situação da opinião pública nos países ocupados, aliados do Eixo e neutros, que seguirá o andamento e o resultado mais ou menos decisivo das futuras operações".

Concluía salientando a oportunidade para que se preparasse um plano de ação política realizável no momento psicológico adequado, em coincidência com os sucessos militares. "Nesse setor, concluía, a função da Itália é fundamental. Para ela, como fator de equilíbrio, e para o Duce, como o único homem capaz de falar autorizada e abertamente, e de influir sôbre Hitler, olham os países ocupados, os aliados ao Eixo e grande parte da própria Alemanha".

Imediatamente passadas a máquina, essas notas pareciam em tudo correspondentes às exigências do momento. Um dos meus colaboradores disse então:

— Senhor embaixador, qualquer que seja o resultado da iniciativa que o senhor corajosamente tomou, a sua consciência deve estar tranqüila, pois o senhor não fêz mais do que o seu dever.

Assim que me foi possível ver Ciano a sós, apresentei-lhe as notas. Êle leu-as ràpidamente; e, enquanto eu me preparava para explicá-las, interrompeu-me a palavra:

— Não chegou ainda o momento.

Nunca consegui compreender qual era o seu recôndito pensamento; tal como dois anos antes, não conseguia perceber as razões que o levavam a negligenciar uma manobra significativa que junto a mim fizera o encarregado dos negócios dos Estados Unidos.

Surprêso e interdito pela sua atitude, pedi-lhe que me permitisse falar com Mussolini; consentiu com indiferença.

Mussolini ouviu-me com atenção, parecendo aprovar as minhas observações e argumentações. Ao terminar a minha exposição, submeti-lhe as notas. Leu-as lenta e atentamente.

Colocando o indicador da mão direita sôbre as fôlhas, disse:

— Isto que aqui está escrito é justo. Seria a única solução boa. Mas o que pensam a respeito os alemães? Já falou disso a Ribbentrop?

— Sim, falei a Ribbentrop; êle é contra. Mas isso não quer dizer nada. É sôbre Hitler que V. Exa. deve agir.

— Não, não creio. Por que expor-me a uma recusa? Se os alemães não estão de acôrdo, é inútil insistir... Falaremos disso oportunamente.

Teve um momento de silêncio no qual pareceu concentrar-se e refletir.

Depois, mudando ràpidamente a expressão do rosto e o tom de voz, perguntou:

— Edda o que está fazendo?

A condessa Edda Ciano estava já há alguns dias em Berlim, junto com uma sua amiga de Roma, hospedada na embaixada. Tendo sido valorosa enfermeira da Cruz Vermelha durante a guerra d'África, in-

teressava-se por ver de perto o funcionamento das várias organizações e formas de assistência aos doentes e feridos de guerra.

— Tem tido muito o que fazer. Acompanhada por minha mulher, visitou hospitais e *Lager* de trabalhadores italianos. Aceitou alguns jantares e recusou um almôço com Ribbentrop.

— E por que? perguntou Mussolini, com o olhar curioso e divertido.

— Porque Ribbentrop a impediu por todos os modos de ir a Lubeck, devastada pelos bombardeios. Mas ela foi igualmente, declarando que não se importava com as ordens do senhor Ribbentrop e do pretenso perigo das bombas não explodidas. Esteve também em Hamburgo e Bremen. Ao voltar, aceitou o almôço de von Ribbentrop, do qual se aproveitou para dizer, com simplicidade e naturalidade, as coisas mais duras, que decerto êle não estava habituado a ouvir.

Mussolini sacudia a cabeça com uma expressão de afetuosa censura.

— Convidaram-na para assistir a uma sessão do Reichstag, a fim de ouvir o discurso de Hitler, que fez questão de recebê-la imediatamente depois na Chancelaria.

— O que lhe disse o Führer?

— Isso não sei. A condessa Ciano não mo quís referir pessoalmente. Tenho a impressão de que a conversa tenha sido interessante, porque sua filha tem idéias muito claras e maneiras precisas de exprimir-se.

— Edda é valente e inteligente, — concluíu, satisfeito.

E com essa frase afetuosa e familiar, enterrou-se uma tentativa de paz.

Capítulo XIX

NO GRANDE QUARTEL-GENERAL DE BERDITCHEV. HITLER EXPÕE O SEU PROGRAMA MILITAR E POLÍTICO.

Como previsão da retomada da ofensiva contra a Rússia, já em fevereiro, o estado-maior alemão preocupara-se em organizar um comando de operações numa posição mais avançada que permitisse comunicações mais fáceis e rápidas com o fronte. A escolha caíra, também por motivo de comunicações ferroviárias, sôbre o setor de Kiew, onde, numa localidade mantida em estrito segrêdo, se dava imediatamente início aos trabalhos de organização dos acantonamentos, dos campos de aterrissagem, dos serviços de defesa antiaérea e dos necessarios troncos telegráficos e telefônicos. E, acompanhado pelo seu estado-maior, o Führer transferira-se para a sua nova sede, em princípios de julho.

Chegava-se ao local num trem especial que fazia serviço diário com Berlim e no qual só se podia entrar com permissão especial e apresentação de um cartão especial de reconhecimento. Toda a viagem, de resto, era cercada no máximo sigilo; basta dizer que ainda na manhã da partida, tendo perguntado ao funcionário do protocolo, que me acompanhava, se me sabia indicar o nome da localidade a que me destinava, e que me fôra até ali cuidadosamente ocultado, respondeu-me, com um sorriso embaraçado, que as ordens que recebera, não lhe permitiam dizer nada.

Cêrca de trinta horas de trem levavam a 700 quilômetros além de Varsóvia, à estação de Berditchev, de onde se continuava a viagem em automóvel, para alcançar, uma hora mais tarde, a residência de Hitler.

COLÓQUIO COM O FÜHRER

Secreto

Do trem, de volta do Quartel-general do Führer, em 5-8-42

A S. Exa. o ministro do Exterior — Roma

Senhor ministro,

Da minha visita ao quartel-general, que me deu oportunidade de ver e ouvir muitas coisas interessantes — que me reservo expor num relatório mais amplo e separado — extraio um resumo de uma longa e importante conversar que tive com o Führer.

Parte Militar:

Com o auxílio de grandes mapas topográficos, terminados às 18 horas do dia anterior, o Führer me fez uma longa e pormenorizada exposição da situação militar na frente russa, explicando a preparação e o desenrolar das várias operações em curso, de cujo andamento se mostrou muito satisfeito, declarando, entre outras coisas, que, em muitos casos, as coisas vão melhor do que o previsto. A segurança que, a êsse respeito, demonstra, apreseta-se tanto mais importante, porquanto êle pôs-se a comentar longamente as enormes dificuldades dos transportes, para os refornecimentos das tropas combatentes, refornecimentos que, na ausência de linhas ferroviárias e de estradas transitáveis, devem ser assegurados mediante o ingente emprêgo de autocaminhões em pistas primitivas ou improvisadas. Trata-se, por exemplo, na atual fase da ofensiva rumo ao Cáucaso, de percorrer com êsses meios uma distância igual à que vai de Milão a Nápoles; e o inimigo mais duro, nesses casos, é a chuva, que, em quatro horas, consegue imobilizar uma divisão durante dois dias inteiros. Mas mesmo essas dificuldades — frisou o Führer — são plenamente compensadas. Tôda a sua exposição apresentou-se, aliás, impregnada do mesmo calmo e raciocinado, mas seguro otimismo, que êle tira da minuciosa e metódica preparação das operações, dos planos por êle próprio organizados para enganar o adversário, assaltá-lo no momento oportuno, facilitar a formação de grandes bolsas de aniquilamento. Salientou também, na análise da situação, a indubitável diminuição da capacidade combativa do inimigo, manifestada numa série de episódios sintomáticos. Quanto aos resultados imediatos, o Führer mostrou-se certo da próxima quéda de Estalingrado e de Maicop. A defesa de Estalingrado continua encarniçada, mas já se ressente sèriamente dos poderosos golpes vibrados pelas fôrças germânicas, que nos últimos dias conseguiram destruir cêrca de setecentos carros armados soviéticos. A conquista da cidade, além de privar os russos de um de seus maio-
imobilizar uma divisão durante dois dias inteiros. Mas mesmo essas
o caminho para a conquista de Astrakan, sôbre a qual se lançarão, imediatamente após, as tropas alemãs. Ao sul, o Führer propõe-se, de um lado, a prosseguir na ofensiva em direção do Cáspio, e de outro, a tentar, sem delongas, forçar o Cáucaso. Êle dá particular importância a essa operação, que levaria as tropas alemãs a aparecer diretamente no Oriente Médio e a enfrentar as fôrças anglo-americanas em condições grandemente vantajosas. Enquanto, de fato, essas últimas só dispõem, para os seus reabastecimentos, de longas linhas marítimas externas, no mais das vezes ameaçadas pela arma submarina japonêsa, a Alemanha opera sôbre linhas terrestres, longas, é verdade, mas muito mais rápidas e seguras do que as do adversário.

Na sucessiva e rápida explicação que fez dos vários setores, o Führer aludiu ao fato de que, para romper definitivamente a linha soviética diante de Estalingrado, se propunha a pedir ao nosso corpo expedicionário, operante nesse setor, que se desloque levemente para a esquerda, a fim de permitir o avanço das tropas blindadas alemãs, para a necessária operação de penetração (para a qual o armamento do nosso corpo motorizado não é suficiente), deixando vice-versa aos nossos a delicada tarefa de proteger o flanco esquerdo da coluna avançante alemã, sôbre o qual é possível que os russos se encarnicem, na desesperada tentativa de salvar a cidade. Pensaria assim reforçar também ulteriormente as nossas unidades, pondo, à disposição do nosso comando, três divisões de infantaria e uma divisão blindada germânicas.

Disse-me também, a propósito da projetada ação contra o Cáucaso, que assim que ela alcançasse os desejados objetivos, êle se propunha a pedir ao Duce o envio de três divisões de Alpinos, por se tratar de tropas particularmente apropriadas para ocupar tais regiões, principalmente — acrescentou, referindo-se ao Cáucaso meridional — "em se tratando de uma região que interessa mais à Itália do que a Alemanha".

O Führer acha que, terminadas as operações projetadas e atualmente em andamento tão favorável, a Rússia daí sairá, se não aniquilada, pelo menos "inofensiva". Perderá a maior parte do seu petróleo, os 60% dos seus minérios de ferro, uma enorme porcentagem do seu carvão, e quase todo o carvão utilizado na fabricação do coque e do aço, a quase totalidade do manganês, as regiões mais ricas da sua agricultura. Essas fontes de riqueza passarão para o contrôle alemão, aumentando assim a diferença entre as fôrças relativas dos dois adversários.

Procurando eu levar a conversa para a guerra na África e frisando a enorme importância dada pelo Duce ao reinício da ofensiva contra o Egito, na intenção de resolver definitivamente o problema do Mediterrâneo, o Führer me declarou ser também da opinião de que tanto a Itália como a Alemanha devem reforçar as suas tropas em África, a fim de "permitir, assim que fôr possível, o reinício das operações". Mas devo dizer que não encontrei a êsse respeito, nas palavras do Führer, a mesma segurança por êle manifestada noutro setor. Sublinhou que, neste momento, as linhas de comunicação dos inglêses, através do Mar Vermelho, são relativamente mais seguras do que as nossas; e que os anglo-saxões, que compreendem muito bem a importância política, além de estratégica, que reveste o êxito da luta para o Oriente Médio, nela porão tudo o que têm de melhor. Mostrou, portanto, uma certa reserva, deixando entrever que achava a partida muito dura, assim como deixou sem resposta uma pergunta minha,

intencionalmente feita, acêrca da data em que êle julgava que se pudesse contar com libertar completamente o Mediterrâneo.

O Führer disse-me, a êsse respeito, ter tido notícia da presença de três fortes comboios anglo-americanos, num total de cem navios, que, de Freetown, fazendo o périplo da África, se dirigem para Suez. Um dos comboios encontrar-se-ia ainda no Atlântico, o segundo na altura de Moçambique, o terceiro nas proximidades do Mar Vermelho. Tomou imediatamente a providência de advertir os japonêses, na esperança de que êstes consigam interceptar, pelo menos, uma parte dos navios.

Falando eu da famosa "segunda frente", o Führer declarou ser atualmente difícil prever exatamente o que os anglo-americanos pretendem tentar. Não há dúvida que êles se empenham algo, e é mesmo provável que, iludidos pelas falsas informações fornecidas pelos emigrantes franceses chegados à Inglaterra e aos Estados Unidos, possam acreditar realmente que um desembarque em França assinalaria um início de desforra nacional e de sublevações antialemãs. Como quer que seja, êle tomou todas as providências necessárias e fez, propositalmente, que se desse larga publicidade às notícias referentes à chegada das novas divisões alemãs à França, a fim de não só advertir os anglo-americanos, mas também de acalmar as eventuais veleidades dos franceses.

PARTE POLÍTICA:

Projetando o seu pensamento para o futuro, o Führer disse que, apenas terminada a guerra e o Eixo tenha conseguido a vitória, é necessário, ou melhor, indispensável, que a Itália e a Alemanha renovem logo, e pelo mais longo período possível, o seu pacto de amizade e de aliança a fim de garantir os frutos do sacrifício comum. Inflamando-se no seu discurso, o Führer prosseguiu textualmente: "Não se deve esquecer que mesmo terminada a atual guerra e derrotada definitivamente a Rússia, ficará sempre dessa nação, geogràficamente ilimitada, uma imensa massa asiática que continuará a olhar com olhos ávidos para o ocidente europeu. Os russos, ou aquilo que restar dos bolchevistas, serão os aliados naturais de todos os nossos inimigos: dos maçons, dos judeus, dos democratas, das outras nações que, saindo derrotadas do atual conflito, aninharão no coração a esperança de uma vingança. Como é impossível saber quais sejam, terminada a guerra, as relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos (é verdade que ambos, agora, já não se tratam sinceramente como amigos, e pior será, indubitàvelmente, quando diminuir o vínculo da necessidade comum que hoje liga essas nações) é provável que assistamos à formação de novas constelações políticas. A Itália e a Alemanha devem, todavia, não se deixar enganar, e permanecer unidas, prontas para reagir à primeira ameaça de quem lhes quiser tirar as suas conquistas. "De resto, a In-

glaterra e os Estados Unidos falam a linguagem do século XIX. É inútil, não nos compreendemos; sòmente a Itália fascista e a Alemanha nazista sabem compreender-se".

Há ao mesmo tempo outra nação, concluiu o Führer, com a qual é indispensável que continuemos, mesmo depois da guerra, a manifestar a mais estreita colaboração se não nos quisermos arriscar a perder a nossa vitória; trata-se precisamente do Japão, que, ainda nesta guerra, nos reserva, com toda a probabilidade, grandes surprêsas, ou, melhor, aquilo que errôneamente chamamos surprêsas, mas, na realidade, como tivemos oportunidade de verificar, é o resultado de longínqua e minuciosa preparação.

E começando nesse ponto a falar da França, êle declarou:

— A França não saberá jamais perdoar à Alemanha o fato de lhe ter arrancado a Alsácia e a Lorena, como jamais saberá perdoar a Itália o ter realizado à sua custa as suas legítimas reivindicações. Existe, aliás, ainda hoje, uma linha comum que liga De Gaulle e Laval; no fundo, o primeiro procura simplesmente obter pela fôrça aquilo que Laval tenta conseguir pela astúcia. Entre os dois acha-se o venerando ancião, o marechal Pétain, que se vê obrigado a enfrentar problemas políticos superiores às suas fôrças e que certamente, no caso de um desembarque inglês ou de um movimento de revolta francês, apresentaria a sua demissão dentro de poucos dias.

Foi essa convicção acêrca da absoluta necessidade de uma contínua colaboração ítalo-alemã mesmo no após-guerra e no mais longínquo futuro, a nota dominante com a qual se encerrou a nossa conversa, que durou mais de uma hora e meia, e que se desenrolou numa atmosfera de extraordinária cordialidade, tornada mais evidente pelo fato de que o Führer, que eu encontrei de ótima aparência física e moral, parecia experimentar um sincero desejo de abrir-se e comunicar-me o seu pensamento e a sua vontade.

Ao despedir-se, disse-me que provavelmente, ainda nesse mesmo dia, terminaria uma carta que estava preparando para o Duce, ao qual me encarregou de transmitir as expressões da sua efetuosa e devotada amizade.

assinado: ALFIERI.

Capítulo XX

CIANO DEIXA O MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Foi um funcionário da embaixada quem me comunicou por telefone, às 23 horas do dia 5 de fevereiro de 1943, que Mussolini fizera uma vasta reforma no govêrno, e que Ciano abandonara o Ministério do Exterior. Bastianini fôra nomeado subsecretário, assumindo Mussolini a pasta.

O fato provocou em mim uma enorme surprêsa, pois não poderia jamais imaginar que Mussolini se decidiria um dia a despedir o marido de Edda, particularmente caro ao seu coração.

Quando, em 1933, Ciano voltara da China, Mussolini o nomeara chefe do Departamento da Imprensa, cargo que apresentava uma particular importância, sobretudo pelo fato de exigir um contínuo contacto com o chefe do govêrno; depois criara para êle o subsecretariado da imprensa e propaganda, transformado em seguida em ministério; finalmente, nomeara-o, aos 32 anos, ministro do Exterior.

Durante os primeiros anos e por longo tempo, Mussolini teve por Ciano estima, confiança e simpatia. Após o habitual relatório cotidiano da manhã, mantinha-o junto de si, falando com êle de várias coisas, e não raro o chamava ao Palácio Veneza para comentar os mais recentes acontecimentos internacionais, comunicar-lhe os seus projetos, consultá-lo acêrca das mudanças dos altos cargos do Estado e do partido. Parecia que Ciano se tornara o seu confidente, como já o fôra o seu defunto irmão Arnaldo, inteligente, modesto, equilibrado, compreensivo, a única pessoa capaz de falar claramente a Mussolini.

Ciano mostrava-se particularmente satisfeito e orgulhoso dessa situação, que lhe conferia, perante a opinião pública, um grande prestígio.

Acontecia geralmente que, quando Mussolini se despedia nas reuniões e manifestações públicas de que participara, as autoridades enfileiravam-se diante do seu automóvel, enquanto, em tôrno, a multidão se apinhava, aplaudindo, e rompendo muitas vezes os cordões da polícia. Mussolini, então, com um gesto amistoso, chamava e fazia sentar-se ao seu lado, Ciano, que não conseguia esconder um sorriso de satisfação, como se quisesse dizer: Vejam, o preferido e o designado sou eu !

Mas Ciano não soube, naturalmente por causa da sua juventude e falta de experiência da vida e dos homens, aproveitar-se na justa medida da confiança que o sogro lhe dedicava.

Ciano era muito sensível ao prestígio exterior, à autoridade e ao exercício do poder. E como muitos, muitíssimos a êle recorriam para as mais variadas coisas, invocando proteção e auxílio, acontecia que além do campo da política exterior e do jornalístico — com o qual manteve sempre estreitas relações mesmo depois de ter deixado o ministério — não havia setor da vida nacional em que Ciano não procurasse exercer a sua influência e a sua autoridade, não raro emitindo opiniões irrefletidas e ásperas críticas. Isso não passava despercebido a Mussolini, sempre informadíssimo acêrca de tudo e de todos. Talvez, no íntimo, não excluísse a idéia de que Ciano fôsse um dia, o mais tarde possível, o seu sucessor; mas estando êle vivo, não admitia que o genro assumisse tais atitudes.

Por isso, diante da intromissão de Ciano, que estendia cada vez mais a sua ação, criando geralmente complicações e agindo, às vêzes inconscientemente em sentido oposto às intenções de Mussolini, êste reduziu e limitou gradualmente as relações com o genro às estritas questões de repartição. Diminuiu os convites para jantar na vila Torlonia, passou a chamá-lo raramente ao Palácio Veneza fora das horas do relatório cotidiano, não o levou mais consigo de automóvel, não o pôs mais a par das suas idéias e dos seus programas, deixou de consultá-lo acêrca das mudanças nos cargos do partido e do govêrno. Tratou-o com a mesma indiferença e distância com que tratava todos os outros colaboradores.

Ciano sentiu-se ferido no seu amor próprio; e, em lugar de retificar as suas posições, de abandonar tudo o mais para ocupar-se ùnicamente do seu ministério; em vez de empenhar-se no sentido de readquirir a confiança e a simpatia do sogro a fim de poder exercer sôbre êle uma influência equilibradora, destinada a esclarecer o chefe acêrca da realidade das diversas situações e frear-lhe as reações mais acerbas e injustificadas, assumiu com relação a êle uma atitude de fronda, não renunciando de vez em quando a criticá-lo, a principio, humildemente, depois com menos consideração, no círculo dos seus colaboradores e dos chamados " íntimos ", sempre numerosíssimos. De nada serviram as palavras de alguns amigos sinceros, que lhe diziam para tomar cuidado e o aconselhavam a agir de maneira a restabelecer as antigas relações de confiança com Mussolini, não só por consideração para com o sogro que era também o seu chefe, mais ainda por um interêsse geral de ordem superior. Ciano continuou a fazer as suas críticas com aquela instabilidade que lhe era característica e a emitir opiniões, algumas das quais tocavam diretamente Mussolini. Êste sabia muito bem que, se diante dêle Ciano era obsequioso e corretíssimo, por trás, não o poupava. Mas nem por isso nunca julgou necessário chamá-lo ao dever ou mandar-lhe dizer uma só palavra através de Edda, que seria a via mais eficaz.

O dissídio latente intensificava-se cada vez mais. Foram principalmente dois os episódios que feriram gravemente o orgulho de Ciano e criaram entre ambos uma situação irremediável. Verificaram-se durante a primeira de 1941, quando Mussolini quis que quase todos os membros do partido pegassem em armas para dar ao povo um bom exemplo. Ciano, que não deixou de criticar a medida, envergou a sua farda de capitão, ornada com algumas medalhas de mérito militar ganhas durante a guerra d'Africa, transferiu-se para Bari, onde se estabelecera o comando da esquadrilha *Desesperada* à qual êle pertencia.

Mussolini, que assumira temporàriamente a direção do ministério do Exterior, não se preocupava absolutamente com informar Ciano acêrca do andamento dos negócios e de quando decidia. Êste mantinha-se a par de tudo, por intermédio do seu chefe de gabinete. Foi assim que chegou ao seu conhecimento que se preparava, sem êle saber, um encontro Franco-Mussolini em Bordighera, com o objetivo de atrair a Espanha para a órbita do Eixo. Ciano estava firmemente certo de que acompanharia o Duce, ou, melhor, sendo informado de que o seu colega e amigo Serrano Suner, ministro do Exterior espanhol, participaria do encontro, enviou-lhe um caloroso telegrama, manifestando a sua alegria por muito em breve revê-lo. Aproximava-se o dia do encontro, mas, com grande espanto seu, Mussolini não lhe fazia chegar nenhuma comunicação a respeito.

E o seu espanto fez-se mal-estar e transformou-se numa explosão de raiva quando soube que Mussolini deixara Roma com destino a Bordighera sem sequer advertí-lo. O encontro teve uma repercussão mundial, e vários foram os comentários e as interpretações a respeito da ausência de Ciano.

O outro episódio foi também muito significativo.

A atividade bélica de um aviador é intensa e perigosa, mas não ocupa muito tempo. Talvez também por isso, a permanência de Ciano em Bari deu lugar a uma série de maledicências, na maior parte, injustificadas, que a natural maldade dos homens pusera em circulação.

Aconteceu, uma noite, que alguns oficiais da *Desesperada* festejaram à sua mesa um companheiro contemplado com uma recompensa ao mérito por uma perigosa ação de guerra, coroada de êxito. Era noite alta, quando a comitiva se dissolveu; alguns oficiais, esquecendo as severas normas que regulavam a vida noturna nesse tempo, ao voltarem para casa, deixaram-se ficar pelas ruas centrais entoando cânticos de guerra. Diante das observações da guarda noturna, alguem respondeu, não sem arrogância, que tomasse cuidado, pois tratava-se da *Desesperada* de que fazia parte o ministro Ciano.

Foi um semi-escândalo. Chegaram logo a Mussolini, de várias partes, informações fidedignas e relatórios em que se visava especial-

mente a pessoa de Ciano. Mussolini comentou o fato com palavras severas durante o relatório cotidiano com o chefe do gabinete do ministério do Exterior, e concluíu: " Tomei providências para um severo inquérito que confiei a um general da aviação. O capitão Ciano também precisará prestar contas sôbre o seu comportamento ".

E assim foi. Ciano teve que apresentar-se como os outros oficiais ao general e fazer as suas justificações.

Ciano ficou profundamente magoado e humilhado com o fato que deu muito o que falar. Logo depois do interrogatório, escreveu a Mussolini uma carta, ao mesmo tempo triste e orgulhosa, na qual se queixava do seu procedimento e da falta de confiança que o exautorava. A carta, da qual êle próprio me mostrou uma cópia, terminava nava textualmente: "No fim desta carta, permita-me dizer-lhe, Duce, que abriu no meu coração um profundo sulco, que nada mais conseguirá preencher".

A partir dêsse momento, as suas relações tornaram-se tensas e assim permaneceram, embora através de uma ou outra elucidação passageira.

Ciano poderia, de combinação com Edda, exercer sôbre Mussolini uma honesta e boa influência, criando em tôrno dêle uma atmosfera de distensão e de confiança na qual se teriam podido reequilibrar e atenuar algumas situações delicadas.

As coisas ditas com simplicidade no ambiente familiar tornam-se mais persuasivas do que as que se dizem durante uma audiência e diante de uma mesa de trabalho. Mussolini ter-se-ia assim mais fàcilmente convencido acêrca de exageros, desvios e erros que vexavam as pessoas, afastando-as do fascismo.

Mas, infelizmente, não estava na natureza de Ciano, que, aliás, possuía inegáveis dotes, dar o primeiro passo e fazer um gesto de dedicação para com Mussolini. Pelo contrário, após os episódios citados, considerava-se autorizado a persistir na sua atitude frondista. Segundo êle, Mussolini envelhecera física e moralmente; obstinava-se em erros dos quais nada o fazia retroceder; não valia a pena levá-lo a sério; era melhor deixar o barco correr e assumir uma atitude passiva.

Nessa sua conduta de fronda, mais exterior do que real, Ciano acabava por acentuar cada vez mais a nota anti-alemã, dominado pela recôndita idéia de contrariar Mussolini. Mas aqui também, em lugar de tomar uma atitude clara e decidida a fim de induzir Mussolini a esclarecer de uma vez por todas a situação da Itália com relação à Alemanha, baseando-se, quando não mais, nos relatórios meditados e documentados da embaixada de Berlim, limitava-se a críticas vagas e genéricas, a fazer previsões catastróficas. Qualificava de imbecis os mi-

nistros alemães, e, ao mesmo tempo, demonstrava gostar de ser enviado à Alemanha; detestava Ribbentrop, mas escrevia-lhe cartas extremamente corteses e participava de bom grado das suas caçadas; falava mal dos alemães e estudava a sua língua; irritava-se com o embaixador Mackensen, o qual, pelo contrário, se declarava entusiasmado com o tratamento que lhe reservava o ministro (dizia uma carta sua datada de 18 de julho de 1942: "Quanto às questões políticas, tenho a grande sorte de poder tratar com o conde Ciano, que não sòmente usa sempre para comigo de uma requintada cortesia, mas também me dá freqüentemente provas de verdadeira confiança. Ontem, por exemplo, procurou fazer-me de Liorne, por telefone, comunicações interessantíssimas. Trabalhar com êle é um verdadeiro prazer); desprezava Himmler, mas convida-o para ir a Roma e cumula-o de delicadezas (Himmler telegrafava-me em 8 de outubro de 1942: " Os quatro dias passados em Roma foram maravilhosos, graças à hospitalidade e à amável cordialidade do conde Ciano").

Ciano sente todo o mal-estar dessa situação estranha e contraditória, mas não tem o impulso de rompê-la com um gesto viril de esclarecimento para com o seu chefe. Continua nas suas críticas, indiferente perde o amor ao seu próprio trabalho. " Faça-o êle, dizia, eu não quero mais intrometer-me. Espero que me mande embora ". Dizia-o, mas não o pensava, ou, se o pensava, logo desenvolvia em sua mente a argumentação adequada a persuadir a si próprio de que Mussolini jamais o despediria. Mas, no dia 5 de fevereiro de 1943 (foi o próprio Ciano quem mo contou), um chamado telefônico o convocou com urgência ao Palácio Veneza às quatro horas da tarde. Por uma estranha situação que êle próprio não soube depois explicar-me, compreendeu imediatamente que algo de extraordinário estava para acontecer. Mussolini recebeu-o como de costume e como se êle já estivesse a par de tudo.

— Então — perguntou— o que pensa fazer ?

E, depois, anunciou-lhe rápidamente a reforma do govêrno.

Propôs-lhe o govêrno da Albânia, a embaixada de Berlim e a embaixada junto à Santa Sé. Ciano escolheu esta última.

Não sei qual a sua reação, porque não tive oportunidade de ir a Roma senão passados vários dias. É evidente, que o golpe deve ter sido muito duro para êle. Tive a impressão de que o aproveitasse para desenvolver os dotes de equilíbrio, ponderação e compreensão, que a rapidez de sua carreira política e o côro dos aduladores fortemente lhe reduziram. Os próprios ressentimentos e desconfianças pareceram aplacar-se, como pude notar pelo tom da carta que me escreveu alguns dias depois.

Abandonado o ministério, Ciano, sentindo-se subtraído ao choque direto das várias tendências e paixões políticas, começou a ver as coisas por outro prisma, de maneira imparcial e sem " parti pris ".

Mesmo com relação ao detestado e vituperado Ribbentrop, pôde escrever palavras mais calmas, mais humanas, manifestando uma espécie de arrependimento. Através da sua volubilidade e das suas contradições, que às vezes deixavam as pessoas perplexas, Ciano era um homem bom e generoso; contente de poder prestar um serviço aos amigos, gostava particularmente de comunicar-lhes uma notícia agradável.

Era preciso, naturalmente, conhecê-lo e compreendê-lo. Por isso, não me aborrecia mais do que o necessário, quando, após ter êle deixado o ministério, soube, confidencialmente, que a sua atitude com relação a mim nem sempre fôra benévola. Admirei-me, porque recordava os inúmeros telegramas lisonjeiros que, espontâneamente, me enviara. Parece mesmo que às vezes transmitia aos seus colaboradores, e com êles comentava irônicamente, opiniões pouco lisonjeiras de Mussolini a meu respeito. Isso também me surpreendeu, porque embora sem exagerar em manifestações exteriores, Mussolini sempre demonstrara pelos fatos apreciar a minha obra, modesta mas inspirada em lealdade e equilíbrio. Seja-me permitido valer-me — entre outras — do testemunho do senador Manlio Morgagni, presidente da Agência *Stefani,* que foi fidelíssimo a Mussolini (demonstrando a sua fidelidade de maneira definitiva. Na mesma noite da queda de Mussolini, encerrou-se no quarto, escreveu um bilhete com as seguintes palavras: "Duce, sem ti não posso viver" e deu um tiro na cabeça). Morgagni tinha um temperamento difícil, levado por natureza a ver o lado negativo das coisas. Tendo ocasião de vir uma vez por ano a Berlim, por motivos relacionados ao seu trabalho, aí desenvolvia cuidadosas investigações, cujo resultado transmitia a Mussolini. Escrevia-me numa de suas cartas:

« Nem bem voltei a Roma, falando com o Duce — ao qual entreguei também um permenorizado relatório, não hesitei em dizer-lhe quais foram as minhas impressões sôbre a sua inteligência e preciosa atividade, tanto mais admirável, porquanto não são leves as dificuldades que você sabe enfrentar e superar. »

Tive também a resposta, que transcrevo, certo de não cometer nenhuma indiscrição:

« Sei-o, Alfieri é um dos melhores. Sempre agiu bem. Agora dá provas de ser mais que um diplomata com quinze anos de carreira ».

Diante dessas contradições, perguntei a mim mesmo, então, e muitas vezes, depois, se Ciano era sincero para consigo mesmo ao enviar-

me telegramas afetuosos e lisonjeiros, ou quando fazia a meu respeito comentários não de todo favoráveis.

Cheguei à conculsão de que era sincero em ambos os casos obedecendo, de um lado, ao seu sentimento de amizade para comigo e à sua apreciação lisonjeira de ministro, e de outro, não sabendo renunciar ao seu característico temperamento instável de acôrdo com o momento, emotivo, à medida das circunstâncias que o levavam a criticar tudo e todos, mais por leviandade e pedantismo que por maldade de alma.

Por isso, não lhe guardei rancor.

Acontecia muitas vezes que, durante as minhas raras e breves visitas a Roma, após haver tratado a passo de galope os assuntos relativos ao meu trabalho, me entretinha longamente junto dêle, no quartinho de esquina entre a rua Umberto e a praça Colonna. Terminando de assinar, com os vários diretores gerais, ergue-se da mesa, acompanhava-me até ao vão de uma janela e me falava das coisas mais variadas. Pulava de um para outro assunto, com uma rapidez que me tornava difícil acompanhá-lo.

Através do seu falar ligeiramente toscano, vivo, imaginoso, denso, sucessivamente sério, paradoxal, ora arguto, ora brincalhão, às vezes um pouco cínico, passavam esboços de situações políticas, homens, mulheres, episódios, peripécias, falatórios, comentários, previsões. Era um temperamento vivacíssimo, caprichoso, cheio de fantasia, irônico e sentimental, tendo sempre uma resposta pronta e o mote fácil e espontâneo.

Nele se fundiam, e, não raro se chocavam, qualidades contrastantes, que se manifestavam não só à medida das circunstâncias e da sua característica instabilidade, mas sobretudo sob o impulso, embora mínimo, dos acontecimentos externos diante dos quais demonstrava uma sensibilidade e uma reação exageradas.

Tinha uma surpreendente capacidade de assimilação e uma extraordinária facilidade para apreender o significado das coisas. Quando alguem lhe expunha um problema ou lhe explicava uma situação, êle chegava à conclusão muito antes que o interlocutor tivesse acabado o seu discurso.

Inteligente e vivo por natureza, queria ser astucioso por cálculo e por raciocínio. " A mim, costumava dizer, ninguem engana. Estou sempre melhor informado que todos..."

Do ponto de vista humano e psicológico, essas conversas no vão da janela eram as mais interessantes. De vez em quando, o contínuo anunciava as audiências; mas, com exceção dos diplomatas, êle não se importava que a sala de espera ficasse cheia de gente.

Duas ou três vezes, em meio da conversa, me acompanhou ao grande salão contíguo, chamado das *vitórias*, que ocupava sòmente nas

audiências oficiais por respeito a Musssolini que aí residira muitos anos — até ficar pronto o Palácio Veneza, — sentava-se à grande mesa, abria o elegante e maciço cofre que ficava à sua esquerda, e daí tirava algumas agendas da Cruz Vermelha Italiana, encadernadas em couro de várias côres. Cada fôlha estava cheia da sua letra clara, marcada, fluente. Quando a página do dia não bastava, servia-se de outras fôlhas do mesmo tamauho, que colava à margem, no fundo, e depois dobrava. Abria ao acaso êste ou aquele caderno, percorria com os olhos algumas páginas e dizia:

— Eis o mais belo trabalho da minha vida. Aqui está, em síntese, a história da Itália no último período, parte da da Europa e um pouco da do mundo.

Colocava os volumes uns sôbre os outros, e apalpava-os como para pesá-los.

— Você que foi presidente da Sociedade dos Autores e Editores e que teve que tratar com êles, quanto acha que me poderiam dar pela cessão dos direitos autorais ?

Faziam-se hipóteses de milhões e milhões. A coisa o divertia e excitava, ao imaginar também um pouco os efeitos da publicação.

— Não, por enquanto não se fará nada. Êste diário será publicado após a minha morte. Os fatos são muito recentes, os comentários muito sinceros, as pessoas alvejadas muito abertamente. Trata-se de notas que preciso rever com calma. Também você está aqui dentro. Registrei algumas das coisas interessantes que você enviou de Berlim.

Uma pausa, e depois, explodindo numa gargalhada:

— Imagine a bomba que explodiria se eu publicasse o diário agora ! Meus filhos pensarão nisso. Deixo-lhes êsse encargo que constitui, com efeito, uma bela herança. Diga-me agora, quanto acha que me dariam hoje ?

Divertia-se a imaginar que com semelhante soma viveria como um fidalgo o resto da vida, viajando no mar de Liorne e pescando a maior quantidade de " occhiate ", a qualidade de peixe por êle preferida.

Tendo Mussolini assumido a pasta do Exterior, Bastianini voltou ao Ministério como subsecretário, cargo que já exercera alguns anos antes, com Ciano ministro.

Conhecedor do ambiente, e dono de uma larga experiência pela sua longa permanência nas várias sedes do exterior, dedicou-se imediatamente a um trabalho metódico e contínuo. A sua orientação resultara clara e precisa do período de um seu escrito a mim enviado em 10 de fevereiro de 1943, logo depois da sua nomeação, em resposta a uma carta minha: "*Quanto à sua atitude para com os colegas*

alemães, estou perfeitamente de acôrdo com você: cortesia, amabilidade, mas muita firmeza. Compreendo e avalio as dificuldades com que você trabalha".

Sabia, finalmente, com precisão, a que diretrizes ater-me. Percebi logo que os meus relatórios eram atentamente lidos, as minhas propostas examinadas, e que as atitudes por mim assumidas, com relação aos alemães, encontravam apoio e compreensão.

Passado algum tempo, eu podia escrever ao chefe do gabinete do Exterior:

« Fiquei vivamente satisfeito ao verificar, desde o primeiro encontro de Bastianini com von Ribbentrop em Roma, a atitude leal, clara mas firme do subsecretário. Eis porque repeti verbalmente e por escrito a minha admiração e o meu reconhecimento a Bastianini pela sua maneira de enfrentar e destrinçar os problemas, sustentando tão eficazmente o ponto de vista italiano ».

Após o afastamento de Ciano, Mussolini dera a impressão de sentir-se mais aliviado e mais livre; voltara a ocupar-se de política exterior — que na verdade jamais abandonara; seguia de perto as questões que Bastianini lhe submetia; estabelecera-se, em suma, entre o Palácio Veneza e o Palácio Chigi um proveitoso entendimento de cujas vantagens se ressentiam os chefes de missões no estrangeiro. Bastianini participou pela primeira vez de um encontro entre os chefes, por ocasião da entrevista — a duodécima — que teve lugar no dia 7 de abril de 1942 no castelo de Klesshein, perto de Salzburgo. O encontro, de longa data preparado, efetuava-se num momento particularmente importante para a situação política internacional e para o desenrolar das operações militares.

Os preparativos eram pomposos no grandioso castelo, completamente renovado. Os imensos salões resplandeciam de mármore; amplas tapeçarias e quadros preciosos cobriam as paredes; grandes tapetes estendidos por toda parte; ricos lampadários deixavam cair uma luz viva e ofuscante. À entrada do castelo, a guarda de honra perfilava-se ao característico rufar dos tambores, toda a vez que entrava ou saía uma personagem importante; diante das portas dos salões e ao longo da escadaria interior, achavam-se dispostos imponentes sub-oficiais das S.S. Atmosfera solene e marcial a que bem se adaptava o protocolo alemão. Os dois chefes estavam alojados em apartamentos dos lados opostos do castelo. Cada vez que Mussolini, que envergava o uniforme de chefe honorário da milícia, devia encontrar-se com Hitler, Ribbentrop acompanhado pelos seus ajudantes e secretários ia buscá-lo. Formava-se assim um longo cortejo que atravessava os salões por entre um bater de tacões e as continências das S.S. empertigadas.

Enquanto isso, Bastianini, que causara ótima impressão pela fidalga simplicidade de suas atitudes e pela firme clareza das suas exposições, trabalhava metódicamente no seu programa que era: regular as questões do momento, entre as quais, a principal era a do fornecimento de matérias primas e refôrço militar por parte dos alemães; conseguir com que em lugar do habitual comunicado obrigatório se precisassem os objetivos da guerra e da paz, reconhecendo-se expressamente " o direito dos povos ao livre progresso e a uma eficaz e sincera colaboração européia ".

O encontro teve repercussão mundial e criou uma atmosfera de expectativa e confiança. Mas foi uma breve euforia, pois começando os acontecimentos militares a correr mal para o Eixo, a Alemanha retomou a sua atitude de egoística indiferença com relação à Itália.

" *Não se pode,* escrevia eu a Bastianini, *recuperar ràpidamente, uma série de posições por tantos anos abandonadas* ".

CAPÍTULO XXI

AS "ARMAS SECRETAS" DE HITLER

O NOME foi imposto pelo próprio Hitler com o objetivo de propaganda para ferir a fantasia do povo e aumentar, com um halo de lenda e de imperscrutável mistério, o seu poder mágico e diabólico.

Tratava-se efetivamente de armas novas; a primeira vez que se falou claramente disso foi por ocasião de um discurso pronunciado por Hitler no outono de 1941 no Palácio do Esporte. Enumerando os elementos que concorriam para justificar a plena e absoluta certeza na vitória alemã — a vitória que segundo as suas declarações iniciais seria conseguida no máximo dentro de seis meses, e que parecia, pelo contrário, afastar-se cada vez mais — e falando dos novos armamentos, disse que o gênio inventivo dos cientistas alemães não estava evidentemente morto. Era uma referência clara e precisa às armas secretas nas quais êle firmemente acreditava. Essa confiança absoluta derivava da elevadíssima e justificada consideração em que tinha todos os que se aplicavam às pesquisas no campo da química e da física, e da convicção nele profundamente enraizada de que uma sua ordem devia cumprir-se, custasse o que custasse.

Para a realização dêsse programa essencial aos fins de uma rápida vitória, Hitler criara uma vastíssima organização que podia dispor de elementos selecionados e de somas fabulosas.

Dois eram os maiores institutos especializados no assunto: o *Kaiser-Wilhelm-Institut* de pesquisa científica com finalidades industriais bélicas, e o *Plank-Institut* destinado ao estudo da desintegração dos átomos. Em tôrno e no âmbito dêsses dois institutos trabalhava uma massa de cientistas, peritos e professores, sob o vínculo do mais absoluto segrêdo e sob a ameaça das mais graves sanções, como a condenação à morte. Acontecia assim que as famílias, os próprios pais e parentes mais próximos dos indivíduos que aí trabalhavam, ignoravam qual era o seu setor preciso de ação.

Isso contribuíra para criar entre o povo a convicção, reforçada pelo orgulho instintivo alemão, do poder das descobertas que a fantasia não chegava sequer a imaginar. Hitler alimentava essa convicção, movido pelo duplo objetivo de consolidar a frente interna e intimidar o inimigo.

Os resultados dos estudos e das experiências dos dois grandes Institutos eram explorados e aplicados nas grandes organizações industriais bélicas deslocadas para as zonas consideradas mais seguras

contra os ataques da aviação inimiga. A fábrica mais importante, de material bélico, uma autêntica cidadezinha industrial, era a chamada *Dora,* protegida por uma pequena cadeia de montanhas, uma parte construída e outra escavada no maciço do Jarz, entre as cidades de Halle e Kassel.

A imensa organização, chamada também *Tunel,* compreendia cinco grandes oficinas de acôrdo com os instrumentos fabricados e dispunha de uma incalculável quantidade de material diverso e de primeira qualidade, oportunamente transportado do Ruhr e da Silésia, já ameaçados pelos bombardeios aliados, ou provenientes das fábricas de Falleraleben de Haberstadt e das oficinas K. I. F. da região de Mannheim.

Nas oficinas *Dora* trabalhavam em ritmo duro e forçado vários milhares de prisioneiros, num trabalho estritamente material e em setores rigidamente separados, a fim de garantir o segrêdo.

Não vale a pena demorar-me a explicar o que com enormes dificuldades me fôra então dado conhecer acêrca da produção das instalações de *Dora* e outras importantes como a de Peenemünde, pois trata-se de informações que, se naquele tempo possuíam um real valor, hoje têm simplesmente um interêsse retrospectivo, completamente superado pelo atual conhecimento de todas, ou quase todas as descobertas da ciência bélica.

É, entretanto, importante esclarecer com precisão, que a chamada " arma secreta " constituía um dos elementos e fatores essenciais para se perceber a matemática, quase dogmática, certeza que Hitler depunha na vitória alemã.

Êsse setor tão delicado e importante pertencia à alçada do engenheiro Todt, um homem moço, inteligente, capaz e diligente. Gozava da total confiança de Hitler e criara uma grande popularidade entre a população civil e militar por ter sido o ideador e o realizador dessa poderosa e vastíssima organização que tomou o seu nome e que se revelou um dos mais eficazes coeficientes dos sucessos militares alemães.

Cada unidade combatente tinha à sua disposição uma forte divisão da *Todt-organisation,* que acompanhava imediatamente o avanço das tropas para fortificar os pontos estratégicos mais importantes das zonas conquistadas, tornar transitáveis as estradas existentes e abrir outras novas, reparar pontes, desobstruir as ruínas, cavar poços, restabelecer ligações, garantindo assim em tempo recorde as comunicações entre a primeira linha e a retaguarda.

Quando, no outono de 1942, Todt foi vítima de um banal acidente aviatório, Hitler sentiu uma profunda dor. Expediu imediatamente uma ordem para que daquele dia em diante todos os homens

investidos de altas e pesadas responsabilidades não se servissem mais do avião; o próprio Goering precisou submeter-se à vontade do seu chefe; os próprios embaixadores foram solicitados a servir-se dos trens e automóveis, de acôrdo com a limitada disponibilidade da gasolina.

Quem seria o sucessor de Todt? Surgiram muitas candidaturas; foram propostas muitas hipóteses; alguns ministros, entre os mais influentes, tentaram manobrar no sentido de absorver a complexa atividade do defunto colega. Hitler — como sempre fazia quando tinha que tomar uma decisão importante — isolou-se durante algum tempo. E escolheu para sucessor de Todt o arquiteto Speer, o qual, embora inteligente, culto e versátil em mátéria de arte, não tinha nenhuma competência para o novo e importante cargo que lhe era confiado. De fato, a sua nomeação causou espanto. Mas êle possuía aos olhos de Hitler uma grande qualidade, que era a de ser um velho e fiel camarada das horas difícies e das primeiras lutas. No seu temperamento um pouco romântico, Hitler permanecera muito sensível aos companheiros da velha guarda. Além disso, desconfiado por instinto, quís escolher um homem de sua absoluta confiança, que obedecesse cégamente às suas ordens e sôbre o qual não surtissem nenhum efeito as tentativas subdolosas e as manobras suspeitas dos generais com relação aos quais Hitler estava sempre de prevenção e disposto a pensar as piores coisas.

Aproximara-me pessoalmente de Speer quando, recem-chegado a Berlim, me dirigira ao grande edifício da Pariser-Platz, onde se achavam expostos os projetos da nova *Gross-Berlin*. Os estudos do grande plano retificador haviam sido feitos por Speer, sob a orientação geral de Hitler, que pretendia dar à Alemanha e ao mundo a prova de uma nova concepção urbanística, expressão do idealismo artístico e social do III° Reich. Nas cinqüenta e poucas amplas salas dos quatro andares do edifício, achavam-se expostos os projetos que representavam uma Berlim profundamente transformada. Bairros dos negócios, cidade dos estudos, zona dos teatros, dos hospitais, das indústrias, do comércio, dos ministérios, dos museus, parques de diversões, quartéis, jardins públicos, vilas operárias, e depois, em tôrno, outras tantas cidadezinhas, ligadas entre si por cômodas e rápidas comunicações. Da estação ferroviária principal, saía uma avenida triunfal, flanqueada de árvores e de grandes estátuas das mais ilustres personagens históricas e dos mais conhecidos chefes, dedicada a Mussolini.

A realização do colossal projeto, no qual haviam trabalhado grupos de engenheiros e arquitetos, fôra já iniciada. Sabia algo acêrca do assunto. De fato, como a velha e elegante sede da embaixada outrora habitada por um grande diplomata, o embaixador Cerruti, que a havia arrumado com simples e fidalga elegância, caía no plano retificador, o ministério do Exterior alemão pedira-me que desocupasse a casa,

transferindo-me para uma vila posta à minha disposição no Wannsee, enquanto esperava que ficasse pronto o novo edifício expressamente construído e oferecido pelo govêrno alemão ao italiano. Êsse foi também um dos motivos que me permitiram ver Speer, que considerava um homem de espírito largo e trato reservado e fidalgo.

Quando foi indicado para a questão dos armamentos, encontrámo-nos freqüentemente, mesmo porque a sua família morava no Wannsee. Mas nunca se afastou da sua reserva.

Sòmente uma vez se abriu um pouco. Foi por ocasião de um almôço que ofereci no local da nova embaixada, durante a cerimônia da entrega oficial do prédio, mastodôntica construção mau grado as reminiscências clássicas, em nada correspondente ao gôsto italiano.

Depois do almôço, enquanto os outros tomavam café, tive com êle uma conversa amistosa. Sendo o assunto do dia o das armas secretas, dêle me aproveitei procurando obter quaisquer informações exatas.

— Congratulo-me consigo — disse-lhe — pelos rápidos progressos que está fazendo em tão importante setor. A Alemanha sempre teve o primado nos estudos e nas pesquisas da física e da química.

Speer teve um sorriso de satisfação e mordeu a isca.

— De fato, admitiu, os progressos são notáveis e muito interessantes.

— O Duce, como comandante supremo das fôrças armadas, acompanha com muito interêsse êsses problemas científicos aos quais a Itália, com o nosso Fermi à testa, traz uma notável contribuição. Desejaria portanto poder transmitir ao Duce, dentro do mais absoluto segrêdo, algumas informações seguras.

— Estou convicto de que o Führer pôs pessoalmente o Duce a par das últimas descobertas.

Mas aqui Speer se enganava. A sua convicção correspondia só em parte mínima à realidade. Hitler, não obstante a sua amizade por Mussolini, era com êle muito reservado acêrca das decisões e dos segredos de guerra, porque estava persuadido, no que aliás se enganava profundamente, de que êle confiasse algo a Ciano, o qual, segundo Hitler, tinha a língua comprida demais.

Voltei ao ataque, procurando excitar a sua suscetibilidade.

— Os inimigos também intensificam seus esforços. Parece-me de fato que a marinha alemã foi danificada e imobilizada pelas suas invenções. Trata-se de uma competição de velocidade. Quando se encontra o remédio e a defesa contra o ataque de uma arma, eis que surge imediatamente outra nova...

— Mas os nossos estudos e as nossas possibilidades são mais avançadas que os do inimigo. A sua espionagem pô-los de posse de notícias e elementos verdadeiros, mas imprecisos; pode-se deduzí-lo pela intensidade com que bombardeiam e arrasam as nossas indústrias,

com o propósito de atingir assim os centros vitais cuja localização ignoram. Mas não o conseguirão. O Führer completou a velha fórmula: vence a guerra aquêle que resiste um quarto de hora mais do que o adversário, com esta emenda: vence a guerra aquele que encontra as novas armas de terra, mar e ar antes do inimigo.

— E quando as encontrarão?

— Algumas já foram descobertas; outras acham-se ainda em vias de fabricação; cada dia, cada hora que passa nos aproxima da meta...

— O senhor que é um homem culto e estudioso — digo, procurando uma evasiva para depois voltar ao assunto — acha que essas descobertas poderão ser um dia exploradas para o progresso da civilização e o bem-estar da humanidade?

— Mas já o estão sendo agora, para que a vida volte à normalidade, é necessário que a guerra termine. E isso só poderá acontecer vencendo o inimigo. E para vencer o inimigo é preciso estar de posse das mais poderosas e modernas armas. A começar do seu Leonardo da Vinci, todos os grandes cientistas se dedicam à descoberta e à construção de novas armas.

— Mas as de Leonardo eram armas de arremêsso e de fogo...

— Cada época e cada guerra tem as suas armas. O Führer acha que quando se está em guerra, e numa guerra como esta, o fim justifica os meios.

De armas secretas falava-se mais ou menos reservadamente nos círculos políticos e diplomáticos de Berlim, fazendo hipótese e tirando-se conclusões.

Por êsse tempo — fim de fevereiro de 1943 — seguindo uma pista que já anteriormente me havia dado ótimas informações, pude averiguar com precisão que Hitler, com o objetivo de não ser surpreendido pelos acontecimentos, ordenara um largo fornecimento de gás de várias espécies: lacrimogênio, asfixiante ou destruidor de quaisquer elementos

Preparei para Mussolini uma breve nota informativa, escrita por meu próprio punho, como sempre costumava fazer quando queria cercar as coisas da maior reserva possível, mesmo com relação à embaixada, e enviei-a pessoalmente a Bastianini.

Berlim, 192/2/1943 — XXI

Secreto

Nota para o subsecretário

Uma das frases do Führer é que nesta guerra não haverá vencidos nem vencedores, mas mortos e sobreviventes.

É o caso de se perguntar se tal frase deve ser relacionada com uma informação minha fidedigna estritamente confidencial.

Após a série de surprêsas e infelizes peripécias militares na frente russa, o Führer tentará uma nova ofensiva na primavera.

Se essa ofensiva não obtiver resultados eficazes, far-se-á uso — do lado alemão — de gases asfixiantes, com o objetivo de destruir os exércitos soviéticos. Êsses gases, encerrados em grandes garrafas, podem ser lançados dos aviões; possuem um forte poder destruidor até mesmo sôbre a terra, que se torna completamente estéril, pelo menos durante um ano.

Existiria assim entre a Rússia e a Alemanha uma nítida zona de separação, onde a vida dos homens e dos animais não seria de maneira alguma possível.

assinado: ALFIERI

Tendo nesse ínterim oportunidade de ir a Roma e ser recebido por Mussolini, entreguei-lhe pessoalmente a nota informativa, de acôrdo com o que me dissera Bastianini.

Êle percorreu lenta e atentamente o escrito, e, chegando ao fim, meditou um instante, para depois, fixando em mim os seus grandes olhos, dizer:

— Creio perfeitamente na seriedade desta informação, que aliás corresponde a notícias que recebi por outro lado. É para admirar que, dados os seus métodos, ainda não tenham feito uso dêles.

Capítulo XXII

SOLDADOS ITALIANOS NA RÚSSIA

Não me consta que Mussolini tenha tido ocasião de declarar que necessitava de alguns milhares de mortos para poder sentar-se à mesa da paz.

Consta-me, pelo contrário, que, decidida a intervenção da Itália ao lado da Alemanha, sôbre cuja vitória não havia nenhuma dúvida, êle desejava participar com grandes representações das fôrças armadas; convicto do rápido desenrolar da guerra, queria garantir para si a autoridade derivante dos sacrifícios e dos esforços realizados *para limitar as negociações de paz perigosas pretensões alemãs nos Balcãs.*

Quando de fato me chamou ao Palácio Veneza — em fins de abril de 1940 — para comunicar-me a minha transferência imediata da Santa Sé para a embaixada de Berlim — disse-me — e foi, no fundo, a única orientação que recebi — que devia empenhar-me no sentido de criar em Berlim a atmosfera internacional adequada à conferência da paz.

A primeira oferta de Mussolini a Hitler data de 2 de junho de 1940: "Agora exprimo-lhe o meu desejo de ver pelo menos uma representação do exército italiano combater junto com os seus soldados para confirmar no campo a fraternidade d'armas e a camaradagem das nossas revoluções".

Hitler aprecia o gesto de solidariedade; mas não quer, perante a opinião pública alemã e estrangeira, dar a impressão de que a poderosa Alemanha tem necessidade do auxílio italiano. E não aceita a oferta. Alguns dias mais tarde — 26 de junho de 1940 — Mussolini insiste: "Estou pronto a contribuir com fôrças terrestres e aéreas, e sabe quanto o desejo. Peço-lhe que me dê uma resposta, que me permita passar à fase executiva".

Diante dêsses prementes oferecimentos, Hitler manifesta-se instável e cheio de reservas, mas acaba por aceitar. No dia 30 de junho, escreve: "Aceito com gratidão a sua generosa oferta, Duce, de enviar um corpo expedicionário italiano e aviões de caça italianos para o teatro bélico oriental. O fato dos nossos exércitos aliados marcharem lado a lado contra o inimigo universal bolchevista parece-me um símbolo da luta de libertação conduzida por si, Duce, e por mim".

Mas por trás dessas declarações formais, Hitler mantem as suas reservas.

E a Mussolini, que lhe comunicou pôr à sua disposição um corpo expedicionário, escreve: "Se é essa a sua intenção — que eu natural-

mente acolho com o coração cheio de gratidão — disporá de muito tempo para realizá-la, uma vez que, num teatro de operações tão vasto, o avanço não se poderá dar por toda a parte ao mesmo tempo" (21 de junho de 1941).

Mas Mussolini, que receia chegar atrasado, finge não compreender a reserva de Hitler e replica-lhe imediatamente (25 de junho de 1941): "Numa guerra que assume êsse caráter — segundo a concepção doutrinária do fascismo — a Itália não pode permanecer ausente. Agradeço-lhe, portanto, Führer, por ter aceito a participação de fôrças terrestres e aéreas italianas no número e para o setor que os estados maiores estabelecerão..."

E a 13 de julho começaram a transitar da estação de Viena, rumo à Russia, os primeiros comboios de tropas italianas recebidas e saudadas pela colônia italiana e pelas autoridades alemãs, de acôrdo com um programa que eu conseguira com dificuldade fazer aceitar pelos chefes da Wehrmacht, os quais não podiam compreender essas espontâneas manifestações de solidariedade nacional.

Outros já narraram e descreverão ainda a tragédia vivida pelas heróicas e valorosas tropas italianas, na guerra contra a Rússia. As suas épicas peripécias constituem um capítulo bem doloroso. Não compete a mim descrevê-lo, uma vez que o vivi na minha atormentada paixão de italiano e de soldado, mas à margem, pelos reflexos que dêle chegavam à embaixada. O adido militar general Marras, com a prontidão e a firmeza que lhe eram características, procurava atenuar à medida do possível o mal-estar material e moral das nossas tropas, enquanto eu me empenhava em flanquear a sua obra. Mas por um complexo de razões que encontravam a sua explicação, não justificação, sobretudo no fato de que os dois estados-maiores, italiano e alemão, mantinham-se em contacto direto, acontecia freqüentemente que o adido militar era excluído e que algumas de suas iniciativas e intervenções — as únicas oportunas porque ditadas pelo conhecimento das diversas situações em contínuo movimento — nem sempre encontravam acolhimento junto ao alto comando alemão, que lhes opunha acordos ou entendimentos diretos com Roma ou junto aos comandos das unidades alemãs combatentes no inferno de Estalingrado, que não se preocupavam com a sorte das tropas italianas.

Foi certamente por mérito do general Marras que em certas situações desesperadas se conseguiu evitar o pior.

As próprias intervenções de Mussolini, sempre sensibilíssimo a tudo o que se referia aos nossos soldados, tinham fracos resultados, porquanto êle, conhecendo os aborrecimentos de Hitler, não queria dirigir-se diretamente ao Führer.

Quando se decidiu a retirada do exército italiano, a situação tornou-se tremenda, como se pode deduzir do seguinte telegrama envia-

do por Mussolini ao adido militar na noite de 7 de fevereiro de 1943: "O general Gariboldi comunica-me que o bloco sul também deverá seguir o itinerário por via ordinária". O telegrama termina com estas amargas e dramáticas palavras: "Semearemos o caminho de mortos que testemunharão o tratamento usado para conosco... Peço-lhe que dê um passo junto ao general Keitel no sentido de obter tudo o que nos foi repetidamente prometido. Diga-lhe que um mínimo de auxílio se impõe, se é que a camaradagem significa ainda alguma coisa. Mussolini".

Compete a mim precisar e registrar as tentativas criminosas alemãs de lançar sôbre os italianos a culpa e a responsabilidade da derrota na frente russa.

O primeiro sintoma de uma manobra nesse sentido manifestou-se em fins de dezembro de 1942, por ocasião de um encontro no quartel general de Hitler. Mussolini, impedido, por questões de saúde, não pôde comparecer, sendo substituído por Ciano, o qual ouviu dizer por Hitler, com maior discrição e prudência, e por Goering e Ribbentrop, com uma clareza que roçava a desfaçatez, que o retrocesso inexplicável e pouco heróico dos soldados italianos causara a flexão de toda a linha alemã na vasta frente de Estalingrado.

Ciano, ao contar-me isso, mostrava-se apático e indiferente, como se se encontrasse diante do irreparável. Tentei provocar nêle uma reação, a fim de que se opusesse a tão ignóbil especulação, antes que essa aumentasse e se difundisse; quis persuadí-lo de que aquela podia ser uma ótima ocasião para esclarecer de uma vez por todas a situação e firmar os pés, tirando-se assim Mussolini da enrascada e pondo-o diante de um fato consumado. Mas com aquêle estranho e incompreensível mutismo irreceptivo que nêle encontrava tôdas as vêzes que lhe propunha uma questão precisa, não deu importância aos meus apelos, dizendo que agora era tarde e não havia nada a fazer.

A embaixada reagiu por conta própria à baixa manobra que nesse ínterim se vinha delineando cada vez mais claramente, conforme eu confirmava e precisava no meu relatório de 14 de março de 1943 n.º 3706.

« Durante as minhas conversas com altas personalidades alemãs, manifestou-se a tendência, por parte germânica, de fazer crer que o comportamento de certas divisões da ARMIR não tenha sido na última ofensiva russa particularmente louvável. Lembro aliás, que por ocasião da última visita do ministro Ciano ao quartel-general do Führer, Goering e Keitel não deixaram de frisar de

maneira evidente tal comportamento. Por minha parte, não me abstive e não me abstenho de reagir por todos os modos possíveis, dando, nesse sentido, orientação precisa aos colegas da embaixada. Pedi, especìficamente, ao general Marras, que me prepare uma breve documentação que prove como o comando da ARMIR observou oportunamente a excessiva extensão da frente confiada às tropas italianas, o que tornava necessário o envio de reservas alemãs; e que se essas reservas não chegassem a tempo, a situação tornar-se-ia delicada e perigosa. »

Com um relatório sucessivo atraía a atenção do Duce:

« Sôbre a oportunidade para que o comando supremo organize desde já, baseado em documentos precisos e dados circunstanciados, uma breve exposição, a fim de confirmar que tudo quanto desgraçadamente aconteceu se acha em estreita dependência da ausência do envio oportuno das reservas alemãs formalmente prometidas. »

Noutro relatório insistia:

« Contra tal manobra, é preciso proteger-se a tempo. Não tanto para proteger e defender o valor e o heroísmo do soldado italiano, por todos admitido e reconhecido, como para evitar que se criem lendas antipáticas acêrca da ofensiva do fim de 1942 na frente russa. »

E mais adiante:

« Dei um passo oficial junto a von Ribbentrop, ao qual recordei as circunstâncias especiais que justificavam tais atitudes no setor italiano na frente — vastidão da frente, ausência das reservas alemãs — prometendo apresentar-lhe uma documentação sumária. »

E mais além:

« Pedi a von Ribbentrop, que providencie para que se efetue, através dos órgãos do partido, um trabalho eficaz no sentido de restabelecer a verdade dos fatos. »

Alguns dias mais tarde, chegou-me por via absolutamente reservada, uma cópia do *boletim de notícias para as tropas* distribuído pelo comando supremo das fôrças armadas (W FST-V PR II.º) o qual apresentava muitas situações retificadas. E a atitude da imprensa alemã "retomou nesses dias o tom particularmente caloroso com relação às nossas fôrças armadas".

Levando à conclusão um programa que trazia fixo na cabeça, consegui fazer que, quando o oitavo exército italiano começou a voltar à Itália, o general Gariboldi com o seu estado-maior passasse

por Berlim e assim se entretivesse algumas horas, em lugar de encaminhar-se diretamente para Viena.

Organizei uma grande recepção na embaixada, como o prova — na data de terça-feira, 30 de março, de 1943 — o diário da embaixada, no qual um secretário registrava os acontecimentos cotidianos:

« As 10,30 horas — Recepção cordial oferecida na embaixada pelo Exmo. embaixador ao general Gariboldi, comandante da ARMIR, chegado esta manhã. Compareceram, do lado alemão, além do comandante da praça, general von Hase e o burgomestre de Berlim, Dr. Steeg, pelo exército, o comandante do corpo de exército, von Leeb, os generais Olbricht e Thiele, os coroneis Lohr, Tousseint, Dummler, Blanke, von Warzdorf, Geiger, Meyer, Schuchar von Boguslawsky e outros oficiais superiores; pela Marinha, o almirante Hoffmann, o capitão de fragata Schöfeld, o capitão de corveta Besthorn, o tenente naval Ross; pela Aviação, os generais Kastner, Ritter, von Rudlow, Funke, Krüger, Hippks, Bülow e o coronel von Rodbertus; pela O. K. W., o general Drogand e os coronéis de estado-maior Brinkmann, Bentler, von Begueihin e Thoering. Achava-se presente o chefe de estado-maior das S. A., general Lutse com os Obergruppenfuhrer Jütter e Bennecke, os Gruppenführer Bock e Jasper e o Brigadeführer Girgensohn.

S. Exa. o embaixador dirigiu ao general Gariboldi uma breve saudação, recordando as lutas sustentadas pela ARMIR pelos nossos soldados, que escreveram páginas de heroísmo, a que a história fará justiça e os aliados saberão compreender. — O mais antigo entre os oficiais germânicos presentes, general von Leeb, declarou-se satisfeito por dirigir ao comandante da ARMIR a cordial saudação das fôrças armadas alemãs. »

Termina aqui a fria descrição do funcionário que registrava os acontecimentos.

Mas a verdade é que quando me vi diante do numeroso grupo da alta oficialidade alemã, pensando nos heróicos sofrimentos dos nossos soldados, não soube conter palavras duras e amargas que soaram como altiva censura a quem tentara humilhá-los em sua honra.

O general Gariboldi falou, por sua vez, áspera e vivamente.

Os inúmeros jornalistas italianos presentes, os funcionários da embaixada e os expoentes da colônia ficaram admirados e satisfeitos com o tom da minha requisitória, que exprimia os seus próprios sentimentos — mas ficaram receosos das conseqüências.

E agora, o que aconteceria?

Naturalmente, não aconteceu nada, tirante as já previstas — e por mim constatadas — reações da Wermacht e da Wilhemstrasse.

Mais uma vez a minha consciência estava tranqüila: quisera simplesmente restabelecer a verdade justamente no momento em que os nossos soldados regressavam à pátria.

GABINETE ADIDO MILITAR
BERLIM

TELEGRAMA CHEGADO N. 1637

S. Exa. Gariboldi a S. Exa. Alfieri R. Embaixada de Itália Berlim

Ao deixar a Alemanha ainda vibrante da comoção que a sua cortesia vírgula as suas precisas e patrióticas palavras vírgula o relêvo significativo por V. Exa. exigido em mim suscitaram ponto Agradeço-lhe reconhecido em nome dos meus soldados por havê-los assim tão dignamente lembrado reivindicando--lhes os heroísmos os sacrifícios e a fé ponto;

Assinado: Sua Exa. Gariboldi

Capítulo XXIII

ENQUANTO GOEBBELS PROCLAMAVA: "ESTA É A HORA DO FANATISMO", MUSSOLINI QUERIA A PAZ SEPARADA COM A RÚSSIA

O início da derrota da Alemanha tem um nome: Estalingrado, e uma data: 8 de novembro de 1942, desembarque dos anglo-americanos na África do Norte.

Falamos aqui de Estalingrado, porque de acôrdo com uma diretriz, que, várias vezes, tive oportunidade de lembrar e à qual me ative rigorosamente, aparecem expostos neste livro apenas fatos e circunstâncias que se acham dentro do meu conhecimento direto e pessoal.

A conclusão negativa da campanha da Rússia e o primeiro sinal de alarma preciso foram comunicados a Roma num longo relatório de 17 de dezembro de 1941, n.º 15746, que terminava da seguinte maneira: "Falhou completamente, não obstante o grande sucesso militar, a consecução dos objetivos prefixados": aniquilamento do exército soviético, tomada de Leningrado e Moscou, ocupação da zona de mineração ucraniana."

Hitler teria o que meditar a respeito dos resultados negativos dessa campanha que anunciava rápida e vitoriosa; e talvez tenha refletido; mas sentindo-se grave e pessoalmente comprometido perante o seu povo, deixou-se arrastar pela vontade de vingar os desenganos sofridos. E, assim sendo, as tropas alemãs depararam-se com uma nova meta: Estalingrado.

Durante mais um longo ano — 1942 — desenvolve-se uma série de ataques e contra-ataques, de avanços e retiradas, de ofensivas e contra-ofensivas, uma sucessão de violentíssimas batalhas sôbre as quais já tive ocasião de entreter-me.

A capacidade combativa e a resistência moral das tropas alemãs eram submetidas a bem dura prova. Na pormenorizada exposição de 22 de junho de 1942, escrevia — e apresentava as razões — que "a *Stimmung* jamais assinalara no gráfico um ponto tão baixo".

Êsse período de depressão intensificou-se no mês de setembro, quando, por ocasião da revogação do general Halder, chefe do estado-maior do exército e da exoneração de três marechais comandantes de exércitos, List, Boock, Fleist, começaram a circular, sorrateira, mas insistentemente, boatos incontroláveis de conspirações, atentados, revoltas, dissídios, revoluções palacianas, gestos desesperados, propostas de paz.

Dois episódios contribuiram para reforçar em mim a convicção de que a situação militar alemã era nesse período particularmente delicada; rompendo, por um instante a cortina impenetrável do otimismo oficial, permitiram-me perceber qual era, efetivamente, o estado de espírito dos maiores chefes alemães.

Durante um almôço íntimo em Karinhal, oferecido por Goering na sua suntosa residência, êste largou-se a falar com insólita sinceridade, admitindo as graves e árduas dificuldades encontradas na guerra contra a Rússia. Mas ainda mais que as confidências, impressionou-me esta frase característica que êle disse baixinho curvando-se para a senhora que estava à sua direita, e que eu apanhei no ar: *"Sem Hitler, Napoleão"*, querendo com essas três palavras sintéticas e expressivamente exprimir que, sem a intervenção do genio militar de Hitler, a campanha da Rússia resolver-se-ia na mesma derrota que coubera a Napoleão.

Passados alguns dias, tive ocasião de acompanhar minha senhora numa visita à senhora Goebbels.

Já disse noutro capítulo, que o seu encanto e as suas qualidades de intelgência e vivacidade lhe permitiam desempenhar perfeitamente o seu papel de esposa do ministro da propaganda. Mas dessa vez, e por um único instante, traíu-se. Como se tratava de uma visita de caráter particular, ela esperava-nos num de seus pequenos e elegantes salões, onde, ao entrarmos, a surpreendemos absôrta e pensativa diante de uma imensa lareira acesa.

Tendo chegado naquele dia notícias preocupantes da frente russa, eu disse, intencionalmente, tratar-se de dificuldades passageiras.

— Como — replicou ela imediatamente, com evidente e impressionante gesto de incredulidade e espanto — o senhor acha, realmente, que a situação não é grave?

Mais significativa do que essas palavras, foi a expressão de infinita tristeza estampada em seu lindo rosto, que deixou entrever por um momento a angústia interior. Mas logo se refez, voltando a ser, agradàvelmente, a esposa do ministro da propaganda.

Durante êsses dias, Ciano, naturalmente sob exigência de Mussolini, que acompanhava atentamente, com justificada ansiedade, as fases e o desenrolar da situação na frente russa, insistia em querer saber quando é que a batalha de Estalingrado terminaria, com a queda da cidade nas mãos dos alemães.

As habituais fontes de informações não forneciam nada de preciso; os informadores especiais repetiam tudo o que já se sabia. Encontrei uma possibilidade de aproximar-me de Keitel, por ocasião de

uma sua rápida passagem por Berlim. Mas nem mesmo êle me soube dizer nada exato.

— Estalingrado cairá forçosamente em nossas mãos; quando? é difícil dizer com precisão; talvez amanhã, talvez daqui a uma semana.

Fez uma referência à tomada de Sebastopol e declarou que considerava encerradas as operações militares de Estalingrado.

Nesse ínterim, difundira-se nos círculos políticos e diplomáticos a notícia de que Estalingrado fôra tomada e que às 14 horas dêsse mesmo dia (domingo 16 de setembro) haveria uma *sondermeldung*, irradiação especial, precedida e sucedida pelo rufar de tambores, e músicas heróicas.

A notícia encontrava crédito na própria embaixada. O secretário que se ocupava principalmente da situação político-militar, perguntou-me se podia preparar um telegrama análogo para o Ministério do Exterior, com o duplo objetivo de atender aos insistentes pedidos de Roma e de não se arriscar a chegar tarde demais. Essa é, como se sabe, a constante preocupação das representações no exterior. Respondi que era melhor esperar. E para averiguar se a notícia espalhada correspondia à verdade, recorri a um pequeno estratagema. Mandei perguntar oficialmente ao general do exército Fromm, comandante de todas as fôrças territoriais da Alemanha, quando poderia visitá-lo para apresentar-lhe, como à pessoa de mais alta posição, presente em Berlim, as minhas felicitações. Pela sua reação, poderia obter uma informação segura. A resposta não se fez esperar. O general Fromm agradecia vivamente, satisfeito em receber-me às 13 horas. Dirigi-me à sua casa, acompanhado pelos adidos militares, e a visita correu de acôrdo com o característico e rigoroso protocolo militar alemão. Apresentei-lhe as minhas felicitações, justificando-as com a notícia da iminente irradiação especial.

Êle respondeu com as corteses palavras que o momento exigia, depois mandou buscar champanha e todos brindámos aos novos sucessos das armas alemãs e italianas.

Regressando à embaixada, o secretário, informado do resultado da visita, submeteu à minha apreciação o texto do telegrama a enviar, com absoluta precedência, ao Ministro do Exterior. Escarmentado pela experiência, disse-lhe que esperasse. E fiz bem, pois às 14 horas não houve nenhuma *sondermeldung;* é fácil imaginar a surprêsa, a desilusão e os comentários que se seguiram.

Alguem na embaixada disse que Estalingrado caíra realmente, mas que devia haver uma razão — talvez de política internacional — pela qual Hitler se dicidira a adiar a notícia oficial. Nessa hipótese, um esclarecimento acêrca da realidade das coisas só poderia partir dêle, Hitler. Resolvi pois escrever-lhe uma carta, que podia adaptar-se a todos os casos. Êle respondeu-me imediatamente.

...Mas a despeito de todas as suas formais e solenes afirmações Estalingrado não caíu em mãos dos alemães.

Pelo contrário, deu-se o pior.

Quando Hitler foi obrigado, físicamente obrigado, a perceber que a sua inflexível vontade e os assaltos sempre renovados das suas valorosas tropas chocavam-se contra a invencível resistência da guarnição que defendia Estalingrado; quando a realidade, a dura realidade o convenceu de que a batalha estava definitivamente perdida, êle em lugar de seguir o conselho dos seus generais e retirar as tropas exaustas, resolveu transformar a derrota num episódio de épico heroísmo. Deu ordem para que as tropas se sacrificassem até o último homem e para que nenhum dêles se deixasse cair prisioneiro.

Com o objetivo de tornar o fato mais sensacional e lengendário, comunicou pelo rádio ao general von Paulus, chefe de todas as unidades combatentes naquela região, que o nomeara marechal do Reich, convicto de que o general, acompanhado pelo seu estado-maior cairia, armas em punho, à testa de suas tropas.

Estive no quartel-general de Hitler nesse mesmo dia — domingo, 31 de janeiro de 1943 — em que êle tomara a decisão. Estava inquieto, emotivo, nervoso, prêsa de angústia e aflição. Caminhava agitadamente, medindo a grandes e rápidos passos a grande sala em que nos encontrávamos. Pronunciava palavras enfáticas, que um estranho tom de voz pretendia tornar inspiradas, atribuindo a si, sòmente a si, a responsabilidade de tão grave decisão, e afirmando que o sacrifício heróico transformar-se-ia numa lenda que aumentaria o patrimônio espiritual do nazismo e seria motivo de ousadia e orgulho para as novas gerações. Comparou os combatentes de Estalingrado aos das Termópilas, afirmando que aí também a glória pertencera aos vencidos.

Mas no dia seguinte, a radio russo anunciou que von Paulus e o seu estado-maior, à testa de unidades inteiras, haviam sido feitos prisioneiros. O que então aconteceu no quartel-general jamais se soube com precisão; soube-se apenas que Hitler fôra invadido por um dos seus característicos e violentos acessos de furor, que fez que os seus colaboradores e testemunhas dissessem que êle "comia os tapetes", querendo com isso dizer que Hitler rolava pelo chão, desabafando assim a sua cólera.

Após a derrota de Estalingrado, a propaganda alemã muda de tom.

Trata-se agora da guerra total, na sua mais rígida e ampla aplicação, nas suas extremas conseqüências. O motivo central dessa propaganda, magistralmente orquestrada por Goebbels e da qual Hitler, Goering e Ribbentrop se tornam, por meio de seus discursos, os mais

poderosos instrumentos, está contido na seguinte afirmação dogmática: "*Esta é a hora do fanatismo e não do raciocínio*".

Himmler disso se aproveita para dar mais uma volta à manivela da pressão da *Gestapo;* e ninguem mais escapa do seu contrôle.

Agora é jogar tudo por tudo, diz Goebbels. Todos os atos, pensamentos e vontades devem concentrar-se ùnicamente no combate e na resistência.

Por tôda a parte, nos vagões dos trens, nas paredes das ruas, nas vitrinas das lojas, nos teatros, acham-se reproduzidas em grandes caracteres as palavras: *Todas as rodas devem girar ùnicamente para a vitória.*

O povo alemão, cansado, desiludido, exausto, sangrado, sobrecarregado de lutas e dores, acaba por aperceber-se dessa inelutável necessidade.

Concentra-se num supremo e heróico esfôrço de resistência. Mas a guerra está perdida.

Procuro fazer chegar diretamente a Mussolini, por via absolutamente reservada, essa minha convicção, apoiada em dados e fatos já explicados em relatórios anteriores, sustentando o argumento de que a derrota da Alemanha repercutirá fatalmente sôbre a Itália.

Mussolini, que no íntimo de seu espírito sempre foi contrário a uma guerra contra a Rússia, decide-se a escrever uma carta a Hitler — 8 de março de 1943 — na qual apresenta uma reserva precisa e uma explícita interrogação: "A menos que tenha a certeza absoluta de destruir de uma vez para sempre as fôrças soviéticas, a mim mesmo pergunto se não será arriscar demais o repetir a luta contra o espaço ilimitado e pràticamente inatingível da Rússia, enquanto a oeste aumenta o perigo anglo-saxão. No dia em que, de uma ou de outra maneira, se eliminar ou neutralizar a Rússia, a vitória estará nas nossas mãos".

O significado dessa carta é claro.

Convicto de que era preciso estimular imediatamente o gesto corajoso de Mussolini a fim de fortalecê-lo no propósito de tentar persuadir Hitler a renunciar à idéia espicaçante de uma nova ofensiva totalitária a leste, enviei-lhe uma longa e pormenorizada carta — 20 de março de 1943 — da qual reproduzo aqui algumas passagens.

"Não poucos dirigentes germânicos esperam que, por ocasião do encontro iminente, o Duce, falando a sós ao Führer, com absoluta clareza e precisão, o arranque àquela atmosfera que lhe fez perder a justa visão das coisas e o liberte da esfinge soviética, que domina totalmente o seu pensamento.

"A Itália tem o direito de saber de Hitler em que elementos baseia êle as suas opiniões e planos e de que meios dispõe exatamente antes de jogar a cartada da nova ofensiva; a Itália tem o direito de fazer-lhe compreender claramente — sem sutilezas, que neste momento não seriam perceptíveis ao seu espírito — a irreparável gravidade de um insucesso, sem falar no perigo de que as fôrças do Eixo viessem a encontrar-se, ao mesmo tempo atacadas, noutra frente. Acompanhar fielmente, não quer dizer seguir passivamente. A nossa confiança é sólida, mas não cega."

E mais adiante:

"Pude observar nos círculos dos colaboradores diretos do Führer e de von Ribbentrop as reações provocadas pela sua carta de 8 de março. Dessa carta, que impressionou fortemente o Führer e que foi recebida nesses círculos responsáveis alemães com profunda satisfação, é sobretudo o parágrafo relativo à guerra na frente russa, que suscitou o mais vivo interêsse. Com a frase: "Pergunto a mim mesmo se não será arriscar demais...", V. Exa. identifica com seguro julgamento o ponto mais delicado de toda a situação político-militar, e alimenta a esperança de que a sua palavra, ouvida pelo Führer, possa influir de maneira radical sôbre as suas decisões.

"O espírito do Führer acha-se de fato dominado e invadido — noutra ocasião escrevi "obcecado" — pela vontade *fanática* — para empregar uma palavra que se tornou aqui de uso corrente, — de vencer a Rússia, ou, pelo menos, desferir-lhe um golpe mortal.

"Encerrado no seu quartel-general numa floresta da Prússia, cercado por um restrito grupo de colaboradores — sempre os mesmos — com os quais desabafava em longos solilóquios, Hitler, transformado agora no solitário asceta, alheio às exigências naturais da vida, não quer mais admitir perante si mesmo, o seu povo e o mundo, que deve renunciar a êsse objetivo no qual tão solene e insistentemente se empenhou".

Mussolini sente-se lisonjeado e persiste na linha de conduta que a si mesmo fixou. A uma carta de Hitler, que julga "poder agora considerar em consciência a frente oriental como finalmente consolidada e que a já encaminhada iniciativa da ação devolverá integralmente às nossas mãos", Mussolini replica — 26 de março de 1943 — para "voltar ao assunto que eu considero, neste momento, decisivo: a Russia".

"Durante êstes dois anos de guerra, o senhor conseguiu, através de sacrifícios e heroísmos nunca vistos, enfraquecer de tal modo a Rússia, que ela não poderá constituir, pelo menos por muito tempo, uma ameaça consistente. Por isso lhe digo que o capítulo Rússia pode dar-se por encerrado. Com uma paz, se possível, e acho-o viável, ou com uma sistematização defensiva — uma imponente trincheira ori-

ental — que os russos jamais consigam atravessar. O ponto de vista de que parto para chegar a essa conclusão é o de que a Rússia não pode ser aniquilada por se encontrar protegida por um espaço tão grande que jamais poderá ser conquistado e ocupado".

Após certas argumentações de caráter variado, Mussolini insiste novamente, repetindo as mesmas palavras já escritas na carta anterior: "É preciso portanto, de uma ou de outra maneira, liquidar a questão russa. No dia em que isso se verificar, poderemos então hastear a bandeira, porque teremos, definitivamente, a vitória nas mãos".

Depois dessa boa preparação, tudo levava a esperar que o iminente encontro entre os dois chefes, fixado após sucessivos adiamentos, para 9-10 de abril de 1943, trouxesse um esclarecimento conclusivo.

Aliás, segundo dissera a mim e a outros, Mussolini pretendia de fato obter isso. O encontro deu-se em Salzburgo. Mas infelizmente, como sempre acontecia, principalmente nos últimos tempos, ao encontrar-se diante de Hitler, uma sensação de embaraço e mal-estar se apoderava de Mussolini, tirando-lhe a coragem de tomar iniciativas e formular propostas.

E assim, também êsse encontro, sôbre o qual se haviam depositado tantas esperanças, teve o mesmo andamento que os outros e não trouxe, na realidade, nada de concreto.

Estou convencido de que duas foram, sobretudo, as causas que levaram Mussolini a desistir dos seus resolutos propósitos: a batalha da Tunísia, em pleno e dramático desenvolvimento, e que muito o angustiava, sobretudo pela extrema dificuldade do reabastecimento pelo mar, que engulia os comboios torpedeados; e a intensificação dos espasmos estomacais que o obrigaram a interromper as conversações por um dia inteiro.

Achava-se presente quando o fiel Ridolfi lhe trouxe meio copo de água contendo algumas gôtas para acalmar-lhe as dores. Enquanto tomava, aos golpes, o remédio, Mussolini disse, voltando-se para mim:

— O Führer queria que eu me deixasse examinar pelo seu médico de confiança. Recusei-me. Eu próprio já fiz o diagnóstico da minha doença: ela chama-se: "comboios".

De fato, dentro de pouco tempo, por falta de refornecimentos, que a extrema escassez de comboios marítimos tornava pràticamente nulos, perdíamos a Tunísia.

Capítulo XXIV

A ITÁLIA, BASTIÃO DA ALEMANHA

As semanas que se seguiram tràgicamente pesadas e cinzentas, cheias de inquietação e de incerteza pelo precipitar da situação italiana, foram caracterizadas por duas notas culminantes: a reserva absoluta e impenetrável das autoridades alemãs acêrca do programa de ação política e militar no futuro imediato; e a decidida vontade mascarada por falsas promessas, reservas e adiamentos, de não dar ouvidos às prementes perguntas italianas.

Qual a vontade e quais as decisões de Hitler com relação à nova ofensiva na frente oriental de que se falava?

Quaisquer tentativas minhas e dos meus colaboradores no sentido de obter alguma informação eram absolutamente em vão. Ribbentrop, ao qual eu fizera perguntas precisas, respondia que Hitler não tinha ainda determinado nada.

"Perguntei — escrevia ao Ministério do Exterior, em fins de maio de 1943 — que elementos possuía o comando alemão acêrca da capacidade de resistência russa, da eficiência dos exércitos soviéticos. Perguntei o que aconteceria se, depois dos primeiros sucessos militares alemães, os exércitos russos pudessem retirar-se lentamente, evitando assim o cêrco com o qual aqui tanto se conta, e repetindo a trágica situação já duas vêzes verificada. Perguntei se se percebia na Alemanha, que, depois dêsse formidável esfôrço que o povo está fazendo, não haverá no proximo ano. mais reservas alemãs para enfrentar uma provável contra-ofensiva hibernal soviética.

"Recebi respostas evasivas, declarações baseadas em informações e indícios que confirmam que, no terceiro ano de guerra, a Russia está em tais condições de inferioridade e fraqueza, que não pode resistir aos golpes alemães.

"Julguei-me no dever de observar que essas declarações e afirmações já me haviam sido dadas duas vêzes, e que, infelizmente, de ambas as vêzes, foram desmentidas pelos fatos; e que portanto, entre a confiança alemã e o registro cronológico dos acontecimentos, são êstes últimos que deverão orientar a linha de conduta".

Mussolini está inquieto e preocupado com a grande ameaça que pesa sôbre a Tunísia.

"Se não se resolve — escreve êle — o problema no Mediterrâneo, enviando imediatamente fôrças aéreas capazes de contrabalançar a esmagadora superioridade aérea inimiga, não é mais possível fazer chegar à Tunísia nenhum navio, quer de guerra, quer de transporte, as-

sim como nenhum avião. E isso significa perder a Tunísia, sem nada poder salvar."

Os seus prementes apelos, que o general Marras e eu transmitimos e pelos quais nos batemos junto ao alto comando alemão e junto à Auswertiges Amt, ficam sem solução.

No dia 10 de junho, em Fuschl, perto de Salzburgo, tenho com Ribbentrop uma conversa de cinco horas. Falo-lhe com a crua clareza que o dramático da situação permite, ou, melhor, impõe. E, dessa vez, Ribbentrop parece menos fechado que de costume.

O ministro Paulo Schmidt que, como sempre, assistiu à entrevista, para tomar notas, ao acompanhar-me à estação, exprimiu-me a sua profunda satisfação pela maneira corajosa e realista com que apresentei a situação ao ministro. Expliquei, entre outras coisas, novamente a Ribbentrop — com resultado absolutamente negativo — o assunto já com êle tratado há um ano atrás e que fôra, algumas semanas antes, objeto de um meu relatório enviado a Roma, insistindo sôbre a necessidade de "desenvolver uma atividade política que permita aplanar, no momento oportuno, o terreno sôbre o qual se possa esboçar uma solução do conflito."

Ribbentrop prometera-me que interviria junto ao Führer no sentido de obter o envio imediato de aviões de bombardeio e de transporte à Itália. Ao regressar a Berlim, no dia seguinte, enquanto tinha a meu lado todos os chefes da missão para uma das reuniões periódicas que costumava organizar com o objetivo de manter os contactos, o subsecretário do Ministério do Exterior, von Stengracht, chegando à hora do jantar, comunicou-me, da parte de Ribbentrop, que Hitler determinara que o marechal von Richtofen se transferisse para a Itália com uma grande unidade aérea.

Agradeci, mas continuei pessimista.

De fato, o marechal von Richtofen dirigiu-se imediatamente à Itália, mas os aviões não chegaram nunca, porque os alemães alegaram o pretexto de que os nossos aeroportos não eram suficientes e convenientemente aparelhados para recebê-los e defendê-los dos ataques inimigos!

A situação, no entanto, agrava-se cada vez mais.

E, a 10 de julho, os aliados desembarcavam na Sicília.

« REAL EMBAIXADA DE ITÁLIA »

Secreto N.º 10780

Berlim, 14 de julho de 1943 — XXI

Ministério do Exterior,

« Desembaraçada de seus contornos episódicos e polêmicos, a situação Itália-Alemanha após o desembarque adversário na Sicília, pode-se esquemàticamente resumir, na base de uma nua realidade, da seguinte maneira:

1) A Alemanha acha-se totalmente empenhada na sua partida com a Rússia soviética, contra a qual alimenta ainda propósitos de ofensiva em grande estilo, que as conhecidas exigências do momento a obrigaram a adiar para o próximo ano.

2) Enquanto isso, ela propõe-se a economizar o mais possível as suas atuais fôrças, a preparar outras novas e a evitar quanto puder todo e qualquer ataque ao território do Reich. *Para isso, considera os territórios dos países aliados e ocupados, a ela periféricos, como bastiões da fortaleza alemã.*

3) *A Itália vem a constituir exatamente um dêsses bastiões.* A potência anglo-americana, desencadeada contra ela, encontra assim um campo para empregar as suas fôrças que de outra maneira poderiam ameaçar regiões mais diretamente ligadas ao território alemão.

4) Como a Alemanha não pode empenhar-se a fundo contra os anglo-americanos na Itália, porque deseja reservar o seu esfôrço principal contra a Rússia e porque ainda não dispõe de fôrças necessárias, *dir-se-ia que pretende alimentar a heróica resistência italiana com limitadas concessões de meios, que, quer pela exígua quantidade em que são postos à disposição, quer pelo atraso do envio, não permitirão uma contra-ofensiva que consiga, quando não inverter, pelo menos enfrentar eficientemente a situação.*

Torna-se assim, portanto, a apresentar, com dramática atualidade, a pergunta que já formulei em alguns dos meus anteriores relatórios: até que ponto a Itália, esgotada em suas fôrças e atacada por todos os lados, poderá acompanhar a sua aliada Alemanha no seu caminho de resistência que, como acima mencionei, se delineia tão prolongado no tempo?

A Itália, mais uma vez demonstra — e aqui todos explìcitamente o reconhecem — uma fôrça de sacrifício e uma capacidade de resistência verdadeiramente admiráveis. Mas na guerra, e numa guerra como a atual, o mais heróico sacrifício tem limites humanos; e aliás, ultrapassando um certo limite, tal sacrifício já não é mais produtivo.

ALFIERI ».

TELEGRAMA N.º 0168

Ministério do Exterior, Roma

Berlim, 14 de julho de 1943.

« Sendo von Ribbentrop — que continua em Fuschl — obrigado a permanecer durante alguns dias de cama, por causa de uma bronquite, fiz-lhe saber através do subsecretário von Stengracht, constar-me que o Duce dirigira um longo e urgente telegrama ao Führer pedindo reforços adequados e imediatos, principalmente de aviões — a fim de enfrentar a situação criada na Sicília em virtude da ingente massa da aviação adversária.

Recordando tudo quanto várias vêzes tive ocasião de fazer notar anteriormente a von Ribbentrop, acêrca da improrrogável necessidade de auxílio dos alemães, a fim de poder bombardear eficazmente a enorme concentração de fôrças adversárias nas costas e nos portos africanos, prelúdio indispensável ao moderno desembarque — não deixei de frisar que a ocupação total da Sicília

constituiria, além do mais, um grave perigo para a própria Alemanha, porquanto abriria novas possibilidades para o adversário.

Pedi portanto a von Ribbentrop que se interesse eficazmente, sempre no setor político, junto ao Führer e no círculo dos seus colaboradores diretos, a fim de que a Alemanha, percebendo finalmente que um dos principais, quando não o principal teatro da guerra, continua sendo o Mediterrâneo, se decida, por meio de providências de caráter extraordinário, a fazer tudo o que fôr necessário para enfrentar a situação.

Proponho-me a dar um passo análogo — sempre por via política — junto ao marechal Milch, que se encontra em Berlim e que foi encarregado, no setor técnico, de estabelecer as modalidades e os períodos do auxílio pedido.

ALFIERI ».

Secreto Berlim, 17 de julho de 1943 — XXI

MINISTRO DO EXTERIOR — ROMA

Em seguida à minha carta de 14 de julho nº 10792, em que apresentava na sua nua realidade a situação Itália-Alemanha, resumo agora mais algumas observações:

1) Tenho a impressão exata de que não obstante tôdas as afirmações, os reforços aéreos alemães não chegam com a necessária rapidez.

Os motivos dêsse fato já foram várias vêzes expostos nos meus relatórios anteriores.

2) Proponho portanto que o nosso comando supremo peça formalmente ao comando alemão que indique com precisão e especificadamente:

a) quantos aviões serão enviados à Itália;

b) para quais aeródromos;

c) dentro de que datas.

3) Se o comando alemão der respostas evasivas, eu poderei — a um simples aceno — dar um passo junto ao ministro von Ribbentrop, e portanto junto ao Führer, destinado a obrigar — através das vias políticas — os militares alemães a responder e a comprometer-se.

4) Baseado nas respostas obtidas e nos compromissos (fatos e não palavras) assumidos pelos alemães, o comando italiano ficará em condições de estabelecer as modalidades e o tempo da resistência. De acôrdo com as minhas declarações aos camaradas alemães — querer resistir e manifestar essa vontade é uma heróica e belíssima coisa que deve, aliás, ser sustentada pelas possibilidades materiais — ainda ontem dizia ao marechal Milch que contra os aviões inimigos pedras e paus não adiantam nada...

5) Diz-se, por ora, muito reservadamente, nos círculos políticos daqui, que se fôsse preciso abandonar a Sicília, era necessário organizar no continente uma linha de resistência definitivamente eficiente.

A tempo. Aqui é preciso entender-se bem e claramente. Ainda não pude perceber a que linha se faz referência; mas relacionando alguns boatos e discursos, creio tratar-se dos Apeninos. Abstenho-me de entrar no assunto. Mas isso demonstra a urgência, já por mim tantas vêzes denunciada, de se entrar isso demonstra a urgência, já por mim tantas vezes denunciada, de se entrar num acôrdo sôbre um plano preventivo de ação, a fim de evitar uma surprêsa desagradável e — sobretudo — de correr o risco de que os camaradas alemães, na ausência de uma nossa iniciativa nesse sentido, organizem por sua conta um plano.

Julguei meu dever pô-lo — mais uma vez — a par destas minhas bem fundadas preocupações. Fico, como sempre, à inteira disposição. *Se houver passos antipáticos a dar, palavras duras a dizer, papéis delicados e difíceis a desempenhar, sirva-se de mim da maneira mais completa.*

O Ministério poderá sempre — depois — censurar-me, desmentir-me e demitir-me.

ALFIERI

Capítulo XXV

O DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO: FELTRE

Foi inesperadamente exigido por Hitler. — Domingo, 18 de julho de 1943, convidara para almoçar no Wannsee, junto com pouquíssimos colegas do corpo diplomático, também o subsecretário do Exterior, von Stengracht, a fim de poder falar com êle livremente, fora dos periódicos colóquios oficiais.

Durante o café, foi chamado ao telefone. Voltou com o rosto sombrio do longo telefonema.

— O seu ministro — disse-lhe eu — não o deixa um minuto em sossêgo!

— De fato... Todo o funcionário do Ministério, alto ou baixo, deve estar continuamente mobilizado e ser sempre encontrável a todos os minutos do dia ou da noite para responder aos seus chamados e às suas inesperadas perguntas.

Propus-lhe fazer um passeio no jardim, mas êle desculpou-se dizendo que esperava outra comunicação telefônica. De fato, passados alguns minutos, o telefone tocou de novo para êle. Ao voltar, puxou-me para um canto.

— Peço-lhe que me desculpe, mas preciso ir embora.

Olhei-o interrogativamente.

— Creio que devo ir nesta mesma tarde ao *quartel de campanha* de von Ribbentrop.

O ministro alemão queria que se chamasse assim a sua residência que distava cêrca de 500 quilômetros de Berlim e se achava nos arredores do quartel-general do Führer.

A coisa em si não tinha nada de extraordinário, mas percebi, perfeitamente, que havia no ar algo de insólito que a rígida reserva alemã não permitia por enquanto revelar. Procurei logo, através dos meus informadores, saber o que se estava tramando.

Nesse ínterim — mais ou menos uma hora mais tarde — fui chamado ao telefone pelo subsecretário Bastianini. Apressadamente e por meio de palavras veladas, fez-me compreender que na manhã seguinte dar-se-ia um encontro entre os dois chefes, e recomendou-me que me pusesse em contacto com von Stengracht para ter um avião à minha disposição a fim de dirigir-me ao local do encontro. Como eu tivesse há tempo insistido junto a Roma sôbre a necessidade de um encontro esclarecedor e conclusivo entre os dois chefes, recebendo sempre respostas vagas e dilatórias, manifestei a minha surprêsa pela imprevista decisão. Mas êle próprio recebêra pouco antes a notícia do

Duce. Sabendo que o chefe do govêrno estava prestes a partir para Riccione, o embaixador von Mackensen dirigira-se ao Palácio Veneza, para transmitir a proposta urgente de Hitler, à qual, como sempre, Mussolini imediatamente aderira.

Bastianini tentava explicar-me a localidade do encontro:

— Você já sabe, é no grande aeroporto: T r, T r. De qualquer maneira, sabê-lo-á pelo próprio von Stengracht. Desejo vê-lo, preciso falar com você, até amanhã.

A indicação era muito vaga. Tr Treviso? Trento? Tarvisio?

Telefonei à Auswartigesamt perguntando por von Stengracht, mas soube, não sem dificuldade, que havia partido de avião. Liguei para o Palácio Chigi. Eram três horas da tarde e os funcionários do gabinete haviam há pouco deixado o Ministério. Consegui falar com o marquês Tassoni, que, por meio de palavras significativas e referências históricas, deu-me a entender que o encontro efetuar-se-ia em Feltre, mas que os chefes se encontrariam no aeródromo de Treviso; aí chegariam Mussolini, de Riccioni e Hitler do seu quartel-general. Acrescentou que Bastianini chegaria de trem à estação de Treviso na manhã seguinte, às oito horas.

Não tinha pois tempo a perder; e não era fácil tomar as providências necessárias. Em Berlim, em pleno domingo estival, nenhum escritório estava aberto. Não havia nenhuma possibilidade de alcançar de trem o local do encontro. Para obter um avião, hesitava em dirigir-me diretamente ao Ministério da Aviação alemão.

Anunciaram-me nesse momento a visita — esperada — do barão von Dornberg. Após a partida repentina de von Stengracht e as notícias recebidas de Roma, achei estranha a sua vinda; imaginava o chefe do protocolo alemão todo ocupado, de acôrdo com o que lhe competia, na organização do encontro. Mas êle não sabia absolutamente nada e não queria admitir que um encontro de tamanha importância fôsse possível sem que êle estivesse informado. Eu poderia ter-me divertido a confundí-lo, mas urgia pôr-me em condições de partir. Dirigi-lhe uma pergunta precisa nesse sentido. Incrédulo e quase ofendido pela segurança com que lhe falava do encontro iminente, resolveu ir imediatamente ao Ministério, de onde, passado algum tempo, me telefonou para dizer-me que a notícia era verídica, mas que dessa vez o Ministério do Exterior não sabia absolutamente de nada, pois o encontro fôra combinado por via militar. O próprio ministro von Ribbentrop não participaria da entrevista. Quanto ao avião, tomaria providências para arranjar-mo junto à Aeronáutica; dar-me-ia mais tarde a confirmação.

As coisas iam por longe. Sabia entretanto que, havia algum tempo, o coronel Teucci, adido aeronáutico, tinha à sua disposição um bimotor Fiat para o seu serviço; mas Teucci estava ausente. Dirigi-me

ao major Gasperi, o qual pôde confirmar-me ràpidamente que o aparelho e a equipagem estavam prontos para partir. Uma só ressalva, velada e justificada. Êle não podia assumir a responsabilidade de dispor do aparelho do seu superior. Teucci voltou à noite e pôs-se logo à minha disposição, insistindo para acompanhar-me, êle próprio pilotando o avião.

Às 4,30 da manhã achávamo-nos no aeródromo da escola de aviação de Potsdam. O campo estava coberto por uma densa camada de neblina, fato normal ao amanhecer, por causa da proximidade do lago. O comandante do campo desaconselhava a partida, recomendando para esperar que se verificassem as condições de visibilidade. Mas retardar, significava para mim comprometer e talvez perder a possibilidade de encontrar Bastianini à sua chegada, e sobretudo de falar com Mussolini antes do seu encontro com Hitler. Era principalmente isso que me impelia.

Insisti na partida. O bravo coronel Teucci julgou poder concordar. Acenderam-se potentes holofotes que se refletiam nos indicadores que assinalavam a linha de decolagem. Tomei lugar no avião, acomodando-me da melhor maneira possível num banquinho instalado no fundo da carlinga, quase na cauda. O aparêlho decolou regularmente. A viagem foi normal.

Cheguei à estação de Treviso poucos minutos antes da chegada de Bastianini, que viajava no trem, em que, mais tarde, tomariam lugar os dois chefes para dirigir-se a Feltre.

Na estação reinava uma grande confusão. Funcionários das estradas de ferro discutiam animadamente com funcionários da segurança pública. Segundo êstes, a estação deveria ficar desimpedida durante todo o dia, e as linhas de trânsito bloqueadas. Ordens e contra-ordens. A polícia presidencial interferia no local. Os inspetores centrais da direção das ferrovias queriam fazer respeitar a necessidade dos viajantes, que, sucessivamente admitidos e expulsos da estação, começavam a impacientar-se e a protestar.

Finalmente, chegou o trem.

Bastianini vinha sério e preocupado. O próprio general Ambrósio, chefe de estado-maior do exército, também me pareceu sombrio.

Durante o trajeto rumo ao aeroporto, Bastianini disse-me que a situação do país era grave do duplo ponto de vista, interno e militar. Mussolini não tinha mais nenhuma reação exterior, encerrando-se num impenetrável mutismo, que tornava impossível adivinhar os seus pensamentos. Repetiu haver na Itália uma atmosfera de forte depressão e descontentamento geral. A êsse respeito, dois dias antes, Scorza, o secretário do partido, julgara dever acompanhar à presença do Duce

alguns altos dirigentes, os quais, designados para fazer discursos nas reuniões regionais, haviam declinado o encargo. Após o desembarque na Sicília, prelúdio fatal da trágica sucessão dos acontecimentos, o público não suportaria discursos de propaganda. A reunião no Palácio Veneza durara cêrca de duas horas. Alguns, como Bottai, Farinacci e Giuriati haviam falado franco e áspero. Mussolini ouvira-os com entediada indiferença, sem manifestar nenhuma opinião; e não se tomara nenhuma orientação nem decisão."

— As coisas vão mal — concluíu Bastianini — muito mal...

Voltando ao assunto já por mim tantas vezes amplamente exposto e explicado nos meus anteriores relatórios enviados a Roma, sustentei a necessidade improrrogável de que, do encontro iminiente entre os dois chefes, surgisse finalmente um esclarecimento, um entendimento preciso sôbre a linha de conduta a seguir no setor político e sobretudo no militar; um acôrdo conclusivo também com relação ao futuro, uma vez que, provavelmente, durante muito tempo, os dois chefes não se encontrariam de novo. Era preciso absolutamente conseguir persuadir Mussolini a assumir uma atitude decidida, a proteger-se a tempo, a desvincular-se se não era já tarde demais. Bastianini manifestou-se plenamente de acôrdo; mas declarou que as tentativas por êle feitas, nesse sentido, haviam sido em vão. Experimentasse eu; era necessário faze-lo, malgrado as poucas probabilidades de êxito.

Às 0,40 horas, Mussolini aterrissou com seu aparelho. Não o via há três meses, e apareceu-me bem disposto. Interrogou-me logo acêrca das operações militares na Alemanha. Com mais pormenores sôbre as informações a êle transmitidas da embaixada pelo telégrafo no dia anterior, confirmei que os russos atacavam com extrema violência em vários setores do fronte. Frisei a preocupação reinante no alto comando alemão também referente à situação italiana. Bastianini interveio para dizer que durante a viagem procurava averiguar junto ao embaixador von Mackensen e ao adido militar Rintelen, que viajavam com êles, os fundamentos de uma informação fidedigna pela qual Hitler se propunha a colocar os exércitos italianos na dependência e sob o contrôle do alto comando alemão, com o aparente pretexto de maior unidade de orientação e de ação.

A viva reação de Mussolini oferecia-me naquele momento boa oportunidade para entrar no assunto, atacar — por assim dizer — a posição, desenvolvendo o plano preciso que me propusera.

Mas eis que se adianta um imponente general alemão, acompanhado pelo seu estado-maior. É o marechal Keitel. A cinco passos de Mussolini, pára, bate os tacões e faz continência, levando a mão direita à viseira do boné. Mussolini sempre muito sensível à homenagem formal dos generais alemães, retribui-lhe a continência seguindo-a de um caloroso apêrto de mão. A seguir, é a vez de Kesserling,

comandante das fôrças alemãs na Itália, do marechal Richthofen e de outros oficiais superiores.

Impossível prosseguir no colóquio com Mussolini. Advirto então o seu secretário particular de fazer-lhe saber que tinha absoluta necessidade de falar-lhe antes da reunião com Hitler.

Oito minutos antes das nove, aparece, no ceu límpido, o perfil do enorme aparelho que transporta Hitler. Uma primeira e ampla evolução sôbre o campo, como de costume, e depois outra. Alguem pergunta baixinho o motivo. Mackensen, perto de mim, diz:

— Faltam três minutos para as nove, a chegada foi prevista para as nove.

No campo, entretanto, cada um toma o seu lugar. Mussolini adianta-se, separando-se do grupo. E, às nove em ponto, o grande quadrimotor, um Condor, pára diante dêle. Sai primeiro o piloto Bauer; depois, no oval da portinhola, surge a figura de Hitler.

O encontro é muito expansivo e cordial, sobretudo por parte de Mussolini. Com o habitual ritmo apressado e desordenado em que cada um procura conquistar o seu lugar no automóvel que lhe é designado pelo protocolo, forma-se um cortejo que passa pelas ruas e por entre os casebres do campo, despertando a espantada curiosidade dos camponeses e das pessoas que se acham em vilegiatura, os quais, devido à velocidade dos automóveis, só conseguem reconhecer os dois chefes, quando êles já vão longe.

Como sempre acontecia em semelhantes ocasiões, achava-me com Mackensen no mesmo automóvel. Êle era otimista acêrca dos resultados do encontro; eu era-o muito menos. O meu pessimismo justificava-se pela experiência do passado; o seu otimismo — aliás habitual — baseava-se no fato de que êle acreditava, à sua maneira, ter persuadido Hitler a sair do vago para pisar um terreno firme e concreto.

— Estive durante uma semana no quartel-general do Führer, tendo muito freqüentemente ocasião de falar a sós e longamente com êle. Durante essas conversas, para mim extraordinàriamente interessantes, o Führer mostrou-se *perfeitìssimamente* informado de tudo. Pediu-me muitas notícias sôbre a situação italiana, que conhece muito bem. Estou certo de que êste encontro será conclusivo.

Na viagem de Treviso a Feltre, tive uma conversa com Babuscio Rizzo, chefe de gabinete no Ministério do Exterior. Fôra meu colaborador como conselheiro de embaixada junto à Santa Sé, e nele encontrara um funcionário pronto, inteligente, dedicado, ao qual me ligara por uma sincera amizade. Falámos de coração aberto. Com a experiência proveniente do seu importante cargo e com o conheci-

mento que possuía dos homens e das coisas, manifestou a sua preocupação pelo bêco sem saída em que a Itália viera a encontrar-se e pelo trágico destino que a esperava. Também êle achava que o chefe do govêrno devia a todo o custo enfrentar abertamente Hitler e sair daquela situação equívoca.

Na última parte do breve trajeto, assisti a uma viva conversa entre Keitel e Ambrósio. Êste, muito contente por ter finalmente diante de si a mais alta autoridade militar alemã, o homem de confiança de Hitler, fez-lhe, sem inúteis rodeios, uma série de perguntas muito claras e precisas. Quais eram os desígnios do alto comando militar alemão com relação ao futuro? Qual era o programa de ação fixado pelo Führer? Já era tempo de pôr as cartas na mêsa. O amigo e aliado tinha o direito de sabê-lo. E, além disso, quais os reforços que seriam oportunamente enviados à Itália.

Eu ouvia a discussão com apaixonado interêsse; havia finalmente alguem que, investido de autoridade e de responsabilidade, usava uma linguagem há muito por mim invocada.

Keitel que, evidentemente, não esperava um ataque tão cerrado e preciso, tentava despistar as perguntas com as habituais frases estereotipadas: a vontade de resistência, o esfôrço máximo, a vitória final. Deixara de lado a sua costumeira loquacidade fácil e rumorosa. Tergiversava e fingia não entender. Mas quanto mais êle procurava rodar ao largo, mais o outro apertava o cêrco. Em lugar de comprometer-se e deixar escapar uma palavra precisa: — "Compreende, disso falarão pessoalmente os dois chefes" — preferiu fazer uma péssima figura. Ambrósio, desgostoso, não renunciou a dar-lho a entender.

A bela e fidalga vila Gaggia transformara-se, dentro de poucas horas, numa espécie de quartel-general. Vaivem de oficiais e funcionários; atmosfera de incerteza e de confusão justificadas pela rapidez com que se decidira o encontro e pelas sucessivas mudanças das personagens que nêle tomavam parte.

A reunião teve início às onze horas.

Em tôrno dos dois chefes, sentados em grandes poltronas, um em frente do outro, achavam-se dispostos em círculo, o general Ambrósio, o general Gandini, o coronel Montemolo, Bastianini e eu; o marechal Keitel, os generais Varlimont e Ritelen e Mackensen. Coisa insólita: não havia ninguem do Ministério do Exterior alemão, fato que provocará depois uma dupla interpretação: Ribbentrop ficara contrariado por causa do encontro ter sido resolvido diretamente fora do seu Ministério; a outra versão afirmava que, conhecendo êle o verdadeiro motivo do encontro, preferira não comparecer.

Houve alguns instantes de silêncio e expectativa característicos do inicio de todos os colóquios, durante os quais cada um dos dois chefes esperava respeitosamente que o outro falasse. Evidentemente, tocava a Hitler fazê-lo, uma vez que tomara a iniciativa do encontro.

Começou num tom baixo, que se foi aos poucos inflamando; fez uma ampla exposição da situação geral do ponto de vista político e militar, uma daquelas longas dissertações que já havíamos ouvido outras vêzes, com argumentos e referências diferentes. Nada de novo e interessante.

Mussolini, sentado na borda da poltrona, muito funda e ampla, ouvia impassível e paciente, com as mãos cruzadas sôbre as pernas também cruzadas.

Após meia hora de preâmbulo, Hitler começou a falar da situação italiana; e sem fazer uso de manhas e atenuantes, sem servir-se, das habituais fórmulas, iniciou uma autêntica requisitória. A situação interna era grave; o povo dera provas de não saber enfrentar com a necessária firmeza os reveses militares; as tropas não se haviam batido convenientemente e os comandos tinham demonstrado fraqueza; os órgãos civis não possuiam a devida autoridade para impor-se à população; o derrotismo grassava de maneira impressionante.

Mussolini ouvia impassível, sem demonstrar nenhuma reação exterior. Sòmente de vez em quando mudava — á medida do possível — de posição, passava nervosamente a mão direita pela parte inferior do rosto, levava a esquerda atrás da espinha e apertava um ponto que lhe devia doer, o ponto correspondente à úlcera do estômago. Soltava de vez em quando um longo suspiro, como de quem é obrigado a agüentar um interminável, aborrecido e inconcludente discurso, e, com o olhar cansado e resignado, fixava Hitler que continuava, intrépido, a voz cada vez mais estridente, nas suas acusações e recriminações.

Ao meio-dia entrou, timidamente, De Cesare, secretário particular do Duce, com uma fôlha de papel na mão. Mussolini percorreu-a com os olhos ràpidamente, obrigando Hitler a interromper-se, e leu, traduzindo-a para o alemão, a seguinte breve comunicação: "Neste momento, o inimigo está bombardeando violentamente Roma".

Uma pausa de silêncio. Hitler ficou impassível. Mascarava com a sua obstinada dissimulação teutônica, sòmente capaz de enrijecer-se cada vez mais, uma sincera emoção pela cidade que êle admirava com sentimento profundo e um pouco retórico, igual ao de todos aquêles que não foram e não serão jamais herdeiros do mundo clássico. Recordava a declaração solene tantas vêzes feita a Mussolini, de que se o inimigo ousasse lançar uma única bomba sôbre Roma e sôbre Florença, êle, já preventivamente, tomara providências e dera ordens

para que uma esquadrilha de bombardeio arrasasse uma cidade inimiga.

— "Quero notícias pormenorizadas" — ordenou Mussolini ao seu secretário.

— Já tentei obtê-las. Mas os telefones de Roma estão isolados; não temos nenhuma linha direta; as comunicações são pràticamente impossíveis.

— Insista — ordenou Mussolini, contrariado.

De Cesare retirou-se. Outra pausa de silêncio, durante a qual os dois ditadores fixaram-se longamente nos olhos. Hitler recomeçou a falar, continuando a requisitória. Através de frases lançadas de maneira enfática, como se falasse a uma multidão, apresentou reservas, objeções, censuras, críticas. Os próprios comandos alemães não haviam podido muitas vêzes desenvolver a sua ação por causa da lerdeza e da falta de coordenação de alguns comandos italianos. E insistiu, fazendo uma comparação, nas providências radicais que, por sua vez, tomara na Alemanha.

Mussolini começava a dar sinais de impaciência e nervosismo.

De Cesare reapareceu. Mussolini arrancou-lhe quase o papel da mão, e, interrompendo Hitler, leu em voz alta, em alemão: "Continua o violento bombardeio; cerca de 400 aparêlhos voam a pouquíssima altura; bairros da periferia e mesmo edifícios do centro gravemente atingidos; fraca reação das baterias anti-aéreas."

Silêncio. Mussolini, voltando-se para Ambrósio:

— É preciso comunicar o fato no boletim de guerra do dia. Toda a Itália e todo o mundo devem saber...

— Hoje não dá mais tempo.

— Atrase-se a distribuição do boletim; mas é necessário dar amplos pormenores; a duração do bombardeio, o número de aparelhos, a reação da artilharia, o comportamento estoico da população. Não é preciso publicar por ora o número — nem mesmo aproximado — das vítimas.

Ambrósio interrompeu, amolado:

— Isso tudo compete a quem, no estado-maior, está encarregado de dirigir o boletim. É inútil que neste momento nos ponhamos aqui a perder tempo com semelhantes pormenores.

E Hitler recomeçou a falar.

É necessário e urgente dar ordens precisas e categóricas; tomar providências draconianas e exemplares. Demorou-se a explicar como a aviação muitas vezes não pudera entrar oportunamente em ação. Depois de um bombardeio de aeródromos alemães, não fôra possível ter à disposição divisões de soldados italianos que ajudassem a re-

parar com rapidez e eficiência o campo. O comandante alemão dirigira-se então à maior autoridade da província, o prefeito, em busca de turmas de operários e pedreiros civis; mas os exíguos grupos com dificuldade arrebanhados, ao primeiro alarma precipitaram-se para os abrigos. Conseqüentemente, os aparelhos alemães não podiam decolar. Os próprios reforços aéreos que, de acôrdo com os recentes pedidos, dera ordem de enviar à Itália, não puderam operar; segundo os relatórios por êle recebidos, a maior parte dos aviões de transporte, caça, e bombardeio precisara voltar à Alemanha porque os aeródromos italianos não estavam prontos para recebê-los.

Era pois necessário ter mão forte e golpear sem falsa piedade os responsáveis, passando pelas armas os culpados de fraqueza, de indisciplina, de obstrucionismo.

Mussolini dominava com dificuldade a sua inquietação e o seu sofrimento. Com gesto insólito, passara duas vêzes o lenço pela fronte, êle, que nunca transpirava.

Cinco minutos antes das 13 horas, um ajudante de campo de Hitler, um belo jovem alto e empertigado no seu uniforme, aproximou-se dêle para sussurrar-lhe algo ao ouvido. Como se não tivesse escutado nada, Hitler prosseguiu no seu inflamado discurso. Admitiu que o momento era particularmente difícil para o Eixo, mas seria certamente superado, se, por parte de todos os paises e portanto também e principalmente da Itália, se dessem provas de firmeza de espírito e fanática vontade de resistência e combate.

Passados cinco minutos, o ajudante de campo aproximou-se novamente de Hitler, e, com respeitoso automatismo, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. O Führer interrompeu-se contrariado. Pensámos que fôsse alguma comunicação importante e urgente; mas tratava-se simplesmente do almôço, que estava fixado para a uma hora, e o protocolo alemão, considerando que Hitler hospedava Mussolini, intervinha para que se respeitasse a pontualidade.

Terminou assim, de repente, a reunião, que se estendera por duas horas, durante as quais Mussolini não abrira uma só vez a boca.

É difícil exprimir em que estado de espírito nos encontrávamos Bastianini e eu. Disse-lhe:

— Não é absolutamente possível ir adiante assim.

Pedimos a Babuscio Rizzo, que, nesse ínterim, viera, para ir procurar Ambrósio. O general estava indignado e angustiado.

— Mussolini deveria pelo menos interromper Hitler e declarar-lhe tudo o que tantas vêzes lhe repeti. Quando um exército sofreu, como o nosso, um tão grave desgaste por ter combatido longos anos em várias frentes e com escassez de meios, chega um momento em

que o mais heróico sacrifício torna-se inútil. Essa é a realidade; dentro de um mês, no máximo, o exército não estará mais em condições de opor uma defesa eficiente.

Resolvemos — uma vez que era a única tentativa possível — esperar Mussolini, à sua passagem; propunha-me a expor-lhe tudo o que não lhe pudera dizer antes da reunião.

Mussolini apareceu à porta, e, ao ver-me, disse.

— Estou muito contrariado por estar longe da capital neste momento. Não queria que os romanos pensassem...

Bastianini, Ambrósio e eu trocámos um olhar eloqüente. Na situação em que se encontrava, a única coisa que o preocupava era a dúvida de que os romanos pudessem pensar que o seu afastamento fôsse ocasional. Devo confessar a mim próprio que, nesse momento, a minha dedicação a Mussolini passava por bem dura prova. Experimentava uma profunda sensação de mal-estar. Mas, obedecendo a minha constante lealdade para com êle e ao instinto interior que me ordenava ouvir a voz do dever e o chamado aos supremos interêsses da pátria, soube vencer a timidez que sempre senti diante de Mussolini e falei com decidida e calma firmeza:

— Ninguem em Roma pensará isso. Mas os romanos assim como todos os italianos esperarão que dêste encontro, já do conhecimento de todo o mundo, saia uma decisão conclusiva. E, infelizmente, a julgar pela reunião de há pouco, não parece que trilhemos êsse caminho. A exposição do Führer foi, sem falar do habitual mónologo, insòlitamente dura, e, além de tudo, inútil, injusta e sem generosidade...

Mussolini dirigiu-me um olhar interrogativo, no qual me pareceu, entretanto, notar que ouvia com prazer, que fôssem ditas as coisas que êle próprio pensava.

— Onde queria Hitler chegar com a sua requisitória?

— Não valia a pena incomodar-se e incomodar o Duce sòmente por isso. Fizesse antes um exame de consciência, que verificaria como a balança pendia fortemente para o lado da Itália. E depois, que projeto, a respeito do assunto, se oculta em seu espírito? Compete-lhe, Duce, pegar a bola no ar e contra-atacar. Como tomei a liberdade de escrever em todos os meus relatórios, V. Exa. devia sair da sua reserva e esclarecer de uma vez por todas a situação. Nenhuma ocasião mais oportuna do que esta para falar claramente ao seu amigo e aliado.

Procurava perceber a impressão que nêle causava as minhas palavras. Graves, Bastianini e Ambrósio aprovaram. Continuei:

— Até quando a Itália deve seguir passivamente a Alemanha da qual, como já lhe disse, está se tornando uma espécie de bastião?

— Um dique, precisou Mussolini.

— Por isso, V. Exa. devia falar hoje com Hitler, desde que ainda esteja em tempo, e falar-lhe com a mesma rude franqueza que êle usou para com V. Exa.

Falava, comovidamente, e percebia ser finalmente ouvido. De Cesare apareceu no vão da porta, mas compreendeu o momento e não ousou interromper.

— A gravidade da situação italiana, reconhecida até mesmo em Berlim, deve ser considerada na sua realidade presente e futura. E se o nosso exército não está em condições de opor uma defesa eficiente, daqui a um mês, como declara o general Ambrósio...

Olhei o general, que interveio prontamente:

— Declaração que confirmo, e que o Duce conhece...

— Se é essa a real situação trágica, é preciso ter a coragem de encará-la. Permita-lhe repetir que se torna necessário e urgente que V. Exa. fale com Hitler para encontrar uma solução e uma via de saída. Se se deve fazer a hipótese de um desligamento, é muito melhor que isso se dê enquanto o Estado mantém a sua estrutura, os seus órgãos em funcionamento e o govêrno tem a possibilidade de fazer respeitar as suas decisões, enquanto os carabineiros ainda estão de pé! Amanhã seria talvez tarde demais...

Mussolini teve um ímpeto; depois, dominou-se e aceitou a discussão. Convidou-nos a sentar, coisa absolutamente insólita.

— Os senhores pensam talvez — disse animada e comovidamente, que eu não sinta, há tempo, agitar-se êsse problema no meu espírito atormentado? Por trás da máscara da minha aparente impassibilidade, há um profundo e doloroso tormento. Admito a hipótese; desligar-me da Alemanha. A coisa é simples; um dia, numa determinada hora, envia-se um rádio ao inimigo. Quais serão as conseqüências? O inimigo pretenderá, justamente, uma capitulação. Estaremos dispostos a cancelar, de repente, vinte anos de regime, a anular as realizações de um tão longo e fatigante trabalho? a reconhecer a nossa primeira derrota militar e política? a desaparecer do cenário do mundo? E depois, é fácil dizer: desligar-se da Alemanha. Mas que atitude tomaria Hitler? Pensavam talvez que êle nos deixaria liberdade de ação?

Observei que a situação, embora grave, não era ainda comparável á de uma fortaleza assediada, obrigada a enviar um rádio para tratar as condições da rendição.

— Sei — acrescentei — que alguns Estados neutros estariam prontos a intervir para iniciar conversações e negociações. Acho que Bastianini...

Êste interveio sùbitamente, calmo, claro, preciso:

— Há, com certeza, possibilidades concretas nesse sentido. Mas até hoje, não me senti autorizado a tomar iniciativas e a dar passos dêsse gênero. Nesta mesma noite, entretanto, regressando ao Ministé-

rio, começarei a estabelecer contactos e nas próximas 24 horas informá-lo-ei de maneira segura.

Eu sabia que Bastianini tinha já feito, em via absolutamente secreta, sondagens nesse sentido, com o propósito de não ser agarrado desprevenido diante da verificação de tal possibilidade.

O colóquio ampliou-se Bastianini veio em apoio da minha tese com válida argumentação. Ambrósio, como respondendo mentalmente às recriminações feitas por Hitler contra o exército italiano, tomou posição. Enumerou o esfacelamento das tropas italianas nas várias frentes, pôs em evidência o grave desgaste sofrido, a insuficiência dos armamentos e do equipamento.

— Além do mais, esta guerra foi impopular.

Pronta e vivaz reação de Mussolini:

— Deixemo-nos dêsses lugares-comuns. Nenhuma guerra foi nem nunca será popular. As guerras só se tornam populares quando se vencem.

Arrastado pelo seu instinto polêmico, começou uma dissertação histórico-política, que seria interessante noutro lugar e noutro momento. A mim urgia ficar no terreno realista e contingente, após o sucesso inicial; mas eis que o objetivo mais uma vez me escapava.

De Cesare, que já assomara duas vezes à porta, apresentou-se para advertir Mussolini de que era esperado para o almôço a sós com Hitler.

Mussolini levantou-se. Enquanto, precedido por De Cesare, êle se encaminhava pelo longo corredor com passo cansado e o ar absorto, exortei-o novamente a falar com Hitler.

— Ouça-me, Duce. Sòmente V. Exa. poderá encontrar uma solução, uma via de saída. Como escrevi nos meus últimos relatórios enviados de Berlim, sirva-se de mim da maneira mais absoluta e sem nenhuma reserva. Declaro-me pronto e disposto a dar qualquer passo na intenção e no propósito de servir o meu país. V. Exa., poderá a qualquer momento desmentir-me e demitir-me. Mas deverá fazer com que se poupem à Itália ulteriores ruínas...

De novo a breve viagem de trem para voltar a Treviso. Tive com Mackensen uma longa conversa. Êle não queria renunciar ao seu otimismo.

— Os dois chefes já tiveram ocasião de falar a sós. Agora mesmo estão conferenciando. O Führer está muito bem orientado. Tenho certeza de que desta vez tomarão decisões muito importantes.

Chegados a Treviso, precipitei-me para observar o rosto dos dois chefes antes que subissem no autmóvel, rumo ao aeroporto. Tinham ar calmo e satisfeito.

No campo de aviação, o *Condor* de Hitler tinha já os motores em movimento. O Führer passa em revista a companhia de honra, saúda com atenta diligência as personagens italianas e alemãs, aperta calorosamente a mão de Mussolini. Enquanto o aparelho decola, Mussolini permanece em posição de sentido e ergue o braço, saudando-o, até que o vê desaparecer rápido no horizonte.

Os generais alemães, por sua vez, se despedem. Mussolini encaminha-se para o seu aparelho que o levará a Roma. Bastianini, Ambrósio e eu, seguimo-lo de perto, ansiosos por ouvir uma palavra sua. E como, embora vendo-nos, demonstre não ter nada a dizer-nos e continue a falar com o comandante da divisão militar de Treviso, resolvo tomar mais uma vez a iniciativa. Os minutos estão contados, os motores giram a toda a fôrça; Mussolini veste o casaco de aviador.

Exatamente no momento em que me apresento a êle para dizer-lhe que, devendo regressar a Berlim, era preciso que me desse normas de ação, interrompe-me com um ar descuidado e indiferente:

— Não foi necessário — disse ràpidamente — que eu fizesse aquêle discurso a Hitler, porque, desta vez, prometeu-me "firmemente" enviar todo o auxílio, de acôrdo com o nosso pedido. Naturalmente — frisou, dirigindo-se a Ambrósio — é preciso que sejam pedidos razoáveis e não astronômicos...

Trocámos os três um olhar de tristeza e desilusão; até àquêle momento haviamos esperado e acreditado que, no trágico jôgo em que a partida parecia estar prestes a ser perdida, a última cartada — Mussolini — tivesse um valor determinante; mas êle próprio se recusara a jogá-la.

Voltei a Berlim num compreensível estado de abatimento físico e moral. Não tinha ninguem a quem abrir a alma e confiar a minha grave angústia. Pelo contrário, devia encher-me de fôrças para não deixar transparecer os meus pensamentos. Quem tem um cargo de responsabilidade, não deve jamais perder a calma, sobretudo em circunstâncias difíceis, e precisa evitar que em tôrno de si se espalhe uma perigosa sensação de incerteza e desconfôrto.

Reinava na embaixada grande ansiedade e tensão. Reuni todos os funcionários e colaboradores e fiz-lhes uma exposição sumária do encontro, num tom intencional de firmeza e confiança. Alguem percebeu o meu esfôrço para não cair nem num otimismo contradito por tudo quanto acontecera, nem num pessimismo que, embora justificado, seria deplorável manifestar.

Qual fôra o verdadeiro motivo que levara Hitler a sentir a necessidade de encontrar Mussolini afastando-se do seu quartel-general, que lhe era tão difícil deixar?

Recebi uma explicação confidencial de um funcionário da *Auswartigesamt.* Na noite do dia 17, Hitler tomara conhecimento de um relatório alarmante sôbre a situação na Itália. As coisas iam tão mal, que comprometiam gravemente o programa do alto comando alemão, que consistia sobretudo em repelir o inimigo a fim de mantê-lo o mais possível afastado e barrar-lhe o caminho para o território do Reich.

Hitler, certo de que qualquer insucesso militar devia ser atribuído aos comandos, habituado a mandar chamar e a liquidar os seus generais, considerados responsáveis, sentiu a necessidade — que lhe parecia honesta e leal — de abrir os olhos de Mussolini, que ele julgava mal informado e pior servido. Percebendo que não podia chamá-lo a si para dar-lhe uma lição, havia, imediatamente, chamado Mackensen ao telefone, encarregando-o de anunciar a Mussolini a sua visita. Nisso se revelava plenamente o seu temperamento impulsivo.

Mussolini acolhera a requisitória sem reagir, fazendo assim crer que reconhecia como justas as observações e as censuras feitas ao exército italiano. Diante do pedido de auxílios consideráveis, principalmente de aviões, Hitler, satisfeito pelo seu desabafo e desejoso de restabelecer os equilíbrios, prometera mais uma vez, com largueza, na sua convicção de que — mas isso o meu informador não disse; sabia-o eu bem por uma dolorosa experiência — o estado-maior alemão tomaria providência para dosá-los oportunamente de acôrdo com as conveniências.

Capítulo XXVI

A SESSÃO DO GRANDE CONSELHO

Senhor embaixador, informo-lhe que chegou do Ministério do Exterior um telegrama cifrado, reservado pessoalmente para V. Exa., convidando-o para a sessão do Grande Conselho que terá lugar depois de amanhã, 24 de julho, às 17 horas, em Roma, no Palácio Veneza.

Foi o conselheiro da embaixada, conde Cossato, quem me deu por telegrama essa notícia. Muito ocupado nesses dias, com graves e importantes questões, julgava indispensável não me afastar de Berlim, para acompanhar pessoalmente o que se seguia ao recente encontro de Feltre, principalmente em relação às promessas precisas que, segundo as afirmações de Mussolini, Hitler lhe fizera. Tive, portanto, uma exclamação de contrariedade. No lado do fio, Cossato esperava a minha resposta. E, como essa tardasse, disse:

— Peço-lhe comunicar-me as suas decisões, isto é, se V. Exa. pretende partir de trem esta noite, ou de avião, amanhã.

— Poderei tomar também uma terceira decisão, a de não partir.

— Mas, senhor embaixador, esta é a primeira convocação depois da sua nomeação para membro do Grande Conselho. A sua presença é, evidentemente, esperada; o telegrama do ministério é uma prova disso. Permita-me dizer-lhe que não poderá eximir-se. A sessão será muito importante. Trata-se apenas de uma brevíssima ausência de Berlim. Quanto a mim, dada a escassez do tempo e as grandes dificuldades da viagem, achei oportuno tomar providências imediatas para que lhe fôsse reservada uma cabine-leito no trem direto que parte esta noite.

Passados alguns minutos, chamado telefônico de Roma. É Mazzolini, chefe do pessoal.

— Penso que você recebeu o telegrama para a sessão do Grande Conselho; gostaria de saber a que horas chegará a Roma.

Enquanto êle falava, eu pensava que era estranha a sua insistência. Que interêsse tinha, de fato, o Palácio Chigi, em semelhante questão, que saía completamente da sua alçada ?

— Ainda não resolvi — respondi. Fui informado há poucos minutos da convocação.

— Preciso saber a hora da sua chegada, porque tenho que entregar-lhe uma carta urgente do secretário do partido, Scorza.

— Está bem. Já que o Cossato mandou reservar-me uma cabi-

ne, partirei esta noite, e, se os bombardeios permitirem, chegarei a Roma à hora que você mesmo poderá calcular.

— Irei ao seu encontro na estação. Se não me fôr possível fazê-lo, encontrará o meu secretário, Stampa, com a carta de Scorza.

Parti nessa mesma noite, de má vontade — além de tudo não me sentia bem — dizendo aos funcionários que me haviam acompanhado à estação, que regressaria a Berlim na segunda-feira seguinte, de avião.

A viagem foi lenta e fastidiosa, interrompida por longas paradas por causa dos alarmas. Nas estações das principais cidades, os prefeitos, meus conhecidos, vieram saudar-me à minha passagem. Desagradou-me não ver o bravo e distinto prefeito Letta; decerto estava fora. — Durante as minhas passagens e paradas em Verona, tivera conversas muito interessantes com êle, nas quais nos desabafávamos reciprocamente da incompreensão de Roma. Ainda na última vez que o vira, contara-me uma circunstância significativa. Num dos relatórios, que, cada três meses, os prefeitos deviam enviar ao Ministério do Interior, êle salientara alguns aspectos da situação na sua província, denunciando corajosamente as contínuas intromissões do Partido, a exagerada empáfia dos orgãos sindicais, a intransigência dos cheles, fatos êsses que afastavam cada vez mais as massas populares, já gravemente castigadas pelas conseqüencias da guerra. O ministro do interior mandou perguntar-lhe, reservadamente, se êle não pretendia atenuar o tom do relatório, considerado severo demais.

Letta respondeu que mantinha o que escrevera. Alguns dias depois, foi chamado por Mussolini, ministro do Interior, que investiu vivamente contra êle, procurando destruir os seus argumentos e esforçando-se por demonstrar que a situação não era absolutamente grave, e incluindo por sustentar que, em circunstâncias de emergência, competia ao partido criar e manter nas massas uma sólida disciplina e uma rígida vontade de resistência. O prefeito Letta achou melhor não replicar; aliás, não teve tempo para isso, porque foi friamente despedido, e esperou a sua liquidação. Não foi entretanto aposentado, mas a repreensão de Mussolini, logo espalhada, teve a conseqüência de encorajar as atitudes excessivas do partido e domesticar as generosas tentativas de alguns prefeitos.

— Essa é mais uma prova, dizia-me Letta, de que com o Duce não se pode mais falar. Êle, que outrora gostava de ouvir verdades, agora não ouve e não aceita senão aquilo que é conforme às suas idéias e corresponde ao que lhe fazem acreditar aos seus excessivamente obsequiosos colaboradores e aduladores.

Mas a mim, os prefeitos com que falei, não esconderam a sua preocupação. As populações das suas respectivas províncias, num estado de grave depressão física e moral, carecendo muitas vêzes dos gêneros de primeira necessidade, começavam a manifestar, de maneira evi-

dente, o seu mau humor e a surda inquietação que aflorava em vagas ameaças; na Itália setentrional, haviam-se verificado greves e manifestações de protestos entre os operários das grandes indústrias; na Itália meridional, havia sintomas e indícios preocupantes: cortejos de mulheres carregadas de filhos, sem casa nem meios de subsistência, pediam a cessação da guerra. Além disso, circulavam por tôda a parte boatos alarmistas e incontroláveis. Grupos armados de operários preparavam-se para ocupar os edifícios públicos e executar atos de sabotagem, aproveitando-se da exiguidade da fôrça pública. Essas notícias, que se foram dadas concordemente pelos prefeitos, exerciam uma forte impressão sôbre mim que, absorvido no meu inquietante trabalho de Berlim, vivia separado do mundo da política. Nelas encontrei mais uma eficiente argumentação acêrca da necessidade que a Itália tinha de sair do conflito, necessidade que sustentara nos meus relatórios enviados ao ministério, e que explicara pessoalmente a Mussolini por ocasião do encontro de Feltre.

Se a situação era assim tão grave e preocupante, como os prefeitos concordemente o haviam difinido, não havia tempo a perder. Seria por isso que o Duce convocara o Grande Conselho ? Essa foi a minha idéia angustiante durante a última etapa da viagem. É possível que a anunciada carta de Scorza me trouxesse qualquer notícia a respeito, e talvez Mazzolini me informasse oportunamente sôbre outras circunstâncias, uma vez que quisera ter certeza da minha chegada. Mas Mazzolini não estava na estação, por causa dos sucessivos atrasos da chegada do trem, e a famosa carta de Scorza, que me foi entregue pelo seu secretário, Dr. Stampa, era a simples convocação para o Grande Conselho.

Ao meio-dia, dirigi-me ao Ministério do Exterior. Bastianini estava taciturno e preocupado. Depois de tê-lo pôsto ràpidamente a par de algumas questões de serviço, pedi-lhe notícias. Mas êle me repetiu mais ou menos as mesmas coisas que me havia dito cinco dias antes em Feltre. Situação cada vez mais grave e difícil, ostentação de calma e de indiferença por parte de Mussolini, vãs quaisquer tentativas para induzi-lo a perceber-se da realidade e a tomar decisões conseqüentes.

Enquanto lhe fazia perguntas sôbre a iminente sessão do Grande Conselho, anunciou-se Ciano. Retirei-me discretamente. Passados alguns minutos, chamaram-me de novo. Ciano cordial, amistoso, um pouco excitado, recebeu-me com evidente satisfação.

— Fez muito bem em vir. Estamos todos de acôrdo em que é preciso fazer o possível para salvar a Itália e subtraí-la ao domínio e à prepotência dos " seus " alemães...

— Desejaria lembrar-lhe, Galeazzo, de que o Pacto de aço foi preparado, estipulado e assinado por você um ano antes de ser eu embaixador em Berlim, e que, portanto, eu sou apenas um funcionário encarregado de executar diretrizes, e que, enfim, todos os meus relatórios que visavam o escopo de que você fala, assim como tôdas as minhas tomadas de posição não tiveram nem resposta nem seqüência.

Com um gesto desanimado:

— Estou brincando ! Sei perfeitamente que você fez o que pôde para evitar o pior. Mas " isso " — o cabeçudo — não quer compreender. Hoje, no Grande Conselho falaremos claro e será obrigado a entender.

Perguntei qual seria o assunto da discussão e como, presumìvelmente, concluiria.

— Problemas atuais, respondeu Ciano. Um, sobretudo, domina os outros: a necessidade de salvar o país. Grandi, de acôrdo com alguns de nós, organizou uma ordem do dia motivada, que já recebeu muitas adesões. Scorza e Farinacci também estão de acôrdo. Como vou falar agora com Grandi, você poderá vir comigo e assim verá a ordem do dia.

Através da ruazinha que separa o Palácio Chigi de Montecitorio, fomos procurar Grandi.

Primeiro entrou Ciano; passados alguns minutos, foi a minha vez. Grandi, com o seu ar bonacheirão e fidalgo, que a camisa leve de meias mangas e de colarinho aberto tornava mais familiar, recebeu-me cordialmente.

— Estou contente de que você também esteja presente. Poderá trazer elementos úteis à discussão.

— Mas eu ainda não sei o que se discutirá.

— Eis aqui — e ao falar mostrou-me a fôlha datilografada que tinha na mão — uma ordem do dia que constituirá a base da discussão. Vários camaradas já deram a sua adesão: De Bono, De Vecchi, Federzoni, Bottai, De Stefani, Suardo e outros. O próprio Scorza aderiu nìtidamente, e dei-lhe uma cópia da moção para que êle possa mostrá-la ao Duce. Quanto a Farinacci, será violentamente hostil, pois está sempre de acôrdo com os alemães. O que, entretanto, não me impediu absolutamente de lhe dar também um exemplar do texto da nossa ordem do dia, embora sabendo muito bem que êle o levará imediatamente á embaixada da Alemanha. Você, caro Alfieri, encontra-se numa posição bastante delicada, pelo fato de ser embaixador em Berlim, e seria portanto compreensível que se abstivesse de votar.

Respondi que desejava manter no Grande Conselho a linha de conduta que seguira desde o início da minha missão em Berlim.

Grandi entregou-me então o texto da ordem do dia, e retirou-se com Ciano para um canto da sala, a fim de deixar-me completamente livre.

Li ràpidamente a fôlha datilografada, aí encontrando o mesmo espírito realista da situação e a vontade de remediá-la, que haviam inspirado os meus relatórios ao ministério e que me tinham induzido a falar tão clara e firmemente ao Duce, em Feltre. Para mim, ignorante de quaisquer outras coisas e alheio a idéias e propósitos dos círculos políticos romanos, a moção constituía um elemento esclarecedor. Como na leitura apressada, algumas passagens não me pareciam completamente claras, quando Grandi e Ciano, dali a poucos instantes, voltavam, pedi-lhes esclarecimentos. Mas Ciano interveio sùbitamente:

— Não tenha escrúpulos nem reservas. Trata-se de um esclarecimento. A discussão desenrolar-se-á dentro do máximo respeito e consideração para com o Duce. Aliás, se, a despeito da minha particularíssima condição, eu próprio a subscrevo...

A sua argumentação persuadiu-me. Aliás, o espírito informador da ordem do dia, e, por conseqüência, da discussão que se anunciava, correspondia às necessidades de se chegar, mesmo nas relações com o aliado, a um esclarecimento, como há tempo eu considerava urgente, e pelo qual, em vão, tantas vezes insistira junto a Mussolini. Dei a minha adesão, e Grandi escreveu o meu nome com lápis azul ao pé do dos outros dez ou doze membros do Grande Conselho.

Apareceu Bottai, vivo, polêmico, cortante. Os três puseram-se a discutir entre si — enquanto eu, chegando no último momento, me sentia um pouco estranho — alternando as coisas sérias com algumas piadas. Concordaram em que Grandi orientaria a discussão, explicando a moção.

— Agora, disse Grandi, como para pôr termo ao colóquio, subo ao meu apartamento, para refletir no que deverei dizer. Se bem que não se trate de fazer palavreado. A situação é apenas o que é na sua trágica realidade.

Separámo-nos. Bottai subiu no automóvel com Ciano, e eu entrei outra vez na casa, de onde, sem ver mais ninguém, saí novamente, para encontrar-me alguns minutos antes das 17 no Palácio Veneza.

A sessão efetuou-se na penúltima sala, anterior à do *Mapamundi* em que o Duce trabalhava. A sala, que dava para a Praça Veneza, tinha uma aparência austera e solene que o tapête de veludo azul escuro e os quadros de autor tornavam ainda mais grave.

Uma série de amplas mesas encostadas umas às outras achavam-se alinhadas em retângulo, tendo em volta cadeiras de tipo antigo.

Habitualmente, no centro colocava-se uma mesinha para o estenógrafo encarregado de registrar a ata da sessão. Mas desta vez, por motivos de segrêdo, não havia estenógrafo, assim como não estavam de serviço os *Mosqueteiros do Duce*, normalmente dispostos ao longo dos corredores e dos lados de qualquer porta ou passagem; da mesma forma, para não atrair a atenção do público, os automóveis, em vez de parar — como de costume — diante da entrada principal do Palácio Veneza, haviam entrado para o pátio-jardim do edifício, pelo portão na rua dos Astalli, por onde passavam o Duce, os mais altos chefes e as personagens estrangeiras que tinham audiência com êle.

Quando cheguei, os outros convocados estavam todos reunidos em pequenos grupos. Os que participavam pela primeira vez do Grande Conselho, mantinham-se de lado, um pouco intimidados.

Ao entrar, não tive absolutamente a impressão de achar-me numa atmosfera de drama. Notei, apenas, que ninguem correu ao meu encontro, para perguntar-me, ansioso, como soía acontecer, notícias da situação na Alemanha. Evidentemente, o interêsse e a atenção estavam alhures. Scorza, muito azafamado, alegrou-se ao ver-me. Albini me disse ter lido alguns dos meus relatórios, e encorajou-me a persistir na minha linha de conduta. Farinacci levou-me para uma lado, procurando persuadir-me a dar a minha adesão a uma sua moção, que não diferia da de Grandi a não ser por uma ardente saudação aos camisas pretas e aos alemães.

Às dezessete e cinco minutos, Navarra, o chefe dos contínuos, anunciou que o Duce estava para chegar. Ràpidamente, cada um se colocou diante do seu lugar, permanecendo de pé. Depois de mais de três anos da minha partida da Itália, é essa a primeira vez que entro em contacto com tão grande número de altos chefes, e percebo realmente que me encontro diante da mais alta assembléia do fascismo. Homens diversos, pela idade, origem, proveniência, caráter, tendências, constituição física e formação espiritual, homens de pensamentos e de ação, valorosos combatentes de três guerras, os quais trazem, cada um, sob a uniformidade da farda preta, a sahariana, os sinais característicos da sua diferente e, às vezes, contrastante personalidade.

Eis a característica, enxuta figura do quadrúnviro da revolução, Emilio De Bono, que, não obstante os seus oitenta anos, conserva uma forte fibra de velho *bersagliere* e uma expressão de marcada vontade, que os cabelos e a barba, completamente brancos, tornam mais austera. Percorreu brilhantemente todos os graus da carreira militar, merecendo inúmeras recompensas de guerra, e ocupou sucessivamente os altos cargos de chefe da polícia, governador colonial, ministro, até conquistar, durante a vitoriosa guerra da Abissínia, o bastão de marechal de Itália. De Bono prevê os ataques, que, durante a iminente discus-

são, serão dirigidos contra o exército e o estado-maior; e prepara-se para ser o seu defensor fervoroso e convicto. Grandi, de cúja personalidade preeminente e aristocratica emana a expressão de uma viva inteligência, valoroso combatente da guerra de 1914-18, espírito largo e equilibrado, teve dissídios com Mussolini, que, reconhecendo-lhe a inteligente capacidade e o amplo séquito, lhe confiou importantes encargos: subsecretário no ministério do Interior, ministério do Exterior. embaixador em Londres durante longos e difíceis anos, ministro da Justiça, presidente da Câmara. Federzoni, mistura nobilíssima de patriota, escritor e político, representou sempre, no seio do fascismo, a corrente de equilíbrio, contra todo o extremismo e violência; a sua reconhecida autoridade e experiência levaram-no aos cargos de ministro do Interior, das colônias, de presidente do Senado, presidente da Academia de Itália. Bottai, pronto e vivo, leal e corajoso, homem combativo de pensamento e ação, saído das fileiras do povo, tem atrás de si um brilhante passado de guerra e uma invejada carreira política como ministro das Corporações, governador de Roma, ministro da educação nacional. Ciano, forte, com uma bela cabeça emoldurada por uma cabeleira negra e luzidia puxada para trás. Habitualmente brincalhão, está hoje inquieto. Habituado a ter diante de si o caminho livre e fácil de ascensão política a que foi chamado pelos seus dotes de inteligência, mas sobretudo pelo seu alto parentesco, talvez já desconte inconscientemente no seu espírito o evento dramático que o coloca perante o seu chefe, para com o qual, sob a aparência de respeito e obediência, teve atitudes instáveis ou de fronda. Eis Scorza, de cabeça completamente calva e lisa, cujos traços regulares parecem esculpidos em mármore, e que, obrigado pelo jôgo das influências políticas dos seus opositores a retirar-se durante longos anos para um penoso e duro isolamento, foi chamado por Mussolini à cena política para tentar *in extremis* reconstituir no partido uma sólida disciplina feita de autoridade e compreensão.

Em torno dêsses homens que, com diverso grau de determinação e de vontade e com intenções e propósitos diferentes, se encontram como protagonistas do iminente debate, estão os outros membros do Grande Conselho, que também tiveram importante papel na vida política da nação, mas que durante a sessão se limitarão a expor claramente a sua opinião, enfileirando-se assim de um ou de outro lado.

E eis de Vecchi, o outro quadrúnviro da revolução, característica figura de piemontês sólido e quadrado; Rossoni, menor e gorducho, cujo aspecto bonancheirão esconde o passado de sindicalista já caro às massas operárias; Bastianini, de porte esbelto e distinto, que traz no rosto atormentado as marcas de um fogo interior; o ex-ministro De Stefani, nobre figura de antigo senador romano; Albini, todo nervos e vivacidade; Acerbo, que alterna a atividade política com a cátedra

universitária; Galbiati, chefe do estado-maior da milícia, cujos olhos chamejantes ressaltam em seu rosto glabro.

A atmosfera parece calma, em contraste com a íntima e angustiante inquietação que vibra em cada um de nós.

Mussolini, no uniforme de chefe de honra da milícia, entra a passo desenvôlto e seguro, precedido de Navarra, que lhe leva a pasta de couro.

Segundo o seu hábito, o chefe não olha ninguem no rosto. Ao " saluto al Duce"! lançando por Scorza, e ao qual faz éco um concorde e vibrado " A noi ", responde erguendo a mão direita, na saudação romana. Senta-se à sua mêsa, colocada acima das outras, e, tirando da pasta uma porção de papéis, notas, apontamentos, diz, voltando-se para Scorza, — à sua esquerda:

— Faça a chamada.

Singular o diverso tom de voz com que cada um responde. Alguns, os maiores, respondem em tom aborrecido e indiferente, como se achassem uma afetação êsse sistema escolar; outros, sobretudo os que intervêm pela primeira vez, respondem tìmidamente, pondo-se de pé; outros, com um marcado " *presente* ", ostentam altivez e orgulho.

Mussolini, cujo rosto pálido não demonstra cansaço nem preocupação, começa a falar numa atmosfera de grande expectativa e forte tensão.

Referindo-se a uma carta a êle dirigida pelo marechal Badoglio, no dia 3 de maio de 1940, passa a refazer a história da origem do alto comando militar a êle confiado por delegação do soberano, e isso com a intenção de demonstrar que nada havia solicitado. Envereda portanto por um minucioso exame da maneira com que foi conduzida a guerra, declarando que foi sabotada pelo estado-maior que sempre se manifestou equívoco e reticente.

Uma sensação de desilusão difunde-se por todos, ao verificar como êle tenta, com insistência, pôr a culpa nos chefes militares; desilusão que se torna mal-estar, à medida que êle se esforça na busca, que se apresenta totalmente ingênua, — de argumentos para livrar-se de toda a responsabilidade. A sua maneira de falar é, insòlitamente, desordenada e confusa, sem nenhum acento de convicção.

Todos trocam entre si olhares significativos. Ouço algum dos colegas que, não conseguindo dominar o seu espanto e a sua contrariedade, sussurra:

— Mas que maneira de falar ! É incrível ! Não percebe que em lugar de defender-se não faz outra coisa senão enterrar-se e agravar ainda mais a sua posição pessoal ?

De fato, a sua tentativa de defesa é pelo menos ingênua. Todos sabem perfeitamente que, até mesmo no setor militar, a escolha dos chefes, o preparo dos programas, o estudo e a aprovação dos planos

eram pessoalmente submetidos e aprovados por êle, assim como o mérito da capacidade das fôrças armadas e dos sucessos militares nas campanhas de Espanha e de Abissínia era a êle atribuído.

Por que, pois, jogar sôbre outros uma responsabilidade que lhe pertencia ?

Agora, continuando a falar displicentemente e sem convicção, retoma a polêmica acêrca da popularidade da guerra. Com apelos de caráter histórico e referências à guerra de 1914-18, afirma que nenhuma guerra é popular; torna-se popular se acaba bem; mas se vai mal, torna-se impopularíssima. Prosseguindo, portanto, na sua cansada e descolorida exposição, faz uma longa e pormenorizada enumeração dos auxílios enviados pela Alemanha em matérias primas, armas e soldados, mas cala o que a Itália, em troca, enviou para lá do Brenner. Salienta a malograda defesa ativa das tropas que ocupavam algumas bases da Sicília, consideradas inconquistáveis, apoiando-se no número verdadeiramente exíguo das perdas e na massa dos prisioneiros. E após achar maneira de dizer que percebe perfeitamente que é o homem mais impopular do momento, mas que o rei, nada menos que há dois dias, durante a assinatura real da quinta-feira, manifestara-lhe a sua confiança, coloca o dilema: guerra ou paz ? Rendição incondicional ou guerra sem trégua ?

Nenhuma alusão, muito esperada, ao encontro de Feltre; nenhuma informação sôbre a situação geral, nenhuma alusão ao programa futuro e às providências necessárias para enfrentá-lo.

No silêncio glacial que se segue ao longo e inconcludente discurso, inicia-se a discussão. A atmosfera é pesada e sufocante, contribuindo para agravá-la ainda mais o fato de que as duas grandes janelas estão fechadas, e que, através das cortinas de um azul desbotado, filtra-se uma luz opaca, que mal se confunde com a do lustre central. Assume primeiro a palavra o marechal De Bono, o qual faz uma apaixonada defesa do exército, sustentando que a derrota militar encontra a sua primeira justificação na derrota política. Segue-se De Vecchi, que apoia a tese de De Bono, embora não partilhando completamente dos seus pontos de vista e argumentos.

Quando Grandi se levanta para falar, a assembléia recolhe-se numa profundo atenção.

— Não falarei para o Duce — assim inicia Grandi o seu discurso — mas para vós, camaradas do Grande Conselho, já que aqui não farei senão repetir o que eu próprio já disse ao Duce, há quarenta e oito horas.

Após ter lido com voz clara e calma a sua ordem do dia (1), explicou-a com um forte discurso baseado em fatos, constatações e argumentos de ordem política. Foi sobretudo o método ditatorial do secretário do partido — que êle alveja com palavras de fogo — que, com a inútil e rígida intransigência formal, com as suas contínuas intromissões, a subversão das disposições, a supressão gradual das liberdades individuais, afastou o povo do regime, criou a desconfiança, levou à atual trágica situação em todas as suas desastrosas conseqüências. Os membros do Grande Conselho, embora, perante o país, investidos de uma responsabilidade coletiva, foram mantidos na ignorância da decisão da intervenção e da conduta da guerra, e nada sabem do futuro. Pedem portanto para ser informados sôbre a realidade da situação e exigem uma mudança de orientação.

— Num seu discurso pronunciado em 1924 — exclama dirigindo-se ao Duce — há a seguinte frase: " Pereçam todas as facções, pereça até mesmo a nossa, contanto que a nação possa sobreviver ". Chegou agora o momento em que a facção deve perecer.

A requisitória de Grandi, pronunciada com firmeza e convicção, reavivada de vez em quando pelo impulso oratório, causa profunda impressão.

Farinacci, em forma viva e violenta, agitando a mão de madeira enluvada, censura ao Duce o nenhum conhecimento dos homens e a excessivamente longa permanência deletéria de Starace no partido. Após ter exaltado a potência militar alemã, acusa o estado-maior de haver sabotado a guerra, pede que o general Ambrósio seja cha-

---

(1) "O Grande Conselho:
"reunindo-se nestes dias de supremo perigo, volta, antes de mais nada, todo o seu pensamento para os heróicos combatentes de tôdas as armas, que lado a lado com a brava gente da Sicília, em que mais alta resplandece a unívoca fé do povo italiano, renovam as nobres tradições de extraordinário valor e indômito espírito de sacrifício das nossas gloriosas fôrças armadas; examinada a situação interna e internacional e a conduta política e militar da guerra;
proclama o dever sagrado a todos os italianos de defender a pátria, os frutos dos sacrifícios e dos esforços de quatro gerações do *Risorgimento* até hoje, a vida e o futuro do povo italiano;
afirma a necessidade da união moral e material de todos os italianos nesta hora grave e decisiva para os destinos da nação;
declara que com tal objetivo é necessário o imediato reinício de todas as funções estatais, atribuindo-se à Corôa, ao Grande Conselho, ao Govêrno, ao Parlamento, às Corporações, as tarefas e as responsabilidades preestabelecidas pelas nossas leis estatais e constitucionais;
convida o chefe do govêrno a pedir a Sua Majestade o rei, para o qual se volta fiel e confiante o coração de toda a nação, se quer, pela honra e a salvação da pátria, assumir, com o comando efetivo das fôrças armadas da terra, mar e ar, de acôrdo com o artigo V do Estatuto do Reino, a suprema iniciativa de decisão que as nossas instituições lhe atribuem e foram sempre, em toda a história nacional, a gloriosa tradição da nossa augusta dinastia de Saboia."

mado, imediatamente, a apresentar-se ao Grande Conselho a fim de responder a acusações precisas, e termina formulando a proposta de um comando único alemão, sob cuja dependência deviam ser colocadas as fôrças italianas.

Bottai afirma que o Duce, deu, com a sua exposição, provas — se é que disso havia necessidade — de que a situação é muito grave; sustenta que uma defesa válida só é possível quando se tem diante dos olhos um programa preciso e concreto. Mas, infelizmente, isso não se deu de modo algum, e, portanto, o dilema apresentado: resistência ou rendição, só pode ter uma solução. Trata-se de realizá-la da maneira menos prejudicial para a Itália.

Eis que agora se ergue Ciano. Mussolini pousa sôbre êle um olhar atento e intenso, que não o abandonará durante todo o tempo do seu discurso. Ciano fala rápida e vivamente, mas sempre em termos respeitosos para o sogro. Enumera e explica, com precisão e sem atitudes polêmicas, as inúmeras violações do pacto de aliança por parte da Alemanha, da qual denuncia a oculta mas já agora provada vontade de valer-se da Itália mais como uma nação serva do que aliada.

Ciano, que sustenta imperturbável o olhar fixo de Mussolini, conclui o seu discurso afirmando que o soberano, que viu aumentar a sua corôa com o título de Rei da Albânia e Imperador do Etiópia, deve, nesse momento difícil para a nação, assumir, perante o povo, a sua parte de responsabilidade.

Outros participam da discussão que Mussolini acompanha displicentemente, tendo raras vêzes ocasião de intervir e sempre de má vontade.

Num dado momento, diz:

— É preciso convir que, há algum tempo para cá, a sorte voltou-me as costas.

Em seguida, tem oportunidade de aludir, quase invocando-o, ao seu máu estado de saúde. Apresenta portanto a hipótese de que se o rei aceitasse o conteúdo da moção de Grandi, devendo êle por conseguinte abandonar o comando supremo das forças armadas, surgiria uma questão pessoal sua. Mas sente-se perfeitamente, pelo tom de voz e pela sua própria indiferença, que êle faz essa hipótese de maneira absolutamente teórica, *ad absurdum*. Se de fato estivesse realmente convencido da probabilidade de semelhante hipótese, nem sequer a apresentaria, ou então fá-la-ia de modo bem diverso.

Uma tentativa de desvio de Scorza, que propõe a continuação da sessão no dia seguinte, em virtude do avanço da hora, provoca uma pronta e viva reação de Grandi. E a discussão prossegue numa atmosfera de pêso e de tensão, sem, no entanto, dar lugar a nenhum incidente, a troca de frases ofensivas ou injuriosas, a palavras ou gestos violentos, a formas exteriores de ameaça ou teatralidade. Nem me consta que

houvesse contactos ou comunicações com o exterior do Palácio. De vez em quando, alguem se levanta discretamente, ausentando-se por alguns instantes para ir tomar algo na sala contígua, onde se haviam preparado bebidas.

Às 23 horas, a sessão, que já durava seis horas, é interrompida para um breve intervalo. Mussolini, passando diante de mim, diz-me:

— Venha, Alfieri — e fez-me sinal para seguí-lo à sua sala de trabalho, envôlta numa densa penumbra, apenas quebrada pela tênue luz da lâmpada de mêsa. Atravessa lentamente a distância que o separa da mêsa, aperta delicadamente um minúsculo botão que acende a luz do lustre central, olha distraidamente alguns telegramas, fica alguns instantes em silêncio e depois, como se só então se apercebesse da minha presença, pergunta-me:

— O que se passa com a Alemanha ?

Eu, que esperava qualquer outra pergunta, não sei exatamente qual, mas não essa com certeza, fico interdito:

— O que lhe referi em Feltre e o que anteriormente escrevi nos meus relatórios. Os russos continuam a atacar e com êxito. O povo alemão, embora dando evidentes sinais de cansaço, resiste pelos muitos motivos que já tive ocasião de explicar: a inata e tradicional disciplina, o fanatismo, o medo da *Gestapo,* a propaganda, um senso de fatalismo; mas perecebe-se que o êxito da guerra está irremediàvelmente comprometido. E em Berlim acompanham-se com particular interêsse os acontecimentos de Itália, onde, por causa das operações militares, parece que a situação interna seja mais grave...

— Quem lho disse ? — interrompeu-me vivamente.

— Essa é a opinião corrente em Berlim. Aliás, confirmaram-mo os prefeitos que tive ocasião de ver durante a viagem. Posso acrescentar que os círculos políticos de Berlim ficaram impressionados com o bombardeio de Roma, sobretudo pelas conseqüências que uma sua provável repetição pode ter sôbre a população.

— Em Berlim — replica Mussolini — estão mal informados, e nada sabem da psicologia italiana. Se o inimigo bombardear outra vez Roma, não acontecerá nada de trágico. Está agora provado que os bombardeios aéreos, contra grandes cidades, só têm efeito sôbre as populações na primeira, ou, no máximo, na segunda vez. Depois, forma-se no povo uma espécie de heroísmo místico, que o torna indiferente e capaz de suportar com estóica resignação as destruições, as lutas e as desgraças. Veja o que aconteceu em Nápoles. Prometo pronunciar um discurso em que citarei numa especial ordem do dia o magnífico comportamento da população napolitana. Os italianos têm muito que aprender com o heroísmo do povo napolitano. Não se deve dramatizar...

Ouço com espanto e angústia as suas palavras tão distantes da realidade, e comigo mesmo pergunto até que ponto e com que finalidade êle representa a comédia, ou até onde irá a sua ilusão e a sua incompreensão.

Apriliti, o contínuo que logo depois de Navarra era adido ao serviço do Duce, traz-lhe uma xícara de leite, que Mussolini, depois de lhe ter pôsto bastante açucar, bebe lentamente, a longos sorvos. Aproveito o momento para retomar a minha tese sôbre a gravidade da situação na Itália, a nenhuma confiança que êle deve ter nas promessas de Hitler, a necessidade inadiável de uma sua intervenção esclarecedora e decisiva junto ao aliado, a fim de subtrair a Itália ao inevitável desastre.

Mas não me parece que as minhas palavras produzam efeito no seu espírito. Acabando de tomar o leite, pega cuidadosamente, com a colherinha, os últimos restos de leite engrossado pelo açúcar e diz-me, pousando a xícara na mesa e enxugando os lábios com o guardanapinho:

— Creia-me, estão mal informados: e, como quer que seja, a situação não é assim tão grave como o senhor pretende. Temos ainda muito tempo à nossa frente...

— Mas cada dia, cada hora que passa representa uma inevitável piora, que impede a via de salvação. Como lhe disse em Feltre, V. Exa. tem ainda uma carta nas mãos; última; utilize-a enquanto é tempo, se já não fôr tarde demais. Deve prevenir e persuadir Hitler de que a Itália atingiu o limite máximo da sua fidelidade e do seu sacrifício.

— E é o senhor, embaixador em Berlim, quem me diz isso?

— Digo-lho porque estou convencido de que é êsse o meu dever. E di-lo-ei também no Grande Conselho. Creio, de fato, que V. Exa. nos convocou para permitir a cada um dizer abertamente o seu próprio pensamento.

Êle tem um gesto vivo de negação, acompanhado de um erguer de ombros. A seguir, depois de uma pausa de silêncio, despede-me friamente. À porta, dou com Scorza, que espera para entrar. De repente, Grandi chega perto de mim, estendendo-me a fôlha da ordem do dia, já cheia de assinaturas.

— Se quer assinar...

— Há modificações? — pergunto.

— Não; aliás já a conhece pela leitura que há pouco fiz.

Assim que pus a minha assinatura, a décima-nona, Farinacci veio ao meu encontro.

— Você deveria assinar a minha ordem do dia; pelo menos você na qualidade de embaixador em Berlim! Não me vá dizer que já assinou a de Grandi...

Apareceu Ciano, que me puxou para um lado:

— O que lhe disse o Duce? E você não fala? Gostou quando dissertei no Grande Conselho? Mas você também deve falar...

Aproxima-se um colega que pega Ciano pelo braço e dirige-se com êle para um canto, separado. Observo os grupinhos que se formaram, discutindo animadamente entre si.

Reaberta a sessão, Albini, que, como subsecretário no Ministério do Interior, dispõe de boa documentação, explica com dados de fato a insustentável gravidade da situação interna, perfeitamente conhecida por Mussolini. Já em maio, por ocasião da substituição de Vidussoni por Carlo Scorza na secretaria do partido, Mussolini fizera as seguintes declarações: "Quero expor-lhes a situação tal como ela se apresenta na sua dura realidade. Há muito descontentamento na Itália. Em Milão, Turim, Gênova e noutras cidades da Itália setentrional, fazem-se greves e o número de grevistas atinge às vêzes cifras inimagináveis. Os operários dessas cidades recusam-se a trabalhar alegando o motivo de que por trás da greve econômica está a especulação política.

As documentadas comunicações de Albini denunciam como a situação que Mussolini há três meses assim definia com tão rude clareza se veio agravando de maneira alarmante.

Não obstante isso, Biggini, Tringali-Casanova e Polverelli desenvolvem argumentações contrárias à moção de Grandi. O próprio Scorza fala longamente nesse sentido, explicando, como conclusão, uma sua ordem do dia.

Delineiam-se assim duas correntes e tendências nìtidamente opostas. A primeira, percebendo o esfacelamento a que se reduziu o país em conseqüência das derrotas militares, as destruições, os bombardeios, a miséria, os sofrimentos, a fome, a profunda cisão dos espíritos, propõe-se a salvar o salvável com duas providências fundamentais: persuadir Mussolini a chamar para junto de si homens representativos e competentes, provenientes de quaisquer tendências políticas, a fim de criar, fora da caderneta do partido, uma solidariedade nacional viva e operante, tornada mais eficaz pelo restabelecimento do funcionamento dos órgãos constitucionais; restituir ao rei o comando supremo das fôrças armadas, a fim de infundir-lhes uma nova confiança e disciplina.

A outra tendência é contrária a quaisquer inovações ou mudanças; a continuação indefinida da guerra e a fidelidade cega e absoluta à Alemanha constituem os motivos fundamentais das suas intransigentes afirmações. Nenhuma argumentação sólida, senão o apêlo — muitas vêzes feito com expressões um tanto retóricas e românticas — ao profundo devotamento ao Duce, ao senso da honra, à certeza de que a Alemanha enviaria, de acôrdo com a promessa de Hitler, reforços

adequados e tempestivos. No fundo, essa minoria fanática conta com o imprevisto e o milagre.

O conflito de tendências, que reproduz a situação da Itália, torna-se cada vez mais dramático. Mussolini não toma posição. Conhece já há dois dias a moção de Grandi. Poderia ter evitado que fôsse apresentada, ou então que fôsse em forma diversa e que os membros mais influentes do Grande Conselho, oportunamente interpelados e interessados, assumissem uma atitude mais conforme à sua vontade. Mas em lugar disso, deixou passar. Talvez achasse que não devia dar, nem mesmo dessa vez, muita importância à reunião do Grande Conselho, cujos votos têm, de um ponto de vista constitucional, um valor mais consultivo do que deliberativo. Ou quem sabe está convencido de que o rei, segundo o que êle próprio disse, o ampararia e defenderia contra os ataques e a impopularidade. O fato é que a atitude de Mussolini é insólitamente apática e indiferente, inexplicável. Na sensibilidade aguda, que nos vem da extrema tensão nervosa, percebemos todos que nesse drama que pesa sôbre nós há algo de obscuro e misterioso.

Mussolini lança então uma flechada venenosa:

— Entre as observações, censuras e acusações que aqui se moveram, nenhuma reproduziu um boato que há algum tempo circula com insistência entre o povo, isto é, o relativo á repentina fortuna financeira de certos chefes. Enquanto se fala dos enormes patrimônios de Agnelli, Pirelli, Volpe e Donegani, não ha nada a dizer, pois todos sabem que êles sempre gozaram de ótima situação financeira mesmo antes do fascismo. Mas em se tratando de outros, dos recem-vindos, o povo murmura; há certamente exagêro, mas há também algo de verdade nisso tudo. E isso poderia explicar algumas rupturas de que aqui se falou.

Mussolini lança um olhar frio sôbre Ciano, pois foi contra êle que dirigiu a flecha.

Falam De Stefani, Acerbo e de Marsico, trazendo a contribuição da sua experiência pessoal, intervem Federzoni, o qual, com oratória sóbria e convincente, com sólidos argumentos históricos e politicos, combate a afirmação de Mussolini de que todas as guerras são impopulares; e explica a ação nefasta do partido, ação que, fomentando ódios, tornou irrealizável a condição essencial para o país empenhado em tão dura guerra: a união de todos os italianos.

Grandi fala novamente. Fortalecido pela adesão dos dezoito colegas, faz uma réplica cerrada, apaixonada. humana, emotiva. Agarrando com as mãos os rebordos superiores do colarinho da sahariana, como se quisesse arrancá-lo do corpo, exclama, dirigindo-se ao Duce:

— Tire-nos êste casaco que Starace nos impôs durante tantos anos a restitua-nos a antiga e gloriosa camisa preta!

Bottai também intervém de novo com uma ardente e viva improvisação:

— Ouvi falar de fidelidade — e ao pronunciar essas palavras — volta-se para Galbiati — de maneira enfática e retórica. Para mim, a fidelidade consiste em dizer-lhe, Duce, a verdade, seja ela qual fôr, inspirada no sentimento de devoção que durante vinte anos sempre demonstrei servindo ao fascismo e ao seu chefe tanto na paz como na guerra.

Pedi também para falar. Mas foi só ao meu terceiro pedido que Mussolini — não ouviu ou fingiu não ouvir ? — me concedeu a palavra.

— Para mim, o pressuposto da presente discussão é a lealdade para com o Eixo, no sentido de que as desejadas e esperadas decisões que, no fim desta discussão, o chefe do govêrno julgar dever tomar no interêsse da Itália devem ser — preventivamente e da maneira mais oportuna — levadas ao conhecimento de Hitler, a fim de evitar ser tachados de traição.

E já que aqui se insistiu tanto sôbre o auxílio da Alemanha, devo confirmar ao Grande Conselho o que foi objeto dos meus precisos e motivados relatórios, que o Duce, naturalmente, leu. A Alemanha não enviará, ulteriormente, reforços oportunos e eficazes à Itália. É inútil continuar a iludir-nos. Independentemente da sua manifesta má vontade em ajudar-nos, ela encontra-se por demais gravemente empenhada nas suas frentes para poder retirar daí fôrças. A Alemanha quer fazer da Itália *apenas* o seu bastião, para retardar a ocupação do território alemão. Sôbre êsse seu preciso programa não pode haver nenhuma dúvida. Falou-se aqui de resistência italiana, a qualquer custo, contra tudo e contra todos. Nobres e generosos propósitos que não podem, porém, prescindir da realidade da situação em que se encontra o povo. Todo o sacrifício tem um limite. Durante o recente encontro de Feltre, o general Ambrósio declarou ao Duce, na minha presença, que o exército italiano poderá opor resistência no máximo por um mês. Albini precisou agora a extrema gravidade da situação interna. Nestas condições, é indispensável encontrar uma honrosa via de saída do conflito. Sòmente o Duce pode fazer isso, tratando direta e pessoalmente com Hitler.

As minhas declarações, que, no fundo, não passam de dados de fato, causam impressão; a maior parte dos colegas manifesta evidente aprovação às minhas palavras conclusivas, enquanto outros desaprovam com ostentação.

Bastianini faz uma aguda investigação das causas que levaram à ruptura entre o partido fascista e a nação, e salienta os erros da política do Eixo que, sobretudo por culpa da Alemanha, ainda não declarou até agora pretender garantir a soberania dos pequenos Estados. Bastianini tem uma viva altercação com Polverelli; falam, portanto,

Guidi Buffarini, contra a moção de Grandi e Suardo, que declara retirar a sua adesão.

Mussolini intervem novamente:

— Poderia comunicar-lhes uma grande notícia relativa a um importantíssimo fato que subverterá a situação da guerra a favor do Eixo. Mas prefiro por ora não apresentá-la.

Nesse ponto, Grandi apresenta ao Duce a ordem da dia. Mussolini pega na fôlha de papel à qual deita um rápido olhar. Deve, certamente, ficar, intimamente surpreendido, ao ver tantas assinaturas, mas não pestaneja, e, com ostentada indiferença, coloca o papel sôbre a mêsa. A partir dêsse momento, não acompanha mais a discussão, e, absorto num pensamento dominante, avalia ràpidamente a situação. Está com certeza espantado de verificar uma tão forte coalizão. — Mas então êles não sabem — pensa — que eu sou o mais forte? Que o rei se enfileirará do meu lado ? Será um desafio que lhe lançam ? Pois bem, aceita-o, ou melhor, solicita-o. Veremos — pensa — até onde estão dispostos e descobrir-se. Quero identificá-los, quero que se comprometam até ao fundo, depois, resolverei eu... — Mudou repentinamente de expressão e disse num tom áspero:

— A discussão foi longa e exaustiva. Apresentaram-se três ordens do dia. Tendo a de Grandi precedência, submeto-a a votação. Scorza, faça a chamada.

Apoiando os cotovelos sôbre a mesa, um pouco inclinado para a frente, parece querer perscrutar a fundo a alma de cada um, como para sugestioná-la com o seu olhar dominador.

Scorza levantou-se, pálido e emocionado. Há um instante de tensão espasmódica e dramática. A seguir, começa a chamada.

De Bono responde um *sim* pronto e decidido. Seguem-se De Vecchi, Grandi, Rossoni, De Stefani, Albini, os quais respondem afirmativamente. Quando Scorza pronuncia o nome de Ciano, Mussolini semi-cerra os olhos e procura os do genro. Os dois trocam um olhar longo e penetrante que Ciano sustenta com naturalidade.

No meio da votação, os *sim* superam amplamente os *não*. Suardo diz, com voz sussurrante: “ *abstenho-me* ”.

Terminada a votação, Mussolini pergunta:

— E então ?

Scorza faz o contrôle numerário dos votos. Um momento de silêncio que parece longo demais. Depois declara:

— Voltaram *sim*, 19; *não*, 8 e 1 absteve-se

Mussolini recolhe ràpidamente os seus papéis e diz:

— Tendo a moção de Grandi sido aprovada, as outras ficam anuladas. Está encerrada a sessão.

Enquanto deixa a mesa, Scorza lança o “saluto al Duce”. Mussolini faz com a mão direita um gesto de contrariedade, como se qui-

sesse afastar de si algo aborrecido. Um fraco e displicente "a *noi*"! sai automàticamente de nossas bôcas, enquanto êle passa lentamente diante de nós, olhando-nos de um modo estranho, com os olhos semi-cerrados.

Há um momento de dramático silêncio, que dura até que Mussolini desaparece por trás da porta da sua sala de trabalho, seguido de Scorza, Guidi Buffarini, Galbiati e Tringali Casanova.

No repentino borborinho que se eleva dos presentes, alguem diz a meia voz: — "Agora prendem-nos a todos...".

E de fato, bastaria premer um botão elétrico escondido por trás do batente de algumas portas, para que, automàticamente, os portões de segurança se fechassem, barrando todas as vias de saída.

Mas saímos livremente. E não vi ao redor nada de anormal. Bottai subiu no automóvel de Ciano. Eu, no de Bastianini, que acompanho a casa. Durante o percurso, falámos pouco. Estamos ambos de acôrdo em pensar que a atitude de Mussolini foi inexplicável. Pretenderá talvez, perguntamo-nos, dar um golpe ?

Mussolini se pensou em dar um golpe soube ocultar muito bem os seus propósitos.

De fato, na manhã seguinte, domingo, às oito e meia, estava já, como de costume, no Palácio Veneza, ouvindo os relatórios cotidianos, como se nada tivesse acontecido na véspera. Foi Bastianini quem me informou disso, não sem manifestar-me a sua admiração, quando às três horas, voltou do Palácio Veneza para o Ministério do Exterior.

— Acompanhei agora, até ao Duce, o novo embaixador do Japão, com o qual êle teve, na minha presença, um longo colóquio de caráter político e militar. Mussolini, que não parecia absolutamente cansado nem preocupado, fez a exposição de um programa futuro de longo prazo, demorando-se sobretudo na questão das relações do Eixo com a Rússia. Não tinha nenhum ar de cansaço ou preocupação; não renunciou a exibir os seus conhecimentos sôbre o Japão — não deixou de exaltar a disciplina, a coragem e o heroismo do povo japonês; foi particularmente gentil e amável com o embaixador, que, com sorrisos e profundas reverências, manifestava o seu contentamento. O Duce tratou, portanto, comigo, de algumas questões externas de administração ordinária.

Perguntei:

— E sôbre a sessão desta noite ?

— Nem uma só palavra. A propósito: encarregou-me de dizer-lhe que Goering fez-lhe saber a sua intenção de vir a Roma no dia 29, por ocasião do seu aniversário, a fim de apresentar-lhe votos de felicidade, em nome do Führer; mas, êle, Mussolini, não querendo, perante a opi-

nião pública, receber visitas de felicitações, na presente circunstância de guerra, pediu-lhe que antecipasse a sua vinda. Goering chegará portanto no dia 27, depois de amanhã, e o Duce deseja que você esteja em Roma.

Saindo do Palácio Chigi, e desejando falar com Scorza, dirigi-me à sede do Partido, ali perto, na Praça Colona. Estando êle ausente, entretive-me com os vice-secretários Tarabini e Della Valle, falando sôbre vários assuntos. Falou-se também da sessão da noite anterior, e tive ocasião de dizer que a atitude da minoria, que havia votado contra a moção de Grandi, criara uma cisão no Grande Conselho, contribuindo para dar à ordem do dia um caráter e um significado marcados de oposição pessoal a Mussolini, quando se tratava apenas de chegar a um esclarecimento.

Falei, aliás, com outros funcionários do Partido, e durante a minha visita, que durou uma boa meia hora, não tive absolutamente a impressão de que houvesse nervosismo e preocupação.

Voltei a casa às duas da tarde, predispus as coisas, segundo a ordem de Mussolini, para o adiamento da partida, já fixada para o dia seguinte, segunda-feira, de avião, e tentei descansar algumas horas no terraço da casa, de onde se dominava o sugestivo panorama dos campos e das colinas de Roma.

Às dezoito horas, antes de ir ao Palácio Chigi, passei pela embaixada do Vaticano. Alberto, que no meu tempo, se empregara como mordomo, e que encontrava agora vestido com o uniforme de porteiro, disse-me que Ciano estava na embaixada. Encontrei-o de fato, no seu amplo escritório, cercado de um grupo de amigos, entre os quais um oficial da aviação e alguns funcionários do Ministério do Exterior. Muti estava também.

Veio imeditamente ao meu encontro, perguntando-me, com vivo interêsse, se eu tinha novidades. Congratulou-se comigo pela clara firmeza das minhas declarações no Grande Conselho (estranha maneira de agir, pensava, no entanto, eu; agora fica contente, enquanto, durante meses, lhe enviei relatórios e informações que nunca quis tomar em consideração e dos quais não se serviu).

Disse-lhe que, por minha parte, não tinha nenhuma novidade; contei-lhe o que soubera por Bastianini e apresentei a hipótese de que decerto Mussolini falaria com o soberano sôbre a sessão do Grande Conselho, durante a audiência normal de segunda-feira de manhã, às onze horas, para a assinatura real.

— Qual nada, histórias ! — replicou Ciano: — O rei já foi informado desde esta noite. E sei que Acquarone convidou o Duce a di-

rigir-se à Vila Saboia, hoje, às três ou às quatro da tarde. Já agora, impõe-se uma decisão.

Estava para perguntar-lhe qual seria, a seu ver, a decisão. quando Ajeta que, já seu chefe de gabinete no Ministério, o seguira como conselheiro, à embaixada, entrou, perplexo e preocupado.

— Excelência — disse —tenho a impressão de que todos os telefones estão interceptados. Como não chegasse uma comunicação que esperava, quis eu mesmo telefonar, mas não consegui. Estamos isolados.

Um pesado silêncio acolheu as palavras de Ajeta.

— Se é assim — disse Ciano — quer dizer que algo aconteceu. É preciso experimentar com os telefones da linha direta da Presidência. Um secretário foi executar a ordem. Enquanto isso, cruzaram-se hipóteses.

— Mussolini discutiu com o rei e êste o convidou a apresentar demissão.

— Mas Mussolini não a aceitou e propõe-se a dar um golpe de Estado.

— O rei nomeou um govêrno militar.

— E a milícia ?

— De um modo ou de outro, diz Ciano, que se tornou muito nervoso e inquieto, desta vez Mussolini terá que perceber que não pode escapar...

O funcionário voltou depois de ter feito a verificação.

— Os telefones da Presidência também não respondem. Estamos completamente isolados.

Recomeçam os comentários e as hipóteses, num tom de crescente preocupação. Ciano diz que é melhor cada um sair em busca de notícias. Êle próprio sai apressadamente, de automóvel, não se sabe para onde.

Chego ao Palácio Chigi às 19 horas e sou imediatamente recebido por Bastianini, que está mais sombrio e taciturno do que nunca. Conto-lhe as verificações feitas junto a Ciano. Interrompe-me com um gesto:

— Mussolini demitiu-se. O marechal Badoglio é o novo chefe do govêrno. Acabo de voltar de falar com Acquarone, que me chamou para comunicar-me e informar-me de que o rei nomeou Guariglia ministro do Exterior.

As suas palavras repercutiram profundamente no meu espírito. Repito-as a mim mesmo, mentalmente, e parece-me não poder perceber exatamente o seu alcance nem avaliar-lhes as conseqüências.

Segue-se um longo silêncio; através das grossas cortinas de um branco marfim, filtra-se uma luz cinzenta, que torna o ambiente ainda mais pesado. Quanto tempo permanecemos — Bastianini e eu— mergulhados nessa lúgubre atmosfera ?

O contínuo anuncia Farinacci. Antes que seja introduzido, Bastianini, levando o índice aos lábios, faz-me sinal para me calar. Farinacci entra, arrogante e barulhento, o crânio e o rosto queimados de sol.

— Embora eu não esteja a par de nada, porque — para evitar equívocos — passei toda a tarde no campo jogando *bocce*... Um amigo me aconselhou a não dormir em casa esta noite. Que diz você disso, Bastianini ?

De fato, talvez seja prudente...

Farinacci fica um pouco impressionado com essa resposta. Parece ter intenção de perguntar o motivo, mas é invadido por uma grande pressa de sair e despede-se. Chegando à porta, pára e volta para trás:

— Eu, por mim — diz êle — limito-me a munir-me de um baralho. É o único meio de matar o tempo na prisão...

Ficando sós, tornamos a mergulhar na atmosfera pesada em que começa a cair a escuridão. Depois Bastianini, lentamente, quase automàticamente, começa a arrumar os seus papéis particulares, que tira das gavetas da escrivaninha e do cofre à sua esquerda. Chama o chefe de gabinete:

— Ouça, Babuscio Rizzo, faço-lhe simbòlicamente a entrega do Ministério, que, a partir dêste momento, o senhor dirigirá até à chegada do novo ministro Guariglia, ao qual farei notar a eficaz colaboração que me prestou. Amanhã de manhã virei cumprimentar os diretores gerais.

A seguir, dirigindo-se a mim:

— E assim, pobre como quando a comecei, há vinte anos, termino a minha carreira política. Mas tenho a consciência de haver sempre servido ao meu país.

Regressei a casa às oito da noite. À tensão e à super-exitação das dezoito horas passadas desde a minha chegada, abatido e doente, sucedia um profundo cansaço físico e moral. Não pude repousar. Até mesmo no sono pesado, o meu espírito revivia contìnuamente as fases dramáticas e de tão formidável alcance, que acabara de viver.

Capítulo XXVII

MUSSOLINI PERANTE O REI

Na manhã seguinte, trouxeram-me os jornais que publicavam já a sensacional notícia da demissão de Mussolini; e o secretário conde Manzoni contou-me que, durante a noite, após a transmissão do discurso de Badoglio, houve manifestações e demonstrações exaltando a queda do fascismo.

Segundo boatos inaveriguados, a cidade estava em agitação, a milícia fascista afluía à capital, havia escaramuças na periferia; de madrugada, tropas alemãs haviam tentado atravessar a fronteira do Brenner, vencendo fàcilmente a resistência das nossas divisões; em Roma, durante a noite, foram prêsas algumas personalidades fascistas, alguns chefes se haviam suicidado; no Piemonte, do lado da França, soldados italianos e alemães fizeram recìprocamente uso das armas.

Tentei comunicar-me por telefone com Berlim, mas não o consegui. Deixando para repetir a tentativa no Ministério do Exterior, disse ao secretário que se aprontasse para partir a fim de regressar imediatamente no meu lugar. Mas no Palácio Chigi, os funcionários de gabinete e alguns diretores gerais foram concordes em declarar-me que eu já não podia mais voltar à minha sede.

Percebia perfeitamente que a minha missão em Berlim estava terminada; como embaixador político, não podia representar outro govêrno mas o meu sentimento preciso era o de poder alcançar imediatamente os meus colaboradores que deviam encontrar-me numa posição bem difícil.

Encarreguei o chefe de gabinete Babuscio Rizzo que, dali a pouco, ia ao Viminal de fazer o seu primeiro relatório ao marechal Badoglio, de informá-lo do meu propósito.

A resposta foi que o chefe do govêrno me pedia para esperar a chegada de Guariglia, o novo ministro do Exterior (1). Fez-me,

---

(1) Roma, 26 de agôsto de 1943

"Caro Alfieri,

Agradeço-lhe pela cortês saudação que me enviou na carta de 19 do corrente e asseguro-lhe que, quando exigido, não terei nenhuma dificuldade em confirmar que segunda ou terça-feira de manhã, isto é, no dia 26 ou 27 de julho, você me pediu que perguntasse ao chefe do govêrno se podia partir imediatamente para Berlim, recebendo como resposta, que era mais oportuno esperar em Roma a iminente chegada do ministro Guariglia.

Com as mais cordiais saudações.
assinado Babuscio Rizzo ".

além disso, saber que mantivesse contacto com o embaixador von Mackensen. O Palácio Chigi transformara-se nesses dias numa espécie de quartel-general: um contínuo ir e vir de funcionários, oficiais, diplomatas, informadores, um incessante afluir de telegramas das nossas representações no exterior, que pediam instruções; em todos os escritórios os telefones tilintavam sem cessar. Era de fato no setor da política exterior, que a situação apresentava um aspecto particularmente delicado. Embora não me competindo dar opiniões, devo dizer que Babuscio Rizzo mostrou-se à altura da sua difícil tarefa. Não perdeu jamais a calma e manteve uma exata visão da situação. Convencido, já há tempo, da impossibilidade da Itália acompanhar uma guerra que, combatida ao lado da Alemanha e no seu único interêsse, não traria senão novos pesares e inúteis sacrifícios, retomou, ativamente, com os anglo-americanos, os contactos que já Bastianini, reservadamente e de sua própria iniciativa empreendera.

Seguindo as diretrizes do Ministério do Exterior, que tinham um escopo informativo, dirigi-me à embaixada da Alemanha. Mackensen, com o qual sempre tivera boas relações pessoais, tinha uma expressão dura e estava de péssimo humor. Disse que Hitler, gravemente atingido pelos acontecimentos, tivera um acesso de verdadeiro furor; e pedia, portanto, explicações peremptórias, pretendia saber onde estava Mussolini. Percebi imediatamente, que, Farinacci, refugiado durante a noite na embaixada, de onde, em uniforme de oficial alemão, partira de avião para a Alemanha, informara-o à sua maneira sôbre o desenvolvimento da sessão do Grande Conselho. Compreendi, pelas palavras e pelo tom de voz do embaixador, que Hitler já tomara suas decisões. Levei ao Palácio Chigi essas notícias, que encontraram confirmação noutras chegadas ao mesmo tempo; através do Brenner, tropas alemãs afluíam à Itália.

A situação tornava-se de hora em hora mais ameaçadora. A crise de transição manifestava-se grave e profunda; e o novo govêrno demonstrava não saber nem poder dominá-la.

No Ministério do Exterior, reconstituindo os fatos e as circunstâncias na base de notícias vagas, dava-se-me a seguinte explicação (1). O rei, já há tempo, através das suas precisas informações de carater militar e os contactos reservados que tinha com os antigos chefes do govêrno, colares da Anunciada, velhos generais, expoentes dos partidos da oposição, convencera-se da absoluta inutilidade de um sacrifício ulterior imposto ao povo italiano e da necessidade de substituir Mussolini para afastar a Itália do conflito.

---

(1) Tudo quanto se segue não foi por mim pessoalmente vivido, como é evidente; mas recebi uma descrição imediata por uma das principais personagens.

D. A.

Basta enunciar êsse propósito para se perceber a extrema delicadeza, a gravidade e as dificuldades de pô-lo em execução, evitando um conflito interno e uma ocupação alemã. Isso explicava os sucessivos adiamentos da decisão soberana e da realização do plano, que só três pessoas conheciam: Acquarone, Badoglio e Ambrósio.

Na sessão e no voto do Grande Conselho, o rei, extremamente apegado às fórmulas tradicionais, reconhecera pois a ocasião constitucional, por êle vivamente procurada, de substituir o chefe do govêrno. Informado na noite de 24 para 25 da discussão havida no Grande Conselho e da votação com grande maioria da moção de Grandi, resolveu aproveitar-se da circunstância e agir prontamente e de surprêsa, dando autorização para que se efetuasse o plano organizado pelos militares para livrar-se de Mussolini.

Mas qual era o pensamento de Mussolini?

Propor-se-ia a considerar a sessão do Grande Conselho como uma coisa de administração ordinária? Reservava-se para contá-lo ao soberano por ocasião da audiência habitual de segunda-feira para a assinatura real? Foi, pelo contrário, convidado pelo ministro da casa real, Acquarone, para as cinco horas da tarde de domingo em Vila Saboia, onde se efetuou o colóquio dramático e decisivo.

Mussolini levava consigo documentos para demonstrar que a discussão da noite anterior não se revestia de nenhuma importância especial, que era devida ao mau humor e às atitudes frondistas, e que, de qualquer maneira, não podia ter, baseada nas leis vigentes, nenhuma séria conseqüência política.

O rei interrompeu-o, calmo e decidido.

— Não sou absolutamente da sua opinião, presidente. Acho, pelo contrário, que a discussão efetuada e a votação que se lhe seguiu, são ambas muito graves e importantes. A ponto de eu decidir substituí-lo pelo marechal Badoglio.

Vacilaria Mussolini sob o golpe inesperado e mortal? O rei confiará mais tarde ao seus íntimos, que Mussolini ficou estarrecido e aturdido, sem a mínima reação.

— Mas então é o fim...

— Não sei se é o fim — acrescentou o rei. — O certo é que se torna necessário que o senhor se afaste. Depois, com o tempo...

Mussolini não o ouvia.

— Mas então, repetiu mais uma vez, é mesmo o fim...

— Já muitas vezes, disse o rei com fria calma, lhe fiz notar algumas graves situações, mas o senhor presidente não quis dar-me atenção e remediá-las. Agora é preciso conformar-se com a realidade.

O colóquio não durou mais que um quarto de hora. Pensaria talvez Mussolini que a partida não estava de todo perdida? Teria um

fugacíssimo propósito de rebelião, contando com a milícia fascista e com o partido?

Se o teve, desvaneceu-se ràpidamente. Ao sair do palacete, um alto oficial dos carabineirós convidou-o — de acôrdo com o plano preestabelecido — a subir numa ambulância da Cruz Vermelha que, a tôda a velocidade, o conduziu ao quartel da legião dos alunos carabineiros, onde ficou prisioneiro.

Concluíra-se assim, dentro de poucos minutos, a mais dramática vicissitude política da história da Itália. Badoglio instalou-se no Palácio Viminal dando as disposições necessárias para que se prevenisse uma eventual reação da milícia fascista, do partido e dos chefes extremistas.

Às 22,30, pronunciou pela rádio o conhecido e prudente discurso (1) que, com a frase "a guerra contínua" criou um estado de perplexidade na opinião pública, a qual não percebeu que nela havia, intencionalmente, contido o objetivo de ganhar tempo com relação à Alemanha e impedir uma rápida e violenta ocupação.

Uma mudança assim tão profunda e radical exigiria, juntamente com a substituição do chefe do govêrno, uma preparação preventiva de algumas semanas, o que comprometeria fatalmente o segrêdo e, por conseguinte, o êxito do plano.

A organização improvisada do Ministério, a falta de ordens precisas, a desorientação geral nos orgãos do Estado, faziam entrever que faltara materialmente o tempo de tomar providências para enfrentar, de um momento para outro, uma situação tão grave e complexa sob o duplo aspecto da política interna e externa, num período de guerra e de derrota, sob a ameaçadora pressão alemã.

---

(1) "Italianos,

Por ordem de S. M. o rei e imperador assumo o govêrno militar do país, com plenos poderes.

A guerra continua. A Itália duramente atingida nas suas províncias invadidas, nas suas cidades destruídas, mantem fé na palavra dada, zelosa guardiã das suas tradições milenares.

Cerrem-se filas em tôrno de S. M. o rei imperador, imagem viva da pátria, exemplo de todos.

A ordem recebida é clara e precisa; será escrupulosamente executada, e quem se iludir pensando que lhe poderá impedir o normal desenvolvimento, será inexoràvelmente castigado.

Viva a Itália, viva o rei."

Assinado Marechal de Itália
Pietro Badoglio.

eu representando o govêrno fascista não podia agora, evidentemente, representar um govêrno oposto.

— Mas então, exclamou, será preciso que também eu deixe Roma.

Repliquei que o seu caso era muito diferente do meu, e que, de qualquer maneira, a coisa não me dizia respeito. Uma alusão minha a Marras, não foi por êle ouvida. Estava, evidentemente, contrariado e preocupado. Desabafou contra a imprensa italiana, que, a seu ver, se manifestava como se a Alemanha não mais existisse. Nem uma linha, nem uma palavra. Por muito favor os jornais publicavam — e não sempre — o boletim militar alemão.

Deu-me a entender que Hitler estava indignado contra o rei e contra Badoglio, por não saber onde estava Mussolini.

Procurei desviar a conversa, o que me foi facilitado com a chegada da embaixatriz. Transparecia no seu aspecto uma nota de indefinível tristeza. Sinceramente amiga do nosso país, onde passara os anos da primeira juventude, quando seu pai, von Neurath, aí era embaixador influente e benquisto, devia, no íntimo, sofrer pelos acontecimentos que se preparavam e que deviam ser já do seu conhecimento. Se a atitude de Mackensen permanecia sempre inpenetrável, não se dava o mesmo com a embaixatriz, que não conseguiu, por alguns momentos, esconder o seu sentimento. Levei a conversa para a situação militar. Intencionalmente, mas em tom seguro, disse:

— No ponto em que estão as coisas, parece-me que seria muito melhor para a Alemanha que Hitler retirasse tôdas as suas tropas, a fim de permitir aos italianos defender, sòzinhos, o solo da pátria.

— E acredita que os italianos, nas atuais condições, seriam capazes de fazê-lo?

— Certamente. O fato de sentir-se sòzinhos, diante do seu próprio destino, despertaria nêles uma mais profunda e tenaz vontade de resistência. E assim o Führer poderia utilizar noutra frente as fôrças deslocadas da Itália. Experimente sugerí-lo a Berlim...

Enquanto falava, estudava atentamente as expressões do embaixador e da embaixatriz. Êle continuou impassível, acompanhando as espirais do fumo do seu charuto. Ela passou duas vêzes a mão pelos olhos, toldados de lágrimas.

Já agora não tinha mais dúvidas. Hitler decidira a ocupação militar da Itália. Iniciada na noite de 25 pára 26, suspensa sucessivamente por motivos contingentes, conduzí-la-ia a termo segundo o desenrolar da situação.

Redigi um relatório que, na terça-feira, 2 de agôsto, entreguei e expliquei pessoalmente a Guariglia. As suas informações concordavam com a minha convicção.

Disse-lhe que achava já agora inútil a minha presença em Roma e que me propunha a ir para junto de minha família. Continuava, como

sempre, à disposição do Ministério. Êle manifestou-se de acôrdo também sôbre o fato de que eu não me dirigisse a Berlim para as visitas de despedida, tanto mais, que eu permaneceria, oficialmente, titular da embaixada até que fôsse nomeado meu sucessor. Preparei, a conselho de Guariglia, alguns telegramas de despedida protocolados, que entreguei a um secretário de gabinete para o envio a Berlim justamente no momento da nomeação do novo embaixador, cujo nome era ainda desconhecido. Os alemães tinham reservadamente feito saber que não aceitavam o general Marras, e o nome do general Pariani, do qual então se falava, não fôra ainda apresentado.

Parti de Roma nessa mesma noite, e, quando na manhã seguinte, na estação de Placência, confundida entre a multidão de soldados e viajantes, reconheci minha mulher, que, de Milão, vencendo dificuldades de tôda espécie, quisera vir ao meu encontro, tive a agradável impressão de que se esfacelava o dramático pesadêlo que nos últimos dias eu vivera.

Na alegria comovida do encontro, ela perguntou-me notícias do filho que, subtenente de artilharia alpina, estava na frente com a sua bateria. Infelizmente, não lhe podia dizer nada de preciso. E, na certeza da sua aprovação, preferi dizer-lhe logo que, antes de deixar Roma, escrevera uma carta a Sorice, ministro da guerra, na qual, confirmando tudo quanto havia pessoalmente pedido algum dias antes, ao seu chefe de gabinete, coronel Bonelli, solicitava ser chamado às armas, lutando na mesma bateria de meu filho.

Diante do desenrolar da nova situação, propunha-me assim a acompanhar e servir o meu país.

Aqui termina a exposição dos acontecimentos históricos que pude contar com absoluta exatidão, porque a êles assisti e dêles participei.

Tudo o que ao meu redor aconteceu, depois da minha partida de Roma, diz respeito ùnicamente às minhas vicissitudes pessoais, que, embora dolorosas e dramáticas, não interessam nem à história e nem ao leitor.

FIM

ÍNDICE

ACABOU-SE DE IMPRIMIR ÊSTE LIVRO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
IPÊ - INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL, S. A.
NO DIA 2 DE MARÇO DE 1949,
EM SÃO PAULO.



COLEÇÃO MERIDIANO

MARECHAL J. B. MASCARENHAS DE MORAES

A F.E.B. PELO SEU COMANDANTE

•

ELLIOTT ROOSEVELT

COMO MEU PAI OS VIA

•

CARLOS LACERDA

COMO FOI PERDIDA A PAZ

•

CARMINE SENISE

EU FUI CHEFE DA POLÍCIA DE MUSSOLINI

•

ARTHUR KOESTLER

O IOGUE E O COMISSÁRIO

•

WILLIAM C. BULLITT

E O GLOBO DESAPARECERÁ

•

ITALO ZINGARELLI

TRÊS IMPERIALISMOS EM LUTA

•

RAQUEL MUSSOLINI

MINHA VIDA COM BENITO

•

DINO ALFIERI

HITLER E MUSSOLINI FRENTE A FRENTE

•

PIERRE LAVAL

MEMÓRIAS